

2/07

Nº 004594



**ESTADO DO PARANÁ**  
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA  
DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL  
DIVISÃO DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES



**DOCUMENTOS/INFORMAÇÕES REFERENTES À:**

UNE - XXXº CONGRESSO/68

---

---

---

PT 2313-260

## I- A UNIVERSIDADE - A SOCIEDADE - E O GOVERNO

### 1. Universidade: definição e localização social

Os homens mantêm entre si diversas relações que regulam e disciplinam sua vida comum na sociedade. Dentro delas destacam-se as estabelecidas no processo de produção de riquezas, as relações sociais (jurídicas, políticas, morais, etc.) recebem influências diretas das primeiras. Assim, as relações de produção feudais correspondem relações jurídicas, morais, etc., que atendam às necessidades desse modo de produzir característico da sociedade feudal.

A cultura, portanto, é expressão de um determinado período e suas características dependem das relações mantidas pelo homem na luta pela sobrevivência do dia-a-dia. Não existe uma cultura abstrata, desligada do meio social.

Dentro dessa perspectiva, devemos também conceituar a Universidade. Ela é uma instituição onde a sociedade cria e transmite a sua cultura. A ela cabe o papel de geratriz do saber e do trabalho, bem como o de formadora dos quadros profissionais necessários ao desenvolvimento social. Nela se estuda, pensa e trabalha para atender às exigências sociais. Suas atividades devem responder às necessidades do agrupamento humano na qual está inserida, e é num contexto social definido que ela vive e atua. Assim, uma Universidade rural não poderia ser uma Universidade eminentemente técnica, pois não há essa necessidade no desenvolvimento social; uma sociedade urbana e industrial não colocará grande ênfase na formação de agrônomos e veterinários. A universidade, conseqüentemente ao fazer cultura não o faz de maneira abstrata mas atendendo as imposições sociais. Logo, para analisarmos a situação da Universidade Brasileira, seu desenvolvimento anterior e sua evolução devemos levar em conta as características de nossa sociedade.

### 2. A crise da Universidade Brasileira

A Universidade Brasileira está em crise. Este fato é reconhecido por todos que conhecem o mínimo da situação do ensino superior. As condições de ensino e pesquisa são as mais deficientes possíveis. As aulas são acadêmicas, o nível dos professores em geral é baixo, os currículos estão desligados da realidade, o sistema de aprovação obsoleto, os órgãos de poder da Universidade oligarquicos, a integração professores-alunos praticamente não existe. O processo de inadequação progressiva da Universidade Brasileira às necessidades ditadas pelo desenvolvimento social, atingiu tal grau que a Universidade pode ser considerada um ponto de estrangulamento no desenvolvimento do sistema capitalista brasileiro.

Até a segunda década deste século a economia brasileira, em vias de industrialização, apresentava-se ainda fundamentalmente agrária voltada para a exportação. Numa sociedade deste tipo, a Universidade tinha funções muito limitadas. Formar os profissionais liberais que deviam prestar seus serviços às classes dominantes (latifundiários e exportadores) e conferia o título de doutor aos filhos dos latifundiários exportadores. A cultura era então uma distração dos ricos. A Universidade Arcaica tinha uma estrutura baseada na Universidade Européia e consistia fundamentalmente num conglomerado de faculdades isoladas. Seu ensino era acadêmico e sua estrutura de poder com características feudais (baseada na unidade básica de organização do ensino que era a cátedra).

### 3. A evolução do sistema e a transformação da Universidade

O desenvolvimento da industrialização capitalista no Brasil veio colocar novas necessidades para os vários setores da sociedade. A economia brasileira que já era dependente no período colonial (Inglaterra), integra-se cada vez mais na economia capitalista mundial, cujo representante principal é agora os EE.UU.. A estrutura mundial do imperialismo visa a defesa de seus interesses e a promoção



servação de seus domínios, esperando tornar eterno o sistema capitalista. Da fase da exploração indireta e destruída, ele passou a uma nova forma de atuação. Divide o mundo, distingue áreas prioritárias e dá seqüência a um plano internacional de racionalização dos recursos das regiões a ele integradas. O golpe de 1964, bem como grande parte dos golpes da África, América Latina e Ásia está inserido nesta nova estratégia mundial de readequação das economias dependentes ao capitalismo monopolista internacional. A política econômica do governo adotada depois de 64, também é uma política de contenção, que visa acelerar o processo de acumulação capitalista - afim de tentar a retomada do desenvolvimento do sistema. Assim, podemos encerrar medidas como: restrição do crédito visando à eliminação da pequena empresa, estímulo ao investimento estrangeiro, acordo de garantia de investimentos, modificação na lei de renúncia de lucros, arrôcho salarial.

Como o ônus dessa política cai principalmente sobre os trabalhadores, foi institucionalizada a repressão aos mesmos: intervenção nos sindicatos, proibição de greves, legislação que restringe a estabilidade do trabalhador.

Para evitar que a aplicação dessa nova política econômica seja perturbada por movimentos de massa, são adotadas novas formas políticas que colocam em crise as instituições liberais. Assim, temos as eleições indiretas, cassações de mandatos, novo critério de segurança nacional, nova constituição, etc.

Inserida neste contexto encontramos a política educacional do governo, é com esta perspectiva que devemos tê-la analisada. O que a ditadura propõe é a adequação da Universidade aos interesses do capitalismo internacional. É a Universidade empresarial que o G.T. da Reforma Universitária propõe e que pretende adequar a Universidade atual às novas necessidades do sistema. Isso porque, a velha Universidade formava-se agregando novas unidades que tentavam suprir suas deficiências: formação de técnicos especializados, tais como químicos, físicos, engenheiros, necessários à grande indústria. Entretanto, isso houve uma mudança estrutural na velha Universidade, mas simplesmente um "enchimento" com novas faculdades. Este processo, como não poderia deixar de ser foi agravando a situação da Universidade e hoje ela não consegue atender aos interesses do desenvolvimento do capitalismo no Brasil. É para solucionar este impasse que surge a política educacional do governo e a formulação da Universidade empresarial.

5) A Política Educacional do Governo (PEG)

A PEG nasce da necessidade da racionalização do sistema de ensino, que consiste fundamentalmente em condicionar o número e o tipo de universitários às necessidades do mercado. Para tanto, propõe-se uma série de reformas na forma da Universidade e principalmente em seu conteúdo (currículos, tipos de cursos que formam determinados profissionais). Tais reformas consubstanciam-se na Universidade Empresarial, isto é, a Universidade encarada como Indústria.

De acordo com este conceito o estudante é a matéria-prima básica; os trabalhadores são os professores, serventes e administradores; a indústria é a própria Universidade; os currículos, o sistema de aprovação, as instalações e os laboratórios são as máquinas que, lentamente forjam o que se costuma chamar Produto. Tal produto é o profissional formado, que vai disputar no mercado as máquinas que as indústrias, as empresas, as escolas, etc., lhe oferecem. Como consequência primeira da necessidade de racionalização, surge o problema da tecnização do ensino. Ora, que os grandes monopólios necessitam são de técnicos especializados e não de pesquisadores. É ocioso criar-se ou desenvolver-se determinada pesquisa, pois os países "mais avançados" já fizeram e em termos imediatos é mais econômico importar o que já existe nas grandes indústrias que fazem pesquisa, tanto em seu país como no Brasil, necessitando muito mais de técnicos que se adaptem mais facilmente ao avanço tecnológico. Como parte da pesquisa é feita "matrizes", no Brasil a Universidade é fornecer





...o que foi feito na matriz. Daí, a necessidade da... a essas novas exigências do desenvolvimento so... do governo procura, também, outro objeti... importante: a integração dos estudantes no sistema, desde o cur... se primário até o curso superior. Procuramos agora analisar como o go... verno procura atingir esses objetivos para o ensino brasileiro.

No curso primário, a principal tática empregada é a utiliza... ção de métodos de ensino tipo Paulo Freire, para inculcar a ideologia... das classes dominantes nos alunos (o método Paulo Freire, agora libera... do, apesar de ter a realidade local como referencial para o ensino, po... de ser adaptado e deformado pelo enfoque das classes dominantes. Já... no ensino médio é dada ênfase especial à progressiva transformação dos... colégios em escolas técnicas, formando técnicos para o trabalho nas /... indústrias semi-especializadas. Sobre o ensino superior procuraremos... nos alongar visto que nos interessa mais de perto.

A implantação de anuidades é uma das táticas governamentais. Além de propiciar a possibilidade de maior lucro (que é um dos objeti... vos da universidade-indústria), a extinção do ensino gratuito inten... sifica o processo de elitização, ao possibilitar acesso somente aos... mais privilegiados à universidade. Tal fato, por seu turno, propicia... uma maior facilidade no processo de integração social, pois é mais fá... cil integrar os filhos dos patrões do que os estudantes da classe me... dia. As anuidades também intensificam a dominação ideológica, isto é, facilitam a integração dos estudantes no sistema capitalista. Isto por... que confere-lhes subjetivamente uma pseudo responsabilidade, que o le... va a se esforçar para não perder seu dinheiro.

O processo de elitização, que é uma exigência do sistema /... capitalista mundial, devido ao avanço tecnológico que restringe o mer... cado de trabalho, torna-se, como vimos, acima, um objetivo da política... educacional do governo. Isto porque facilita o processo de integração... do universitário no sistema.

Como consequência lógica da elitização do ensino (que é... uma tendência social e um objetivo da PEG) surge o problema das vagas, que no geral devem ser diminuídas. Entretanto, em termos imediatos es... se problema torna-se obscuro por vários aspectos. Em primeiro lugar, 7... pelo anacronismo da universidade brasileira, a maioria dos universitá... rios fazem cursos que não interessam aos grandes monopólios: são advo... gados, pedagogos, geógrafos e filósofos. Assim, embora haja uma dimi... nução de número de vagas nesses cursos, haverá um aumento equivalen... te nos cursos técnicos (engenheiros, químicos, economistas). Entretan... to, o aumento do número de vagas não será muito grande porque em tér... mos imediatos o curso secundário não suprir o mercado de trabalho.

Um fato que entra em contradição com a necessidade objetiva... de diminuição do número de vagas na universidade, é a proliferação de... pequenas escolas-indústrias. Isto ocasiona um aumento do número de va... gas. Entretanto, tais pequenas indústrias do ensino serão destruídas... ou sobreviverão somente se forem associadas entre si ou se integrarem... num grande monopólio de ensino. Somente sobreviverão as universidades... que atendam aos interesses dos grandes monopólios industriais e que... deverão estar estreitamente ligadas aos mesmos.

Para colocar a universidade a serviço do capital interna... cional, o governo propõe também algumas reformas que poderemos dizer... corretas, tais como Institutos Centrais, Cursos Básicos, Departamento... como unidade básica do ensino. Essas reformas são ditadas pela neces... sidade de racionalização, e em geral diminui o caráter reacionário de... reestruturação pretendida pela política educacional do governo.

O que devemos ter sempre em mente são os objetivos da PEG: colocar a universidade brasileira a serviço do capitalismo internacio... nal. É esta característica fundamental da PEG que deve ser sempre com... batida, a fim de obstar a sua concretização prática.

As táticas do governo são ditadas por linhas gerais /... bastante claras e ligadas às necessidades, que a adequação da univer... sidade às exigências do capitalismo monopolista. Resumindo tais linhas... gerais, encontramos como produto da extinção das escolas públicas, em... fundações particulares e adaptadas às particulares já existentes.





- 4
- a) contenção progressiva das verbas para educação e desequilíbrio das verbas (favorecimento das escolas que se reestruturarem dentro da PEG);
  - b) institucionalização progressiva do vestibular único, para iniciar desde já o processo seletivo "das melhores capacidades";
  - c) pagamento progressivo de anuidades, a princípio anuais e posteriormente aumentadas gradualmente;
  - d) só permitir a criação de novas unidades se elas estiverem estruturadas dentro da política educacional do governo;
  - e) valorização progressiva dos cursos técnicos, procurando ampliar ou as instalações e diversificar as especializações;
  - f) adaptação dos currículos às necessidades imediatas das indústrias que terão seus interesses representados nos "conselhos de curadores".

Estas táticas são aplicadas pelo governo para tentar evitar o mais possível os choques. Assim, a PEG é aplicada inicialmente em lugares onde existe menor resistência a ela. (Estados onde o H.E. é atrasado - Piauí e no interior). Em outros casos, instala ao lado de universidades antigas, novas unidades de ensino estruturadas de acordo com a PEG. Deste modo, há um relativo enfraquecimento das escolas não adaptadas à PEG, de tal modo que elas são forçadas a fazê-lo.

#### 6. A Política Estudantil da Ditadura (P.E.D.): a repressão e a violência

Os interesses das classes dominantes com relação à universidade chocar-se com os interesses de amplos setores das classes médias, que pacientemente investiram capital em seus filhos até a universidade.

Os choques que já existiam com a velha universidade, tornam-se mais profundos com as reformulações propostas pelo governo. A maioria dos estudantes não aceita tais reformulações e constuem-se na base principal da luta contra a PEG. Além disso também os professores e nos graduados chocam-se com os interesses dos professores mais graduados, que ou pretendem conservar a velha universidade ou são favoráveis à reestruturação governamental. Os funcionários e trabalhadores da Universidade, continuam com as mesmas contradições com o sistema. Apesar da complexidade das lutas dentro da Universidade podemos captar o essencial da questão. Podemos afirmar que há uma contradição entre a maioria dos estudantes, professores, funcionários e as direções universitárias vinculadas à PEG. De um lado os estudantes e professores se opõem à PEG e a Velha Universidade; do outro lado, os detentores do poder, apoiados na minoria, impõem a PEG. É exatamente essa imposição que nos interessa no momento. Como já vimos anteriormente, o regime político do país está sendo substancialmente mudado em consequência / das novas necessidades da evolução do sistema. Como a maioria dessas reformulações chocam-se com os interesses de vários setores da população; esses procuram resistir à aplicação da linha política governamental.

A existência da mais importante instituição estatal, em uma sociedade de classes, pode agora ser entendida mais facilmente: as forças armadas são a garantia de que as políticas das classes dominantes serão aplicadas. É simples o mecanismo: o sistema tem necessidades - por exemplo - de que a Universidade seja mais produtiva e de a taxa de lucro aumente. Logo, as classes dominantes organizadas em torno de suas entidades sociais e do próprio estado, procuram impor sua política. / Num primeiro estágio tenta-se utilizar as leis do estado, embora tais leis não tenham sido feitas pelos que as sofrem (operários, professores, estudantes). Não se conseguindo impor através dos meios legais, emprega-se a força. As forças armadas são a garantia fundamental que têm as classes dominantes, organizadas no estado, de que seus interesses serão defendidos. Quando os operários fazem greve, as forças armadas ocupam as fábricas, prendem e ocupam operários.

Por outro lado, nunca a força policial defende os interesses em greve.



Os estudantes e professores, ao se insurgirem contra a PEG também são reprimidos. Isto porque estão contrariando os interesses das classes dominantes. Como vemos não existe somente, leis, decretos, e regimentos para a implantação da política educacional. Há também leis que preveem a repressão para quem lutar contra a política educacional do governo. A constituição, as leis de segurança e outras, constituem - se juntamente com os tribunais, os cartórios, nos chamado aparelho jurídico do estado e em algumas instituições ligadas a ele. As Forças Armadas existem para fazer cumprir as leis que os patrões fazem.

A repressão também aperfeiçoa-se e racionaliza-se juntamente com o velho regime jurídico. Nova universidade, novas leis, nova repressão. A repressão é inerente ao sistema. As leis são impostas pelas classes dominantes aos trabalhadores e estudantes e quando estes não as aceitam e lutam, são reprimidos. E essa repressão é perfeitamente respaldada nas próprias leis. É exatamente por isso que o regime se chama ditatorial e seu governo ditadura. A violência organizada das classes dominantes não se processa apenas aos níveis dos choques. Apresenta diversas formas, assim como são diferentes as formas de repressão. Entretanto, os diversos setores sociais não aceitam passivamente a opressão e a repressão, paulatinamente, colocam-se contra as imposições das classes dominantes e se organizam para lutar contra a violência institucionalizada. É nesse processo que a violência das classes oprimidas será utilizada e eliminará os entraves do processo de transformação da sociedade brasileira.

II - Nossas Lutas

Pela exposição anterior fica bastante clara a relação entre a universidade e o sistema político-econômico brasileiro. A Política Educacional do Governo e sua nova universidade são necessidades do sistema. O governo simplesmente imprime uma direção a solução dos problemas. O estado é um instrumento do governo em aplicar sua política. O MEC cuida da reestruturação e as Forças Armadas encarregam-se de reprimir os estudantes e professores que se opõem a política educacional do governo. O governo utilizará todos os métodos para implantar sua reforma, visto que ela é uma necessidade do sistema. Entretanto, apesar das enormes dificuldades que teremos pela frente, nossas lutas dentro da universidade devem procurar entrar a implantação da universidade em presarial bem como serem dirigidas contra a universidade arcaica. Assim, ao conselho de Curadores e aos Comissões arbitrárias; a restrição das verbas exigiremos mais verbas para as unidades de ensino público. Lutaremos por melhorias das instalações, gratuidade de ensino, instalação e manutenção dos cursos noturnos, construção das cidades Universitárias, alojamentos e restaurantes. A obtenção de uma ou mais vitórias parciais é extremamente difícil, devido aos interesses das classes dominantes em objetivar o oposto. Para tanto elas serão implacáveis. É fácil deduzir-se que a mudança de orientação educacional não pode ser conseguida com a simples mudança de governo ou de regime. Não pode ser conseguida, pois a aplicação de nossos princípios básicos de transformação da universidade são incompatíveis com o sistema de exploração do homem pelo homem, movido pelo lucro. Qualquer simples reforma ou reestruturação é incompatível com nossas propostas de transformação da universidade. As propostas apresentadas serão plenamente aceitas com a transformação da sociedade brasileira. Isto, entretanto, não impede que lutemos por objetivos parciais de tal forma que obtemos o mais possível a aplicação da Política Educacional do Governo e nos aproximemos mais da universidade voltada para os interesses da maioria da população.





Cada luta bem conduzida, mesmo que sejamos derrotados parcialmente forçará o Governo a explicitar não só seu caráter repressivo, mas também seu caráter de classe. Assim, o governo estará cada vez mais reduzido em suas bases sociais e cada vez mais desgastado. princípio, o governo procurará vencer nossa luta contra a política educacional do governo de maneira sutil, aproveitando-se da fraqueza momentânea do ME. Numa fase mais avançada com o ME fortalecido e organizado, a única forma do governo impor sua política será a repressão ostensiva. Então, o ME se bem conduzido, pode se fortalecer e acumular forças para o futuro.

É nesse desdobramento da luta, que o ME depara-se com outras frentes: a repressão ~~que~~ tem bases legais - há toda uma estrutura legal que é imposta ditatorialmente. A vinculação dessas diversas frentes não se dá em abstrato, mas objetivamente: é no próprio questionamento do poder que se desdobra a partir da luta contra a universidade arcaica e empresarial, que os estudantes, em fases mais avançadas integram-se na própria luta pelo poder. exatamente nesse ponto, que se objetiva a integração de todos os trabalhadores que também enfrentam problemas semelhantes, mas em muito maior escala: a opressão econômica, as leis do arrocho salarial, etc, todas garantidas pela mesma repressão mas em escala muito mais violenta.

A condição dos estudantes, em relação ao conjunto dos trabalhadores é muito especial nesse processo. O operário e o camponês por exemplo, constituem-se em seus locais de trabalho (indústria, terra, etc) na força fundamental que produz as riquezas do país. No entanto, apesar de alimentarem todo o povo e de construírem a maior parte da base da nação, são os setores mais afastados do poder; são os mais oprimidos e os mais reprimidos. É devido a isso e aos fatores anteriormente estabelecidos que os estudantes, que se constituem em termos secundários no processo produtivo não podem dirigir o processo de transformação social; quem dirige esse processo, são as classes que tem tradições com o sistema.

Os outros setores de trabalhadores (bancários, professores, comerciário, etc) e os estudantes, integram-se objetivamente na luta de transformação social, e após ser demonstrado, através da prática constante de lutas bem conduzidas, a incapacidade do governo em superar satisfatoriamente dentro desse sistema social, as contradições que existam entre os interesses das classes dominantes e os dos trabalhadores e estudantes.

As lutas reivindicatórias dos trabalhadores, os estudantes os apoiam e se solidarizam com os mesmos. Mas, nas lutas políticas os estudantes se integram, pois os objetivos são os mesmos: visam a transformação social.

### III - Nossas táticas: formas de luta e formas de organização.

Determinados objetivos limitados, com os quais nos defrontamos diariamente ao nos colocarmos em ação seguindo nossa estratégia, e exigindo alguns princípios estratégicos, constituem-se em nossa tática. Não são quaisquer objetivos limitados que se constituem em tática, mas sim a um plano complexo, elaborados em função de nossos objetivos, de nossa estratégia e alguns princípios elementares. Esse plano tático é flexível e depende excessivamente de condições nem sempre muito previsíveis e possíveis de serem analisadas objetivamente. É necessário também, descobrirmos na prática política, quais são os princípios táticos mais convenientes em determinadas ocasiões. Ou seja, essa orientação tática não pode ser entendida como uma fórmula e sim uma orientação geral que pode ser reformulada. A estratégia, esta sim é imutável e inflexível; sem estarmos convencidos dela, acabaremos cometendo erros, pois não havendo unidade entre planos táticos, cairemos no empirismo e estaremos provocando espontaneísmo nas massas. determinadas táticas, como veremos após, são incompatíveis com determinada estratégia.





É evidente que não podemos cumprir nosso plano estratégico num só dia. Nossa luta não é de desfecho rápido; pelo contrário: devemos preparar os estudantes e os graduados para enfrentarem tanto na escola como fora dela uma luta bastante prolongada, cujo fim só é visível através de nossa força de vontade. Este é um outro princípio estratégico que é fundamental na elaboração do plano tático, na escolha da forma de luta e da forma de organização mais apropriada. Não vamos ganhar a guerra num minuto, mas também não vamos perdê-la!

Normalmente, na elaboração de um plano tático, deve-se agir da seguinte maneira:

- 1) faz-se uma análise das contradições mais importantes do momento para determinar-se qual é a principal (deve ser a quantitativamente e qualitativamente maior);
- 2) faz-se uma análise da conjuntura política (para avaliar a correlação de forças entre as classes dominantes e suas táticas);
- 3) faz-se uma análise das condições subjetivas da massa (disposição para organizar-se, disposição de luta, etc);
- 4) Isso tudo só é possível se os elaboradores forem bem informados e estiverem profundamente ligados aos estudantes de sua escola para um balanço político correto;
- 5) aplica-se os princípios estratégicos e os objetivos estratégicos gerais;
- 6) determina-se os objetivos e o plano tático;
- 7) determina-se as formas de luta e as formas de organização;

Os princípios gerais que devem nortear nossas lutas são de suma importância, pois são eles que garantem a unidade entre os diversos planos táticos que traçamos.

Alguns princípios gerais já foram esboçados. Os principais são os seguintes - primeiramente devemos preparar os estudantes para resistirem corretamente em qualquer circunstância e para enfrentar a dura repressão a passos largos. Em condições legais de luta, é praticamente desprezível a organização de massa. Praticamente as entidades têm liberdade para tudo: comunicação com os estudantes, base financeira e material, locais para assembleias e sede para diretório. A representação dos estudantes dá-se normalmente. No entanto, com o aumento das contradições e as consequentes lutas que se processam entre diversas camadas sociais, os trabalhadores e particularmente os estudantes ao resistirem contra a opressão, tornam cada vez mais radicais as classes dominantes a se utilizarem da repressão sistematicamente. Essa repressão não acaba, apesar de alguns fluxos e refluxos, sua tendência é aumentar constantemente, como consequência natural da radicalização da luta entre as classes. Os que resistem aperfeiçoam constantemente suas formas de luta e de organização. O nível de atuação legal restringe-se cada vez mais. É necessário que os estudantes estejam totalmente organizados e que as entidades estejam totalmente a seu serviço, cumprindo exatamente seu papel: representar, coordenar, conduzir, organizar, politizar, etc, etc.

A preparação das entidades com estrutura clandestina, para se evitar supressas (massacre e destruição de patrimônio) só é possível se houver massa organizada. Dar condições a massa (e a entidade) de resistir o mais possível, com as menores perdas possíveis! Com o avanço da repressão cada vez mais os estudantes perderão algumas regalias da entidade: departamentos, sede, discussões amplas e democráticas. Devemos preparar os estudantes para a meio sustentarem sua representação, mesmo que o DA esteja completamente desprovido de instrumentos (mimeógrafo, sede, etc). Talvez chegue um tempo em que seja totalmente impossível haver eleição numa escola (hoje já é difícil): Devemos preparar os mes estudantes para resolverem o tipo de escolha dos novos representantes (que serão certamente quase clandestinos).

Outro princípio estratégico é a educação constante para a violência. Mostrar na prática política, que apesar do sentido geral da luta ser a resistência, nessa resistência, deveremos nos utilizar da violência organizada e educar a maioria dos estudantes nos processos de



PT 2313.260

de auto-defesas. Se podemos lutar em uma forma pacífica, e entre violenta de resistência (salvo nos casos de legítima defesa), devemos optar pela violência. Isso pode parecer desnecessário nos esqueçamos que somos pacíficos por princípio, e o objetivo de nos obrigar a que provoque a nossa reação e as nossas lutas. Assim, somos reprimidos. É só nesse momento que usamos a nossa violência.

É evidente que o princípio de organização independente, desmantelamento do estado e do governo é consequência do anterior.

Outro princípio é o acúmulo de forças: usar a cada momento a táctica mais apropriada, as formas de luta e de organização implantadas mais apropriadas, para mesmo que soframos derrotas parciais não haja desgastes nem recuos posteriores.

É finalmente, a condição básica de todas as ações a luta longa e exaustiva, para evitarmos uma derrota rápida e inesperada.

a) Forma de luta:  
Por tudo isso é que adquire muita importância o problema da forma de luta.

As lutas que desenvolvemos para aplicarmos nossos princípios adquire as mais diversas formas e estas formas estão intimamente relacionadas a nossos objetivos gerais. e temos de fato um tipo de lutas que reflita os interesses da maioria dos estudantes. Fazermos a forma dessas lutas devemos buscar sempre a maior participação possível em cada momento. (uma greve, por exemplo, pode constituir em uma forma de luta ao desmobilizar a maioria dos estudantes. As greves, - ou greves com participação que podem ser parciais ou totais, durar apenas uma aula ou diversos dias, etc - , não apenas possibilitam uma intensa discussão e mobilizações organizadas, constituem-se numa forma de luta mais avançada que possibilita a maior probabilidade de êxito nos objetivos, aumentamos o nível político-organizativo dos estudantes).

Em determinados momentos será necessário utilizarmos formas de luta que demonstrem nossa força e que consigam o maior apoio possível da população, para conseguirmos atingir nos os objetivos; em outras, após intensa repressão ou qualquer outro fato político, além da demonstração de força será necessário fazermos um trabalho político mais profundo. As pichações e panfletagens, os diversos comícios-promerandios espalhados pelas cidades e nos subúrbios, completam nossas tarefas - denunciarmos o caráter de classe da ditadura. Devemos adaptar as formas de luta em cada momento as necessidades do momento. O grande valor dos atos públicos, comícios e passeatas é completado com a utilização das formas de luta anteriores.

Considerar devidamente as nossas forças e as do inimigo, a utilização da forma de luta, tal que possamos atingir nossos objetivos em uma situação concreta, é a maneira correta de evitarmos a utilização da determinada forma de luta.

Se absolutizar uma forma de luta (propor-se sempre a utilização de formas populares por exemplo), acaba-se confundindo luta com forma de luta: em vez de tentar-se atingir nossos objetivos, a própria forma de luta se transforma em objetivo.

A determinação das formas de lutas mais corretas para determinados momentos, far-nos-a lutar não somente contra o regime atual, mas também contra o próprio sistema. Isto quer dizer que devemos participar do processo de transformação social, que pressupõe a destruição do sistema de dominação de classe sustentado hegemonicamente pelas grandes metrópoles norte-americanas que estão integrados com todas as classes dominantes nativas. E os monopólios fazem parte e se constituem na própria base das nações dominadas.

b) A organização semi-clandestina dos grupos de trabalho

Este tipo de organização, que consiste de grupos de trabalho de elementos, poder desenvolver uma série enorme de tarefas no



PT 2313-260

São muito importantes como sustentação das entidades de massa, na medida em que podem dirigir politicamente os movimentos de faculdade bem como realizar as tarefas práticas da entidade. As manifestações de rua tem grande importância, pois os grupos podem ter muita mobilidade e realizar nossas manifestações bem como fustigar a repressão quando houver necessidade. Esse tipo de organização assume particular importância ao atentarmos para um aspecto importante da situação política do Brasil: a tendência ao rápido endurecimento com a intensificação da repressão as entidades representativas dos estudantes (UNE, UEEs e CAs), tornar-se-ao semi-clandestinas e somente com a existência de grupos de trabalho poderão se manter. Além disso com a agudização das contradições no seio da sociedade brasileira, a participação do ME no processo de transformação social só será possível com um alto grau de organização devido a exigência de emprego de formas de luta mais aperfeiçoadas e mais radicais. E isso só será possível com a organização clandestina do ME.

c) Uma nova estrutura para a UNE.

A UNE necessita para colocar em prática seu programa de um mínimo de estrutura orgânica bem como de alguns instrumentos políticos. Para deixar de ser uma bandeira de luta e transformar-se em uma entidade representativa dos estudantes, é necessário que sua atuação se faça sentir em cada sala de aula, unidade básica do ME. Daí a necessidade da existência do instrumental para atuação junto aos estudantes. Num primeiro estágio dever-se-á construir as UEEs onde elas estão ainda em fase de estruturação. A montagem de uma assessoria de imprensa, e, também, importantíssimo para o desenvolvimento da UNE. No plano político propomos:

- Conselho Nacional: reunião com representantes de todos os estados do Brasil, cuja função é traçar os rumos para a aplicação das diretrizes aprovadas na Carta Política da Entidade. Entendemos entretanto, que a representação dos estados deva ser proporcional ao numero de alunos existentes no estado.

- Congresso Nacional: que é o instrumento político de análise técnica da pratica desenolvida durante o ano, sua função é elaborar as diretrizes da entidade para a proxima gestão. A forma de sua realização deve ser definida de acordo com as condições existentes e de tal sorte que possibilite a participação do maior numero de estudantes.

No plano organico propomos:

- a montagem das assessorias regionais da UNE, a fim de facilitar a condução do ME em determinadas regiões. A sede da assessoria regional sera o estado onde a UEE esteja mais consolidada. Propomos as seguintes assessorias:

- PR - SC - RS
- SP - MT
- GB - RJ - ES
- MG - GO - Br.
- BA - SE - AL - PE - PB
- CE - RN - PI
- PA - AM - MA

Em cada capital da regional, a UEE daquele estado (PR-SP-GB-MG-BA-CE-PA), consolidaria uma assessoria de cinco a dez estudantes com as seguintes tarefas

Coordenação: coordenar o trabalho da UNE junto aos CAs, DCEs através das UEEs.

Imprensa: reproduzir material e documentos, enviados pela UNE, de outras UEEs, CAs e distribuídos aos CAs e DCEs.

Propaganda: coordenar o trabalho de agitação e propaganda através de panfletos e cartazes, etc.

Por outro lado deve existir um diretor de UNE em cada capital de assessoria.

- montagem de uma Assessoria Nacional de imprensa: sua função será de elaborar o jornal e a revista da UNE.





d) A UNE, A UNE e a OCIAE.

A UNE é uma entidade que pretende coordenar as UNEs anti-imperialistas de todo o mundo. A OCIAE é a que pretende coordenar as UNEs da América Latina.

A UNE, finalmente, de acordo com a perspectiva de coexistência na esfera, tem a unidade posições dos direitistas. Assim podemos citar a verificação de algumas das entidades nacionais pro-imperialistas (por exemplo, a CIE da FIA que tem ligações estreitas com a CIA).

A UNE durante 68/69 deve cumprir as seguintes tarefas com a UNE e a OCIAE:

- lutar contra os estudantes dos programas da UNE e da OCIAE;
- lutar contra os alunos da UNE e não continuar na UNE;
- lutar contra as entidades pro-imperialistas;
- lutar contra o movimento de OCIAE e pela permanência da UNE;
- lutar contra as direções de toda a UNE e particularmente a UNE de São Paulo.
- lutar contra as posições da UNE internacionalmente através da UNE.

IV - Política

1) Política Educacional do Governo:

- Faltas dos acordos Mec-Paraná, Relatório Azevedo, etc. do governo.

- Corte de pagamento de anuidade.
- Corte de verbas às escolas públicas.
- Corte de pagamento de números de vagas.
- Pela criação e manutenção de cursos noturnos em todas as faculdades.
- Contra a transformação das Universidades em fundações.
- Pela abertura do vestibular de seleção e pelo de habilitação.

3) Luta contra a manutenção da Universidade Arcaica.

- Pela reformulação dos currículos, do sistema de aprovação dos estudantes em termos.
- Pela ampliação dos restaurantes universitários, bibliotecas, laboratórios, instrumental de pesquisas, alojamentos etc..

4) Política de reestruturação universitária baseada nos seguintes princípios: paridade, autonomia universitária, percentual fixo para a educação.

5) Luta contra a política estudantil da Ditadura.

- Luta contra a repressão velada ou extensiva.
- Denúncia do Projeto Rondon e da Comissão Meira Mattos.

6) Apelo e lutas contra a Política Social do Governo:

- Campanha da Indústria Salarial.
- Auxílio material à ocupação de fábricas e terras.
- Apoio à oposição sindical.

6) Ação junto a outros setores da população.

- Construção de Comitês Populares.
- Apoio na estruturação de outras categorias

7) Denúncia da Política da Ditadura.

- Denúncia da Política de Militarização de órgãos civis.
- Denúncia da Lei de Censura.
- Denúncia da Repressão.

8) Denúncia da ação de Imperialismo Internacional.



ERRATA.

Pg. 3 - penúltima linha, leia-se: produto da transformação das escolas Públicas.

Pg. 4 - Última linha - leia-se: dos trabalhadores em greve

Pg. 5 - Sub-título: II - nossas lutas (estratégia)

PT 2313.260

COMITÊ DE DIVULGAÇÃO DO M A U MANIFESTO

" A VERDADE NUA E CRUA SOBRE O 30º Congresso da UNE (extinta UNE)

712 estudantes subversivos infringindo a Lei de Segurança Nacional, todos eles subintellectualizados ou semi-analfabetos, foram surpreendidos num sítio férme, em promiscuidade total.

Rapazes e moças dormiam nas mesmas barracas, nas mesmas poelgas, nos mesmos currais. Tomavam banho juntos e defecavam no mato, em buracos escavados no chão ou no próprio riacho em que lavavam o rosto e as panelas.

Foram apreendidas armas, munições e equipamentos militares. Barracas com medicamentos e enorme quantidade de pilulas anti-concepcionais estão em poder das autoridades. Dentre as moças presas, várias tinham fugido de INTERNATOS E COLEGIOS DE FREIRAS. Houve surto tremendo para ver quem dormiria na última noite com a MISS UNIVERSITÁRIA PARANENSE.

O 30º congresso da extinta UNE custou a soma de Cr\$ 30.000.000,00 (trinta milhões de cruzeiros antigos) surripiados de alancos de proprietários de carros parados no trânsito das cidades, ou de transeuntes durante as passeatas.

A alimentação era intragável até para os FORCOS, que coabitavam com os estudantes. A cozinha funcionava, num estabalo, perto de um chiqueiro de alvenaria. O plenário foi instalado num prédio de 8 x 10 m. e dividido ao meio, com o chão inteiramente coberto de tatamis. Ao lado deste prédio uma tenda com uma cruz vermelha e a palavra hospital. Um pouco acima uma outra tenda cheia de buracos, com uma fila enorme de pessoas, era o WC; através dos buracos, todas as vezes que entrava uma moça, corriam vários rapazes para olhar. Mais adiante a caçota que fornecia água, com um tanque escavado na terra que servia como banheiro.

Entre o alojamento e o plenário corria o riacho, atravessado por uma pequena ponte. A noite varios casais embrenhavam-se nas matas e esurgiam pela manhã carregando coherteres.

Colega estudante, esta é a verdade que eles não contam. Por isso surgiu o M A U (Movimento Universitário Autentico) que doravante estará vigilante, denunciando o COVIL da CORRUPÇÃO e o mar de lama em que estão sendo transformadas as nossas faculdades por estes imperialistas paracomunistas e que contam com o beneplácido de professores incompetentes e acomodados que aqui no Paraná atinge o elevada cifra de 80% no magistério superior.

O DCE e a CASA DA ESTUDANTE são antros de perdição.

Evitemos o aparecimento de novas PALMIRAS; acabemos com o COVATCOX nas Faculdades e na CEU.

Lutemos por um BRASIL mais forte e melhor, denunciando os impostores ( professores e alunos), e os expurguemos das nossas comunidades.

A M A U, UNIDA VENCERÁ A BADERNA.

Manifesto aos AUTENTICOS UNIVERSITÁRIOS DO PARANÁ.

TFP

CCC

PT 2313.260



O golpe militar de abril de 1964, desencadeado pelas forças reacionárias internas- a burguesia e o exército- em conluio com o imperialismo internacional, levou ao poder um grupo de ineptos e superados, misto de políticos tradicionais saídos da UDN (Lacerda e outros fanáticos anticomunistas) e militares forjados no "Movimento Tenentista de 22", cujo objetivo era manter os privilégios da burguesia e do latifúndio, através da submissão dos interesses nacionais ao capital monopolista.

Nascido para tirar o País da "beira do abismo", impedir a reforma da Constituição e com ela a Reforma Agrária, arrancando das mãos do "povo analfabeto" o direito de participar das decisões políticas, o golpe de 64, pelos compromissos assumidos no seu curso, viu-se na contingência de, temporariamente, preservar instituições vigentes no regime anterior e manter políticos que lhe não eram suficientemente "fideis".

Quatro (4) Atos Institucionais, trinta e sete (37) Atos Complementares, a Constituição fascista de 67 e todas as arbitrariedades cometidas nestes longos quatro anos não bastaram para dar à ditadura implantada no País o apoio "legal" de que ela necessitava.

O fardo da preservação de instituições antigas era demasiado oneroso para coexistir com os poderes enfiados nas mãos da plutocracia dominante, cujo instrumento de sustentação é a ditadura militar.

Já não era possível manter abertos os órgãos legislativos; Já não era admissível tanta liberalidade de parte de alguns órgãos do Judiciário e da Imprensa; Já não era concebível que o próprio clero "que marchou com Deus e a família pela liberdade" fosse, hoje, parelha inativa e suplantada dentro da própria Igreja, por padres "comunistas".

Não! Isso tudo era liberalidade demais para ser admitido por uma ditadura!

Era necessário acabar de uma vez com a farsa, que só conseguia iludir certos políticos. Estes, comprometidos ideologicamente com o regime sócio-econômico vigente, sonharam com a possibilidade de evoluir para um regime liberal que em nada lhes afetasse, que não abalasse a estrutura privilegiante que caracteriza os regimes capitalistas.

Esse é a análise conjuntural da crise!

O novo Ato Institucional veio apenas fortalecer o movimento que visa impedir a subida do povo ao poder; revigorar a força golpista que quebrou a nossa soberania, vendendo nosso País ao imperialismo! Sua face, hoje, é mais sombria que ontem, mas em essência nada mudou!

Repudiamos mais este ato de violência!

O movimento de libertação nacional é inexorável! A história caminha a passos largos e a sua marcha através dos tempos é irreversível! Os meios de avançar poderão ser mais difíceis, mas não impossíveis!

Do Ato em si, diremos apenas: "é mais uma monstruosidade jurídica e política, suma de mistificação, perfídia e da brutalidade golpistas, com a qual se pretendeu justificar o injustificável, com os seguintes quintos de cinismo".

Curitiba, 14 de dezembro de 1964



PT 2313.260



## COMITÊ DE DIVULGAÇÃO DO M A U MANIFESTO

" A VERDADE NUA E CRUA SOBRE O 302 Congresso da UNE (extinta UNE)

712 estudantes subversivos infringindo a Lei de Segurança Nacional, todos eles subintelectualizados ou semi-analfabetos, foram surpreendidos num sítio êrmo, em promiscuidade total.

Rapazes e moças dormiam nas mesmas barracas, nas mesmas pocilgas, nos mesmos currais. Tomavam banho juntas e defecavam no mato, em buracos escavados no chão ou no próprio riacho em que lavavam o rosto e as panelas.

Foram apreendidas armas, munições e equipamentos militares. Barracas com medicamentos e enorme quantidade de pílulas anti-concepcionais estão em poder das autoridades. Dentre as moças presas, várias tinham fugido de INTERNATOS E COLÉGIOS DE FREIRAS. Houve sururu tremendo para vêr quem dormiria na ultima noite com a MISS UNIVERSITÁRIA PARANAENSE.

O 302 congresso da extinta UNE custou a soma de Cr\$ 30.000.000,00 (trinta milhões de cruzeiros antigos) surripiados de alunos ou de proprietários de carros parados no trânsito das cidades, ou de transeuntes durante as passeatas.

A alimentação era intragável até para os PORCOS, que coabitavam com os estudantes. A cozinha funcionava, num estabulo, perto de um chiqueiro de alvenaria. O plenário foi instalado num prédio de 8 x 10 m e dividido ao meio, com o chão inteiramente coberto de tatamis. Ao lado d'êste prédio uma tenda com uma cruz vermelha e a palavra hospital. Um pouco acima uma outra tenda cheia de buracos, com uma fila enorme de pessoas, era o WC; através dos buracos, todas as vezes que entrava uma moça, corriam vários rapazes para olhar. Mais adiante a caseta que fornecia agua, com um tanque escavado na terra que servia como banheiros.

Entre o alojamento e o plenário corria o riacho, atravessado por uma pequena ponte. A noite varios casais embrenhavam-se nas matas e só surgiam pela manhã carregando cobertores.

Colega estudante, esta é a verdade que êles não contam. Por isso surgiu o M A U (Movimento Universitário Autentico) que doravante estará vigilante, denunciando o GOVIL da CORRUPÇÃO e o mar de lama em que estão sendo transformadas as nossas faculdades por êstes imperialistas paracomunistas e que contam com o beneplácido de professores incompetentes e acomodados que aqui no Paraná atinge o elevada cifra de 80% no magistério superior.

O DCE e a CASA DA ESTUDANTE são antros de perdição.

Evitemos o aparecimento de novas PALMIRAS; acabemos com o TRATOIR nas Faculdades e na OEU.

Lutemos por um BRASIL mais forte e melhor, denunciando os impostores ( professores e alunos), e os expurguemos das nossas comunidades.

A M A U, UNIDA VENCERÁ A BADERNA.

Manifesto aos AUTÊNTICOS UNIVERSITÁRIOS DO PARANÁ.

TFP

000

PT 2313.260

PAPEL DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA SOCIEDADE

O movimento estudantil é um fenômeno social. Entende-se por isso que seus componentes, suas lutas e seus objetivos estão inseridos em uma sociedade e que seria ilógico tentar estudá-lo sem fazer uma análise geral dessa sociedade.

No Paraná, até o momento, se explicitaram duas posições fundamentais a respeito de como o ME se insere no movimento de toda a sociedade, posições que se derivam de dois conceitos diferentes relativos à realidade social de hoje. O estudo desses conceitos nos permitirá tomar uma posição a respeito da divergência. Entretanto, certos aspectos mais gerais, particularmente as questões de método, são comuns a ambas as partes. Vistos esses aspectos, relatamos cada uma das posições segundo a exposição de seus defensores.

A realidade social e sua transformação

A atuação dos homens na sociedade está sempre subordinada à estrutura ideológica de cada um. Essa estrutura existe como fruto das idéias dominantes, ou é elaborada, científica, consciente. Somente o método científico pode nos permitir a aquisição de uma consciência do mundo exterior, tornando-nos, de objetos em agentes de sua transformação.

O único método científico para a abordagem dos problemas sociais é o método dialético, o método das contradições. É sob esse prisma que se tentou desenvolver o presente estudo.

A atividade econômica do homem, a produção, é a mola que comanda o desenvolvimento histórico da sociedade, é onde se localiza sua contradição fundamental. Na sociedade capitalista a contradição fundamental se dá entre o caráter social da produção e o caráter privado de apropriação. Isto quer dizer que ao mesmo tempo em que na produção capitalista se torna cada vez mais necessário o concurso da grande maioria da população para o desempenho conjunto das tarefas produtivas, nas fábricas, fazendas, etc, ao mesmo tempo a produção se rege por necessidades individuais, do lucro de uma reduzida minoria. O processo aguça cada vez mais a contradição entre as classes trabalhadoras e os proprietários.

Mas, dentre toda a gama de contradições internas do sistema, existe em cada etapa de seu desenvolvimento uma contradição a que se chama de principal, e que nessa etapa conduz a sua evolução.

Qual é a contradição principal do capitalismo hoje, no Brasil, é exatamente o ponto onde se situam as divergências que vão determinar as duas concepções distintas do ME.



A INTEGRAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA LUTA DOS TRABALHADORES

1. As condições atuais no Brasil

A Universidade que se pretende implantar hoje no país nasceu de uma necessidade da evolução do sistema capitalista. Na fase atual do capitalismo, com a integração das grandes burguesias mundiais, com a monopolização avançada, não mais interessa aos patrões o tipo de ensino arcaico que está aí. É urgente modernizá-lo. A política do MEC-USAID preconizou várias transformações cuja análise não se enquadraria neste trabalho, mas cujo sentido é no geral, bem nítido: a adaptação do ensino ao modo de produção capitalista. Como qualquer outro setor da produção, o ensino deve atender às necessidades do lucro. Assim as fundações são emprêsas privadas típicas, regidas pelas leis capitalistas. O ensino é uma mercadoria. O estudante, de certa forma, já é um assalariado.

Como segundo exemplo, as recentes reformulações que sofreu nossa legislação (Lei Anti-Greve, Lei do Arrôcho Salarial, Lei de Segurança Nacional, etc.) também nos dão conta de que a classe dominante, os patrões, estão racionalizando a super-estrutura, obviamente para atender às transformações do sistema econômico, o desenvolvimento do capitalismo no país. Outros exemplos são fáceis: a proliferação das companhias de investimento; a industrialização das regiões antes semi-desertas ou destinadas à monocultura; as leis fiscais recém instituídas visando o investimento do excedente em áreas menos favoráveis ao capital, tudo revela uma preocupação: o aceleração do desenvolvimento capitalista, a ampliação do mercado interno, para que possa consumir e produzir lucro.

Não se pretende aqui dar mais do que indícios que demonstrem a tese estabelecida: de que no Brasil, a contradição principal já se confundiu com a fundamental: de um lado o caráter social da produção e do outro, o caráter privado da apropriação. A prova cabal dessa tese merece maior cuidado, que não se justificaria aqui. Entretanto isto está ao alcance de qualquer um. Basta levantar os dados da realidade. De qualquer forma, o dia a dia já nos faz sentir que, em nossa sociedade, os patrões e os que trabalham já estão irremediavelmente, explicitamente antagonizados. Em função do desenvolvimento daquela contradição na sociedade se definem hoje dois polos: os patrões e os trabalhadores.

2. O papel do movimento estudantil

Espremida entre os dois polos acima se acha a pequena burguesia, classe de origem dos componentes do movimento estudantil. A monopolização crescente do capital tira das mãos daquela classe os últimos bens de produção de que ela dispunha: a cada fase aguda da crise do sistema, fecham-se milhares de pequenas indústrias e seus proprietários são jogados nas fileiras do proletariado. Mesmo o setor dos profissionais liberais já não têm mais as regalias de ontem. Dos formados que hoje saem da Universidade, a grande maioria se emprega como assalariada em grandes emprêsas, submetendo-se a tôdas as flutuações do mercado de emprêgo.

Os estudantes, pelas suas condições específicas como o acesso que têm à ciência, a grande mobilidade, etc, podem desempenhar um papel importante na catalização da luta dessa classe em decomposição. Podem cumprir a tarefa de levar, nas lutas do ME, a tôda a pequena burguesia, a consciência de que a sua vontade de ascensão social é puramente utópica, dadas as características monopolistas do capitalismo internacional. Que as suas aspirações são vãs e que só existe para ela uma saída: lutar por uma sociedade onde o critério de justiça seja o trabalho ou seja, integrar-se na luta dos trabalhadores. Que, se não é possível mais acumular capital a partir de pouco, se o grande capital engloba vorazmente, passo a passo, tôdas as pequenas propriedades de bens de produção, se êsse é o caminho da história como todos os fatos demonstram, se tudo isso acontece, já não se pode mais pensar em "vencer na vida", na acepção que essa palavra tinha há tempos: tornar-se patrão. Pelo contrário, o estudante de hoje será um empregado de emprêsa amanhã. E terá, com seu patrão, a principal contradição da sociedade. E essa contradição somente se resolverá adotando-se a perspectiva dos trabalhadores. Na sociedade estão caracterizados dois polos e qualquer classe forçosamente se agregará a um deles, à medida em que se radicalizam as posições. Na luta de classes não é possível ser neutro e essa luta existe também dentro da Universidade.



PT 2313.260



Como, entretanto, os estudantes adotarão a perspectiva dos trabalhadores?

Em primeiro lugar, lutando dentro da Universidade pela sua transformação no sentido de colocá-la a serviço daquelas classes. Dizendo não à Universidade burguesa que o Governo propõe e antepondo-lhe uma Universidade Crítica. Em cada circunstância procurando transformar a Universidade de forma que ela deixe de ser instrumento de dominação da burguesia e passe a ser um órgão atuante a serviço dos trabalhadores. Evidentemente a classe dominante não tolerará essa instituição em caráter permanente enquanto estiver no poder. Mas isso em nada invalida a sua colocação como objetivo de luta. As contradições que sofre a pequena burguesia não podem ser resolvidas no atual sistema.

Em segundo lugar quando os trabalhadores ascendem na sua luta contra os patrões os estudantes também deverão estar presentes colocando a sua força material a serviço do movimento.

Todas as condições hoje nos indicam o ascenso sistemático do movimento operário, liderando a luta dos trabalhadores em geral. A experiência de Osasco já nos deu um exemplo muito claro de como os estudantes podem aceitar as perspectivas dos trabalhadores. Um aguçamento da luta de classes brevemente veremos a demonstração prática desta concepção.



# Manifesto aos Estudantes e ao Povo

O Conselho Nacional da UNE, na pessoa dos representantes estudantis de todos os Estados e de todas as Universidades da Federação, reunidos na cidade do Rio de Janeiro para debater o grave problema que ora enfrenta a classe universitária brasileira, em luta aberta e irreversível pela superação das estruturas decadentes que entravam o ensino superior no país, deseja por este Manifesto, levar a todos a verdadeira natureza e os fundamentos da sua posição.

Já ninguém mais se atreve, nos dias atuais, a negar a necessidade imperiosa e inadiável de uma Reforma Universitária. Para a própria sobrevivência da nação, as suas escolas precisam formar os profissionais que o desenvolvimento nacional está a exigir. Para a afirmação do seu próprio conceito de país democrático, o Brasil precisa abrir as portas das suas Universidades, aos que agora, inútilmente, lutam por uma oportunidade de habilitar-se para melhor servi-lo.

Foi em nossas Faculdades, apesar de tudo, nessas muitas oficinas de tédio e superficialismo, que aprendemos dos mestres, hoje voltados contra nossas reivindicações, o sentido comunitário da Universidade; professores e alunos identificados na tarefa comum da elaboração cultural, da pesquisa científica, da habilitação técnica, da conscientização social. E nesse sentido a Lei de Diretrizes e Bases, propondo-se contribuir ao trabalho pluridimensional da Educação do povo brasileiro, num momento feliz, estabeleceu a participação dos estudantes nos organismos diretivos das escolas superiores e das Universidades. Longe de agravar o antagonismo entre mestres e discípulos, foi uma séria tentativa de integração dos polos dinamizadores da cultura, um esforço no sentido da superação das crises que quase permanentemente abalam os alicerces desse velho e carcomido edifício. Restava apenas regulamentar a participação estudantil, pelos Estatutos e Regimentos Internos dos diversos estabelecimentos, da forma mais adequada. Não a perpetuação dos privilégios e comodismos de uma pequena classe, envolvida em manto de intocabilidade, é o que desejamos crer. Mas ao interesse comum do aperfeiçoamento, da preparação das gerações futuras, do progresso nacional.

Aí entramos nós. E pedimos um terço de opinião na direção da Universidade. A proporção por parte, em nossa participação nos Conselhos Universitários e nas Congregações.

Embora muitos se enganem, não há nada de arbitrário, nada de infantil ou voluntarioso na fixação desses termos. Não batemos o pé por um terço, como o faríamos por um quinto, ou pela metade. Os Conselhos Universitários se compõem com dois representantes (professores) por cada Faculdade. Queremos também que, por cada escola, o corpo discente esteja representado, na pessoa de um estudante. Apenas isso.

Não atribuímos à nossa pretensão um caráter classista. A presença do estudante nos organismos administrativos Universitários, nos sérios termos que exigimos, tem significação muito maior. Além de estabelecer, em bases efetivas, um verdadeiro diálogo criador, despertando a massa estudantil de sua situação de passividade e destronando os professores de suas tórrides de marfim, da confortável infalibilidade do "magister dixit", determinaria a nossa interferência, como parcela esclarecida de povo, na política de destinação dos recursos propiciados pelo Estado ao ensino superior. E todos bem sabem que não estamos de acordo com a absurda e criminosa aplicação de verbas, com prioridade às obras suntuárias, característica das nossas grandes Universidades. Para nós, que nos rebelamos, o fim primordial da Universidade é o povo, analfabeto, carente, miserável em sua maioria, na realidade brasileira.

Por isso não queremos ceder os nossos obstinados mestres. Por isso animam-se a nos propor fórmulas conciliatórias, em que o Conselho Universitário se dividisse em duas assembleias, tendo nós acesso apenas àquela que não tratasse problemas de caráter tão particular, tão reservado.

Ainda acreditamos no pronunciamento do Presidente da República, feito em nosso favor. Dê-lo, dos Ministros, das autoridades do ensino esperamos que venha a solução. Caso contrário, continuaremos como estamos.

Não mais faremos provas em junho. E não nos interessam provas nem aulas enquanto perdurar o atual estado de coisas. As nossas conveniências pessoais não se antepõem aos interesses mais altos da cultura, ao futuro das novas gerações.

Se se fizer necessário, iremos ao Congresso Nacional, pedir leis para os problemas que a insensibilidade dos nossos dirigentes não pode resolver. E sejam quais forem as pressões e os sacrifícios, saberemos enfrentá-los. Nunca pensamos em retroceder.

Aos estudantes de todo o Brasil a nossa confiante palavra de ordem, para que permaneçam em suas Faculdades, em Assembleias promovendo cursos de extensão sobre o sentido da Reforma que propugnamos, ensinando aos demais estudantes e ao povo o que a velha Universidade não nos soube ensinar. Mas que, de qualquer forma, aprendemos, através de uma amarga e prolongada experiência.

Assinam os seguintes presidentes de entidades.

RIO DE JANEIRO, 9 DE JUNHO DE 1962

aa) Aldo Silva Arantes - Presidente da União Nacional dos Estudantes.

Aristiliano Braga - União dos Estudantes da Bahia

Uaci Gomes da Silva " " Goiás

Celso Coutinho " " Maranhão

Fernando Teixeira " " Pernambuco

Manoel Aguiar de Arruda " " Ceará

Francisco Ferraz " " R. G. do Sul

Agatânjalo Vasconcelos " " Alagoas

Dilton Lyrio Netto " " Esp. Santo

Marcos JC Guerra " " R. G. Norte

Antonio Augusto Macêdo " " Paraíba

Maurício Vasconcelos " " São Paulo

José de Souza " " Guanabara

Félix Valois Coelho Junior " " Amazonas

Júlio César Giovanetti " " Paraná

União Estadual de Estudantes de Minas Gerais

União Estadual de Estudantes do Piauí

Diretório Central dos Estudantes de Goiás

Diretório Central dos Estudantes de Recife

Federação dos Estudantes Universitários do R.G. do Sul

DCE da Universidade Católica de Minas Gerais

DCE da Universidade de Minas Gerais

DCE de Alagoas

DCE da Universidade Fluminense

DCE da Universidade da Bahia

DCE da Universidade do Paraná

DCE da Univ. de São Paulo

DCE da Univ. do Estado da Guanabara

DCE da Univ. do Brasil

DCE de Juiz de Fora

DCE da Paraíba



PT23/3.260

Resquisito e Autor

Posto: ex. U.N.E.

Sei tibi I h

Em 21/06/74.

21/06/74





SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

N.º 430/68  
jbn.

São Paulo, 09 de dezembro de 1968.

Senhor Diretor

Em atenção à sua solicitação contida no radiograma nº 50, de 18/10/1968, com êste tenho a grata satisfação de passar às mãos de V.S. os inclusos AUTOS DE QUALIFICAÇÃO E INTERROGATÓRIO e FOTOGRAFIAS dos estudantes dês se Estado, presos no Município de Ibiuna, nêste Estado, quando participavam do XXXº Congresso da extinta U.N.E. .

Valho-me da oportunidade para reiterar os protestos de elevada estima e distinta consideração.

*Alcides Cintra Buenc Filho*  
ALCIDES CINTRA BUENC FILHO  
DELEGADO ADJUNTO DE ORDEM POLÍTICA



A SUA SENHORIA O SENHOR  
DOUTOR OZIAS ALGAER  
MD. DIRETOR DO D.O.P.S. DE  
CURITIBA - P.R.

PT 23/13.260

- 21)- HAMILTON CESAR VIEIRA DE CAMARGO: Esta trabalhando em Maringá/Pr, onde exerce a profissão de advogado.
- 22)- HELIO URNAU: Resid. Hospital Col. Adauto Botelho, rua Canguiri s/n, Colonia D. Luiza- (Seminário).
- 23)- INÁCIO DA SILVA MAFRA: Os mesmos dados constantes em seus arquivos.
- 24)- JOSE BONIFÁCIO CABRAL JÚNIOR: Os mesmos dados constantes em seus arquivos.
- 25)- JOSE LOURIVAL DITZEL GOBBO: (Irmã) Carmen Lucia D. Gobbo, resid. rua Airton Playsant, nº 435, Ponta Grossa/Pr.
- 26)- JURANDIR RIOS GARCONI: Os mesmos dados constantes em seus arquivos.
- 27)- LICINIO LIMA: Os mesmos dados constantes em seus arquivos.
- 28)- LORE (MEYER) FORTES: Reside: rua Atilio Borio, nº 430- apto-3. (1972).  
RG: nº 588.170.
- 29)- LUIZ JOIA DELFINO: Os mesmos dados constantes em seus arquivos.
- 30)- MARIO OBA: " " " " " " " "
- 31)- NELSON MOZACHI: " " " " " " " "
- 32)- NELSON PIETROBON DE SOUZA GOMES: " " " " " " " "
- 33)- NERCI COGO: Resid. rua Paranaguá, 1420- Londrina/Pr. (1972).
- 34)- ORIOVISTO GUIMARÃES: Os mesmos dados constantes em seus arquivos.
- 35)- ORLANDO PILATI: " " " " " " " "
- 36)- PALMIRA AMANCIO DA SILVA: Resid. rua Náo Martine, nº 167, Maringá/Pr.
- 37)- PAULO SAKAI: Resid. rua 13 de maio, 825, N/C.
- 38)- RENATO G. CAMARGO: Resid. Av: ANÁLIA FRANCO, 255, Londrina/Pr, é Professor de artes plasticas. É artista esculptor da Fundação Universidade Estadual de Londrina/Pr, é casado com Iara Costa Strobel.
- 39)- ROBERTO NASCIMENTO: Rua Barão do Rio Branco, nº 180.
- 40)- ROMEU BERTOL: (Irmã) Odete Terezinha Bertol, resid. Av: Brasil, 309- Pato Branco/Pr.
- 41)- STENIO SALES JACOB: RG: 431.871. Locais onde pode ser encontrado: Rua Amintas de Barros, 637- Presidente da UPe. Residência atual: Rua Brigadeiro Franco, 1861.
- 42)- VITORIO SOROTIUK: Os mesmos dados constantes em seus arquivos.
- 43)- ALCIDES VITOR DE CARVALHO: Natural de Cana do Reino-MG.
- 44)- CARLOS ALBERTO COIMBRA: Os mesmos dados constantes em seus arquivos.







- 1)- ALDO LOPAU: Reside em Curitiba/Pr, e seus familiares em Londrina/Pr.
- 2)- ALVIM DE SOUZA MELLO: Os mesmos dados constantes em seus arquivos.
- 3)- ANA MARIA DA COSTA: Reside rua Bento Viana 765 n/c, Irmã: Maria Aparecida da Costa, Prof. da L.B.A, reside no mesmo endereço.
- 4)- ANTENOR RIBEIRO BONFIM: Local de trabalho: rua André de Barros 678, esquina. Residência: rua Riachuelo 114- Emiliano Pernetá, 817 N/C.
- 5)- ANTONIO JOÃO MANFIO: Reside rua Santa Madalena Sofia, 28 (1971)N/C.
- 6)- ANTONIO DE OLIVEIRA MUNHOS: Av: Getulio Vargas, 1.193 N/C.
- 7)- ANTONIO TREIS REIS DE OLIVEIRA: Os mesmos dados constantes em seus arquivos.
- 8)- ARLINDO DAGA FÁNEIO: Os mesmos dados constantes em seus arquivos.
- 9)- BENTO LUIZ CURVO: Membro diretor do Centro Acadêmico Hugo Simas, Assuntos Coordenação Universitaria da UPE. Residência: rua Portugal, 53, (1969). Seu irmão reside, rua Mariano Tôrres, 306. N/C.
- 10)- CARLOS CRUZ: Reside rua Prudente de Moraes, 952, N/C.
- 11)- CARLOS EDUARDO LOURENÇO JORGE: Os mesmos dados constantes em seus arquivos.
- 12)- CECILIA SANCHES DE CRISTO: A mãe da nominada é proprietária da Livraria SANCHES, em Fóz de Iguagu, é muito ligada ao agitador Fabio Campana, e reside também naquela cidade.
- 13)- CÉLIO MARZI LANZA: RG: nº 734.219- Pr.
- 14)- CHARLES CHANPION JR: Os mesmos dados constantes em seus arquivos.
- 15)- DACIO VILLAR: Os mesmos dados constantes em seus arquivos.
- 16)- DESLANDI TORRES: Os mesmos dados constantes em seus arquivos.
- 17)- DIVONZIR LOPES BELOTO: Reside rua Mal. Deodoro, 1380, (1971).  
Em 28/07/72 foram apreendidas na residência do nominado diversos materiais didáticos, versando sôbre Marxismo- Leninismo, bem como um livro intitulado "Les Tupamaros".
- 18)- ELISABETH FRANCO FORTES: Os mesmos dados constantes em seus arquivos.
- 19)- ELOY ALFREDO PIETA: Convento dos Beneditinos, BR- 277.
- 20)- GILBERTO BUENO COELHO: Reside rua Jorge Xavier da Silva, nº 12.



~~CONFIDENCIAL~~  
GRAU DE SIGILO

*Fernando Pessoa de Pinheiro*  
FERNANDO PESSOA DE PINHEIRO  
DIRETOR DA RECHA PARANHOS  
cc - no mto

MINISTÉRIO DA MARINHA

DATA 4/12/1968 Nº 0628

XX  
ORIGEM ORGÃO SUPERIOR

ORIGEM XXX

CENTRO DE INFORMAÇÕES DA MARINHA  
ORIGEM

REFERÊNCIA XXX

~~INFORMEX~~ INFORMAÇÃO ~~EXEXEXEXEX~~

DISSEMINAÇÃO SSP/PR - CP-PR - CENIMAR

AVALIAÇÃO	
CONFIANÇA	X
VERACIDADE	X

ÍNDICE DE CLASSIFICAÇÃO  
(preenchido pelo receptor)

DISSEMINAÇÃO ANTERIOR XXX

PARA ADIDOS - País de origem País/área a que se refere

- 1) - Encaminha-se em anexo, quarenta e seis (46) fôlhas de identificação dos estudantes do Estado do Paraná, abaixo relacionados, prêsos em IBIUNA/SP, no dia 12/10/1968, quando participavam do 30º Congresso da União Nacional dos Estudantes.
- 2) - Os dados e fotografias constantes de cada fôlha de identificação, foram coletados junto a DOPS/SP.
- 3) - Este Centro muito apreciaria se os órgãos recebedores dessa Informação, remetessem os antecedentes, que possuírem, sôbre os estudantes em questão.
  - +1 - ALCIDES VITOR DE CARVALHO
  - +2 - ALDO LOPAU
  - +3 - ALVIM SOUZA MELO
  - 4 - ANA MARIA DA COSTA
  - +5 - ANTENOR RIBEIRO BONFIN
  - 6 - ANTONIO ARAUJO SANTOS (Sem fotografia)
  - +7 - ANTONIO DE OLIVEIRA MUNHOZ
  - +8 - ANTONIO DOS TRES REIS OLIVEIRA
  - 9 - ANTONIO JOÃO MANFIO
  - 10 - ARLINDO DAGA FAVERO
  - 11 - ARTUR LOURENÇO MOURÃO MITTELBAACH (Sem fotografia)
  - 12 - BENTO LUIZ CURVO
  - 13 - CARLOS CRUZ
  - +14 - CARLOS EDUARDO LOURENÇO JORGE
  - +15 - CECILIA SANCHEZ DE CRISTO
  - +16 - CELSO MARCI LANZA
  - 17 - CHARLES CHAMPION JUNIOR
  - 18 - DÁCIO VILLAR
  - 19 - DESLANDI TORRES
  - +20 - DIVONSIR LOPES BELOTO
  - 21 - ELIZABETH FRANCO FORTES

*Encaminhar a DOPS 23/12/68 Cl. Fals*




- 1 -  
~~CONFIDENCIAL~~  
GRAU DE SIGILO

PT 23/13. 250

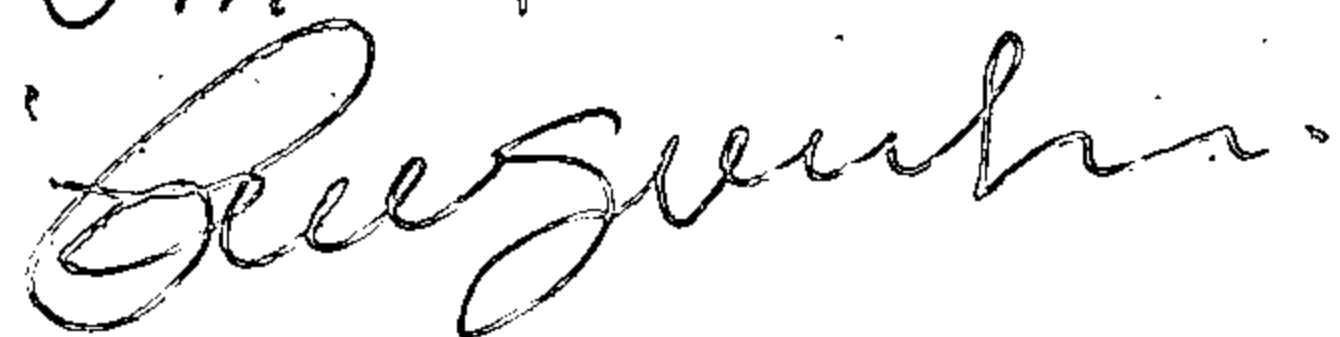
Envie-se cópia dos prontuários  
(fichas) dos mencionados, caso  
as anotações sejam anteriores  
à prisão efetuada por ocasião  
da realização do XXX Congresso da  
Ex-UNE, em Ibiúna.

Em 3-1-69

  
Comis. Polícia

Examinado cópias thero-  
fore das fichas que tinham  
anotações anteriores com  
of. nº 12/69.

Em 9-1-69.







Pasta XXX Congresso U.F.P.

RELACAO - Participantes

- 1- STENIO SALES JACOB
- 2- CARLOS EDUARDO LOURENÇO JORGE -
- 3- ANTONIO TRESID REIS DE OLIVEIRA -
- 4- CARLOS CRUZ → Farmácia e Bioquímica
- 5- ANTONIO JOAO MANFIO → Fafi - U.C.P.
- 6- ARLINDO DAGA FAVERO ⊗ Med. U.F.P.
- 7- PAULO SAKAI
- 8- LUCINIO LIMA -
- 9- RENATO GOOD CAMARGO ⊗
- 10- DIVONSTR LOPES BELOTO ⊗ Fafi - U.F.P.
- 11- ELIO ALFREDO PIETÁ → Fafi - U.F.P.
- 12- DESLANDI TORRES -
- 13- NELSON MOSACHI → Med. U.F.P.
- 14- ANTONIO RIBEIRO BONFIM ⊗
- 15- ARTUR LOURENÇO NOBRE MITELBACH → Esc. Florestal - U.F.P.
- 16- VITORIO SOROTIUK → Direito - U.F.P.
- 17- JURANDIR RIOS CARCONI
- 18- ROMEN BERTOL → Med. U.F.P.
- 19- ROBERTO NASCIMENTO -
- 20- BERTO LUIZ CUEVO → Direito - U.F.P.
- 21- MERICI COGO -
- 22- INACIO DA SILVA MAIRA ⊗
- 23- JOSE CASPAR DA CRUZ → Ci. Ex. U.C.P.
- 24- ANTONIO DE OLIVEIRA MUNHOZ ⊗
- 25- GILBERTO BUENO COELHO -
- 26- ALCIDES VITOR DE CARVALHO -
- 27- JOSE LOURIVAL DITZEL GOBBO → Ci. Ex. - U.F.P.
- 28- CELIO MARCI LANZA -
- 29- DACIO VILLAR → Filosofia - U.C.P.
- 30- HELIO URMAN → Serviço Social
- 31- ALVIN DE SOUZA MELO -
- 32- MARCO ORA -
- 33- LUIZ TOIA DELFINO -
- 34- HAMILTON CESAR VIKIRA DE CAMARGO -
- 35- JOAO BONIFACIO CABRAL JUNIOR → Direito - U.C.P.
- 36- [CHARLES CHAMPION JUNIOR] ←
- 37- NELSON PIETROBON DE SOUZA → Eng. Química
- 38- ALDO LOPAU ou LOPAN -
- 39- CARLOS ALBERTO COIMBRA ⊗
- 40- ORLANDI PILATI → Fafi - U.F.P.
- 41- ARIOVOSTO GUIMARRES → Eng. e Ci. Ec. -
- 42- LORY MEYER
- 43- PAULINA AMANCIO DA SILVA
- 44- ELIZABETH FRANCO FORTES ⊗
- 45- CECILIA SANCHES DE ORISTO - Fafi - U.F.P.
- 46- ANA MARIA DE COSTA → Odontologia - U.F.P.



O XXX CONGRESSO NACIONAL DOS ESTUDANTES

1. DIRETRIZES GERAIS.

No Conselho Nacional da UNE realizado em Salvador, em função de diversas autocríticas anteriores e mais particularmente a autocrítica do congresso Nacional de 1967, foram tiradas as linhas mestras para a execução de um congresso do novo tipo, que significasse um avanço no ME nacional, não cometendo os mesmos erros do passado.

Os Congressos anteriores nunca foram preparados nas escolas: os delegados levavam posições individuais e os estudantes em conjunto eram praticamente esquecidos nessas reuniões. Tiravam-se delas planos de luta que poucos delegados seriam capazes de sustentar em suas escolas pois não refletiam as experiências, as lutas desenvolvidas no dia a dia do ME, as condições específicas que os problemas universitários levantavam e que se constituiriam em instrumento de mobilização, organização e educação dos estudantes.

Face ao avanço organizatório e político que o ME tem demonstrado em suas últimas mobilizações, as novas formas de luta, etc., é mister que se faça um balanço crítico dessas lutas, que se faça com que a teoria do ME acompanhe a prática que ele vem desenvolvendo, para que alcance como um todo a eficácia e a consequência que lhe está destinada como força histórica que é.

Neste panorama, o XXX Congresso surge, antes de mais nada como um aprofundamento dos estudantes nos objetivos e formas de luta do movimento estudantil, procurando nacionalmente sua unificação.

Assim, o trabalho teórico que se fará no congresso não se confunde com as lutas que o movimento estudantil vem desenvolvendo, mas não se pode desligar esse trabalho dos problemas que são enfrentados em cada lugar. Os Grupos de Trabalho que vêm desenvolvendo as lutas específicas do ME são os que farão a preparação do Congresso, discutindo o seu temário, propondo teses e desenvolvendo os trabalhos de finanças e propaganda que o Congresso exige para a sua realização.

Embora seja uma necessidade interna do ME, é necessário - que o Congresso seja divulgado às outras camadas da população, como fato político importante que é, na medida em que significa um avanço na luta dos estudantes.

Não se deve esquecer que o Congresso é também um instrumento de organização dos estudantes e, da forma que se pretende, um primeiro passo para que a UNE tenha uma estrutura nacional que seja capaz de coordenar o ME como um todo.

Nesse sentido o Conselho de Salvador aprovou o temário que vem em seguida e a diretoria da UNE formalizou as linhas mestras estabelecidas, marcando o congresso em quatro fases.



PT 2313 250



No Conselho de Salvador foi derrotada uma proposta que pedia a substituição da Diretoria da UNT por um Conselho de UZEs que responderia pela UNE, na montagem do Congresso. A diretoria ficou então encarregada de montar e coordenar o congresso nacional, para tal, pediu que diversas UZEs e DCTs de várias regiões do Brasil indicassem alguns representantes para compor uma acessoria encarregada de auxiliar nacionalmente a Diretoria nos trabalhos de execução das quatro fases do Congresso.

2) - TEMÁRIO:

Dentro também desta concepção de Congresso se encaixa o seguinte temário em torno do qual deverá iniciar as discussões políticas. Tal temário é aberto e flexível e pode ser enriquecido por qualquer estudante no desenvolvimento das discussões; é um temário de orientação

- a) 1 - O que é a Universidade Brasileira ?
- 2 - Porque devemos lutar? Quais as lutas?
- 3 - O que quer o Govêrno? Como êle age?
- 4 - Porque negar a Reforma Universitária do Govêrno? Que propor?
- b) 1 - O que é a política estudantil do govêrno? Como negá-la?
- 2 - Porque o Govêrno reprime os estudantes? Que fazer?
- c)-1- Quais as formas de luta? Como usá-las? Quando usá-las?
- d) 1 - Quais as formas de organização do ME?
- 2 - Que são as entidades estudantis?
- 3 - Que são GTs e GEs?
- 4 - O que tem sido a UNE?
- 5 - Como deve ser a nova organização da UNE?



3)- ESTRUTURA E ENCAMINHAMENTO DO CONGRESSO NACIONAL.

1a. Fase - Preparação

É a fase mais importante pois dela depende o êxito das outras. Será desenvolvida em termos de aumentarmos o nível político e organizativo dos estudantes sendo um dos seus objetivos eleger os delegados da forma mais democrática e representativa possível. Conseqüentemente deve-se planejar o trabalho das discussões do temário nas salas de aula, nas turmas, nas Acs., nos GTs., procurando nesse processo promover a organização de novos GTs.

Esta fase terá a duração aproximada de um mês mas o trabalho de finanças, organização e propaganda continuará até a terceira fase.

2a. Fase - Encontros Regionais

Serão feitos encontros regionais onde se fará um balanço do ME na região e se traçará um programa de atuação regional, com a criação das "Regionais Permanentes da UNE". Nesta fase regional do Congresso devem ser apresentadas igualmente propostas concretas da carta política e programa para a UNT, através das discussões em torno do temário. Outro objetivo dos encontros regionais é chegarmos no encontro nacional com as posições amadurecidas e com problemas secundários resolvidos (no Congresso de 67 perdeu-se mais de um dia - dos três de duração - na discussão de credenciais dos delegados!).

Os regionais também garantirão a representatividade da terceira fase, em caso de repressão ou dificuldades materiais, se tivermos de reduzir o critério de representação proporcional.

Esses encontros regionais devem ser abertos, só se utilizando a forma fechada em último caso.

Terão a duração de aproximadamente três dias ( em torno de 30 de agosto).

### 3a. Fase - Encontro Nacional

Tentaremos fazer um encontro nacional aberto ( em lugar público e espaçoso), mas garantiremos a realização, em caso de repressão, do encontro fechado. Nesta fase será feito um trabalho nacional, serão aprofundadas as discussões em torno do temário baseadas nas propostas de cada Regional.

Nessa fase será aprovada uma carta política e um programa que serão a síntese das concepções majoritárias dentro do ME, quanto a seus objetivos, sua estratégia, suas táticas e suas formas de luta e organização.

Finalmente será eleita a nova diretoria de UNE. Terá a duração aproximada de três dias (até 15/9).

### 4a. Fase - Apresentação aos estudantes das decisões do Congresso e da Diretoria. Divulgação da Ata do Congresso com as Cartas - política e programática aprovadas. Apresentação dos Diretores em cada Região bem como da Carta Política e Programa aprovados para o ME brasileiro (duração aproximada de duas semanas).



PT 2313.260

RÉDE FERROVIÁRIA FEDERAL S.A.  
REDE DE VIAÇÃO PARANÁ - SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA  
SETOR SEGURANÇA

CONFIDENCIAL

CURITIBA, 9 / JUNHO / 1968

ASSUNTO: ATIVIDADES ESTUDANTIS - III CONGRESSO NACIONAL DOS ESTUDANTES TUBANTES.

ORIGEM: RST/1711.

AVALIAÇÃO:

DIFUSÃO: 22/5 - RST/1711 - DIF/DI/18 - RST/1711 - DIF - 5ª CIA. PR - 10.000/SID - PPS/EPFS.

DIF. DESDE A ORIGEM:

ANEXOS:

REFERÊNCIA:

564

INFORME No. 33/68 - I D R



Um membro diretor da UFR, <sup>JOSE</sup> SANTOS, partidário da ala TRAVANCO, trouxe aos estudantes reunidos em Assembleia Extraordinária na EPZ, no dia 6/6/68, instruções gerais sobre os preparativos para a realização do III CONGRESSO NACIONAL DOS ESTUDANTES TUBANTES, contidas no documento que transcrevemos a seguir:

O III CONGRESSO NACIONAL DOS ESTUDANTES

1. DIRETRIZES GERAIS

No Conselho Nacional da UFR realizado em Salvador, em função de diversas atas anteriores e mais particularmente a ata do Conselho Nacional de 1967, foram tiradas as linhas mestras para a criação de um congresso de novo tipo, que significasse um avanço no nível nacional, não como tanto os mesmos êxos do passado.

Os Congressos anteriores nunca foram preparados nos locais os delegados levaram posições individuais e os estudantes em conjunto eram praticamente esquecidos nas reuniões. Tiraram-se delas planos de luta que poucos delegados seguiram no campo de sustentação em suas escolas pois não refletiam as experiências, as lutas desenvolvidas no dia a dia do trabalho, as condições específicas que os problemas universitários levantavam e que se constituiriam em instrumentos de mobilização, organização e atuação dos estudantes.

Faz-se um avanço organizatório e político que se tem demonstrado em suas últimas mobilizações, as novas formas de luta, etc., é mister que se faça um balanço crítico dessas experiências, que se faça com que alcance-se em todo a eficiência e a consequência que lhe está destinada como força histórica que



PT 2313.200





RÉDE FERROVIÁRIA FEDERAL S.A.  
REDE DE VIAÇÃO PARANÁ - SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA  
SETOR SEGURANÇA

CONFIDENCIAL

30

COPIADA 9 / AGOSTO / 19 65

ASSUNTO: ATIVIDADES ESTUDANTIS - XII CONGRESSO NACIONAL DOS EST.  
ORIGEM: TUB/MT/B.  
DATA/MT/SC.  
AVALIAÇÃO:  
DIFUSÃO:  
DIF. DESDE REORG/MT/SC - PRYB/RFFSA.  
ANEXOS:  
REFERÊNCIA:



INFORME Nº. 31/65 - I B 3 Continuação fl. 3

região de Brasil indicassem alguns representantes para cumprir a  
na economia encarregada de auxiliar periodicamente a Diretoria nos  
trabalhos de execução das quatro fases do Congresso.

2) - TEMA:

Dentre também desta concepção de Congresso se  
encabeça a seguinte temática em torno de qual deverá iniciar as dis-  
cussões políticas. Tal temática é aberta e flexível e pode ser en-  
riquecida por qualquer estudante no desenvolvimento das discussões  
é um tema de orientação.

- a) 1 - O que é a Universidade Brasileira ?  
2 - Porque devemos lutar ? Quais as lutas ?  
3 - O que quer o Governo ? Como ele age ?  
4 - Porque negar a Reforma Universitária do Gover-  
no ? Que fazer ?
- b) 1 - O que é a política estudantil do governo ? Co-  
mo reagir ?  
2 - Porque o Governo reprime os estudantes ? Que  
fazer ?
- c) 1 - Quais as formas de luta ? Como usá-las ? Quando  
de usá-las ?
- d) 1 - Quais as formas de organização de UE ?  
2 - Que são as entidades estudantis ?  
3 - Que são UNE e UEB ?  
4 - O que tem sido a UNE ?  
5 - Como deve ser a nova organização do Une ?

3) - ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO CONGRESSO NACIONAL.



PT 2313-250

QUANTIDADE: 9 / 100 00 / 19 68

ASSUNTO: ATIVIDADES DEBANTIS - XIV CONGRESSO NACIONAL DO ESTU

ORIGEM: DEBTS/RVF.C.

AVALIAÇÃO:

DIFUSÃO: 2/3 DE - DEB/MT - DEB/RS - DEB/SC - DEB/PR - DEB/MS - DEB/GO - DEB/DF - DEB/ES - DEB/PA - DEB/AM - DEB/BA - DEB/PE - DEB/AL - DEB/CE - DEB/PI - DEB/MA - DEB/SE - DEB/TO - DEB/AC - DEB/RN - DEB/RR - DEB/RO - DEB/MT - DEB/MS - DEB/GO - DEB/DF - DEB/ES - DEB/PA - DEB/AM - DEB/BA - DEB/PE - DEB/AL - DEB/CE - DEB/PI - DEB/MA - DEB/SE - DEB/TO - DEB/AC - DEB/RN - DEB/RR - DEB/RO

DIF. DESDE A ORIGEM:

ANEXOS:

REFERÊNCIA:



INFORM. Nº. 31/68 - I B F

Continuação Fl. 4

1ª. Fase Preparatória

É a fase mais importante pois dela depende o êxito das outras. Será desenvolvida em termos de enquadramento e nível político e organizativo das entidades sendo um dos seus objetivos eleger os delegados de forma mais democrática e representativa possível. Conseqüentemente deve-se planejar o trabalho das discussões de trabalho nas salas de aula, nas turmas, nas Aps., nos Cfs., procurando nesse processo promover a organização de novos Cfs.

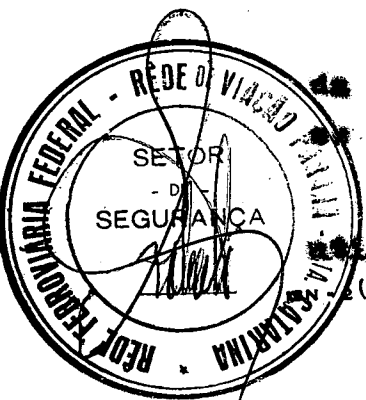
Esta fase terá a duração aproximada de um mês mas o trabalho de finanças, organização e propaganda continuará até a terceira fase.

2ª. Fase - Encontros Regionais

Serão feitos encontros regionais onde se fará um balanço de 68 nas regiões e se traçará um programa de atuação regional, com a criação dos "Regionais Permanentes da UR". Nesta fase regional de Congresso devem ser apresentadas igualmente propostas concretas da carta política e programa para a UR, através das discussões em termos de trabalho. Outro objetivo dos encontros regionais é eleger os delegados ao encontro nacional com as posições amadurecidas e com problemas secundários resolvidos no Congresso de 67 partem-se mais de uma dia - de três de duração - na discussão de credenciais dos delegados (1).

Os regionais também garantirão a representatividade da terceira fase, em caso de repressão ou dificuldades materiais se tivermos de reduzir o critério de representação proporcional.

Esses encontros regionais devem ser abertos, só se fechando a forma fechada em último caso.



RÉDE FERROVIÁRIA FEDERAL S.A  
REDE DE VIAÇÃO PARANÁ - SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA  
SETOR SEGURANÇA

CONFIDENCIAL

32

QUINTA / 9 / AGO 10 / 19 68

ASSUNTO: ATIVIDADES ESTADUAIS - XIX CONGRESSO NACIONAL DO UFRJ  
ORIGEM: UFRJ  
3178/AVP/C.  
AVALIAÇÃO:  
DIFUSÃO: 12/51 XM - ENI/ACT - UFF/DA/PA - DOP/PA - UFRJ - 90 CL.  
DIF. DESDE R-ORIGEM: UFF/DI/DI/ - UFFS/EF/PA.  
ANEXOS:  
REFERÊNCIA:



INFORM No. 31/68 - I D N Continuação fl. 3.-

Terão a duração de aproximadamente três dias (em torno de 30 de agosto).

3a. Fase - Encontro Nacional

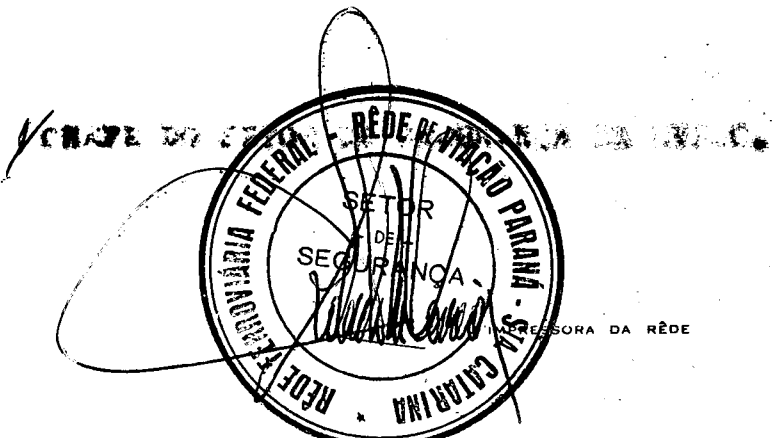
Entendemos fazer um encontro nacional aberto (em lugar público e espaçoso), mas garantirmos a realização, em caso de repressão do encontro fechado. Nesta fase será feito um trabalho nacional, serão aprofundadas as discussões em torno de tópicos baseadas nas propostas de cada Regional.

Nessa fase será aprovada uma carta política e um programa que serão a síntese das concepções majoritárias dentro do UFRJ quanto a seus objetivos, sua estratégia, suas táticas e suas formas de luta e organização.

Finalmente será eleita a nova diretoria da UFRJ. Terá a duração aproximada de três dias (até 15/9).

4a. Fase - Apresentação aos estudantes das decisões do Congresso e da Diretoria. Divulgação da Ata do Congresso e as Cartas política e programática aprovadas. Apresentação dos Di- retores em cada Região bem como da Carta Política e Programa aprovados para o UFR brasileiro (duração aproximada de dois dias).

- \* 0 \* -



"Verdade Nua e Crua Sobre o 30º Congresso" da Extinta UNE

712 estudantes subversivos infringindo a Lei de Segurança Nacional todos eles subintellectualizados ou semianalfabetos, foram surpreendidos num sítio ermo, em promiscuidade total. Rapazes e moças dormiam nas mesmas barracas, nas mesmas poeiras, nos mesmos currais. Tomavam banho juntos e defecavam no mato, em buracos escavados no chão ou no próprio riacho em que lavavam o rosto e as panelas.

Foram apreendidas armas, munições e equipamentos militares. Barracas com medicamentos e enorme quantidade de pílulas ANTECONCEPCIONAIS estão em poder das autoridades. Dentre as moças presas várias tinham fugido de INTERNATOS e COLÉGIO DE FREIRAS. Houve um SURUUM tremendo para ver quem dormiria na última noite com a MIS UNIVERSITARIA PARANAENSE.

O 30º Congresso da Extinta e Subversiva UNE custou a soma de R\$ 30.000,00 (Trinta mil cruzeiros novos) sarrupados de alunos ou de proprietários de carros parando trânsito nas cidades, ou de transeuntes durante as passeatas.

A alimentação era intragável até para os PORCOS que coabitavam com os estudantes. A cozinha funcionava num estábulo, perto de um chiqueiro de alvenaria. O plenário foi instalado num prédio de 8x10 m e dividido ao meio, com o chão inteiramente coberto de tatamis. Ao lado deste prédio uma tenda com uma cruz vermelha e a palavra hospital. Um pouco mais acima outra tenda cheia de buracos, com uma fila de pessoas enorme, era o WC. Através dos buracos, todas as vezes que entrava uma moça, corriam vários rapazes para olhar. Mais adiante a cascata que fornecia água, com um tanque escavado na terra que servia como banheiro.

Entre o alojamento e o plenário corria o riacho, atravessado por uma pequena ponte. A noite vários casais embriagavam-se no mato e só surgiam pela manhã carregando cobertores.

Colega estudante, esta é a verdade que eles não contam. Por isso surgia o MAU (movimento universitário autêntico) que doravante estará vigilante, denunciando o sevil de corrupção e o mar de lama em que estão sendo transformadas as nossas faculdades por estes imperiaístas paracommunistas e que contam com o benemerito de professores incompetentes e acomodados que aqui no Paraná atinge a elevada cifra de 80% no magistério superior.

O DCE e a casa da estudante são antros de perdição.

Evitemos novas PALMIRAS. Acabemos com o TROTTOIR nas Faculdades e na casa da estudante universitária. Lutemos por um BRASIL mais forte e melhor denunciando os impostores (professores e alunos) e os expurguemos das nossas comunidades.

O MAU, unido vencerá a baderna ;.

Manifesto aos AUTÊNTICOS UNIVERSITÁRIOS DO PARANÁ

Endossam: TFP  
CCC  
MAC  
FUR





sem alguns representantes para compor uma acessoria encarregada de auxiliar nacionalmente a Diretoria nos trabalhos de execução das quatro fases do Congresso.

## 2. Temário:

Dentro também desta concepção de Congresso se encaixa o seguinte temário em torno do qual deverá iniciar as discussões políticas. Tal temário é aberto e flexível e pode ser enriquecido por qualquer estudante no desenvolvimento das discussões; é um temário de orientação.

- a) - 1. O que é a Universidade Brasileira?  
2. Por que devemos lutar? Quais as lutas?  
3. O que quer o Governo? Como é ele age?  
4. Por que lutar a Reforma Universitária do Governo? Que propor?
- b) - 1. O que é a política estudantil do Governo? Como negá-la?  
2. Por que o Governo reprime os estudantes? Que fazer?
- c) - 1. Quais as formas de luta? Como usá-las? Quando usá-las?
- d) - 1. Quais as formas de organização do ME?  
2. Que são entidades estudantis?  
3. Que são GTs e GEs?  
4. O que tem sido a UNE?  
5. Como deve ser a nova organização da UNE?



## 3. Estrutura e encaminhamento do Congresso Nacional:

### 1a. fase - preparação:

É a fase mais importante pois dela depende o êxito das outras. Será desenvolvida em termos de aumentarmos o nível político e organizativo dos estudantes, sendo um dos seus objetivos eleger os delegados da forma mais democrática e representativa possível. Conseqüentemente deve-se planejar o trabalho das discussões do temário nas salas de aula, nas turmas, nas Assembléias Gerais, nos GTs, procurando nesse processo promover a organização de novos GTs.

Esta fase terá a duração aproximada de um mês, mas o trabalho de finanças, organização e propaganda continuará até a terceira fase.

### 2a. fase - encontros regionais:

Serão feitos encontros regionais onde se fará um balanço do ME na região e se traçará um programa de atuação regional, com a criação das "Regionais Permanentes da UNE". Nesta fase regional do Congresso devem ser apresentadas igualmente propostas concretas da carta política e programa para a UNE, através das discussões em

torno do temário. Outro objetivo dos encontros regionais é chegarmos ao encontro nacional com as posições amadurecidas e com problemas secundários resolvidos (no Congresso de 67, perdeu-se mais de um dia - dos três de duração - na discussão de credenciais dos delegados!)

Os regionais também garantirão a representatividade da terceira fase, em caso de repressão ou dificuldades materiais, se tivermos de reduzir o critério de representação proporcional.

Esses encontros regionais devem ser abertos, só se utilizando a forma fechada em último caso.

Terão a duração de aproximadamente três dias (em torno de 30 de agosto).

3a. fase - encontro nacional:

Tentaremos fazer um encontro nacional aberto (em lugar público e espaçoso), mas garantiremos a realização, em caso de repressão, do encontro fechado. Nesta fase, será feito um trabalho nacional, serão aprofundadas as discussões em torno do temário, baseadas nas propostas de cada Regional.

Nesta fase será aprovada uma carta política e um programa, que serão a síntese das concepções majoritárias dentro do ME, quanto a seus objetivos, sua estratégia, suas táticas e suas formas de luta e organização.

Finalmente, será eleita a nova diretoria de UNE. Terá a duração aproximada de três dias (até 15/9).

4a. fase:

Apresentação aos estudantes das decisões do Congresso e da Diretoria. Divulgação da Ata do Congresso, com as Cartas política e programática aprovadas. Apresentação dos Diretores em cada Região, bem como da Carta Política e Programa aprovados para o ME brasileiro (duração aproximada de duas semanas).



36

RELATÓRIO DA COMISSÃO I - A UNIVERSIDADE BRASILEIRA E A SOCIEDADE (AS DIVERSAS DITADURAS)

A comissão nº 1 - Universidade brasileira e a sociedade (as diversas ditaduras) realizou cinco reuniões, sendo que nas duas primeiras procurou, em caráter geral, abordar cada um dos seus três sub-ítem:

- 1 - A Universidade arcaica;
- 2 - A Universidade que o governo propõe;
- 3 - O que nós propomos.

Visando uma maior participação de todos nos trabalhos desenvolvidos, subdividiu-se, para a terceira reunião, em três subcomissões, cada uma discutindo especificamente um dos três sub-ítem, recomendando-se que as discussões fôssem = levadas tendo-se em conta os debates efetuados em torno de = duas propostas apresentadas pelos estudantes em contraposição à Universidade Arcaica e à Universidade Mec-USAID. Reservou-se a quarta reunião para leitura e discussão dos relatos das = duas primeiras subcomissões (a Universidade arcaica e a Universidade que o governo propõe) e a quinta reunião para a discussão e explícitação das divergências existentes entre as = duas proposições dos estudantes - a Universidade crítica (discutida principalmente em cima de dois documentos: a tese da = UEE-São Paulo para o 30º Congresso Nacional da UNE, e a proposição de um programa para a UNE, "Por uma Universidade Crítica") e a tese da Universidade Democrática. Decidiu-se também nesta última reunião que se votaria uma das propostas apresentadas e que a mais votada seria considerada como básica para o relatório da comissão I, e que a proposta derrotada = seria incluída no final, para o conhecimento e discussão do plenário. Efetuada a votação, entre 18 participantes (14 dos quais delegados credenciados), registrou-se um número de 11 = votos favoráveis à proposição "Por Uma Universidade Crítica", contra 7 votos favoráveis à tese da Universidade Democrática, sendo que as contagens parciais foram, respectivamente, iguais a 8x6 e 3x1.

1) A UNIVERSIDADE ARCAICA

O ensino superior brasileiro desenvolveu-se sob o sistema de escolas isoladas que no período monárquico e republicano, até a ditadura de Vargas, vinham atender às necessidades de uma oligarquia rural ou referendar o "status" de =



tal classe com o "doutorado", fruto de um ensino que se con- =  
vencionou denominar de "bacharelesco".

Depois, com a aceleração do processo de indus- =  
trialização, a velha Universidade ampliou-se pelo acréscimo =  
de novos cursos, ou a criação de mais escolas isoladas. Nor- =  
malmente, a Universidade constitui-se pela soma de escolas. =  
Cada Faculdade conservou a sua estrutura e, àinda hoje, desen- =  
volve seu esquema independentemente, sendo que, a própria Fa- =  
culdade é desintegrada, pois é um conjunto de programas de =  
cadeiras. Evidentemente, deve-se realçar o caráter elitizador  
permanente da Universidade, porque sempre funcionou para aten-  
der aos interesses imediatos das classes dominantes. Além dis-  
so, acentue-se que as Universidades e as Faculdades eram e =  
são controladas diretamente pelo Govêrno Central, isto é, des-  
tituídas de qualquer autonomia.

O desenvolvimento capitalista teve maior ênfase =  
após 64, sob influencia do capital monopolista internacional,  
o que acentuou os aspectos arcaicos da Universidade. As clas-  
ses dominantes, que estão a serviço do imperialismo, inicia- =  
ram a reformulação da Universidade mas, visando a formação de  
técnicos operacionais para o atendimento de suas necessidades  
para a obtenção de maiores taxas de lucro.

O estudante tem consciência do arcaísmo do em- =  
sino porque a Universidade não promove a interação dialética =  
da Universidade com a sociedade (impossibilidade de pesquisa =  
e criação científica voltada para a realidade social na qual =  
está inserida) e porque não é aberta para a maioria do povo.

2) A UNIVERSIDADE MEC-USAID

Diante da crise da Universidade, o govêrno pro- =  
põe uma reforma baseada nos moldes do capitalismo: a Universi-  
dade Mec-Usaid, que seria a expressão da dominação de classe,  
servindo somente uma minoria. A ideologia imperialista começa  
por atribuir os defeitos da Universidade atual ao fato de ela  
ser gratuita e ser financiada pelo Govêrno. Segundo seus teó-  
ricos, a Universidade deve funcionar nos moldes de uma emprê-  
sa privada, "dirigida por um bom gerente industrial, assisti-  
da e controlada por um Conselho composto por banqueiros, in- =  
dustriais e pessoas destacadas da sociedade", desvinculada do  
poder público e da realidade total do país. Esse regime de =  
fundação é um meio de atingir os objetivos da política educa-





cional do Governo e não um fim em si. Seria financiada por =  
firmas particulares em 70% dos seus gastos e pelos próprios =  
estudantes nos outros 30%.

O fundamento ideológico desta reforma baseia-se =  
numa concepção empresarial da sociedade, onde à Universidade =  
cabe a formação de elementos técnicos de que os grandes mono =  
pólios capitalista precisam para sua crescente expansão. Es =  
ses técnicos não serão formados para o desenvolvimento dos =  
setôres que têm contradição com a sua classe, mas para servir =  
aos grupos dirigentes. Busca-se a formação de quadros técni =  
cos não voltados para a pesquisa tecnológica, mas para uma =  
tecnologia operacional.

Além do aspecto tecnológico da reforma, a apli =  
cação do pensamento empresarial se manifesta na desvaloriza =  
ção das ciências humanas, tolhendo suas condições de funciona =  
mento e desenvolvimento, evitando assim uma opção ideológica.

A Universidade empresarial precisa moldar os cur =  
sos e currículos pelo princípio do pragmatismo: só interessa =  
estudar aquilo que é imediatamente utilizado.

Para a concretização dos interesses imperialis =  
tas na transformação universitária, algumas medidas concretas  
já foram tomadas:

- em 1967 - "o ano da educação" - cortes substanciais foram =  
feitos no setor da educação, enquanto que os orçamentos das =  
Fôrças Armadas sofreram aumento paralelo. A crise financeira =  
da Universidade daí decorrente, signifieda uma etapa do proces =  
so de concretização da reforma: a fundação aparece como solu =  
ção.

- o Governo quis extinguir o ensino gratuito e cobrar anuida =  
des, o que viria implicar em crescente elitização do ensino.-

A reforma implicará na conversão das Universidades em Funda =  
ções; os estabelecimentos de ensino superior serão assim adap =  
tados de maneira a servir exclusivamente aos interesses dos =  
monopólios.

Relatório Mcira-Mattos:

Propõe-se a descobrir o que impede o bom anda =  
mento do plano educacional do Governo.

Vê alguns impecilhos aos quais apresenta solu =  
ções aparentemente favoráveis aos estudantes. Como, por exem =



PT. 2313-260

plo: aumento de vagas, maior remuneração aos professôres. Resalta a inadequabilidade estrutural do MEC, sugere o reforço da autoridade no sistema educacional.

Destaca claramente a ausência de uma liderança = estudantil verdadeiramente democrática. Fingindo desconhecer os movimentos do gênero claramente existentes. Inclusive nesse sentido, sugere um absurdo plano de doutrinação de líderes para "esclarecer" a juventude. Mostra que o estudante está insatisfeito frente ao atual sistema de entidades gremiais.

O mal maior, porém, do relatório, é Meira Mattos dizer que todos êsses problemas devem ser resolvidos a fim de ser realizado "o grande plano estratégico educacional do governo".

Conclue-se daí que, o objetivo dêle não é favorecer os anseios dos estudantes, mas sim agradar um pouco para acalmar os ânimos e mais facilmente implantar o sistema educacional que é básicamente o MEC-USAID.

- - - - 0 - - - -



3) O QUE NÓS PROPOMOS

O estudante tem como perspectiva política criar condições para conduzir o ME do estágio de simples denúncia para o de ação. A tomada temporária do poder na Universidade é uma das formas de exercer esta política. Participar paritariamente nos órgãos de direção da Universidade significa quebrar os planos de implantação da Universidade empresarial. Esta tomada de poder só é possível quando o ME está em ascensão e, portanto, há uma grande participação dos estudantes na solução dos seus problemas. Por outro lado, estas condições, implicam num enfraquecimento momentâneo do Governo que se verá impossibilitado de aplicar, mesmo pela força, suas perspectivas. As comissões deliberativas paritárias, se em estreita ligação - e portanto portadoras do ponto de vista da maioria dos estudantes - poderão criar uma situação de fato que o Governo, para superar, terá que se valer da violência e não somente contra os órgãos de representação estudantil ou alguns professores, mas contra toda a escola: estudantes, professores e funcionários. Nestas condições, o Governo não estará sendo contra uma Universidade superada, mas estará cometendo uma violência injustificável contra as perspectivas da própria Faculdade, representada pela Comissão ou Departamento paritários. Neste nível, o estudante terá ultrapassado a denúncia e alcançado a ação transformadora: não se tratará de denunciar a política educacional do Governo, mas de aplicar uma política estudantil.

A partir disto, pode-se colocar que uma possível Universidade crítica, não é uma nova Universidade paralela ou fora do sistema de ensino do Governo, mas a Universidade Brasileira que existe - transformada no que for possível conseguir através de uma ação política correta - criticando-se a si mesma, enquanto instrumento de dominação supraestrutural. É a Universidade Brasileira formando não somente técnicos ou profissionais liberais de qualquer ordem, mas, e principalmente, profissionais capazes de compreender a sociedade brasileira. A Universidade, se participarmos eficientemente de sua reestruturação, será um instrumento de corrosão do Governo; a camada de técnicos ou dirigentes que dela saírem não será unilateral e domesticada pela perspectiva ideológica da burguesia. Será um foco permanente e ajuizador das contradições existentes entre o Governo e a população dominada, explorada,



reprimida. É importante insistir que a Universidade crítica = não é um fim a ser atingido, mas um meio, um instrumento para uma ação política.

O estudante brasileiro encontra dentro de sua = escola uma situação diante da qual ele precisa se definir: a o que ele pensa e aspira e aquilo que o Governo lhe impõe. É sobre e a partir dessas contradições que o ME se organiza e = atua. O estudante encontra o imperialismo e a ditadura dentro da escola, durante todo o tempo. No momento do vestibular, = antes mesmo de chegar a iniciar o curso, coloca-se o problema da falta de vagas, resultado da não aplicação de verbas ao en- sino. Durante o curso, existe o problema da falta de verbas = para laboratórios, bibliotecas, contratação de professores e currículos absolutamente inadequados para fornecer uma forma- ção satisfatória. Depois de concluído o curso universitário, = depara-se com o problema da falta de perspectivas profissio- nais e formação absolutamente deficiente.

A repressão às manifestações estudantis e o im- pedimento de uma livre organização são aspectos da política = educacional que visam esconder estas contradições existentes. A nova Universidade empresarial (padrão MEC-USAID) é a forma- encontrada pelo Governo para resolver, sob seu ponto de vis- ta, alguns desses problemas e a adequação do ensino ao estado de coisas existente na economia e na política nacional. O au- mento relativo de vagas, a criação de bolsas, dos novos cur- rículos, a repressão ao ME, são instrumentos do Governo para a criação de uma Universidade nova dentro dos princípios do relatório Meira Mattos.

Diante desta situação, o ME deve se manifestar: = dentro das escolas, forçando a formação das comissões e depar- tamentos paritários que visem impedir a aplicação da nova po- lítica educacional e, fora das escolas, nas ruas, em manifes- tações públicas que denunciem esta política às camadas que = têm contradições com o Governo. Evidentemente, os estudantes = não têm condições concretas de tomar o poder, nem sequer den- tro das Universidades. A burguesia não pode permitir uma dua- lidade de poder em nenhum nível e, para tanto, vale-se de seus instrumentos de repressão para garantir a sua hegemonia política e continuar a exploração da mais-valia do trabalho assalariado. Suas formas de repressão variam desde o jubila- mento e não concessão de bolsas até prisões ou assassinatos,





como tem acontecido ultimamente.

As formas do ME se manifestar devem ter uma flexibilidade tática que lhe garantã maior eficácia. O govêrno cria condições de crise que podem ter o caráter localizado nu ma faculdade ou nacional. Pode se tratar tanto de um afastamento de um professor como da elevação dos prêços de um restaurante universitário ou mesmo a repressão violenta de um movimento grevista operário. Em todos êsses momentos o ME deve estar pronto para atuar e deve saber usar a tática mais eficaz para o momento. O ME deve saber compensar a sua debilidade = material concreta no abalo das estruturas políticas e econômicas pela sua grande mobilização e rapidez de organização. Deve também compensar a sua pouca importância ao nível do poder pela sua grande capacidade de mobilização da opinião pública.

O ME não tem uma única forma de se manifestar como pretendem alguns poucos; a passeata não é a única ação política do estudante. A passeata, com lugar e hora marcados, para qual estão convocados todos os estudantes e tem a participação de camadas da população deve ser uma manifestação de envergadura, resultado da colocação de problemas comuns que atinjam não somente os estudantes. Ela deve existir somente quando houver condições concretas para tanto. Ao mesmo tempo que os estudantes estão nas comissões paritárias, resolvendo ao nível da Burocracia da Universidade, problemas técnicos, êles estão nas ruas em comícios-propaganda, denunciando à população a política educacional do govêrno e a repressão. O comício-propaganda é uma manifestação nitidamente estudantil neste momento e que busca colocar posições políticas do ME. Não pretende levar à população às ruas para se manifestar, mas levar a posição dos estudantes à população. Uma manifestação que leve populares às ruas para se pronunciarem politicamente deve levantar problemas que atinjam as camadas que se manifestam. Não será em tórno de programas específicos estudantis ou de uma luta vaga contra a ditadura que levaremos camadas da população a se manifestarem politicamente.

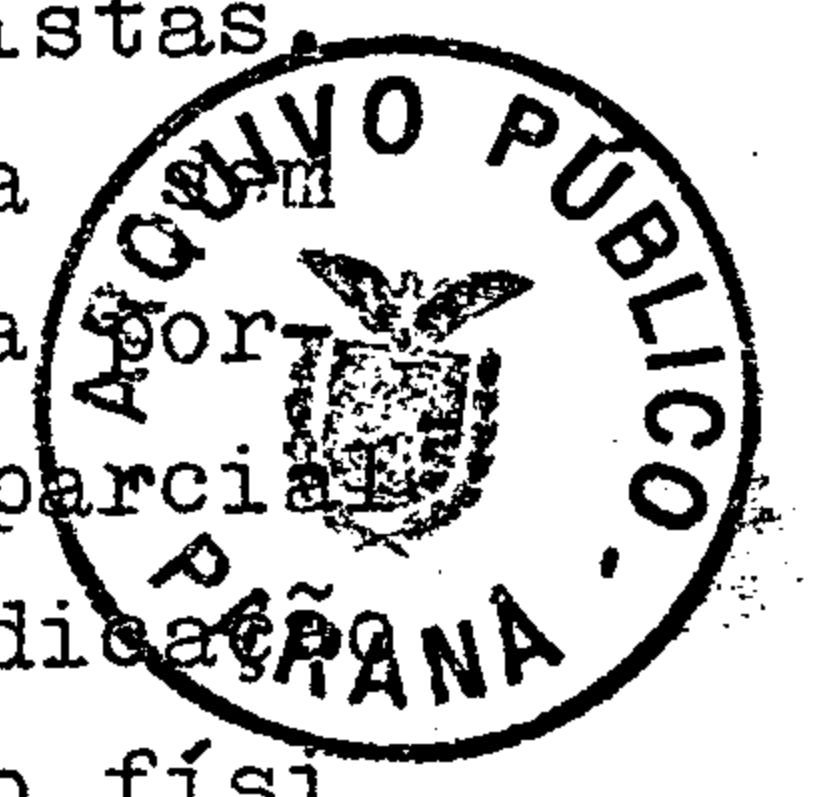


Por outro lado, é necessário compreender que o ME em 68 se transformou qualitativamente em dois aspectos, no político e no organizatório. Exatamente a política de conduzir as lutas reivindicatórias pelas bases, o estudante abandonou, com relação às manifestações, "o protesto", "o contra" a "solidariedade". Hoje de protesto passamos à propaganda. E

PT 2313. 260

o estudante, não mais como massa, mas transformando-se em sujeito ativo, daí a consequência de uma organização em grupos de trabalho, em organizações para discutir e determinar o porque, como quando ir às ruas, organização para cumprir nossos objetivos: fazer propaganda política e com relação à repressão nos defendermos. Portanto é necessário mobilidade, para nos = deslocarmos sempre que necessário, para realização de comícios, e não apenas aceitar o confronto com a repressão, quando taticamente estivermos em superioridade. Os estudantes até aqui ( 65, 66, 67 ), saíram às ruas apenas em decorrência de fatos e apenas poucas vezes; 68 em S.Paulo, a UEE e os estudantes, durante junho e julho foram às ruas deliberadamente a = partir das condições políticas das lutas reivindicatórias e da organização dos estudantes em GTs, quando determinaram que era necessário e tínhamos condições através de um acúmulo de forças. Dois vícios que estão sendo conduzidos: 1) a saídas às = ruas apenas da vanguarda (desorganizada) possibilitando a não realização de manifestações (MG), a repressão e prisão (SP, = UBS, UPES) e o desligamento dessa vanguarda das faculdades; 2) e a compreensão de que o normal é a saída às ruas e o excepcional é "a volta às faculdades" quando a verdade é inversa: o normal é o trabalho nas faculdades e o excepcional é a saída às ruas e ela deve e tem de ser, para sua continuidade, de = corrência do trabalho nas faculdades.

Sõmente o esquerdismo infantil é que pode ver reformismo no fato de o estudante se manifestar a partir de reivindicações. Além disso quando corretamente dimensionadas não existe a diferenciação entre a reivindicação específica e a = luta política. Reivindicação específica pode ser uma luta política. Portanto é necessário dimensioná-la e conduzi-la corretamente. Uma condução política correta significa em primeiro lugar fazer com que a luta seja levada pelos estudantes e não pelas lideranças apenas, através de conchavos cupulistas. Significa que não se considere uma vitória aquela obtida a mobilização física e política dos estudantes. Política porque, se os estudantes não entendem como aquela vitória parcial se insere numa luta política mais ampla, luta-se reivindicação apenas e a luta se esgota na conquista dela. Mobilização física porque não basta entender politicamente, é necessário em = prendê-la politicamente. A consequência de um movimento reivindicatório do qual os estudantes não participaram ativamente é o esvaziamento, não tendo sido sujeito ativo do movimento os estudantes não se sentem responsáveis pela continuidade



dêle em outro plano. Cada luta reivindicatória deve ser conduzida de modo que os estudantes compreendam como ela se insere na luta política geral, dentro da Universidade. Essa inserção não é feita por nós: ela é simplesmente demonstrada por nós. = Reformismo é parar a reivindicação pura e simples, sem tentar inserí-la num contexto político mais amplo e se satisfazendo com a vitória parcial possível. Reformismo é considerar uma = vitória algo que bem ou mal o govêrno concede e parar o ME = nesse ponto. Reformismo é pensar que a Universidade que satisfaça a perspectiva dos estudantes será possível no atual contexto político e econômico, bem com esquerdismo é considerar que a luta pela reestruturação da Universidade é inócua, somente no outro estado é que ela seria possível. Ela não é inócua porque representa em primeiro plano a continuidade política de lutas reivindicatórias isoladas ( mais verbas, contra o currículo inadequado, etc.) e de denúncias. Significa = que representa . ainda as necessidades do ME passar à ação. = Num segundo plano, a agudização das contradições universitárias com o sistema , a Ditadura não precisará apenas aplicar a sua política educacional. As faculdades onde conseguimos reestruturar, ela terá que primeiro destruir para depois aplicar a sua Política Educacional.



A posição correta é lutar dentro e fora da faculdade pela reestruturação e através das conquistas feitas agudizar ainda mais e tornar evidentes as contradições da Ditadura, da classe burguesa exercida através do exército. Tanto as paritárias como as manifestações são somente meios de combater esta Ditadura. Mais o ME não fica somente no nível dos problemas estudantis. Ele vai fora para apoiar materialmente uma greve operária ou então organizar alguns setores da pequena burguesia em tórno de problemas mais gerais. O ME pode ser extremamente eficiente na propaganda de uma greve operária ou na ocupação de fábricas ou terras, que a imprensa burguesa escamoteia e distorce totalmente. Esta atividade possível do ME não é algo que de fora dêle ou estranho a êle ou mesmo outra tarefa. Mas é um prolongamento natural e de outro aspecto da participação do estudante na vida política nacional. O político para o ME não tem dentro nem fora, mas tem êste ou aquêle aspecto. A luta política contra o MEC-USAID -é uma luta política por questões inclusive técnicas específicas: contra um critério de seleção, contra a universidade de Empresa. A tentativa de imposição de determinados aspectos técnicos por parte do govêrno é feita através de instrumentos e atitudes =

políticas. Querer separa radicalmente os dois, o técnico e o político é ser mecanicista e burocrata. A única distinção que deve ser feita é quando às formas de atuação e o momento de aplicá-las: é preciso ser suficientemente tático para saber quando avançar e quando recuar. É preciso ver quando o ME está em ascensão e refluxo. Não é eficiente ser-se sempre quixotesco ou pessimista.

A Universidade Crítica deve ser ao mesmo tempo a nossa bandeira de luta, e, a possibilidade efetiva de uma resposta concreta ao governo, isto é, onde não é possível a Universidade Crítica ser posta em prática, onde os estudantes não acumularam forças suficiente para empreender uma ação, ela deve ser a base de nossa propaganda política. Onde é possível partir para a ação, seja porque os estudantes estão fortes, seja porque o inimigo vacila, devemos transformar a Universidade Crítica numa resposta concreta.

Essas duas possibilidades - a Universidade Crítica como bandeira de luta e como resposta concreta - ligam-se entre si, na medida em que uma é a base para a concretização da outra. Como bandeira de luta, devemos fazer com que todos os projetos de reestruturação do ensino se oriente pelos princípios de nossa Universidade Crítica. Tendo claro os objetivos políticos de cada pequena reestruturação - aproximar-se o mais possível dos princípios da Universidade Crítica - não corremos o risco de perdermo-nos em polêmicas intermináveis e improdutivas sobre problemas técnicos e burocráticos.

Por isso ela deve empreender a crítica à sociedade tanto no nível do conteúdo de ensino, como no nível da organização da instituição. No nível do conteúdo, ela deve organizar os currículos e as pesquisas, tendo em vista a necessidade de: desenvolvimento da ciência, divulgação da cultura e formação de profissionais e função dos interesses da maioria dos trabalhadores, e não da minoria que atualmente detém o poder. Por isso, no campo da pesquisa não se coloca a falsa oposição entre concentrar os recursos materiais e humanos nas ciências aplicadas, ou concentrá-los nas ciências puras. Isto seria encampar as alternativas que o governo nos propõe: ou MEC-USAID para o qual os países subdesenvolvidos recebem do exterior a tecnologia avançada, devem apenas formar técnicos médios capazes de aplicar esta tecnologia, ou academicismo de uma Universidade arcaica, de formar bachareis. As pesquisas devem ser desenvolvidas tanto no campo das ciências puras como no das ciências aplicadas, tanto em ciências humanas como em ciências exatas, e o único critério que as determina são os interesses gerais da sociedade, tanto os imediatos como a médio e a longo prazo. Por outro lado a Universidade Crítica deve se bater para que cada estudante tenha uma formação completa, que lhe faça saber uma profissão, mas que o faça compreender a sociedade como um todo, e, o que é principal, permita-lhe conhecer um método científico que o capacite de acompanhar os progressos da ciência e da tecnologia.

No nível da organização da instituição, a Universidade crítica deve ser orientada pelos princípios de: 1) autonomia universitária, compreendida como: a) gestão paritária, em todos os níveis, de alunos e professores, sem distinção de grau, assegurando a participação de funcionários e formada mediante eleição; b) subvenção estatal para





a Universidade compreendida como a destinação de um porcentual fixo no orçamento do órgão que mantém o ensino (a subvenção estatal liga-se ao princípio de que, sendo a Universidade uma instituição destinada a formar quadros = para a sociedade, cabe ao estado que dirige esta sociedade arcar com o ônus desta educação).

2) democratização do ensino, significando isto que as formas de acesso à Universidade devem ser aquelas que propiciem a entrada de maior número de pessoas e a possibilidade efetiva dos elementos das classes mais pobres entrarem e ter condições de concluir o curso universitário. Por isso, defendemos: a) gratuidade do ensino em todos os níveis; b) vestibulares de habilitação e não de seleção; c) expansão dos cursos noturnos; d) dotar a Universidade de condições de manter a vida do estudante também fora do curso regular: restaurantes, alojamentos, condução, etc.

A Universidade Crítica se opõe à Universidade atual não só no nível da organização da instituição - forma de acesso a ela - como também no nível do conteúdo do ensino, que se desenvolve em condições de por em cheque as atuais estruturas sociais. A Universidade crítica sabe que uma Universidade verdadeiramente popular só será conseguida quando as estruturas sociais forem modificadas. Ela propugna por critérios de acesso que tendem a fazer mais fácil a entrada, mas sabe que o acesso à Universidade só será verdadeiramente modificado quando a sociedade for transformada. A repressão poderá vir, porém devemos exatamente avançar o máximo possível quando as condições nos forem favoráveis, criando assim "fatos consumados" que dificultem a volta à Universidade anterior.



PT 2313.260

P R O G R A M A

PARA A UNIAO NACIONAL DOS ESTUDANTES

Este trabalho representa a Colaboração da UEE/SP para o Congresso Nacional dos Estudantes, que, a provada ou não neste congresso Regional, deverá ser discutido nas Faculdades pelos Grupos de Trabalho, criticado e acrescentado de novos dados como Tese da UEE/SP para o XXX Congresso de UNE.

- I - Introdução
- II - O Governo
- III - A Universidade e o Estudante
- IV - O que Fazer
- V - Programa para a UNE
- VI - A UNE e a UIE
- VII - Uma Nova Estrutura da UNE





I - INTRODUÇÃO

É de fundamental importância, no atual momento, a análise mais detalhada do último Congresso da Une (1967), a prática da diretoria, duas deficiências, procurando estabelecer o paralelo entre o programa aprovado, sua validade e aplicação. Não podemos, entretanto, esquecer que a Une, passou, a partir de 64, a ter uma política independente e estrutura própria, pois até então, aceitava a perspectiva do Governo e mantinha-se com verbas por ele destinadas.

É mais precisamente em 65, o início da organização independente dos estudantes e a definir-se através da prática política. É a tentativa da Une estruturar-se a partir de: 1º) independente da organização administrativa do Estado, buscando sua força no próprio M.E. ; 2º) em função de um programa político, a partir das lutas, da prática política dos estudantes ; 3º) da organização dos estudantes, a partir de Faculdade, ou seja, a efetivar a chamada política de base.

Dos Congressos anteriores (65, 66, 67), realizados de certo modo, por fatores antagônicos, tais como: 1º) ilegalidade da Une, a repressão a qualquer manifestação e prisões de lideranças; 2º) a incorreção nas entidades, como CAS, DCEs, UEEs e a própria Une, confundindo-as com partido político, definindo-se programas de ação ou princípios políticos que deveriam ser de um partido e não de entidade de representação estudantil.

O erro em se definir o papel do estudante "contra a Ditadura", de subestimar a luta reivindicatória, como sendo reacionária do desligamento, enfim, da liderança com as bases. Assim, a Une não traçou seu programa a partir dos problemas, das lutas, da prática política dos estudantes. Ela não pode organizar os estudantes e ser entidade nacional.

Hoje em 1968, a Une prepara seu 30º Congresso Nacional. A Une estabeleceu um programa em 1967? Que diretoria, durante a gestão, levou seu programa à prática? O programa era possível ou real de ser levado à prática e por isso correspondia as necessidades da luta em cada Faculdade, dizia respeito a Universidade? Poucos são os que conheceram o programa do 29º CNE. Os próprios delegados que o aprovaram não tinham condições de levá-lo em suas Faculdades, tal a sua irreabilidade. A perspectiva para a luta dentro das Faculdades, com relação a PEG, e MEC-USAID, às reivindicações dos Estudantes, foram deixadas de lado.

Está ausente as formas de luta, a organização, o princípio destas necessidades. Apenas, frases vagas, como "necessidade de ir às bases", "conduzir a luta reivindicatória", etc. A posição do estudante, apenas na "necessidade de integrar-se como força auxiliar nas lutas dos trabalhadores".

A diretoria foi composta, sem critério político, sem um programa de ação e refletir de imediato a falta dessa unidade. Entre os que apresentaram uma "visão" da "integração", da "aliança operária-estudantil-camponesa", surge o divisionismo entre o Presidente Travassos e mais 3 diretores e o resto da Diretoria. Até fevereiro desse ano, sete meses portanto de atuação, não houve planejamento de ação. Somente o Conselho de Presidentes é que se



definição pela centralização das lutas estudantis contra a PEG, através das reivindicações estudantis. A minoria da UNE fracionou a entidade, porém a maioria da Diretoria conseguiu encaminhar em cada Faculdade, em cada Estado. Este Conselho de fevereiro valeu pelo que não foi o 29º Congresso, de 67, para os estudantes. É necessário deixar claro que o Congresso de 67 passa a encarar cientificamente o estudante, sua classe de origem, a posição na sociedade de classes brasileira e deduzir seu papel na transformação desta sociedade. Marca o início da tomada de consciência pelo M.U., que não poderia continuar sendo um movimento de vanguarda, desligado dos estudantes (de 64 a 67), mesmo negando seu "populismo", em que estudantes eram "massa de manobra" para o MEC, dependente dos interesses de uma pretensa "burguesia nacional progressista" (antes de 64). É o início de um ME organizado pelas bases, conscientes do porquê de suas lutas, como sujeito ativo de sua história.

## 2 - O GOVERNO

A ditadura do marechal Costa e Silva corresponde às necessidades que o sistema capitalista tem de um Estado: não organização política da classe operária e assalariado rural. Não permite a livre organização e manifestação de outros sistemas, como os ligados ao ensino (estudantes, professores, funcionários), aos meios artísticos e intelectuais e outros setores assalariados (bancários, funcionários, etc) para tanto instituiu-se, a partir de 64, um novo quadro Institucional no país. Surge a nova constituição, Lei de Segurança Nacional, de Imprensa, Anti-greve, Lei Suplicy, Decreto Aragão, Censura Federal, Estatutos dos Partidos, Lei Eleitoral, Lei da Inelegibilidade.

É a mudança qualitativa do caráter do Estado: de uma Democracia Parlamentar, o Brasil transforme-se numa Ditadura Constitucional. É a legalização da ditadura, que teve suas principais leis nos atos institucionais e leis complementares. É preciso salientar que estas modificações correspondem à necessidade econômica e política. Para tanto convém mostrar que a liberdade sindical e a greve operária são protestadas pelos operários, quando lutam contra a Lei do Arrôcho, o FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço), INPS, ou seja, não aceitar a exploração dos grandes monopólios internacionais e seus congêneros nacionais, ou seja, a exploração pela minoria que se apropria dos lucros da maioria trabalhadora.

Assim o MEC-USAID, a reforma do GT do Governo, ou seja, a "Modernização" da Universidade, aplicadas a Lei Suplicy ou o Decreto Aragão, seriam aceites pelos estudantes. Num plano mais amplo, a liberdade de criação de partidos políticos, eleições diretas, levariam setores da classe média ou mesmo os operários a se organizarem politicamente, elegerem os seus candidatos, disputar com a classe dominante o que pode significar a educação política e organização de operários e outros setores. O risco não pode existir. A Reformulação da Política Econômica do Governo e quem determinou a reformulação institucional pelo desenvolvimento do capitalismo no Brasil. As grandes empresas americanas - o imperialismo - suas congêneras .....



nacionais planejaram através do Ministro do Planejamento e da Fazenda o PAEG e o Trienal que agudizou as contradições entre os operários e a ditadura que mantém "a ordem" na sociedade em que estas empresas se desenvolvem.

A ditadura retirou os instrumentos que os trabalhadores tinham para defender seus interesses. O sindicato, a greve, a estabilidade, a Previdência Social, Os estudantes, os CAs, DCEs, UEGs, UNE, a liberdade de organização e manifestação (A ditadura ainda não conseguiu retirar dos estudantes seus instrumentos, apesar da repressão e das prisões). E aos intelectuais, a liberdade de expressão e do povo em geral, o voto direto e a liberdade partidária. Entretanto, para defender seus interesses ela estabeleceu a Lei do Arrôcho, o Dissídio Coletivo, o Sindicato Oficial, Lei anti-greve, o FGTS, o INPS, MEC - USAID, Lei Suplicy e Decreto Aragão. O teatro Oficial, com verbas oficiais, a Lei de Censura, o MDB e ARENA (situações e oposições concedidas). O poder Legislativo pela nova Constituição não tem mais poderes, somente formalização.

Então vemos sua tática - desarmar o inimigo e se armar - ao mesmo tempo que retira instrumentos que tinham setores da classe média e operários para se organizarem, defender seus interesses. Podemos ver claro a aplicação de uma política seja Econômica, Educacional Social - que defende interesses antagônicos - aí está a questão.

A burguesia, no atual estágio, não pode permitir a existência de uma democracia parlamentar burguesa onde, num processo de participação política e constituição de partidos, o operariado possa chegar a ter uma formação e uma organização política que, um novo golpe de 64 possa ser respondido de armas na mão pelo operariado, camponeses e camadas da população que teriam contradições com o governo. A fraqueza do próprio sistema, a crise do capitalismo brasileiro, traz como consequência a negação de uma saída democrático-burguesa ao impasse que estas contradições atingem.

A ditadura do marechal Costa e Silva, tem, até agora, oscilado entre uma linha paternalista e uma militar. A variação destas duas linhas só está na dependência da agudização da luta de classes, das contradições entre o regime capitalista que o marechal defende com seu Exército e a classe trabalhadora, e outros setores.

Mas, bem ou mal, a ditadura Costa e Silva tem tentado disfarçar o seu regime com atitudes paternalistas que, geralmente são seqüências de uma atitude militarista. Assim, quando os operários fazem uma greve ilegal, como na Belgo-Mineira, o marechal manda imediatamente o seu ministro-pelêgo do Trabalho, Jarbas Passarinho, para fazer discursos, gritar por Deus e prometer um abono qualquer. Quando estes operários partem para uma ação mais violenta, como no caso de Osasco, a ditadura não pensa duas vezes para acionar o seu esquema de repressão. Mas o populismo está sempre presente nas promessas do ministro. Na época dos Arrôchos salariais, a mesma coisa acontece. O que os operários pedem nunca é dado mas surgem promessas de participação no lucro das empresas e outros contos de fada.

Com o estudante o governo atua da mesma forma: é populista, e militarista. O diálogo proposto pelo governo e patrocinado pela igreja com os estudantes não passou de uma jogada populista.



Outro tipo de populismo; as promessas governamentais na época dos excedentes. Assim, com declarações, promessas e mesmo atitudes mais concretas como o "diálogo", a ditadura Costa e Silva procura desgastar e tirar a validade das verdadeiras lutas estudantis. Por causa da própria resposta política do movimento estudantil, a ditadura tem fracassado na maioria das suas jogadas populistas. E quando o Governo percebe que elas não funcionam, não hesita em acionar o esquema militar para reprimir os estudantes. No entanto, a ditadura não pretende reprimir todos os estudantes. Ela tem planos para eles. Precisa deles como técnicos para suas indústrias e mesmo como elite dirigente para a ditadura de classe. Por isso propõe reformas para a Universidade e está decidida a aplicá-las de qualquer maneira. E vai usar do seu populismo e do seu militarismo para aplicar estas reformas. O primeiro tipo de atitude o Governo já colocou em prática, ao chamar o estudante "em minoria" para participar da elaboração da reforma universitária no GT. E os homens do poder já anunciam atitudes militaristas, perseguindo lideranças universitárias e fortalecendo entidades fascistas tipo 'decisão' (Rel. Meira Mattos).

Este mesmo tipo de política, esta mesma oscilação entre o populismo e o militarismo está presente nas atitudes do governo dentro e fora da Universidade. Dentro, propondo falsas soluções e reprimindo de várias formas. Fora, dissolvendo manifestações ou deixando de reprimi-las (no caso do Interventor Sodré, em Junho). Quando populista, a ditadura pretende disfarçar o seu caráter de classe dominante; quando militarista, ela se desmascara.

Portanto, o Movimento Estudantil precisa estar sempre preparado para desmascarar as atitudes populistas e saber responder à sua maneira às atitudes militaristas.

Assim, um exemplo de atitude correta do Movimento Estudantil foi a aceitação do diálogo proposto pelo Governo. Indo fazer o diálogo à sua maneira, com a massa estudantil e não com conchavos de liderança, mostrou-se que o Governo não queria dialogar com ninguém, mas sim impor as suas soluções à força. E a ditadura foi obrigada na época a se desmascarar, colocando seus policiais para reprimir estudantes e populares na Guanabara. Foi um fracasso de uma atitude populista do Governo, conseguido através de uma resposta política dos estudantes. Um outro exemplo de atitude correta do movimento estudantil; a passeata ofensiva dos estudantes em São Paulo, no fim de junho. O Governo de Sodré vinha fazendo uma política de tipo populista, dizendo que eram justas as passeatas estudantis. Com a acumulação necessária de forças, conseguida através de uma prática correta de mobilização dentro das faculdades e com a atitude do próprio governo, os estudantes puderam, a partir disso, sair para uma ação ofensiva. Apedrejaram a Secretaria de Educação, um banco americano, uma propriedade do exército e um jornal reacionário. Com isso fizeram propaganda da violência organizada e depois tomaram várias faculdades, para nas férias encaminharem na prática a reestruturação dos seus cursos.

Estes dois exemplos dão bem uma idéia de como o movimento estudantil pode dar uma resposta política às atitudes populistas do Governo e de como também ele pode passar da denúncia para a ação. Mas antes é necessário preparar a luta dentro da Universidade, mobilizando a massa estudantil para que as suas ações ofensivas não caíam no erro do vanguardismo, desligando-se da maioria dos estudantes.

A mesma análise, a mesma conduta, devem existir quando o movimento estudantil sai às ruas em manifestações. Nesta hora, é quando sua atitude política fica mais caracterizada. A manifestação em si já é uma atitude política.





Isto em vez de diminuir a responsabilidade do Movimento Estudantil. Ele precisa se caracterizar os objetivos da manifestação, discuti-los politicamente, saber qual é a melhor forma de aplicar esses objetivos, É preciso definir para o que se está saindo às ruas (-propaganda, denúncia, ação, ofensiva, etc), quais são as condições de mobilização e a partir dar definir qual a melhor forma de manifesta-ção. Se esta pratica for levada corretamente pelas lideranças, o Movimento Estudantil pode também dar a sua resposta política às atitudes militaristas do governo. A sua maneira (não enfrentando um Exército, porque não tem outro para combatê-lo) e estudante poderá responder a repressão desmoralizando-a. Poderá também desviá-la de uma luta operária. Enfim, estará sempre na ofensiva, passando de denúncia à propaganda, da inércia à ação. Com o seu avanço político o estudante hoje não precisa mais apanhar da Polícia para levar a sua mensagem política à população. Ele deixou de ser um "saco de pancadas" para ser um elemento atuante dentro do processo da transformação radical da sociedade brasileira.

### 3- O ESTUDANTE E A UNIVERSIDADE

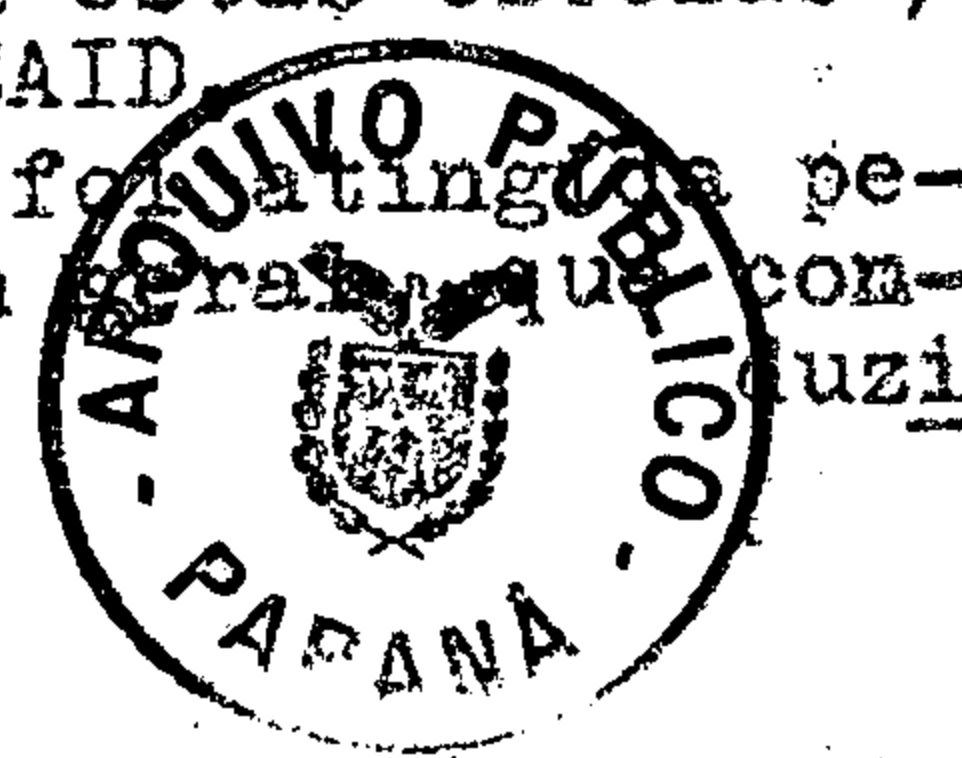
Para situar a ação do estudante no contexto geral é necessário ver o papel que ele ocupa na atual sociedade de classes e o papel da Universidade na estrutura capitalista. Na fase em que nos encontramos trata-se de analisar a passagem da Universidade Arcaica para a Universidade Empresarial, que o governo quer nos impor, e todas as crises que acompanham esta passagem.

A Universidade Arcaica corresponde a um estágio capitalista no qual o ensino superior servia tão somente para formar as elites dirigentes do país. Nela, o ensino estava voltado às ciências e às humanidades. No Brasil, a Universidade Arcaica se caracterizou como bacharelesca: são as nossas velhas faculdades de Direito, Medicina, Engenharia, exclusivamente voltadas para a formação de profissionais liberais (os doutores). Estes exerciam não somente as profissões para as quais haviam sido preparados, mas todas as outras funções de uma certa importância dentro da organização social. A partir da década de 30 surge um novo tipo de ensino superior: as faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Enquanto antes o advogado era advogado, político, filósofo, escritor e artista. E os médicos e os engenheiros eram os únicos cientistas, com as faculdades de Filosofia o "intelectual", era o homem exclusivamente dedicado ao estudo das ciências e das humanidades, tendo por profissão a pesquisa e o ensino. A introdução deste tipo de escola se faz numa época em que o centro de gravidade econômica deixa de ser o latifúndio, deslocando-se para a cidade tanto para as atividades do comércio exportador (ainda ligado ao café), como para uma incipiente indústria. A população urbana cresce e com ela cresce a classe média.

O estilo de ensino das primeiras faculdades de Filosofia quer copiar o ensino acadêmico das universidades européias (contra as quais lutam agora os estudantes lá), voltada para uma pesquisa séria porém perfeitamente enquadrada dentro da ideologia burguesa. Entretanto, um dos ideais da revolução democrático-burguesa, a liberdade de pesquisa e de opinião, posto em prática faz com o estudo científico adquira uma dinâmica própria. Assim no campo das ciências humanas podem surgir abordagens marxistas e cientistas marxistas. E no campo das ciências exatas, desenvolvimento da ciência pura; sem subordinação aos interesses mais imediatos da classe dominante. Cria também uma ruptura com a ideologia burguesa.

Por volta de 1950, começa a surgir um outro tipo de escola superior, agora por influência direta do ensino americano. São as escolas de engenharia industrial, o ITA, e outras de tipo técnico, embora numa variedade bastante grande. A introdução destas escolas por iniciativa isoladas corresponde a uma modernização atomizada do ensino superior brasileiro. Não havia um plano geral para estas escolas de tipo empresarial como há agora com o acordo MEC-USAID.

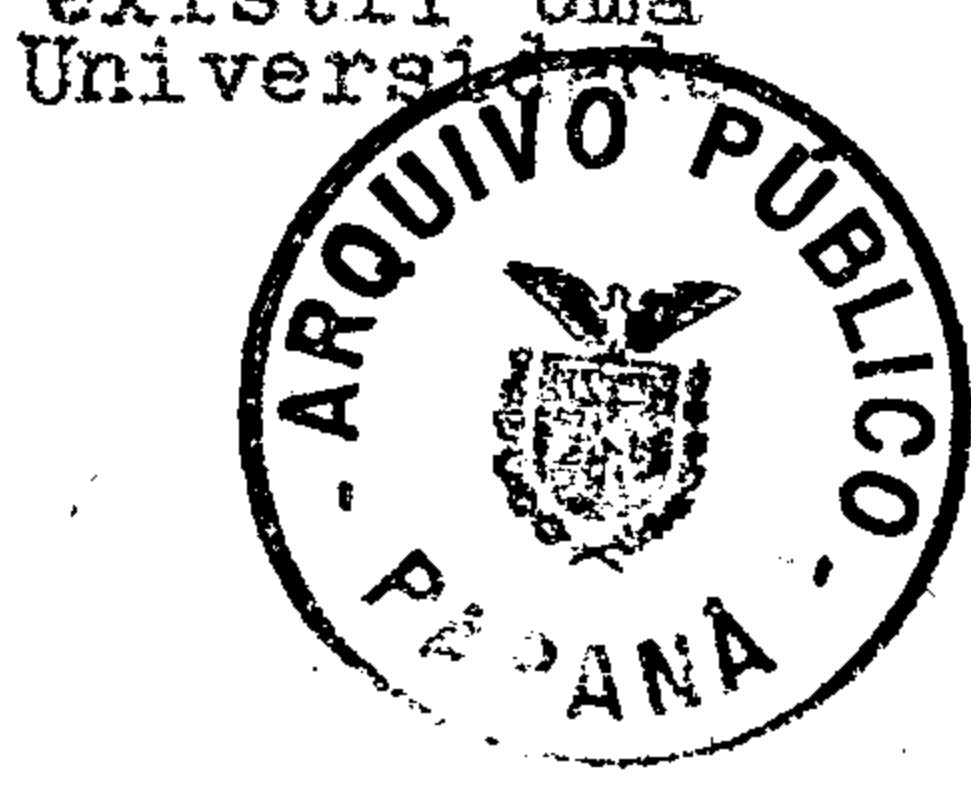
De 1960 a 1964 a Universidade brasileira foi atingida pelo clima "democratizante" pelo movimento de massas em geral, que com-



do por lideranças ligadas aos interesses da burguesia supostamente "progressista" clamava por reformas de base. No ensino superior lutava-se pela reforma universitária; esta luta queria, de um lado, medidas de racionalização do ensino superior, medidas estas que Atcon e os acordos MEC-USAID vieram aconselhar mais tarde. Por outro lado, reclamava a redemocratização do ensino e a universidade para o povo". E também as medidas relativas aos critérios de acesso/as escolas.

Depois, do golpe de 64, com o auxílio prestimoso dos americanos, ela própria resolveu modernizar de maneira uniforme o ensino superior. Em termos de organização, tratava-se de racionalizar o ensino, expurgando as estruturas educacionais dos vícios próprios de todo aparelho burocrático do estado brasileiro. Porém estas racionalizações não era apenas formais; além de eliminar os vícios, ela deveria adaptar a estrutura educacional às necessidades do atual estágio do capitalismo. A sociedade capitalista atual não exige da Universidade apenas a formação de uma elite dirigente. Ela precisa também que a Universidade forme uma vasta camada de técnicos especializados com a instrução média, capazes de aplicar a ciência, mas incapazes de fazer a ciência. Assim, portanto, a implantação da Universidade empresarial prevê dois tipos de ensino superior: primeiro: para a formação de técnicos com instrução média, especialização num ano (daí o curso mais curto); segundo: para a formação da elite dirigente com instrução superior completa.

Porém, mesmo no caso da formação das elites, a Universidade empresarial precisa eliminar a possibilidade do aparecimento de uma "intelectualidade inconformada": as Faculdades de filosofia e as que desenvolvem pesquisas e estudos dentro do princípio da liberdade podem, pela dinâmica própria, que um estudo científico adquire, gerar uma camada de pessoas que têm visão global da sociedade e que querem desenvolver a ciência tendo em vista os interesses imediatos da classe que domina a atual sociedade: a burguesia. Por isso, a Universidade empresarial tem que procurar moldar os cursos e os currículos pelo princípio do pragmatismo: só interessa estudar aquilo que é imediatamente utilizado. A implantação da Universidade empresarial vem acompanhada de uma série de crises da estrutura do ensino: vagas, instalações, despesa de professores, cobrança de anuidade, etc. São todos fatores de crise ligados em última análise à redução das despesas destinadas à educação. Esta redução, entretanto é parte integrante da implantação da Universidade empresarial. É necessário que o Estado transfira para os particulares pelo menos parcialmente o ônus econômico da educação. A redução de verbas torna inevitável a transformação da Universidade em fundação. Qual a relação entre a Universidade Fundação e a Universidade Empresarial? Em primeiro lugar; a Fundação propicia uma "autonomia universitária" que consiste na Universidade depender exclusivamente do conselho Curador formado por autoridades universitárias e empresários, financiadores da educação, livrando-se portanto das injunções "políticas" de governadores ou presidentes porventura eleitos. Em segundo lugar, estando sob a jurisdição mais direta das empresas, a Universidade pode dentro do critério empresarial de racionalidade subordinar os currículos aos interesses mais imediatos das empresas financiadoras. Isto já elimina uma Universidade voltada para o desenvolvimento da ciência em função de interesses mais gerais. Em terceiro lugar, a fundação, possuindo verbas estatais e privadas deverá cobrar anuidades mais favorecidas; isto acarreta o resultado desejado; a "autonomia" da fundação na seleção, impedindo a manutenção dos "inconformados". não se deve no entanto, entender que o fundamental na Universidade empresarial é a "elitização" com a redução das verbas, logo com o número de vagas reduzido e com o ensino pago. Pode-se perfeitamente no sistema capitalista existir uma





Empresarial que aumente anualmente o número de profissionais que o mercado de trabalho, através da oferta de salários, procura. A possibilidade do ensino gratuito depende da necessidade de profissionais e da impossibilidade dos setores sociais que, não podendo pagar terão o estudo financiado pelo Estado, através de bolsas de estudo e não do estudo gratuito. Ex. Fundação Getúlio Vargas. É o conteúdo do currículo e a estrutura de poder (Conselho Curador) que determina o fundamental na Universidade Empresarial.

São estas necessidades que guiam as ações aparentemente caóticas do governo e do MEC. O caos é derivado da incompetência das autoridades governamentais que se reflete nas idas e vindas, no uso da alternativa das medidas administrativas propostas, através do "diálogo", ou impostas pela repressão desabusada. Porém, a implantação da Universidade empresarial por mais cautelosa e bem planejada que possa ser traz em si mesma uma série de fatores que provocam crises, particularmente corte de verbas que tende a criar polos de tensão bem agudas, pois atinge a todos os setores ligados a vida universitária.

A Universidade Empresarial impedirá que o estudante tenha uma formação universitária superior, a não ser que consiga ser um dos escolhidos para integrar a futura elite dirigente e não apenas um técnico de instrução média. Se ele for apenas este técnico sabe que os conhecimentos que adquiriu rapidamente serão superados pois ele aprender apenas a aplicar a ciência. Quando esta evoluir ele não poderá acompanhar a evolução. Além disso, ele será obrigado a pagar seus estudos ou a subordinar-se aos critérios do Conselho Curador para obter uma bolsa que o acorrentará pelo resto da vida universitária.

Por tudo isto, o estudante de hoje se revolta contra o governo. E se revolta contra a classe que detém o poder e que quer fazer da Universidade um instrumento a serviço dos interesses mais imediatos: a burguesia.

O estudante tem como perspectiva política criar condições para conduzir o ME do estágio de simples denúncia para o de ação. A tomada temporária do poder na Universidade é uma das formas de exercer esta política. Participar paritariamente nos órgãos de direção da Universidade significa quebrar os planos de implantação da Universidade Empresarial. Esta tomada de poder só é possível quando o ME está em ascensão e portanto, há uma grande participação dos estudantes na solução dos seus problemas. Por outro lado, estas condições, implicam num enfraquecimento momentâneo do governo que se verá impossibilitado de aplicar, mesmo pela força, suas perspectivas. As Comissões Deliberativas Paritárias, se em estreita ligação - e portanto portadoras do ponto de vista da maioria dos estudantes - poderão criar uma situação de fato que o governo para superar terá que se valer da violência e não somente contra os órgãos de representação estudantis ou alguns professores, mas contra toda a escola: estudantes, professores e funcionários. Nessas condições o governo não estará sendo contra uma Universidade operada, mas estará cometendo uma violência injustificável contra as perspectivas da própria faculdade, representada pela Comissão ou Departamento Paritários. Neste nível o estudante terá ultrapassado a denúncia e alcançado a ação transformadora: não se tratará de denunciar a Política Educacional do Governo, mas de aplicar uma política Estudiantil.

A partir disto, pode-se colocar que uma possível Universidade Crítica, não é uma nova Universidade ou uma reforma do sistema de ensino do governo, mas a Universidade Brasileira que existe - transformada no que for possível conseguir através de uma ação política correta - criticando-se a si mesma, enquanto instrumento de dominação supraestrutural. É a Universidade Brasileira formando não somente técnicos ou profissionais liberais de qualquer ordem, mas, e principalmente, profissionais capazes de compreender a sociedade brasileira. A Universidade, se participarmos eficientemente de sua reestruturação, será um instrumento de corrosão do go-



vêrno; a camada de técnicos ou dirigentes que dela saírem não serão unilaterais e dominados pela perspectiva ideológica da burguesia. Será um fogo permanente e juizador das contradições existentes entre o governo e a população dominante, explorada, reprimida. É importante insistir que Universidade Crítica não é um fim a ser atingido, mas um meio, um instrumento para uma ação política.

4- O QUE FAZER?

O estudante brasileiro, encontra dentro de sua própria escola uma situação diante da qual ele precisa se definir: há o que ele pensa e aspira e aquilo que o governo lhe impoe. É sobre e a partir dessas contradições que o ME se organiza e atua. O estudante encontra o imperialismo e a ditadura dentro da escola, durante todo o tempo. No momento de vestibular, antes mesmo de chegar a iniciar um curso, coloca-se o problema da falta de vagas resultado da não aplicação de verbas ao ensino. Durante o curso existe o problema da falta de verbas para laboratórios, bibliotecas, contratação de professores e currículos absolutamente inadequados para fornecerem uma formação satisfatória. Depois de concluído o curso universitário depara-se com o problema da falta de perspectivas profissionais e formação absolutamente deficiente.

A repressão as manifestações estudantis e o impedimento de uma livre organização são aspectos da Política Educacional que visam esconder estas contradições existentes. A nova Universidade Empresarial (padrão MEC-USAID) é a forma encontrada pelo governo para resolver sob seu ponto de vista algumas destes problemas e a adequação do ensino ao estado de coisas existente na economia e na política nacional. O aumento relativo de vagas, a criação de bolsas, os novos currículos, a repressão ao movimento estudantil, são instrumentos do governo para a criação de uma universidade nova dentro dos princípios do relatório Maira Matos.

Diante desta situação o ME deve se manifestar: dentro das escolas forçando a formação das comissões e departamentos paritárias que visam impedir a aplicação da nova política educacional e fora das escolas, nas ruas, em manifestações publicas que denunciem esta política as camadas que tem contradições com o governo. Evidentemente os estudantes não tem condições concretas de tomar o poder nem sequer dentro da Universidade. A burguesia não pode permitir uma dualidade de poder em nenhum nível e para tanto vale-se dos seus instrumentos de repressão para garantir a sua hegemonia política e continuar a exploração da mais valia do trabalho assalariado. Suas formas de repressão variam desde jubileamento e não concessão de bolsas até prisões ou assassinatos como tem acontecido ultimamente.

Se as formas de repressão variam as formas de resistir e combatê-la deve também variar. Mas mesmo não podendo tomar o poder com caráter permanente o ME pode em certos momentos avançar e conquistar posições bastante importantes para o governo como, por exemplo, a formação de departamento e formação de comissões deliberativas paritárias dentro das faculdades. São avanços possíveis e devem ser feitos necessariamente.

As formas do ME se manifestar devem ter uma flexibilidade tática que lhe garanta maior eficácia. O governo cria condições de crise que podem ter o caráter localizado numa faculdade ou nacional. Pode se tratar tanto de um afastamento de um professor como a elevação dos preços de um restaurante universitário ou mesmo a repressão violenta de um movimento grevista operário. Em todos esses momentos o ME deve estar pronto para atuar e deve saber usar a tática mais eficaz para o momento. O ME deve saber compensar a sua debilidade material concreta no campo das estruturas políticas e economicas pela sua grande mobilização e rapidez de organização. Deve também compensar a sua pouca importância e o vel do poder pela sua grande capacidade de mobilização de massa publica.

PT 2313-260





O ME não tem uma única forma de se manifestar como pretendem alguns poucos; a passeata não é a única ação política do estudante. A passeata, com lugar e hora marcados, para qual estão convocados todos os estudantes e tem a participação de camadas da população deve ser uma manifestação de envergadura, resultado de colocação de problemas comuns que atingem não somente os estudantes. Ela deve existir somente quando houver condições concretas para tanto. Ao mesmo tempo que os estudantes estão nas comissões paritárias, resolvendo ao nível da Burocracia da Universidade, problemas técnicos, eles estão nas ruas em comícios-propaganda, denunciando à população a política educacional do governo e a repressão. O comício-propaganda é uma manifestação nitidamente estudantil neste momento e que busca colocar posições políticas do Movimento Estudantil. Não pretende levar à população às ruas para se manifestar, mas levar a posição dos estudantes à população. Uma manifestação que leve populares às ruas para se pronunciarem politicamente deve levantar problemas que atinjam as camadas que se manifestam. Não será em torno de problemas específicos estudantis ou de uma luta vaga contra a ditadura que levaremos camadas da população a se manifestarem politicamente.

Por outro lado, é necessário compreender que o ME em 68 se transformou qualitativamente em dois aspectos: no político e no organizatório. Exatamente a política de conduzir as lutas reivindicatórias pelas bases, os estudantes abandonou, com relação às manifestações, "o protesto", "o contra", "a solidariedade". Hoje, de protesto passamos a propaganda. É o estudante, não mais como massa, mas transformando-se em sujeito ativo, daí a consequência de uma organização de grupos de trabalho, organizações para discutir e determinar o porquê, como quando ir às ruas, organização para cumprir nossos objetivos: fazer propaganda política e com relação à repressão, nos defendermos. Portanto, é necessária mobilidade, para nos deslocarmos sempre que necessário para realização de comícios, e não apenas aceitar o enfrentamento com a repressão, quando taticamente estivermos em superioridade. Os estudantes até aqui (55, 66, 67), saíram às ruas apenas em decorrência de fatos e apenas poucas vezes; 68 em São Paulo, a UEE e os estudantes, durante junho e julho foram às ruas deliberadamente a partir das condições políticas das lutas reivindicatórias e da organização dos estudantes em GTs, quando determinaram que era necessário e tinham condições através de um acúmulo de forças. Dois vícios que estão sendo corrigidos: 1) a saída às ruas apenas da vanguarda (desorganizada) possibilitando a não realização de manifestações (MG), a repressão e prisão (SP, UBES, UPES) e o desligamento desta vanguarda das faculdades; 2) a compreensão de que o normal é a saída às ruas e o excepcional a "volta às faculdades" quando a verdade é inversa: o normal é o trabalho nas faculdades e o excepcional é a saída às ruas e ela deve o ter de ser, para sua continuidade, decorrência do trabalho nas faculdades.

Sómente o esquerdismo infantil é que pode ver reformismo no fato de o estudante se manifestar a partir de reivindicações. Além disso quando corretamente dimensionados não existe a diferenciação entre a reivindicação específica e a luta política. Reivindicação específica pode ser uma luta política. Para tanto é necessário dimensioná-la e conduzi-la corretamente. Uma condução política correta significa em primeiro lugar fazer com que a luta seja levada pelos estudantes, e não pelas lideranças apenas, através de conchavos cupulistas. Significa que não se considere uma vitória aquela obtida sem a mobilização física e política dos estudantes. Política porque, se os estudantes não entendem como aquela vitória parcial se insere numa luta política mais ampla, luta-se pela reivindicação apenas, e a luta se esgota na conquista dela. Mobilização física porque não basta entender politicamente, é preciso empreendê-la politicamente. A consequência de um movimento reivindicatório do qual os estudantes não participam ativamente é o esvaziamento, não tendo sido sujeito ativo do movimento os estudantes não se sentem responsáveis pela continuidade dele em outro plano. Cada luta reivindicatória deve ser conduzida de modo que os estudantes compreendam como ela se insere na luta política geral, dentro da Universidade. Essa inserção não é feita por nós



é simplesmente demonstrada por nós. Reformismo é parar a reivindicação pura e simples, sem tentar inseri-la num contexto político mais amplo e se satisfazendo com uma vitória parcial possível. Reformismo é considerar uma vitória algo que bem ou mal o Governo concede e parar o ME - neste ponto. Reformismo é pensar que a Universidade que satisfaça a perspectiva dos estudantes será possível no atual contexto político e econômico, bem como esquerdismo é considerar que a luta pela reestruturação da Universidade é inócua, pois somente num outro estado é que ela seria possível. Ela não é inócua porque representa em primeiro plano a continuidade de política de lutas reivindicatórias isoladas (mais verbas, contra currículo inadequado, etc.) e de denúncias. Significa que representa ainda a necessidade do ME passar à ação. Num segundo plano, a agudização das contradições da Universidade com o sistema, a Ditadura não precisará apenas aplicar a sua política educacional. As faculdades onde conseguimos reestruturar, ela terá que primeiro destruir para depois aplicar sua política educacional.

A posição correta é lutar dentro e fora da faculdade pela reestruturação e através das conquistas feitas agudizar ainda mais e tornar evidentes as contradições da Ditadura, da classe burguesa exercida através do exército. Tanto as paritárias como as manifestações são somente meios de combater esta Ditadura. Mais o ME não fica somente no nível dos problemas estudantis. Ele vai fora para apoiar materialmente uma greve operária ou então organizar alguns setores da pequena burguesia em torno de problemas mais gerais. O ME pode ser extremamente eficiente na propaganda de uma greve operária ou na ocupação de fábricas ou terras que a imprensa burguesa escamoteia e distorce totalmente. Esta atividade possível do ME não é algo que se dê fora dele ou estranho a ele ou mesmo outra tarefa. Mas é um prolongamento natural e outro aspecto da participação do estudante na vida política nacional. O político para o ME não tem dentro nem fora, mas tem este ou aquele aspecto. A luta política contra o MEC-USAID é uma luta política por questões inclusive técnicas específicas: contra um critério de seleção, contra a Universidade de Empresa. A tentativa de imposição de determinados aspectos técnicos por parte do Governo é feita através de instrumentos e atitudes políticas. Querer separar radicalmente os dois, o técnico e o político, é ser mecanicista e burocrata. A única distinção que deve ser feita é quanto às formas de atuação e o momento de aplicá-las: é preciso ser suficientemente tático para saber quando avançar e quando recuar. É preciso ver quando o ME está em ascensão e refluxo. Não é eficiente ser-se sempre quixotescos ou pessimistas.

I. LUTAS CONTRA A POLÍTICA EDUCACIONAL DO GOVERNO

- 1.1 - Denúncia do Acôrdô Mec-Usaid, Relatório Atcon, GT do Governo Comissão Meira Matos
- 1.2 - Pela reestruturação da Universidade baseada nos princípios:
  - poder paritário
  - currículo crítico (voltado para as necessidades da maioria da sociedade)
  - autonomia universitária (fixação de verbas nos orçamentos federais e estaduais)
- 1.3 - Luta por melhoria de ensino, definida como:
  - pela formação da comissão paritária deliberativa, para encaminhamento da reestruturação:





- 1.3 - Luta pela melhoria do ensino ... (cont.)
  - pelo ensino gratuito, contra anuidades.
  - aumento do número de vagas
  - criação e manutenção de cursos noturnos em todas as Faculdades
  - Extinção do vestibular de seleção ou classificação, tipo CESCEM, pelo critério único: habilitação.
  - combate às fundações
  - pela manutenção e ampliação de restaurante universitário bibliotecas, laboratórios, instrumental de pesquisa, alojamentos, assistência médico-hospitalar.
- 2 - Apoio às lutas contra a Política Salarial do Governo.
  - Denúncia da política salarial
  - propaganda das greves operárias
  - auxílio material à ocupação de fábricas e terras
  - apoio à oposição sindical.
- 3 - Ação junto a outros setores da população
  - construção de comitês Populares
  - auxílio na estruturação de outras categorias
  - propaganda das lutas específicas dessas categorias (intelectuais, artistas, jornalistas, etc.)
- 4 - Denúncia da política da ditadura.
  - denúncia da militarização dos órgãos civis
  - denúncia da eleição de ditadura
  - denúncia da lei da censura
  - denúncia da repressão
- 5 - denúncia da ação do imperialismo internacional.

6- A UNE E A UIE

A UIE é uma organização internacional que coordena várias UNES. De todos países que lutam contra o imperialismo norte-americano. No entanto, nos últimos anos a UIE, seguindo uma política de "coexistência pacífica", permitiu não só a entrada de UNES pró-imperialismo como passou na prática a pasuir um programa conciliatório. Os estudantes brasileiros e mesmo os Presidentes de CAS e UEBs, não conhecem o programa da UIE e suas características. A diretoria da UNE 67/68 denunciou a UIE e retirou-se com toda bancada da América Latina de seu último congresso. Surge mais concretamente a OCLAE - Organização Continental Latino-Americana dos Estudantes - que busca no momento um fortalecimento nos diversos países da América Latina.

Por tudo que foi exposto, concluímos. Como tarefas da UNE 68/69 - divulgar o programa da UIE e da OCLAE e pontos característicos para os estudantes brasileiros - denunciar a UIE não só no Brasil mas internacionalmente - continuar a pertencer à UIE, até que possa, a partir dos CAS, buscar uma posição depois de discutir com os estudantes sua posição perante à UIE.

No entanto a UNE deve fortalecer a OCLAE e procurar coordenar a luta dos estados latino-americanos contra os projetos de Reforma Universitária que o imperialismo projetou para o Chile, Colômbia, Argentina, Brasil (MEC-USAID) e diversos países. Denunciar a dominação imperialista sobre a América Latina e as ameaças contra Cuba socialista; a guerra do Vietnã; solidarizar-se com a luta dos povos da Guiné, Angola, Moçambique, contra o colonialismo português e apoiar a luta dos povos da América, Ásia, África, contra o imperialismo.



7- ESTRUTURA PARA A UNE

O programa político da UNE para ser cumprido necessita de uma estrutura que possibilite instrumentos de comunicação da diretoria da UNE com as UEEs, DCEs, Cas, e com os estudantes. Esta estrutura visava a coordenação nacional das informações, ou seja, à direção.

A UNE terá como tarefa concreta em 68/69, além dela, a partir do 30º Congresso coordenar politicamente as lutas em termos nacionais aplicando o programa aprovado no Congresso, a organização das UEEs nos estados onde não existem ou existem burocraticamente e dos DCEs em nível de universidades.

Assim, a proposta de Assessorias Regionais para a UNE baseia-se na possibilidade das UEEs onde a regional tem sede de contribuir e coordenar para a consolidação das outras UEEs.

( \_\_\_\_\_ sede da Regional)

- PR - SC - RGS
- SP
- GB - RS - ES
- MG - GO - MT
- BA - SE - AL - PE - PB
- CE - RN - PI
- PA - AM - MA

Em cada capital da Regional a UEE daquele estado (PR-GB-MG-BA-CE-PA) consolidaria uma Assessoria de 5 a 10 estudantes com as seguintes tarefas:

- coordenação: coordenar o trabalho da UNE junto aos DAs, DCEs, UEEs da Região, buscando em cada UEE aplicação do programa da UNE 68/69 nas lutas de cada faculdade do estado.
- Imprensa: reproduzir material e documentos da UNE e enviados pela UNE de outras UEEs, Cas, e distribuí-los pelos Cas e DCEs através das UEEs.

Observação:- uma das assessorias ficaria encarregada da imprensa nacional (jornal e revista).

Finanças: possibilitar à UNE região de finanças para manutenção da entidade.

A assessoria regional da UNE teria como função principal a de ir em cada CA discutir através da UEE-DCEs as posições da UNE - na prática de cada faculdade colocar o Programa da UNE em execução além de baseada na UEE onde está a sede da Regional. (UPE, UME, UEEMG, UEB, DCEFE, DCEARA, UEP) consolidar e coordenar as UEEs em processo de construção.





"Preparamos o 30º Congresso da UNE nas lutas do movimento estudantil"

### Introdução

O 30º Congresso da UNE está sendo preparado nas lutas que os estudantes brasileiros estão travando. Lutamos contra o Acôrdio MEC-USAID que a ditadura tenta aplicar através de sua política educacional: corte de verbas, cobrança de anuidades, não absorção dos excedentes, reestruturação nas Universidades de forma contrária aos interesses dos estudantes. Lutamos por melhoria das condições de ensino, contra a estrutura arcaica da Universidade brasileira. Lutamos contra a repressão que a ditadura está desencadeando sobre o povo brasileiro, e, de maneira especial, sobre o movimento estudantil.

Na Guanabara, a luta por verbas atinge hoje seu ponto máximo, com uma concentração no MEC, após a greve que paralisou os 16.000 alunos da UFRJ. O "diálogo" proposto pela ditadura através dos setores reacionários da Igreja Católica, como não podia deixar de ser, é algo que nasceu morto. No Paraná, fomos vitoriosos na luta contra as anuidades. Em Santa Catarina, lutamos contra o fechamento do alojamento estudantil, por mais verbas para o restaurante e por melhoria das condições de ensino. Em Minas Gerais, a luta contra a repressão da ditadura se intensifica: o IPM do Coronel Medeiros é denunciado, mobilizações são feitas para libertar os colegas presos (Presidente da UEE, Presidente do DCE-Católica, Vice-presidente da UNE). Em Goiás, lutamos por verbas para a Universidade. Em Brasília, luta contra a repressão, luta por verbas, luta por melhoria das condições de ensino, avanço da luta secundarista. Na Bahia, luta por verbas. Em Pernambuco, luta por verbas, realização de seminário de política educacional.

Em São Paulo, a luta está avançando com uma intensidade bastante grande. Campinas, FEI, Paulista de Medicina, CRUSP, Filosofia da USP são os exemplos mais marcantes. Esta semana devemos avançar, ampliando nossa mobilização nas escolas e nas ruas. Por melhoria das condições de ensino, contra a repressão dentro e fora das escolas, contra o MEC-USAID e as tentativas de aplicação da reestruturação das faculdades.

O movimento estudantil avança. Mas existem dificuldades para esse avanço. Existem duas posições que estão em choque. Foi a falta de clareza da diretoria da UNE na explicitação dessas duas posições que impossibilitou o funcionamento mais correto desta gestão 67-68. O 29º Congresso ainda foi um congresso de cúpulas e a diretoria eleita sem ser em torno de um programa, não tinha unidade política.

As duas posições são: uma linha de conciliação e uma linha de luta.

Linha de conciliação é aquela que, em última análise, propõe o "diálogo" com a ditadura. Propõe organizar e discutir primeiro para lutar depois. Evidentemente, essa organização será burocrática e essa discussão será teoricista, pois serão feitas desligadas de um processo real de luta. A linha de conciliação enfatiza os problemas específicos em detrimento dos problemas políticos. A linha de conciliação insiste na não mobilização, taxando de "esquerdismo" toda e qualquer proposição de passeata ou concentração de rua.

Linha de luta é aquela que propõe a intensificação da luta contra a ditadura e o imperialismo. Denuncia a tentativa demagógica de "diálogo". Propõe mobilizar primeiro e, num processo de luta, organizar e discutir. Organizar o conjunto dos estudantes de modo que a luta se intensifique e conquistemos vitórias sucessivas. Discutir com o conjunto dos estudantes para que nossos objetivos sejam cada vez mais claros.

O choque dessas duas posições não significa enfraquecimento do movimento estudantil e da UNE. Ao contrário, a UNE avança para uma definição. Os estudantes brasileiros vão se definir no 30º Congresso da UNE, que já está sendo preparado.



61

PROGRAMA DA CHAPA PRÓ - POSIÇÃO

5

-ao DCE da Universidade Federal  
de Minas Gerais

I - Introdução

Com este texto visamos definir as posições básicas que propomos hoje - para o movimento estudantil e que propomos levar à prática na nova diretoria do DCE.

Com base nestas posições é que lançamos a nossa candidatura. Não são posições apenas hoje, são posições que já defendemos em tôdas as lutas - anteriores. Achamos importante, por isso, fazer uma revisão da prática - do movimento estudantil este ano, deixando claras nossas diretrizes e as nossas divergências com as posições de parte do movimento estudantil.

II - Revisão

O Conselho da União Estadual dos Estudantes, reunido em fevereiro, marcou a semana do calouro e definiu o seu objetivo central: integração política do calouro nas lutas do movimento estudantil; integração de luta - entre calouros e veteranos. Para cumprir este objetivo a semana teria - como base discussões em tôdas as escolas sobre as lutas do movimento estudantil contra a ditadura, contra a sua política educacional orientada - MEC-USAID e teria como encerramento uma concentração pública de denúncia do imperialismo e das aplicações de sua política na Universidade, - aplicação do acôrdo MEC-USAID.

Surgiu uma corrente no movimento estudantil discordante destas posições entendia que antes de participar nas lutas do calouro deveria se adaptar - à Universidade, deveria antes de politizar, discutir o sentido da Universidade, discutir a política educacional; discutir e politizar para depois, então participar da luta. É uma posição errônea, esquecendo-se - que a politização surge com a luta e que a discussão deve ser sobre esta luta e ainda mais que o calouro sente a ditadura antes mesmo de entrar - na escola, e que ela se torna mais flagrante quando surgem os problemas - de redução das vagas, de cobrança de anuidades, etc.

A próxima manifestação expressiva do movimento estudantil foi o 1º de abril. A morte do estudante da Guanabara mostrou a todos como agir e a quem combater; a ditadura usou a força como único argumento. O movimento estudantil não se intimidou e junto com o povo saiu às ruas, denunciando e combatendo politicamente os opressores do povo. As passeatas aqui e nos outros estados isolaram politicamente a ditadura, deixando claro - o seu papel de instrumento do imperialismo, da opressão ao povo. As passeatas mostraram que podemos suplantar a repressão policial, não nos podemos intimidar; as passeatas nos dão a consciência da fraqueza dos opressores que se defendem desesperadamente do avanço da luta do povo tendo como única forma de sustentação o uso da força policial.

Os temerosos, os que ainda em fins de março diziam que no dia 1º de abril "não tínhamos condições" de sair às ruas, que o movimento estudantil não estava preparado e outras argumentações derrotistas, foram arrastados e seguiram a reboque sem compreender a força do povo e assustados com a força dos inimigos do povo.

O ascenso do movimento popular foi acelerado, logo em seguida os operários iniciaram sua mobilização contra o arrôcho da ditadura: os que descreditavam da força do povo e temem a força do inimigo propõem como forma de luta as listas de assinatura pedindo ao governo que revogue o arrôcho. Pedem ao governo dos opressores que satisfaça o interesse dos oprimidos: conciliam com o poder dominante.

PT 2313.250



Mas, os operários já estão vendo que a liberdade será conseguida não com os pedidos, com concessões, com conciliações, a liberdade do povo será conquistada com a força do povo na luta contra seus opressores imperialistas.

Os operários da Belgo-Mineira mostram sua força e entram em greve contra o arrôcho; em poucos dias outras fábricas aderem e 15.000 operários-paralizam suas fábricas, colocando em pânico os donos do poder.

O movimento estudantil, nesta hora, vacilou. Embora se discutisse muito o apoio à luta dos trabalhadores, este acabou não saindo. Nós perdemos em discussões e erramos em não sairmos imediatamente para a luta. A correção desta posição foi feita nas manifestações de 1º de maio. Participação efetiva do movimento estudantil na manifestação dos operários, levando nossa solidariedade de luta e fortalecendo nossa vinculação com a luta do povo.

Para levar à prática essa posição, tivemos de derrotar os conciliadores que propunham que o movimento estudantil desenvolvesse somente as suas "lutas específicas", ou seja, que a luta do movimento estudantil é apenas dentro da universidade, para resolver apenas os problemas da universidade. É a proposição oportunista dos que falam contra a ditadura e o imperialismo, mas que na prática boicotam essa luta, fazem o papel dos inimigos, são cúmplices do imperialismo.

Para tentar conter o avanço da luta do povo a ditadura prende estudantes e operários, reabre os famosos IPMS, usa novamente a força como defesa de seus interesses, pretendendo desbaratar nossas lutas e impedir novas mobilizações.

Nossa posição frente à investida da repressão foi bem clara: sabemos que a repressão é uma consequência da luta, ela é inevitável sempre que houver luta contra os opressores. A única posição correta para a nossa luta é sobrepujar a repressão aumentando nossa organização na própria luta. Propusemos a passeata contra a repressão policial continuando o avanço da luta, não nos intimidando com as ameaças dos inimigos.

Novamente, os conciliadores mostram sua verdadeira face: alegando falta de condições, necessidade organizar para depois sair às ruas, lembrando a necessidade de preservar as lideranças, contra a mobilização, fazem propaganda do medo, realçam a força do inimigo e esquecem a força do povo - na prática propõem o mesmo que a ditadura, propõem o recuo do movimento estudantil e procuram impedir novas mobilizações. Mais uma vez atuam como cúmplices do imperialismo, escondidos sob palavras bonitas.

A propaganda do imperialismo nos jornais e rádios, a repressão policial e a atuação dos cúmplices da ditadura conseguiram alguns resultados.- Foi realizada uma pequena manifestação que, adotando forma de organização já conhecida, conseguiu iniciar uma passeata que foi dissolvida pela polícia e terminou em dois comícios relâmpagos.

Além da repressão policial, recentemente a ditadura lança mão de novas formas que visam desmoralizar o movimento estudantil, Divulga que a radicalização do movimento estudantil é fruto da falta de comunicação com as autoridades, divulga que o governo está aberto ao diálogo para encontrar junto com o movimento estudantil uma solução de todos os problemas.

É mais uma armadilha, mais uma tentativa de nos silenciar. Já salientamos anteriormente que a liberdade do povo não será com pedidos e conciliações conseguida, ela terá que ser conquistada pela força do povo. Aceitar o diálogo, é acreditar que a ditadura que foi criada pelo imperialismo para suprimir, para aperfeiçoar os métodos e as formas de submeter o povo aos interesses dos opressores vai atender aos nossos interesses. É importante que fique bem claro que interesses do povo e interesses do imperialismo são antagônicos, a satisfação dos interesses de um -



62

3

desenvolvidas pelo movimento estudantil e à decisão cada vez mais firme de integração na luta da grande maioria do povo pela derrubada da ditadura e do imperialismo. A proposta da UME-GB (União Metropolitana dos Estudantes), aprovada pela eventual maioria dos membros deste Conselho, é a de "desmascarar" o diálogo, fazendo o diálogo. Alegam os autores da proposta que a aceitação do "diálogo" serviria para ganhar setores vacilantes e impressionaria bem a opinião pública, como se a forma de ganhar os vacilantes e a opinião pública, fôsse a tomada de posições dúbias e oportunistas. Essa proposta de "diálogo" do movimento estudantil oprinido - com a ditadura assassina coloca aqueles que a defendem no mesmo campo reformista daqueles que advogaram a "destruição" das entidades pelegas da Lei Suplicy através da participação nelas e não do boicote. O movimento estudantil foi vitorioso na luta em defesa de suas entidades livres. A proposta de "diálogo" significa, em termos claros, traição à luta dos estudantes junto com a grande maioria do povo, e submissão à ditadura, favorecendo a sua demagogia.

A discussão sobre o Congresso foi boicotada. Fizemos a seguinte proposta de temário para o Congresso:

- 1). Política internacional: avanço da luta dos povos contra o imperialismo; Vietnã; Movimento Estudantil no plano internacional.
- 2). Política nacional: avanço da luta do povo brasileiro pela derrubada da ditadura e do imperialismo; manifestações populares de abril; avanço da luta operária (greve de MG, 1º de maio em SP e MG). Manifestações concretas da opressão da ditadura sobre o povo (política econômica, arrocho, política externa de subserviência, repressão sobre o povo, em especial sobre o movimento estudantil).
- 3). Política educacional: análise das lutas do movimento estudantil (excedentes, anuidades, verbas).
- 4). Movimento estudantil: análise dos instrumentos do movimento estudantil em relação às lutas (organização de bases, comitês de luta, frentes de trabalho, entidades, imprensa, finanças, seminários, constituição da UNE).

A proposta da UME (aprovada), no entanto, não é em função das lutas do movimento estudantil. É teórica e restrita aos problemas universitários e de organização do movimento estudantil. Eis a proposta:

- 1). O que é Universidade Brasileira? Por que devemos lutar? Que quer o governo? Por que negar a reforma universitária do governo?
- 2). Política estudantil do governo. Como negá-la?
- 3). Formas de luta do movimento estudantil.
- 4). Organização: que é entidade estudantil? Que tem feito a UNE? Como organizamos as bases? Uma nova organização para a UNE.

Essas posições - freios às manifestações, "diálogo", temário reformista - representam objetivamente um boicote sistemático ao desenvolvimento da luta do movimento estudantil contra a ditadura e o imperialismo, coordenada pela UNE. Esse boicote se expressou por parte do restante da diretoria num estilo de trabalho desligado das massas, num descomprometimento com o trabalho da UNE, no abandono da diretoria por três elementos na não coordenação das lutas estudantis, na não realização de viagens, na intervenção cupulista em São Paulo, no retardar o encaminhamento do 30º Congresso da UNE.

A diretoria da UNE que ficou incumbida pelo Conselho de projetar e realizar o 30º Congresso não resolveu os problemas. Nossas propostas foram recusadas pelo restante da diretoria.

Colocamos agora, para serem discutidas por todo o movimento estudantil as duas proposições.

PT 2313-260

Propomos que o Congresso da UNE seja expressão dos interesses e necessidades dos estudantes, que seja um marco na luta do movimento estudantil, fundamentalmente dirigida contra a ditadura e o imperialismo. Nesta perspectiva achamos que sua preparação deve significar o acirramento de cada luta do movimento estudantil, uma intensificação do combate à política educacional e à repressão da ditadura. A partir dessas lutas construiremos o Congresso: não um debate teórico sobre problemas estudantis, mas fundamentalmente a sistematização das lutas visando determinar os próximos passos do movimento estudantil, seus objetivos e seu instrumental. Finalmente, achamos que as condições materiais do Congresso - finanças, segurança, montagem - são problemas políticos e estão na dependência de uma mobilização geral do movimento estudantil. A partir desses critérios propomos uma intensa fase de preparação, durante a qual avançaremos nas lutas, marcaremos posições e definiremos os delegados para o Congresso, em assembleias gerais.

O Congresso será concretizado em uma reunião dos delegados escolhidos nas assembleias gerais, com data e local pré-fixados e divulgados, de modo que, junto com a mobilização estudantil de todo o país, concentremos em um ponto a realização do Congresso. Pela capacidade de mobilização e pelo nível de luta do movimento estudantil mineiro, optamos pela realização do Congresso em Belo Horizonte. Propomos como data alguns dias de 25 de agosto a 5 de setembro, para que seja a culminância de um processo de luta.

Em contraposição a esta proposta, obtivemos outras do restante da diretoria: a formação de uma comissão de "especialistas", a formação de assessorias ligadas a uma executiva da UNE, que tratariam da data, local, condições, segurança, etc., - sem que o movimento estudantil tivesse qualquer conhecimento desses problemas, por "motivos de segurança". Outros diretores consideraram que o principal no Congresso é garantir discussões aprofundadas numa reunião fechada.

Tenta-se substituir o movimento estudantil por comissões. Tenta-se transformar o processo de mobilizações e de luta em um amplo processo de discussões sobre as diversas concepções de movimento estudantil. Isto significa, na prática, um congresso cupulista, desligado das lutas e do conjunto dos estudantes.

Por isso achamos fundamental abrir nossas teses e nossas discordâncias. A discussão delas no movimento estudantil só pode contribuir para fortalecer a UNE. Nossa perspectiva é a de derrotar nesta etapa as posições errôneas dos demais membros da diretoria e de certas lideranças do movimento estudantil. Um dos objetivos desta etapa é a convocação de um novo Conselho Nacional que trate claramente de uma programação para o 3º Congresso da UNE. Esse processo marcará a construção do Congresso em função da luta dos estudantes pela derrubada da ditadura, pela derrota do imperialismo, integrados na luta de libertação do povo brasileiro.

- Luís Travassos - Presidente da UNE
- José Carlos Mata Machado - Vice-presidente da UNE
- Luiz Raul Machado - Vice-presidente da UNE



63

2

## NOTA

Este documento se propõe criticar os encaminhamentos dados pelo último Conselho Nacional dos Estudantes e por parte dos diretores da UNE sobre o 30º Congresso Nacional dos Estudantes. Está assinado por três diretores da UNE e falta a ele a assinatura de um companheiro que concorda com nossas posições e que foi preso em Minas Gerais durante as manifestações do dia 1º de maio.

O documento representa a opinião de uma parte da diretoria e tornamos pública esta posição por dois motivos:

Em primeiro lugar porque, como tem acontecido durante a gestão, existe uma divergência entre nós e o restante da diretoria. No momento, essa divergência se traduz numa visão do 30º Congresso da UNE como luta ofensiva - a luta do movimento estudantil contra a ditadura e o imperialismo e outra visão do Congresso como uma oportunidade de se travarem debates e de se organizar o movimento estudantil desligado de um processo de luta.

Em segundo lugar, lançamos nossas propostas a todo o movimento estudantil porque sabemos que tanto a preparação do Congresso como a sua realização pertencem ao conjunto dos estudantes, que deve formar verdadeiro nível de discussão e deliberação, através do correto funcionamento dos organismos do movimento estudantil - assembleias, conselhos estaduais e principalmente um Conselho Nacional que atenda às exigências de preparação do 30º Congresso.

Para que se compreendam essas duas posições, é importante que se analise o Conselho realizado em maio, em Salvador. Este Conselho foi boicoteado em seu objetivo principal que era decidir sobre o Congresso.

O Conselho se iniciou com um balanço das lutas contra a política educacional, mas pela falta de uma prática efetiva nesta frente de luta, pouco rendeu além da análise da experiência vitoriosa do Paraná da luta contra as anuidades.

O balanço das lutas travadas pelo movimento estudantil contra a ditadura por ocasião do assassinato de estudantes e trabalhadores no 1º de abril, e da participação do movimento estudantil no 1º de maio, marcou a existência de duas correntes. Denunciamos a tendência de algumas lideranças, inclusive diretores da UNE, de tentar frear o movimento estudantil, conter as corretas manifestações de violência dos estudantes e precipitar uma "volta às escolas", diminuindo, na prática, o avanço da luta contra a ditadura e o imperialismo. Essas lideranças acham que é preciso primeiro organizar para depois lutar, sem entender, na prática, que a organização só se faz com o travar das lutas. Essas lideranças montaram verdadeiros esquemas repressivos às manifestações, como aconteceu em São Paulo e está acontecendo em Minas Gerais. Essas lideranças temiam fazer o jogo de setores da ditadura e do imperialismo (linha-dura, Frente Ampla).

Achamos que o movimento estudantil deve se manifestar visando o avanço de sua luta que se insere na da grande maioria do povo brasileiro e não em função dos choques entre opressores do povo; que o movimento estudantil deve denunciar todos os esquemas golpistas armados, para iludir o povo. Achamos que só nesse processo de luta o movimento estudantil consolidará sua organização.

A discussão do Conselho se aprofundou quando se debateu o problema do "diálogo" proposto pela ditadura ao movimento estudantil. Nossa posição é de recusa ao "diálogo". Denunciamos a tentativa demagógica com que a atual ditadura pretende recompor a sua máscara de "redemocratização" que arrancamos através principalmente das manifestações de abril e maio. Consideramos qualquer conciliação com a ditadura como uma traição às lutas.

PT 2313-250



9

Vamos construir uma UNE que avance na luta pelos reais interesses de todos os estudantes brasileiros. Vamos construir uma UNE que avance na luta contra a ditadura e o imperialismo, integrada na luta da grande maioria do povo brasileiro. Para isso não podemos deixar de lutar contra aqueles que na prática traem essa perspectiva, traem os estudantes, traem o povo brasileiro, aqueles que, querendo perpetuar o movimento estudantil de cúpulas, querem fazer o movimento estudantil no lugar dos estudantes, aqueles que querem fazer a revolução no lugar do povo e que, quando o povo quer fazer a revolução, ficam do lado do inimigo e reprimem o povo.

São Paulo, 11 de junho de 1968

Luís Travassos - Presidente da UNE

José Carlos Mata Machado - Vice-presidente da  
UNE

Luís Raul Machado - Vice-presidente da UNE

Estes textos devem ser discutidos em todas as escolas como parte da preparação do 30º Congresso da UNE. Neste caderno, divulgamos a nota de três diretores da UNE, o programa da chapa Pró-Posição ao DCE da UFMG, e a nota da UEE-MG sobre o "diálogo".



64

só é possível com a não satisfação dos interesses do povo. Não é com diálogos e negociações que podemos resolver nossos problemas; isto será conseguido com a derrota dos inimigos do povo.

Os conciliadores teoricamente aceitam esta posição, mas na prática são contra e propõem o diálogo se fôr satisfeita uma lista de condições tais como: legalização da UNE, cessação dos IPMS e outros mais. É a proporcção oportunista que só interessa aos opressores; é mais uma vez cumplicidade com os opressores.

Somos contra o diálogo e propomos a mobilização constante do movimento estudantil em luta junto ao povo pela sua libertação.

Esta é nossa prática até agora. Nesta prática as posições políticas são explícitas. A conciliação não surgiu agora; desde 64 os cúmplices da opressão vêm se manifestando. Mudam as pessoas, mudam as formas de atuação, mas as posições são semelhantes.

Em 65 a ditadura impôs a lei Suplicy; seus cúmplices propuseram a participação nas entidades criadas (DEE e DNE) para combater a lei. A ditadura em 66 forjou eleições e os seus cúmplices propuseram participar na corrida eleitoral; para combater a ditadura fecharam com o MDB. Quando a ditadura usa a força policial seus cúmplices propõem a volta às escolas e "luta por problemas específicos"; quando a ditadura propõe o diálogo, ela o propõe com restrições.

Entre essas duas posições existem os vacilantes, que ora estão de um lado, ora de outro. É preciso na luta contra o imperialismo combater também os seus amigos e forçar uma definição dos vacilantes, criticando e propondo formas concretas de luta.

### III - Proposições

De imediato nossa próxima tarefa é a participação efetiva nos seminários em cada escola e a participação no seminário da UEE contra o acordo MEC-USAID. Esses seminários devem ser entendidos não como uma discussão teoricista, mas como uma revisão de lutas travadas, localizando os pontos positivos e negativos e a partir disso a proposição de novas formas de luta. Devemos levar as discussões a todas as classes, a cada sala de aula, tirando das bases as proposições e os representantes para o seminário.

Esses seminários devem ainda significar uma forma de preparação do 30º Congresso da UNE. Os problemas levantados anteriormente, as divergências sobre a linha política a ser seguida, o avanço da luta do povo em todo o mundo, são questões que afetam o movimento estudantil nacionalmente. O Congresso assume, portanto, para nossa luta uma grande importância.

Na atual diretoria da UNE notamos que as duas linhas de atuação estão presentes e em choque, a atual diretoria da UNE não tem unidade política.

Isto se tornou bastante claro para nós todos no período de luta desde o início do ano. O exemplo mais nítido dessa divergência de linha é a atuação dos dois últimos diretores que aqui estiveram; um diretor incentivou o trabalho para a participação efetiva do movimento estudantil nas manifestações de solidariedade às lutas dos trabalhadores em 1º de maio contra o arrôcho da ditadura. Este diretor foi preso na manifestação de 1º de maio; foi preso na rua, participando da luta junto aos trabalhadores. O outro diretor que aqui estava logo após o 1º de maio, trabalhou contra as manifestações de luta contra a repressão policial, contra a prisão de estudantes e operários - este diretor, na hora em que a ditadura pretendia nos intimidar e pretendia que nos calássemos, conciliou com a ditadura propondo o recuo do movimento estudantil alegando que era necessário primeiro organizar e discutir.

8

Linha de luta e linha de conciliação: estas as duas proposições; é necessário eliminar esta contradição em nossas entidades e principalmente na entidade nacional.

O Congresso deve ser uma síntese das lutas travadas pelo movimento estudantil, uma análise de nossa prática identificando os pontos positivos e os pontos negativos e fazer proposições para as novas lutas que irão enfrentar.

Nossa tarefa no Congresso é, portanto, um balanço das lutas anteriores uma análise da situação atual e a proposição de uma linha política e de métodos práticos para o próximo período. O Congresso deve significar uma ofensiva do movimento estudantil integrando-se cada vez mais na luta de libertação do povo brasileiro e na luta de todos os povos oprimidos, contra o imperialismo americano, inimigo principal de todos os povos. Esta ofensiva significa um combate sistemático às medidas práticas de dominação do imperialismo, a denúncia de suas manobras, e significa também um combate contínuo àqueles que, tanto no movimento estudantil, como fora dele, falam contra o imperialismo, mas agem de forma conciliatória tornando-se, portanto, na prática, cúmplices da ditadura que o imperialismo criou.

Entendemos que o Congresso deve analisar a situação internacional, de ascenso das lutas contra o imperialismo, principalmente da luta do povo do Vietnã e a luta dos negros dos EEUU e recentemente as lutas dos operários e estudantes da França.

Frente a essa análise devemos traçar uma linha de atuação internacional para a UNE e definir nossa situação frente às entidades internacionais, romper definitivamente com a União Internacional dos Estudantes, que se tornou um instrumento dos cúmplices do imperialismo, e fortalecer e incentivar nossa união com a organização do Conselho Latino Americano de Estudantes (OCLAÉ), que é a entidade coordenadora efetiva das lutas dos estudantes latino-americanos contra o imperialismo.

No plano nacional devemos discutir as lutas dos trabalhadores contra o arrôcho da ditadura, principalmente as manifestações de São Paulo, em 1º de maio, a greve dos operários aqui em Minas Gerais, na Cidade Industrial, e as manifestações de 1º de maio em todo o país, e tirar daí lições para a continuidade e fortalecimento de nossa luta junto ao povo.

No plano educacional mais especificamente, devemos analisar a aplicação do acordo MEC-USAID, organizar o nosso combate, a esta tentativa de dominação da universidade, planejar a luta pelo aumento de vagas nas escolas, pela concessão de verbas suficientes, pela extinção das anuidades pelo ensino gratuito.

Devemos ainda denunciar e combater o acordo MEC-URSS (Ministério da Educação e Cultura - União Soviética), que é uma forma de ajuda da URSS à ditadura opressora do povo brasileiro. Com palavras bonitas de solidariedade, a URSS, na prática, ao ajudar os opressores do povo, é cúmplice desses opressores.

Devemos ainda fazer uma análise mais detalhada sobre a repressão desencadeada sobre os operários e sobre os estudantes, principalmente aqui em Belo Horizonte - procurar métodos de superar e enfrentar estas investidas da repressão.

Achamos que a realização do Congresso deve ser em período de aulas, quando o movimento estudantil está mobilizado e não nas férias, quando isto é mais difícil. Achamos ainda que deve se realizar onde o movimento estudantil tenha avançado mais na luta contra a ditadura, contra seus amigos.

Propomos que o Congresso seja realizado em Minas Gerais,  
na data quinzena de setembro.

PT 23/3.250

Desde já as discussões sobre o Congresso devem se iniciar, e o mês de agosto deve ser voltado para a sua realização; em assembléias de turma e assembléias gerais, devemos discutir as proposições políticas e elegermos os delegados.

Além destas discussões, é nossa tarefa traçar planos de finanças, de segurança, montagem de secretarias, sob a direção da UEE e demais entidades, criando a infra-estrutura que permitirá a realização do Congresso. A tarefa de preparação política e material é de todos e não de um pequeno grupo - o papel das entidades é trabalhar junto com as bases e dirigir esse trabalho.

O Congresso é um instrumento importante de nossas lutas: com a participação efetiva de todas as bases faremos do Congresso uma vitória a mais sobre o imperialismo e sobre seus aliados que pregam a conciliação dentro e fora do movimento estudantil.

Propomos como programa político de luta do movimento estudantil alguns pontos que consideramos básicos: participação na luta do povo contra todas as formas de domínio do imperialismo e da ditadura que o representa, contra os seus cúmplices presentes no movimento estudantil e fora dele.

Devemos levar nossa solidariedade efetiva aos trabalhadores na luta contra o arrôcho da ditadura.

Esta nossa participação só se realiza de fato através da mobilização do movimento estudantil junto ao povo, e não com o apoio teórico, movimento estudantil fechado dentro das escolas, que não passa de conexão com nossos inimigos. O combate ao imperialismo é de fato e não de palavras, e é nesta luta que saberemos quem realmente está ao lado do povo, que são os seus amigos, quem são os amigos do imperialismo.

Mobilização do movimento estudantil em solidariedade à luta de todos os povos contra o nosso inimigo comum, o imperialismo americano, principalmente ao povo que hoje derrota a maior força de pressão montada pelo imperialismo: o povo do Vietnã.

Luta contra as novas formas de dominação da Universidade, através do acordo MEC-USAID, que se adapta diretamente para a satisfação dos interesses do imperialismo, visando fundamentalmente a formação de uma elite dirigente, tecnocrata, que perpetue sua dominação sobre o povo.



É pela orientação dos técnicos do imperialismo que são reduzidas as verbas destinadas à educação e em consequência são reduzidos os números de professores, funcionários, materiais de ensino e são cada vez mais reduzidas as vagas, criando um problema cada vez maior para o estudante que termina o curso secundário e é impedido de continuar sob a alegação de que está em excesso.

Além disso, para suprir o corte de verbas a ditadura pressiona para que o estudante arque com parte dos gastos do custo do ensino, enfrentando constantemente as anuidades.

Ainda sob orientação do imperialismo, a ditadura se propõe realizar a integração da Universidade com as grandes empresas, através de sua transformação em Fundação, colocando-a, cada vez mais, a serviço dos interesses dos grupos econômicos que terão o controle total do currículo, métodos de ensino, etc.

Lutamos, portanto, contra a transformação da escola em Fundação privada, pelo aumento do número de vagas, pela concessão de verbas, pelo ensino gratuito.

Luta contra a repressão da ditadura sobre o povo, através de maior organização e mobilização. Não pretendemos agora que a repressão deixe de



11

existir. Sabemos que sempre que atacamos nosso inimigo eles usam a força policial. Devemos avançar a nossa luta desgastando e isolando esforços do imperialismo, fazendo que, cada vez, ele pague um preço maior para subsistir com o uso da força.

As prisões, os espancamentos, os IPMs são inevitáveis enquanto o imperialismo estiver no poder, a não ser que aceitemos suas orientações e sejamos dóceis à sua dominação. Podemos suplantar a repressão com maior organização e com maior participação das bases nas lutas junto ao povo, nas escolas e na rua.

Ainda como combate à repressão devemos combater os pelegos da ditadura infiltrados no movimento estudantil, com financiamento e apoio do imperialismo. O grupo Decisão, que recentemente tentou mais uma ofensiva, é mais uma forma da ditadura pretendendo corromper e esvaziar as lutas do movimento estudantil.

O critério básico em torno do qual se reuniram os elementos que formam a nossa chapa para a eleição do DCE é terem conduzido efetivamente as lutas dentro da perspectiva traçada neste texto. Iremos demarcar sempre em nossa atuação as linhas que nos separarão do imperialismo e de seus amigos, assim como demarcar as linhas entre nós e aqueles que divergem de nós em pontos secundários, mas se colocam ao lado do povo contra o imperialismo. Com estes, explicando as divergências, sempre que surgirem, procuraremos na luta forçar a unidade.

CONTRA O IMPERIALISMO E A DITADURA E SEUS ALIADOS  
PELA INTEGRAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA LUTA DO POVO

Anteontem invadimos a reitoria da USP numa manifestação de protesto - contra a possível visita do Sr. Rudolph Atcon à Cidade Universitária - e contra os acordos MEC-USAID que estão sendo aplicados no Brasil inteiro. Em São Paulo, através do corte de verbas generalizado, cobrança de anuidades (Faculdade Paulista de Medicina), tentativa de reestruturação da PUCSP e da USP visando preparar as universidades paulistas para o esquema de fundações privadas submetidas ao controle das empresas imperialistas.

O Movimento Estudantil nacional avança nesta luta. Na Guanabara, nossos colegas fizeram uma greve geral exigindo verbas para a Universidade. Foram às ruas para pressionar o MEC. No local mesmo em que se tentou - montar a farsa do "diálogo", a partir dos setores reacionários da Igreja Católica, a ditadura se explicitou como sempre: através do mais brutal - esquema de repressão.

O Movimento Estudantil em todos os estados está avançando. São 3 pontos principais: luta por melhoria das condições de ensino, luta contra o MEC-USAID (por verbas, contra anuidades, contra a transformação das Universidades em fundações), luta contra a repressão da ditadura. Isso - significa avançar na luta contra a ditadura e contra o imperialismo. Isso - so significa avançar politicamente.

A carta política do 29º Congresso da UNE coloca explicitamente: nossa luta fundamental é a luta política contra a ditadura e contra o imperialismo. Está surgindo uma segunda posição no ME: que o ME deve se restringir aos problemas da Universidade, que não deve se mobilizar nas ruas, que deve fazer "diálogo". Alguns jornais chegam a dizer que esta é a posição da UNE hoje. Não é. Se existem alguns diretores da UNE que traíram as posições aprovadas no Congresso por 350 a 50 votos, isso não significa que essas posições estejam revogadas.

Os estudantes brasileiros não renunciarão à sua luta contra a ditadura e o imperialismo integrados na luta da grande maioria do povo brasileiro sob a liderança dos trabalhadores, como demonstram as lutas travadas no 1º semestre de 68.

Achamos que devemos intensificar nossa luta e nossa mobilização. É no avanço da luta que prepararemos o 30º Congresso da UNE.

Denunciamos a tentativa da ditadura de desmobilizar os estudantes através do decreto do "arrôcho estudantil" que reprova praticamente todos - nós. Denunciamos a tentativa de setores do ME de desmobilizar os estudantes através da proposição de organização e discussão primeiro e não - mobilização. Esses setores, na prática, colaboram com a ditadura.

Em São Paulo, o demagogo Abreu Sodré propõe, sem muita imaginação, o "diálogo".

Os estudantes devem seguir o exemplo dos trabalhadores paulistas no dia 1º de maio. Vamos "dialogar" com o interventor da ditadura em São Paulo com paus e pedras nas mãos.

UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES

São Paulo, 14 de junho de 1968



67

## O MOVIMENTO ESTUDANTIL E O DIÁLOGO



É possível diálogo?  
A quem éle interessa?

UEE - MG (maio-68)

Face ao avanço sensível do movimento estudantil em sua participação com o povo na luta contra o imperialismo e a ditadura, esta sentiu-se pressionada e utilizou diversas estratégias para parar com a mobilização.

Princípio procurou esvaziar e desgastar o movimento estudantil, através do combate político às posições levadas. Procurou caracterizar como inconsequentes as lutas do movimento estudantil, enquanto propunha formas de atendimento de nossas reivindicações através da reforma MEC-USAID.

Sentindo que as proposições eram combatidas e denunciadas como mais uma medida de opressão, a ditadura mudou sua maneira de atuar e utilizou-se da força para se impor. Estudantes e operários foram mortos, presos, houve instauração de IPMs e a prisão de líderes. Ao invés de se arrefecerem, as mobilizações cresceram em intensidade. A repressão não intimidou o povo mas deu-lhe consciência da correção de suas posições. A ditadura, sentindo-se fraca politicamente procurava se impor pela força.

O último recurso que o imperialismo lançou não é o da constituição de uma "comissão de alto nível" para que os oprimidos "dialoguem" com os opressores, elevem até estes as suas reivindicações. Face a esta nova situação perguntamos: é possível o diálogo? A quem éle interessa?

A ditadura brasileira é o governo representativo de uma minoria dominante. Todas as leis, as medidas políticas adotadas por esse governo são elaboradas em função desta minoria em detrimento da grande maioria do povo.

Aceitar o diálogo com os opressores é reconhecer que eles poderão, nos fazendo concessões adotar uma política que atenda às nossas necessidades e que portanto contrarie seus interesses.

Para nós está claro que o povo só terá atendidas suas reivindicações quando o poder existir em função dele e não do imperialismo.

Está patente também que só conseguiremos isso na luta. O que os opressores querem hoje é que caiamos no seu jogo e que nos deixemos levar por sua perspectiva de "diálogo" e que paremos de lutar, de nos mobilizar, de questionar sua presença no poder. Medidas políticas, repressão, diálogo são ~~uma~~ a mesma coisa: é a ditadura tentando calar a voz do povo.

O diálogo é possível. Ele interessa ao inimigo porque, aceitando-o como forma de resolver os nossos problemas, nós estaríamos, na prática, deixando de lutar e de nos mobilizar. É isso o que o imperialismo e a ditadura desejam.

A UEE-MG que, em boletim anterior, tinha aceito - apesar de certas exigências preliminares - o diálogo como fórmula de resolução de nossos interesses, reformula sua posição, não aceita conciliações com os nossos opressores. Critica todas as posições do movimento estudantil que tenham se colocado a favor de tal medida, faz sua auto-crítica não aceitando o jogo da ditadura, denunciando aos que a ela se aliam.

Hoje os povos de todo o mundo, reconhecendo a situação de opressão em que vivem, começam a lutar e encontram o caninho de sua libertação. O povo brasileiro segue seu exemplo e também inicia a sua longa luta.

Nossa vitória só será alcançada junto com o povo, no combate sistemático aos que nos oprimem. Adotar posição contrária é conciliar, é colaborar, é ser amigo dos nossos inimigos, portanto, inimigo do povo.

A UEE-MG se lança à luta ao lado do povo, contra os opressores e seus amigos e propõe que nas ruas, nas escolas, nas salas, continuemos a nos mobilizar não aceitando medidas, não tomando posições de conciliação com a ditadura e o imperialismo.

Nós não propomos, através de negociações, a paz; para nós o objetivo é conseguí-la lutando e derrotando os nossos inimigos.

UNIÃO ESTADUAL DOS ESTUDANTES - MG



68

O XXX CONGRESSO NACIONAL DOS ESTUDANTES



1. Diretrizes gerais:

No Conselho Nacional da UNE, realizado em Salvador, em função de diversas autocríticas anteriores e mais particularmente a autocrítica do congresso nacional de 1967, foram tiradas as linhas mestras para a execução de um congresso de novo tipo, que significasse um avanço no ME nacional, não cometendo os mesmos erros do passado.

Os Congressos anteriores nunca foram preparados nas escolas: os delegados levavam posições individuais e os estudantes em conjunto eram praticamente esquecidos nessas reuniões. Tiravam-se delas planos de luta que poucos delegados seriam capazes de sustentar em suas escolas, pois não refletiam as experiências, as lutas desenvolvidas no dia a dia do ME, as condições específicas que os problemas universitários levantavam e que se constituiriam em instrumento de mobilização, organização e educação dos estudantes.

Face ao avanço organizatório e político que o ME tem demonstrado em suas últimas mobilizações, as novas formas de luta etc., é mister que se faça um balanço crítico dessas lutas, que se faça com que a teoria do ME acompanhe a prática que ele vem desenvolvendo, para que alcance como um todo a eficácia e a consequência que lhe está destinada como força histórica que é.

Neste panorama, o XXX Congresso surge, antes de mais nada, como um aprofundamento dos estudantes nos objetivos e formas de luta do movimento estudantil, procurando nacionalmente sua unificação.

Assim, o trabalho teórico que se fará no Congresso não se confunde com as lutas que o movimento estudantil vem desenvolvendo, mas não se pode desligar esse trabalho dos problemas que são enfrentados em cada lugar. Os Grupos de Trabalho que vêm desenvolvendo as lutas específicas do ME são os que farão a preparação do Congresso, discutindo o seu temário, propondo teses e desenvolvendo os trabalhos de finanças e propaganda que o Congresso exige para a sua realização.

Embora seja uma necessidade interna do ME, é necessário que o Congresso seja divulgado às outras camadas da população, como fato político importante que é, na medida em que significa um avanço na luta dos estudantes.

Não se deve esquecer que o Congresso é também um instrumento de organização dos estudantes e, da forma que se pretende, um primeiro passo para que a UNE tenha uma estrutura nacional que seja capaz de coordenar o ME como um todo.

Nesse sentido, o Conselho de Salvador aprovou o temário que vem em seguida e a diretoria da UNE formalizou as linhas mestras estabelecidas, marcando o congresso em quatro fases.

No Conselho de Salvador foi derrotada uma proposta que pedia a substituição da Diretoria da UNE por um Conselho de UNE que responderia por esta na montagem do Congresso. A diretoria ficou então encarregada de montar e coordenar o congresso nacional; para tal pediu que diversas UEEs e DCEs de várias regiões do Brasil indicassem

RÉDE FERROVIÁRIA FEDERAL S.A  
REDE DE VIAÇÃO PARANÁ - SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA  
SETOR SEGURANÇA

Pasta XXXº CONGRESSO DA UNE

CONFIDENCIAL

69

CURITIBA, 19 / SETEMBRO / 1963

ASSUNTO: PROJETO DE PROPOSTA PARA EDSON SOARES AO 30º CONGRESSO DA

ORIGEM: UNE - SETOR DE SEGURANÇA

AVALIAÇÃO:

DIFUSÃO: PRES/RETA - 12/9 - FUI - DPP/US/PA - SMI/ACE - DAP/PA - PNEP

DIF. DESDE A ORIGEM:

ANEXOS: 3 FÓLIAS

REFERÊNCIA:

IMP/442 No. 15/63 - I D N

**EDSON SOARES**

EDSON SOARES, integrante da diretoria da UNE, é o autor de críticas a atuação da UNE nos últimos 12 meses e do programa sugerido para a próxima gestão que reproduzimos no documento anexo.

Este manifesto circulou restritamente entre alguns delegados do Congresso Regional de SP que se realiza nesta Capital, onde a entidade nacional se faz representar por OILDO LACERDA e LUCAS SILVA.

O conclave, que deverá ser encerrado esta noite, está se desenvolvendo em ambiente de franca desarmonia entre as lideranças e desinteresse entre os demais delegados, a ponto de SÉRGIO SALAS JAC B querer fechar as portas do BIA (onde se realizam as reuniões) para evitar o esvaziamento do plenário, após o início das sessões.

Voltaremos ao assunto com maiores detalhes.

.....

CHIEFFI DE SETOR DE SEGURANÇA DA UNE



70º CONGRESSO DA UNE

POR UMA UNIVERSIDADE CRÍTICA - PROPOSIÇÃO DE UM PROGRAMA

A Diretoria eleita no Congresso de 67 tinha 10 companheiros. Hoje, apenas 7 estão trabalhando. Todos sabem, no entanto, que as divergências políticas dentro da Diretoria levaram alguns desses colegas a atuar paralelamente à UNE, não aceitando as decisões de maioria. Isto prejudicou tremendamente nosso trabalho. Porém julgo que houve e haverá outras ocasiões para criticar o comportamento divisionista desses colegas. O que apresento aqui é o balanço crítico de minha atuação e de mais dois colegas da Diretoria da UNE, atuação esta que foi orientada pelos mesmos objetivos políticos. É desse balanço crítico que surgiu este programa, que representa o amadurecimento de nossas posições e de nossas experiências vividas.

- \* \* \* -

E. S. \*

agosto/68

\* - EDSON BORGES



71

## BALANÇO CRÍTICO

A UNE está em crise. São as crises que precedem as transformações. De fato, esta diretoria não conseguiu por em prática o programa traçado em 67 e nem conseguiu aplicar a linha política da Carta do 29º Congresso. Um dos problemas que causaram essa inoperância foi o fato de as divergências políticas internas da Diretoria (que existiam) terem, nesta gestão, se manifestado através de ações divisionistas da fração minoritária. Porém, não foi apenas isto que causou a inoperância da UNE. Foi também o fato de ela não possuir uma infra-estrutura que lhe permitisse atuar enquanto entidade de massa.

Transformar a UNE na entidade máxima dos estudantes brasileiros e fazer com que ela deixasse de ser apenas o porta-voz de algumas lideranças foi o meta a que nos propusemos, sem no entanto pensar na criação das condições necessárias para a formação de uma infra-estrutura da entidade. Nesse sentido, nossa falha foi o empirismo: julgamos que bastava querermos "ir às bases" e a nossa tarefa estaria pronta; não apontamos, logo de início, para a necessidade de um plano organizatório que permitisse essa "ida às bases" através das lideranças intermediárias.

Da mesma forma, a aplicação da linha política exposta na Carta do 29º Congresso foi feita apenas esporadicamente, também por falhas organizatórias, falhas estas cuja origem está na preparação do 29º Congresso. A falta de discussão nas bases, antes e depois do Congresso fez com que a Carta Política fosse um papel abstrato, desligado da realidade; uma das provas disso é que, tendo localizado perfeitamente na Carta os pontos de partida para o rearmamento do ME, não se conseguiu traduzir esse avanço político no Plano de Luta. Assim é que, tendo núcleo da Carta mostrado: 1) a necessidade do ME integrar-se, como força auxiliar, na luta dos trabalhadores; 2) a necessidade da UNE ir às bases estudantis para, na condução das suas lutas reivindicatórias, dentro de uma perspectiva política correta, ganhar-lhes para o programa de integração na luta dos trabalhadores. Tendo apontado estes fatores, não se conseguiu, no Plano de Luta, mostrar de que forma o ME se integra na luta dos trabalhadores, e de que forma a UNE e as entidades conduzam as lutas reivindicatórias dentro de uma perspectiva política-corrreta. A falta de um programa bem sistematizado, que tra





duzisse o avanço político representado pela Carta, foi uma falha política no seguinte sentido: falta de clareza de que os problemas organizatórios não são desligados dos problemas políticos, de que, se define uma meta política, deve-se definir também quais os meios organizatórios compatíveis com estas metas.

No entanto, apesar destas falhas, que são imensas, o 29º Congresso e sua Carta Política devem ser considerados como um avanço, pois marcam o início de uma transformação. Marcam o início de uma fase em que o ME, em vez de diluir-se em programas populistas, resolve encarar cientificamente a sua posição na sociedade de classes brasileiras, e daí deduzir qual o papel que lhe cabe no movimento de transformação desta mesma sociedade. Marcam o momento em que o ME tomou consciência de que não poderia continuar nem no movimento de lideranças desligadas das bases (de 64 a 67) e nem um movimento de massas, tipo populista, em que os estudantes serviam de massa de manobra para as jogadas do MEC e do Governo Federal, defendendo os interesses de uma "burguesia nacional progressista" (até 64). Que deveria ser um movimento de massas organizado pela base, com uma massa consciente do porquê de suas lutas, com uma massa sujeito ativo de sua história.

## PROGRAMA POLÍTICO



A UNE deve reafirmar a linha política traçada no 29º Congresso, sobre o papel do MR: o de integrar-se, como força auxiliar, nas lutas dos trabalhadores da cidade e do campo. Como se dá essa integração?

### A. NA UNIVERSIDADE

Os estudantes se integram na luta dos trabalhadores, quando, dentro de Universidade, encaminham suas lutas, na perspectiva que tem os trabalhadores, de transformar a sociedade.

Luta reivindicatória - Na medida em que optamos por definir o papel do ME através de uma análise científica das classes na sociedade brasileira, verificamos que os estudantes são provenientes, na sua maioria, da pequena-burguesia. Eles têm então a uma certa distância de sua classe de origem, por estarem relativamente desligados do processo de produção, e mesmo da família. Por outro lado, o seu contato com o mundo da ciência faz com que eles tenham possibilidades de acesso a uma visão crítica da sociedade atual, e possibilidades de entender como irracional um sistema econômico regido pelo lucro. Tal - qual é o capitalismo. Essa situação do estudante faz com que ele possa vir a ter contradições bastante profundas com tudo aquilo que represente o status que os pais, os professores, as autoridades universitárias, o Governo e o aparelho repressivo do Estado. Estas contradições, no entanto, não são fundamentais como o são aquelas que os trabalhadores têm com o atual estado de coisas.

Porém, por terem compreendido que são os trabalhadores a classe cuja contradição com o regime a fará liderar a luta

contra o Governo, não significa que os estudantes devam diluir-se na luta dos trabalhadores. É exatamente por ter-se feito uma análise científica da posição dos estudantes na sociedade de classes, que se sabe que o MS tem uma dinâmica própria e que não pode diluir-se juntando suas reivindicações com as reivindicações dos trabalhadores. Optar por uma análise científica, abandonando as concepções populistas, significa saber que cada classe tem seus problemas próprios e que a integração é política, e não física. Esta integração na luta dos trabalhadores se dá, portanto, até o nível de uma condução política correta de cada luta reivindicatória.

Uma condução política correta significa, em primeiro lugar, fazer com que a luta seja levada pela massa, e não por lideranças apenas, através de conjuntos populistas. Significa que não se considere uma vitória aquela, obtida sem a mobilização física e política da massa. Política por que se a massa não entende de como aquela vitória parcial se insere numa luta política mais ampla, luta-se pela reivindicação apenas, e a luta se esgota na conquista dela. Mobilização física porque, não basta entender politicamente a luta, mas é preciso também compreendê-la politicamente. A consequência de um movimento reivindicatório do qual a massa não participou ativamente e o esvaziamento não tornou o sujeito ativo do movimento, a massa não se sente responsável pela continuidade dele em outro plano.

Luta política - Cada luta reivindicatória deve ser conduzida de modo a que os estudantes compreendam como ela se insere na luta política geral dentro da Universidade. Essa inserção não é feita por nós; ela é simplesmente demonstrada por nós. A luta por um restaurante, pela modificação de um currículo, contra certo regime de exames, por exemplo, são partes de uma luta que compreendemos contra a Universidade agrária que ainda subsiste em muitos pontos do sistema de ensino e contra a Universidade empresarial que o MEC-USID quer impor; Na denúncia da política educacional do Governo demonstramos como a Universidade já havia se transformado, em muitos lugares, de agrária em moderna (i. e., empresarial). Mas que essa transformação se havia feito através do enriquecimento (com a abertura de novas escolas e com a modernização de alguns setores) e se tratava agora, através da F.A.G., de transformar toda a Universidade de maneira uniforme, num complemento das empresas capitalistas, num organismo regido basicamente pelas necessidades imediatas e a longo prazo das empresas.

Nesta fase de acumulação de forças, denunciadas a F.A.G. Houve por um momento em que: 1) porque já havia sido feita a propaganda contra a F.A.G.; 2) porque os problemas que geram as lutas reivindicatórias específicas de cada local, se aguçaram por uma causa destes dois fatores, sem que tivéssemos planejado, participamos para isso, abandonando a simples denúncia. Cabe agora um balanço para que se compreenda o significado da ação empreendida (caso do Paraná: tomada da Reitoria para impedir os exames pagos; na Bahia: tomadas das faculdades para impedir o corte de verbas; em São Paulo: tomadas de algumas faculdades para conseguir as comissões pagitárias; prisão de um agente do SDA, para conseguir a libertação de um colega preso).

Pode-se partir de denúncia para ação quando já se acumulou forças suficientes para mobilizar uma grande massa que compreende o sentido político da ação e que está disposta a empreender esta ação. Em vários lugares isto foi possível porque havia nos passado por este processo. Estas ações foram isoladas mas se interligam porque o seu sentido político é o mesmo: lutar, onde for possível, iniciativas que signifiquem a nossa resposta à Universidade agrária e à Universidade empresarial; a Universidade Crítica.

A Universidade Crítica deve ser ao mesmo tempo a nossa bandeira de luta; e, a possibilidade efetiva de uma resposta con

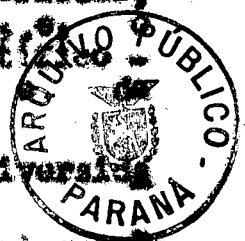


74

grata ao Governo isto é, onde não é possível a Universidade Crítica ser posta em prática, onde os estudantes não acumulam forças suficientes para empreender uma ação, ela deve ser a base de nossa propaganda política. Onde é possível partir para ação, seja porque os estudantes estão fortes, seja porque o inimigo vacila, devemos transformar a Universidade Crítica numa resposta concreta.

Estas duas possibilidades - a Universidade Crítica - como bandeira de luta e como resposta concreta - ligam-se entre si, na medida em que uma é a base para a concretização da outra. Como bandeira de luta, devemos fazer com que todos os projetos de reestruturação do ensino se orientem pelos princípios da nossa Universidade Crítica. Todo claro os objetivos políticos de cada pequena reestruturação - aproximar-se o mais possível dos princípios da Universidade Crítica - não corre o risco de perdermo-nos em polémicas intermináveis e improdutivas sobre problemas técnicos e burocráticos.

A Universidade Crítica deve ser a consciência crítica da sociedade. Por isso ela deve empreender a crítica a sociedade tanto no nível do conteúdo do ensino, como no nível da organização da instituição. No nível do conteúdo, ela deve organizar os currículos e as pesquisas, tendo em vista a necessidade de desenvolvimento da ciência, divulgação da cultura e formação de profissionais em função dos interesses da maioria trabalhadora, e não de minoria que atualmente detém o poder. Por isso, no campo da pesquisa não se coloca a falsa oposição entre concentrar os recursos materiais e humanos nas ciências aplicadas, ou concentrá-los nas ciências puras. Isto seria encampar as alternativas que o Governo nos propõe ou NAC-USAID para o qual os países subdesenvolvidos recebem do exterior a tecnologia avançada, devem apenas formar os únicos meios capazes de aplicar essa tecnologia, e o acadêmico de uma Universidade arcaica, de formar bacharéis. As pesquisas devem ser desenvolvidas tanto no campo das ciências puras como das ciências aplicadas, tanto em ciências humanas como em ciências exatas, e o único critério que as determina são os interesses gerais da sociedade, tanto os imediatos como a médio e a longo prazo. Por outro lado a Universidade Crítica deve se bater para que cada estudante tenha uma formação científica completa, que lhe faça saber uma profissão, mas que o faça compreender a sociedade como um todo, e que o principal, permita-lhe conhecer um método científico que o capacite a acompanhar os progressos da ciência tecnologia.



No nível da organização da instituição, a Universidade de Crítica deve ser orientada pelos princípios de:

1. autonomia universitária, compreendida como: a) gestão peritaria, em todos os níveis, de alunos e professores, sem distinção de grau, assegurando a participação de funcionários e formada mediante eleição; b) subvenção estatal para a Universidade compreendida como a destinação de um percentual fixo orçamento do órgão que mantém o ensino (a subvenção estatal liga-se ao princípio de que, sendo a Universidade uma instituição destinada a formar quadros para a sociedade, cabe ao estado que dirige essa sociedade arcar com o ônus da educação).
2. democratização do ensino, significando isto que as formas de acesso à Universidade devem ser aquelas que propiciem a entrada do maior número de pessoas e a possibilidade efetiva de elementos das classes mais pobres entrarem e terem condições de concluir o curso universitário. Por isso, defendemos: a) gratuidade do ensino em todos os níveis; b) vestibulares de hábil

75

litação e não de seleção; c) expansão dos cursos noturnos; d) dotar a Universidade de condições de manter a vida do estudante também do curso regular; restaurantes, alojamentos, condição, biblioteca, serviço médico, etc.

A Universidade Crítica é mais do que uma Universidade Popular, pois ela se opõe à Universidade atual não só no nível de organização da instituição - forma de acesso a ela - como também no nível do conteúdo do ensino, que se desenvolve em condições de por em cheque as atuais estruturas sociais. A Universidade Crítica sabe que uma Universidade verdadeiramente popular só será conseguida quando as estruturas sociais forem modificadas. Por isso, realisticamente, ela se coloca como uma oposição o mais avançada possível ao regime. Ela propugna por critérios de acesso que tendem a fazer mais fácil a entrada, mas sabe que o acesso à Universidade só será verdadeiramente modificado quando a sociedade for transformada. Isto não significa que a Universidade crítica não é possível, "pois será desbaratada pela repressão", pois será desbaratada pela repressão". A repressão poderá vir, porém devemos exatamente avançar o máximo possível quando as condições nos forem favoráveis, criando assim "fatos consumados" que dificultem a volta à Universidade anterior.

#### B. FORA DA UNIVERSIDADE.

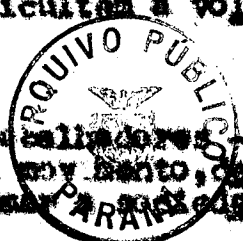
Os estudantes se integram na luta dos trabalhadores quando, fora da Universidade, levam às ruas o seu movimento, dentro da perspectiva dos trabalhadores de transformar a sociedade, e quando divulgam estas lutas.

Manifestações de rua - Quando o ME sai às ruas, ainda que seja para manifestar-se em torno de uma reivindicação específica dos estudantes (verbos, por exemplo), ele está quer nos quisermos quer não, assumindo um papel político. Uma manifestação estudantil de rua sempre repercute, quer na população em geral, quer no setor governamental. Por isso, o ME não tem maneira de se quitar; ele só pode escolher o papel político que desempenhará através da manifestação. É aí que as palavras de ordem, as faixas e os comícios assumem um papel importante, quando colocam já a perspectiva dos trabalhadores.

Divulgação das lutas - O ME, quando faz a divulgação das lutas dos trabalhadores, está funcionando como força auxiliar. Essa divulgação em si mesma não significa integrar-se na perspectiva dos trabalhadores, pois ela pode ser feita dentro da perspectiva da burguesia (como, por exemplo, antes de 64), ou dentro de uma perspectiva populista, que procura diluir a luta de diversas classes sociais, numa "luta de todo o povo".

Divulgar o movimento dos trabalhadores dentro da perspectiva deles de transformar o regime significa fazer uma divulgação que leve em conta o caráter de classe desta sociedade e que a analise cientificamente.

Força auxiliar material - Quando o ME, num determinado momento da luta dos trabalhadores (por exemplo, uma greve ou primeiro de maio) põe a sua força material e organizatória a serviço das necessidades dessa luta, ele está funcionando como força auxiliar. Esse auxílio material não significa em si mesmo a integração. Se pusermos o ME à disposição das necessidades dos pelegos que pulam pelos sindicatos, apenas estará nos afastando da perspectiva dos trabalhadores. Integrar-se significa que ponha a nossa força material e organizatória a serviço das lideranças operárias que levam a luta dentro da perspectiva dos trabalhadores. A mesma coisa acontece quando colocamos a luta de setores radicais da pequena burguesia, quando colocamos os recursos do ME à disposição dos setores da pequena burguesia que empreendem sua luta dentro da perspectiva dos







76

trabalhadores.

### C. NO PLANO INTERNACIONAL

Os estudantes se integram na luta dos trabalhadores quando procuram coordenar seu movimento com os movimentos estudantis de outros países que travam também sua luta dentro desta perspectiva e quando fazem a divulgação das lutas de todos aqueles que se opõem, em seus países, à classe dominante local e a suas expressões maiores o imperialismo.

ME internacional - A UBE deve procurar coordenar as lutas do ME brasileiro com os MEs, que em vários países, com suas entidades oficiais ou contra elas, têm levado adiante as ações dos estudantes.

Na Espanha, na Alemanha, na Itália, na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos, no México, no Uruguai, na Argentina, no Peru, em diversos lugares, enfim, o ME está enfrentando o Governo e as medidas que ele quer impor para a Universidade e para a sociedade em geral. Em todos esses lugares os estudantes lutam contra um Governo que quer a manutenção, intacta, do statu quo e lutam não apenas com denúncias, mas transformando a violência no método político de impor derrotas parciais até a derrota final e a destruição do atual regime. Para isso, a UBE deve participar da OCLAE (Organização Continental Latino-Americana Estudantil) e denunciar a política conciliadora da UIE (União Internacional Estudantil), lutando pela construção de uma entidade internacional estudantil de combate.

Divulgação - No Vietnã, os heróis guerrilheiros resistem à nação de maior poderio bélico - na Ásia e na África, povos inteiros se rebelam contra o domínio colonialista que o imperialismo mantém diretamente. Nos Estados Unidos, os negros se amotinam e investem contra a sociedade branca e sua opressão racista, através da qual a classe dominante americana pretende manter reprimida a classe proletária, em geral formada de negros. Na América Latina, a luta armada surge em todos os países, como única forma possível de classe dominante ser derrubada. Os estudantes brasileiros precisam saber como a luta de classes se manifesta nos diversos lugares.

### DIRETRIZES PARA AÇÃO

A base de nossa luta dentro da Universidade, devemos por isso ter como núcleo de atuação a luta pela Universidade Crítica.

1. Universidade Crítica - respostas efêmeras - Onde o movimento estudantil tiver acumulado suficientes forças para passar de denúncia à ação, devemos instalar mudanças parciais, o maior número delas possível, que se aproximem dos princípios da Universidade Crítica.

2. Universidade Crítica - propaganda Universidade Paralela - Onde não for possível passar de denúncia à ação, devemos fazer propaganda da Universidade Crítica. O melhor meio de fazer propaganda seria a criação da Universidade Paralela: isto é, promover cursos extras, debates, formar núcleos estaveis, etc., etc. que funcionem como uma Universidade Crítica - não reconhecida pelas autoridades. É o melhor veículo de propaganda e representa já uma iniciativa que ultrapassa a mera denúncia e a mera propaganda.

O sentido educativo de iniciativas como estas só podem ser assimiladas a partir da experiência: e no processo de deixar apenas de criticar e passar a fazer, que o estudante se educa e o movimento estudantil eleva-se ao nível político.

3. Universidade Crítica - lutas reivindicatórias - cada

luta reivindicatória, verbas (fundações, vagas, excedentes, instalações, etc.), enquanto luta parcial, deve ser integrada na luta pela Universidade Crítica. Se as lutas reivindicatórias parciais não são integradas dentro de uma perspectiva política maior, elas tendem a se esgotar em si mesmas. Se, por outro lado, tendo a possibilidade de conseguir certas mudanças nos requeremos a efetivá-las por saber que a Universidade que queremos é impossível na atual sociedade, estamos fazendo com que a luta reivindicatória não tenha saída, permanecendo apenas na denúncia e na "agitação pela agitação". Devemos pois efetivar todas as mudanças, que pudermos e que aproximem dos princípios da Universidade Crítica.

## PROGRAMA ADMINISTRATIVO

Um programa político só pode ser cumprido se tiver uma estrutura organizativa que o sustente. A UNE precisa dessa estrutura, que coordene o trabalho nacional, nivelando as informações e promovendo a troca de experiências.

Essa infraestrutura seria formada nas sete regiões em que serão realizados os Congressos Regionais.

1. RS, SC, PR
2. SP
3. GO, RJ, ES
4. MG, CO, BR, MT
5. BA, SE, AL, PE, PB
6. CE, RN, PI
7. MA, PA, AM

Constará de uma assessoria Regional da UNE, formada por um número de quatro a oito elementos, conforme as necessidades e disponibilidades da região.

1. Imprensa - montar um esquema que possibilitasse a reprodução dos documentos da UNE, dos documentos importantes de outras regiões e distribuição dessas publicações. Uma das Assessorias encarregada de imprensa nacional (jornal e revista), e para tanto, seria ampliada.

2. Propaganda - promoção de debates e campanhas relativas ao programa político de ação da UNE.

3. FINANÇAS - montar um esquema regional de finanças para a UNE, para manter a imprensa e as promoções.

4. COORDENAÇÃO - coordenar o trabalho da UNE junto aos DAS. da região, junto as entidades estaduais e diversas assessorias.



REGIMENTO INTERNO

TÍTULO I

Disposições preliminares

Capítulo I

Das finalidades

Art. 1º - O presente regimento interno organiza e rege os trabalhos do Encontro Regional Sul, Preparatório ao 30º Congresso da U.N.E.

Capítulo II

Dos componentes

Art. 2º - O Poder Deliberativo é exercido pelos membros credenciados ao Encontro Regional Sul Preparatório ao 30º Congresso Nacional da U.N.E.

Art. 3º - Os membros credenciados ao encontro são os seguintes: os delegados eleitos em assembleias gerais, os presidentes dos D.A.s ou seus representantes e os delegados indicados pelos D.A.s das escolas onde não houve assembleia.

Art. 4º - São participantes do encontro, além dos membros credenciados, todos os estudantes presentes ao mesmo.

Art. 5º - É da competência do encontro deliberar sobre o presente regimento, bem como sobre os relatórios, proposições e demais assuntos relacionados com o temário do Encontro Regional Sul Preparatório ao 30º Congresso Nacional da U.N.E.

TÍTULO II

Da organização

Capítulo III

Art. 6º - O Encontro Regional Sul terá a seguinte estruturação:



7/29

- 1) mesa diretiva;
- 2) comissões;
- 3) sessões plenárias;

#### CAPÍTULO IV

##### Da coordenação geral

Art. 7º - A mesa diretiva do encontro é exercida por um presidente, um vice-presidente e um relator.

Art. 8º - Compete ao Presidente:

- a) cumprir e fazer cumprir o programa do Encontro Regional Sul e este regimento interno;
- b) convocar e presidir as sessões plenárias;
- c) assinar, juntamente com o relator, os atos do encontro.

Art. 9º - Compete ao vice-presidente:

- substituir e auxiliar o presidente no exercício de suas funções.

Art. 10º - Compete ao relator:

- a) secretariar o encontro;
- b) redigir as atas da sessão do encontro;
- c) assinar com o presidente os atos do encontro;
- d) escolher os auxiliares que se fizerem necessários ao correto exercício de suas funções.

#### CAPÍTULO V

##### Das comissões

Art. 11º - Farão parte das comissões os membros credenciados ao encontro e todos os estudantes presentes ao mesmo.

§ 1º - As comissões poderão ser desdobradas em subcomissões.

§ 2º - Terão direito a voto nas comissões os membros credenciados ao encontro.





Art.12º - Cada comissão elegerá um coordenador e um relator dentre os seus membros.

Art.13º - O temário do encontro, para a discussão, consideradas as lutas concretas do ME, particularmente no Paraná, consta dos seguintes itens:

1º - A UNIVERSIDADE BRASILEIRA E A SOCIEDADE (AS DIVERSAS DITADURAS)

A Universidade Arcaica

1. A reforma que o Governo propõe  
O que nós propomos.

2. 2º - POLÍTICA ESTUDANTIL DO GOVERNO

A repressão institucionalizada (Com. Meira Mattos, prisões de estudantes, Dec. 228 etc.).

A repressão velada (Proj. Rondon, Integração, Mudes etc.).

3. 3º - A ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

A organização pela base

As entidades estudantis

O que tem sido a U.N.E.

Uma nova organização para a U.N.E.



4º - As formas de luta dos estudantes

As lutas legais (diálogo - entidades legais etc)

Formas de pressão na Universidade (boicote, greve, tomada de faculdades etc.)

A propaganda externa (comícios, passeatas, panfletagem etc.)

A luta contra a repressão

4. 5º - PAPEL DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA SOCIEDADE

As concepções atuais (integração na luta de todo o povo - integração na luta dos trabalhadores e

e outras)

As posições divergentes e seu confronto

6º - CONGRESSO DA U.N.E. - ENCONTRO NACIONAL DE DELEGADOS

Proposição do encontro regional em relação a data, local e temário.

A possibilidade de realização de um CONSELHO NACIONAL.

Art.14º - As comissões serão em número de 4(quatro), cada uma delas correspondendo a um dos quatro itens seguintes:

- 1) Universidade Brasileira
- 2) Política estudantil do Govêrno
- 3) A Organização do movimento estudantil e formas de luta
- 4) Papel do movimento estudantil na sociedade

§ Único - Cada comissão reservará uma hora, após encerrados seus trabalhos, para discussão do item '6' do temário do Encontro Regional Sul, como preparação para discussão em plenário.

Art.15º - Cada membro credenciado somente poderá fazer parte de uma das comissões.

CAPÍTULO VI

Das sessões plenárias



Art.16º - As sessões plenárias são as de abertura e de discussão e votação dos relatórios das comissões e de outras proposições.

Art.17º - Poderão falar aquêles que tiverem a palavra concedida pela mesa diretiva, ou apartes concedidos pelos oradores.

§ 1º - Os pedidos de inscrição de oradores serão dirigidos à mesa diretiva na forma por ela regulada.

§ 2º - O pedido de urgência do assunto em discussão =  
poderá ser requerido por qualquer membro credenciado e colocado  
em votação.

§ 3º - O presidente poderá cassar a palavra do orador  
que ultrapassar o prazo regimental, se afastar do tema em deba-  
te ou fugir dos ditames dêste regimento.

§ 4º - O presidente só poderá intervir nos debates =  
nos casos previstos por êste regimento e para manter a ordem. =

Art.18º - Não serão permitidos apartes ou debates paralelos à =  
palavra da mesa diretiva.

Art.19º - Terão direito a voto os membros credenciados do encon-  
tro.

Art.20º - O processo de votação será por delegação de escola, =  
dando apenas os números de votos favoráveis ou contrários.

§ Único - Em caso de necessidade, a votação será nomi-  
nal e secreta.

## CAPÍTULO VII

### Disposições gerais

Art.21º - Tôdas as questões de ordem são soberana e conclusi-  
vamente resolvidas pela mesa diretiva.

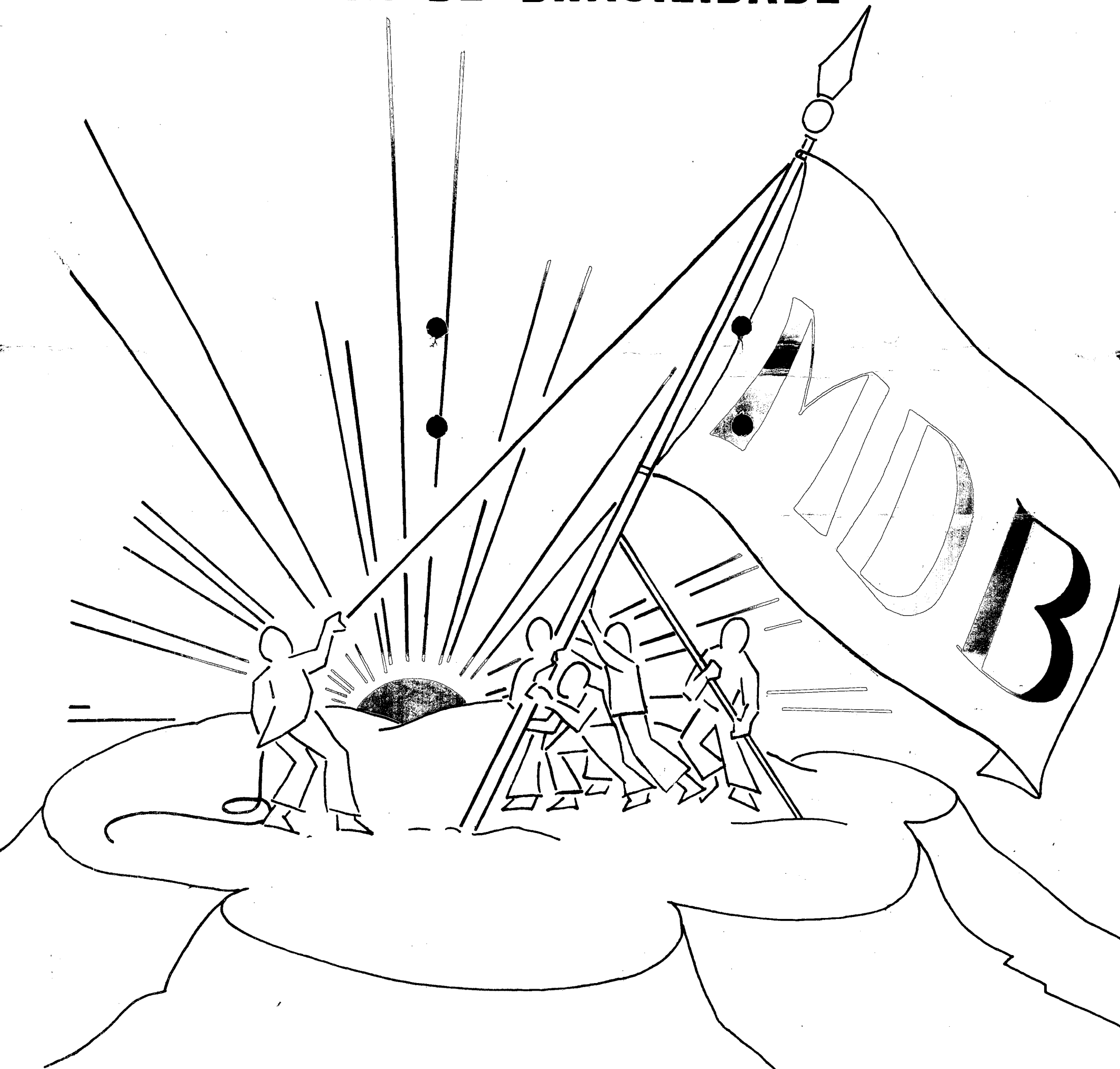
§ Único - A questão de ordem é prioritária sôbre o =  
assunto em discussão.

Art.22º - Os casos omissões neste regimento serão resolvidos =  
pelo plenário.



# CIDADÃO

**AJUDE A ERGUER BEM ALTO  
A BANDEIRA DE QUEM TEM  
MANIA DE BRASILIDADE**





**VOTA BEM QUEM ESCOLHE BEM!  
ESCOLHA OS CANDIDATOS DO PARTIDO  
DO POVO NA CONVENÇÃO DE JULHO-75  
INSCREVENDO-SE NO MDB ATÉ 29 DE MAIO.**

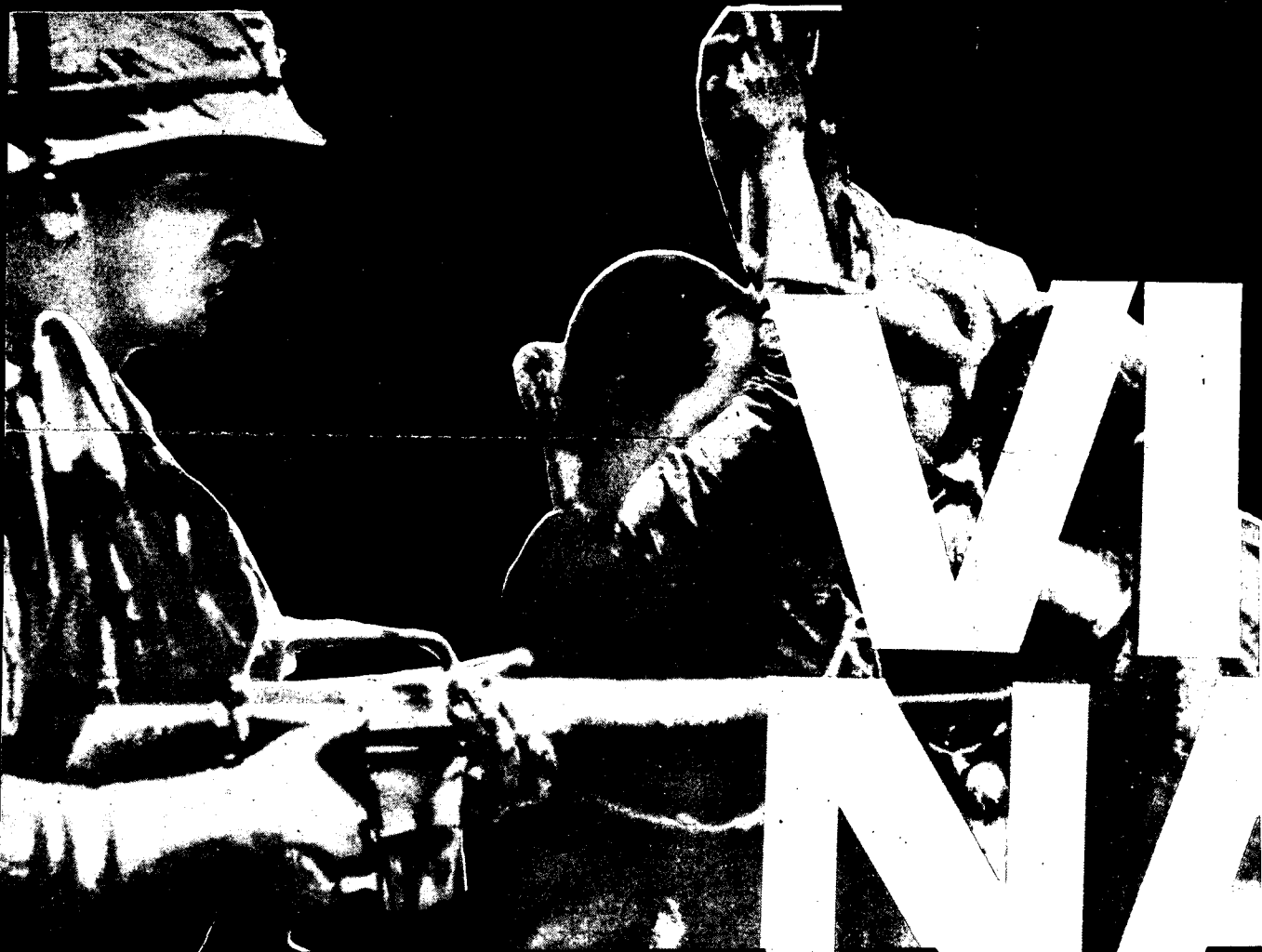


**DIRETÓRIO MUNICIPAL  
R. TAMANDARÉ - 310  
ABERTO DAS 8,00 Hs. DA MANHÃ  
ÀS 6,00 Hs. DA TARDE**

**COMISSÃO EXECUTIVA**

PUBLIARTE - R. TAMANDARÉ 310 - APUCARANA-PR

ALTO A  
LA SUJICIA  
GUERRA  
YANIKI  
EN  
VIET  
NAM





RELATÓRIO DA COMISSÃO POLÍTICA EDUCACIONAL DO GOVERNO.

HISTÓRICO- A atual organização educacional brasileira representa uma contradição própria da transição histórica que hora atravessamos, sendo que para alterá-la, necessário será uma mudança total da atual estrutura que a submete.

A Economia Brasileira sempre esteve integrada ao capital internacional consistindo em uma economia reflexa apoiada nas grandes culturas e na indústria extrativa, servindo-se para tanto do trabalho escravo. Tal produção visava, unicamente, atender ao mercado externo sendo portanto altamente prejudicial à formação de um mercado interno e motivando um estreitamento das relações entre os latifundiários e o imperialismo. Esta dependência que na época era incipiente foi o início da dependência dos capitais nacionais às empresas imperialistas.

Em 1888 com a abolição da escravatura e a intensificação da emigração de mão de obra européia, surgiu um mercado interno, porém o Brasil não dispunha de produtos que atendessem as necessidades desse mercado. Os gêneros de primeira necessidade e os produtos manufaturados eram na sua grande maioria importados, o que desequilibrava as contas externas desvalorizando, em consequência, nossa moeda. Essa situação era um reflexo da dominação inglesa; onde só se podia produzir, por lei, o que o mercado externo necessitava. Havia necessidade de se diversificar a lavoura e intensificar a produção industrial, o que era antagônico aos interesses do imperialismo inglês.

A ascensão da burguesia industrial nacional era obstada pelos interesses anti-progressistas da burguesia agrária (latifúndio), que detinha o poder. Esse antagonismo foi acentuado com a crise norte-americana que possibilitou aos setores industriais nacionais uma solidificação.

O advento de Getúlio Vargas em 1930 veio contribuir para a ascensão da burguesia industrial nacional. Outro fator que veio contribuir para o desenvolvimento da burguesia industrial nacional foi a 2ª. guerra mundial que refreou as exportações agrícolas e as importações de produtos manufaturados obrigando aos investidores a investir seus capitais na área industrial. A dependência continuou já que a burguesia nacional não conseguiu uma acumulação de capitais que possibilitasse a reinversão na indústria com o consequente desenvolvimento do setor. Para que o desenvolvimento industrial se verificasse era necessário aumentar o consumo interno, o que só seria possível através de uma reforma agrária, o que era antagônico aos interesses do latifúndio e do imperialismo. Para evitar a reforma agrária e a consolidação da burguesia industrial nacional adveio o golpe militar de 1937 que garantiu os investimentos e a dominação estrangeira. Afin de consolidar a dominação, a repressão se fez mais violenta sobre todo o povo através do aumento da taxa de lucro, da revogação da lei de remessa de lucros, da lei do arrôcho salarial, do Fundo de Garantia e Tempo de Serviço, do Acôrdo Mcc-Usaid, da Lei de Imprensa, da Lei de Segurança Nacional, etc.

Numa análise da política global do govêrno surge a necessidade de se dar uma definição de repressão, porque ela existe, como e onde ela se manifesta.

REPRESSÃO são todos os meios usados pela minoria dominante na tentativa de manter o "status quo". Ela existe na medida em que os interesses da maioria do povo entram em conflito com os da ditadura e do imperialismo que ela representa. Sua manifestação se faz sentir através de várias formas:

- 1- ABERTA- através de prisões, torturas, assassinatos, invasões, dispersão de manifestações, etc.
- 2- INSTITUCIONALIZADA- através de leis e decretos que visam frear as mobilizações e oprimir todo o povo. Como exemplo, o arrôcho salarial, Acôrdo Mcc-Usaid, Relatório Meira Matos, Decreto Aragão, Lei de Segurança Nacional, etc.
- 3- INDIRETA- proposições que visam esvaziar os mobilizações paliativas e conciliatórias (diálogo, Projeto Rondon, Tempo de Integração, reformas conservadoras, etc).

A repressão se manifesta em tôdas as classes oprimidas: o camponato, o operariado, a classe média mais especialmente a pequena burguesia (estudantes, professores, bancários, jornalistas, artistas, clero, intelectuais, etc).

REPRESSÃO ABERTA- A partir do golpe de 1964 diversas posições, que poderiam vir a colocar em xeque o golpe, foram violentamente reprimidas. Esta repressão se manifestou, em sua primeira forma, com prisões de líderes, perseguições, invasões de universidades, fábricas, sindicatos e entidades estudantis, etc.

REPRESSÃO INSTITUCIONALIZADA- Depois de consolidado o golpe, a repressão passa a ser feita, também, através de leis que colocam na ilegalidade organizações camponesas, operárias, estudantis. Também se caracterizou na forma de desvios de verbas da administração pública para o fortalecimento do aparato militar que garante a ditadura. Ao mesmo tempo cresce o corte de verbas das Universidades a fim de provocar uma crise artificial que possibilitaria ao governo realizar uma reforma que viesse atender às necessidades do imperialismo.

Lei Suplicy- A lei Suplicy visou especialmente a extinção do movimento estudantil brasileiro. Para acabar com a participação política dos estudantes a lei procurou destruir a autonomia e a representatividade do movimento deformando as entidades estudantis em todos os escalões ao transformá-las em meros apêndices do Ministério de Educação, dele dependentes em verbas e alimentação.

Decreto Aragão(228)- O decreto Aragão de 28 de fevereiro de 1967 revoga a Lei Suplicy que o movimento estudantil não deixou vigorar, através do boicote à estrutura pelega (DNEs) e através da sustentação das estruturas livres (UEEs) (UNE). O Decreto Aragão coloca na ilegalidade toda e qualquer representação estudantil aos níveis nacional e estadual e prevê eleições indiretas para os DCEs e enquadramento dos DAS. O movimento estudantil luta contra o Decreto 228 fortalecendo suas entidades livres e promovendo eleições diretas para tôdas as entidades (CAs, DAs, DCEs).

Relatório Meira Matos- O Governo Costa e Silva criou uma "Comissão Especial de Assuntos Estudantis" e nomeou para integrá-la além de professores conhecidos pela vinculação com a repressão ao movimento estudantil, o Coronel Meira Matos, que comandou as tropas na invasão de São Domingos, no fechamento do Congresso Nacional, e na intervenção em Goiás.

O Coronel Meira Matos esteve diretamente envolvido na repressão brutal ao movimento estudantil por ocasião das manifestações de protesto pelo assassinato de Edson Luís.

O Relatório elaborado por essa comissão dirigida pelo Coronel Meira Matos visa desarticlar completamente o movimento estudantil.

Prega a cobrança de anuidades escolares nos estabelecimentos oficiais federais de ensino superior. Prega também o fechamento do restaurante do Calabouço e a diminuição de comensais dos restaurantes universitários a fim de, com esta desculpa afastar as lideranças estudantis alegando subversão. Com o intuito de reprimir indiretamente o movimento estudantil, propõe a criação de organismos pelegos (MUDES) aconselhando a iniciativa privada a ajudar financeiramente os movimentos MUDES, Projeto Rondon, tempo de Integração, visando a formação de falsas lideranças. Ao mesmo tempo pede o apoio aos grupos reacionários como o Grupo Decisão.

Outro item se refere à exigência de atestado ideológico a professores e funcionários públicos.

Prega ainda o vestibular unificado que seria realizado através de fundações, tais como o CESCEM, a fim de manter sempre um mesmo número de vagas não dando chance a que se eleve o número delas, nem dando margem a que aja excedentes.

Projeto Rondon - Como já foi evidenciado - ~~nenhuma~~ nenhuma atividade do atual governo é gratuita, tôdas têm um objetivo definido, a manutenção da atual situação política - o governo ditatorial, e manutenção do interesse dos imperialistas no país.







portar seus doentes, quando quase 20 milhões de civis estão sem qualquer recurso assistencial.

O processo de militarização não ficará restrito aos MFDV, mas será estendido, com o tempo a todas as classes.

DIÁLOGO- Dentro da Definição de repressão consideramos que tendo interesses antagônicos com a ditadura não há um denominador comum entre ela e o povo; a se alcançar. O diálogo é uma forma de repressão desde que, na prática, o governo, procura através dele, desmobilizar as bases estudantis.

Tendo conhecimento das posições antagônicas do movimento estudantil esta comissão visou aprofundar seus trabalhos imparcialmente, pretendendo dar ao 30º UNE um sentido de unificação,

Baseados na tese definimos que nossa posição é de repúdio a qualquer forma de repressão ou refreamento das lutas do povo contra a ditadura e o imperialismo.

Devemos denunciar sempre a repressão ao povo brasileiro, ao mesmo tempo ~~xx~~ que avançamos na nossa luta, e concentrar esforços para que uma UNE politicamente homogênea e representativa dos estudantes.

ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL  
E FORMA DE LUTAS DOS ESTUDANTES.1. Entidades Estudantis.

Antes de 1964 as entidades estavam ligadas ao MEC. O ME desenvolvia as lutas em conjunto com a "burguesia progressista", o que significava uma repressão velada ao ME por parte da minoria dominante, que o levava à reboque. Depois de 1964, estando o aparelho estatal interessado na destruição de qualquer movimento de massas que procurasse superar as contradições seja dos trabalhadores seja da pequena burguesia com o regime, procurou através da repressão policial e legal suprimir as entidades essencialmente políticas como a UNE e as UEEs e limitar os DAS à fazer administração. A partir disso a sobrevivência de entidades e uma visão mais clara do caráter do governo levaram o ME a se desligar totalmente do Estado. Mesmo nas mobilizações pequeno-burguesas contra a repressão ditatorial, os estudantes passaram a desconhecer o sistema jurídico adaptado depois do golpe, tendo prevalecido a posição de manter as entidades livres mesmo que taticamente tivessem se adaptado às novas normas jurídicas. A prática das entidades no entanto se desenvolvia fundamentalmente no protesto e na resistência à repressão.

Os DAS têm um papel de incentivo e liderança das lutas reivindicatórias e das lutas políticas gerais na faculdade. O DA deve defender os interesses imediatos dos estudantes e ser político. No entanto para ser forte deve também realizar o trabalho administrativo que em todos os momentos aglutina os estudantes em torno dele. As promoções culturais, sociais, esportivas, assistência aos estudantes, devem ser bem realizadas para não dar oportunidades a que as posições de direita assumam as entidades.

Aos DCEs cabe o incentivo e a coordenação das lutas reivindicatórias gerais e particulares e das lutas políticas gerais no âmbito de uma Universidade, como por exemplo, a luta por mais verbas e contra anuidades ou atualmente a luta pelo poder na Universidade (Comissões Paritárias), a luta de apoio às greves dos trabalhadores. A coordenação e a divulgação das lutas de cada escola é tarefa do DEE, deve ter também um trabalho administrativo. A coordenação feita pelo DCE não é só junto às diretorias dos DAS mas também junto aos estudantes, na medida em que estão mobilizados no desenvolvimento de qualquer luta.

As UEEs fazem o trabalho de coordenação no âmbito estadual e não necessitam aglutinar os estudantes através de um trabalho administrativo se agem corretamente como liderança política do ME no estado. À UEE cabe também auxiliar o trabalho político da UNE no seu estado.

Não basta porém traçar um programa às entidades, é necessário que elas tenham os veículos que possibilitem sua concretização. Como seu papel de colaborar no crescimento do movimento de massas, não se cumpre desenvolvendo lutas isolada do conjunto dos estudantes, é necessário que todo o movimento se faça com o apoio físico e político da massa. Os estudantes devem discutir, organizar-se e encaminhar as lutas que a entidade deve liderar. Por isso a liderança deve promover uma constante agitação em torno das lutas trazendo à sua participação aqueles que subjetivamente não sentem a necessidade dela. A propaganda deve sempre completar a agitação dando o sentido político correto para as mobilizações. As assembleias de sala, de faculdade e de Universidade e a manutenção constante de uma imprensa estudantil são instrumentos insubstituíveis na atuação das entidades.





88

A crítica que se faz aos congressos passados da UNE é a sua falta de representatividade pois os delegados nomeados pelos Diretores defendiam muitas vezes posições próprias e não posições discutidas e aceitas pelos estudantes. O Congresso se prestava bastante a conchavos e acêrtos e não tiravam um programa concreto para o movimento estudantil brasileiro. A carta política do 29º Congresso permite diversas interpretações, uma vez que guarda em si o fato de ter sido produto de uma manobra oportunista, que se verificou pela aliança tática de forças com visão estratégica divergentes. Criticar o 29º Congresso e a atual diretoria de UNE é criticar sua carta política. Mesmo assim na carta se tirou a necessidade de desenvolver a luta específica nas escolas. Ficou no entanto ao nível dos princípios, não tendo sido estabelecido um programa aplicável e que provocasse o crescimento do ME.

A diretoria eleita de UNE, depois de 64 atuava sem uma base organizativa, com uma presença esporádica pelos estados, sem ter nenhum órgão de divulgação das posições da entidade, o papel de coordenação ao nível nacional sendo então deficientemente cumprido pela diretoria.

A proposta que se faz é de uma estrutura para a UNE que possibilite a comunicação de suas posições e a coordenação política do ME em todo o país. Propomos:

- a formação de assessorias regionais de UNE, indicadas pela sua diretoria, como cargo de confiança, com consulta às UEEs. A tarefa dessas assessorias será:

- 1º) Coordenação - coordenar o trabalho da UNE junto às entidades para que o seu programa para 68/69 seja aplicado em cada estado.
- 2º) Imprensa - reproduzir material da UNE e encaminhá-lo aos estudantes através das UEEs, DCEs, DAs, e enviar material local aos outros estados.
- 3º) Finanças - estabelecer um sistema permanente de arrecadação de finanças para a UNE.

- No sul, que Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul formem uma região, e que a assessoria tenha sede no Paraná, sendo formada pela participação de elementos dos três estados.

- que a época do Congresso Nacional (Reuniao de Delegados) seja transferida para abril ou maio, a fim de que o programa do ME seja estabelecido no início do ano.

#### ORGANIZAÇÃO PELA BASE.

A organização em entidades não é suficiente para o ME, pois elas agrupam um número muito grande de estudantes, o que faz com que as mobilizações que elas lideram não possam ser preparadas por uma discussão mais aprofundada do conjunto dos estudantes, e porque centralizam nela as iniciativas de ação. É necessária uma organização das massas estudantis, o que chamamos de Grupos de Trabalho. Ele surge quando da mobilização para uma luta reivindicatória e política. O GT pela sua constituição é necessariamente fluido, não tendo um número de elementos fixo e podendo mudar sempre sua coordenação em função do trabalho a ser realizado. Nos GTs serão tidas posições políticas, na medida em que existe o aprofundamento das discussões, no planejamento das ações. Os GTs por serem organização da massa estudantil não podem se tornar um organismo rígido e fechado paralelo às entidades estudantis. Por isso, a própria estruturação que se faz entre GTs, quando se elege a coordenação geral dos GTs de uma faculdade, existe enquanto permanece a mobilização. Desaparecida esta ele se dissolve embora sempre possa permanecer um saldo da mobilização. O desvio que pode incorrer é de se burocratizar de tal modo que ~~nenhuma~~ receba ordens de cima em vez de tirar a orientação de sua ação em suas discussões, aliando a teoria com a prática. A formação de grupos de trabalho não cabe necessariamente às entidades de massa. Qualquer estudante pode e deve procurar a formação do grupo na medida em que se busca desenvolver uma luta.

2. Formas de luta.

Os objetivos que se propõe o ME é sem dúvida o fundamental sendo as formas de luta os meios cujo uso em cada oportunidade deve ser analisado politicamente. Tradicionalmente, as formas de luta usadas pelo ME eram a greve e a passeata. O seu esvaziamento e a nova orientação do ME de desenvolver nas escolas a luta específica do lado da luta política fizeram surgir novas formas de luta. No âmbito interno passou-se da greve de ausência à greve participada, na qual se põe em questão a estrutura do ensino na escola e na Universidade, a alternativa que o governo propõe e o que os estudantes com os professores devem propor como a única alternativa. O boicote é usado contra a PEG e a continuidade da estrutura arcaica nas escolas. E como forma superior de luta visando o poder na Universidade surgem e devem ser aplicadas a tomada de faculdades que passam a ser dirigidas por alunos e professores, a auto-gestão nos cursos em que os alunos levam à prática um novo tipo de ensino e a co-gestão através da implantação das comissões paritárias que são uma forma de luta enquanto tem em vista a reestruturação da universidade, compostas por igual número de professores e alunos com a participação de funcionários, sendo os professores de qualquer nível, pois a cátedra e as congregações e CTAs servem como instrumentos de dominação de classe dentro da Universidade.

O diálogo com o poder dominante que setores do movimento estudantil denunciam como uma conciliação, não passa de uma tática usada para na prática demonstrar as contradições insuperáveis entre os interesses dos estudantes e do regime. Além disso ele é o resultado do avanço do ME que não age unicamente "Contra" ou em "protesto" / mas passa a fazer um confronto do poder com o governo, baseado na força da massa estudantil organizada, que passa à ofensiva colocando as suas exigências.

No âmbito externo a luta estudantil além da passeata emprega outras formas para divulgação das lutas e das posições políticas do ME, como os comícios propaganda que podem ser feitos por 100 ou 500 estudantes e que tem a vantagem de dificultar a repressão pois é sem hora ou local marcado. A passeata deve ser reservada para os momentos em que é possível uma grande demonstração de força e deve ser preparada para enfrentar a repressão e revidá-la marcando uma posição política.

As manifestações externas devem ser também de divulgação da luta dos trabalhadores e de outros setores da pequena-burguesia.

A luta fundamental que o ME desenvolve não é contra a repressão mas pela superação das contradições que os estudantes têm com o regime. A repressão é um instrumento que a classe dominante usa para manter seus interesses, de maioria sobre a minoria. É nesse conflito de interesses que se situa a contradição principal, que, em nenhum momento é a repressão.

NOTA - Posição divergente na comissão --.(Não aprovada):-M medida que avançamos em nossa luta a ditadura usa a força policial militar para impedir que possamos avançar. É necessário que desgastemos sempre a ditadura e o imperialismo, fazendo com que se pague um preço cada vez maior para que subsistam com o uso da força. Em determinados momentos de nossa luta a luta principal é essa, contra a repressão, de denúncia e desgaste da ditadura.

POSIÇÃO DA COMISSÃO EM RELAÇÃO AO 30º Congresso Nacional dos Estudantes:- Por 7 votos a 2 com 1 abstenção não acha necessária a convocação de um Conselho Nacional, antes do Encontro Nacional dos Delegados. Como local do Congresso indica : 1º-S.Paulo; 2º Guanabara; 3º Minas Gerais; e como data o ~~período~~ período entre 25/9 e 5/10 de 1968.

relator da comissão.







LUTA POR UMA UNIVERSIDADE DEMOCRÁTICA

Após o golpe de 64, com a reformulação e racionalização da estrutura social, política e econômica do Brasil, feita pelo imperialismo norte-americano, tornou-se impossível sustentar a estrutura anacrônica do ensino brasileiro. Nessa medida, o imperialismo atacou de rijo todo o movimento popular, incluindo o ME: tentou domesticá-lo através da Lei Suplicy, depois o decreto Aragão, da lei de arrôcho de greve-estudantil, da repressão direta.

Ao contrário do que o imperialismo e seus aliados nacionais integrados em seu esquema de exploração e dominação esperavam, o ME fortaleceu, clareando as posições em torno das quais lutávamos, tanto as posições gerais- a luta contra o imperialismo, integrado na luta de todo o povo, sob a direção do proletariado- quanto as posições específicas- a luta contra a estrutura arcaica do ensino que emperrava o avanço da própria sociedade e a luta contra a proposta do imperialismo de adaptar o ensino às suas necessidades.

Essa estrutura atual do ensino, não corresponde mais nem às necessidades da classe estudantil, nem ao estágio de desenvolvimento da sociedade como um todo. Cabe ao ME lutar pelo progresso- a luta contra a estrutura arcaica e irracional do ensino é imperativo da luta de todo o povo.

ESTRUTURA ARCAICA E MEC-USCID

A primeira, caracteriza-se por sua estrutura de poder tipicamente feudal-a cátedra e os órgãos que dela decorrem(CTA, Congregação, Conselho Universitário) e suas igrejinhas: pela dispersão de material de ensino: pela dispersão de mão-de-obra qualificada para pesquisa: pela dispersão do material humano: pela não-integração das diversas carreiras: pela extrema elitização, quando só os que têm posse podem estudar: pelo vestibular que serve muito mais como uma barreira econômica que para avaliação: pela inadequação de seus currículos às condições existentes na sociedade e ao mercado de trabalho, e que faz com que muitos diplomados não tenham o que fazer.

Essa estrutura, que não mais corresponde à disposição de forças sociais e às necessidades da sociedade, deve ser derrubada.

Mas qual a estrutura que vai sucedê-la?

Ai chocam-se duas perspectivas: a do Mec-Usaid (a do imperialismo) - e a do ME (a do povo).|

Ambas proposições partem da crítica à universidade velha. O imperialismo visa reformular toda a educação para adequá-la às necessidades de suas indústrias e às necessidades de quadros de elite, técnica e ideologicamente capacitados para dirigirem a sociedade, tanto nos seus respectivos setores quanto no geral. Só chegarão à Universidade aqueles excepcionalmente bem dotados e com muito dinheiro. À medida que o ensino médio esteja voltado para sugar os técnicos de nível intermediário e que, além da pressão das indústrias nesse sentido, naverá a pressão econômica do pagamento de anuidades. Toda a filosofia da escola média estará voltada para a formação de técnicos a curto prazo, expressa na tese de terminalidade (para o trabalho) do ensino a cada ano (vide relatório Walnir Chagas e reforma do GT da Ditadura).

A nova estrutura universitária, que agrupa em institutos e cursos básicos as cadeiras e departamentos afins, facilitará a concentração da pesquisa e o aumento de vagas nos setores que interessa ao imperialismo ( O sr. Veloso, do Ministério do Planejamento e membro do Conselho Federal de Educação, anunciou há dias a "operação- produtividade" para o ensino- isto é, serão cortadas as vagas dos cursos "economicamente não-rentáveis"- Ciências Humanas, filosofia, etc., em favor da formação de técnicos operacionais (já as empresas norte-americanas aqui radicadas necessitam)



Além disso, a transformação das escolas públicas - do ensino em geral - em fundações particulares ou qualquer outra forma que permita a ingerência do capital das indústrias do imperialismo, e a formação dos Conselhos de Curadores, "formado pelas pessoas de ilibada reputação da sociedade, tais como grandes banqueiros, políticos, industriais, profissionais liberais", etc (isso é textual do Relatório Atcon), poderão garantir a aplicação de verbas onde interessar ao imperialismo.

Os currículos, exclusivamente tecnizados, garantirão a formação ideológica dos estudantes. E toda participação destes é vedada em níveis de direção, cujo centro de direção, cujo centro de decisão estará fora da Universidade.

O financiamento da Universidade será dividido entre govêrno, as indústrias e as anuidades dos estudantes, o que liberará verbas para a aplicação em outros setores.

#### A NOSSA PROPOSIÇÃO:

A nossa proposta em tórno da RU é que, como dissemos antes, a Universidade precisa corresponder ao estágio de desenvolvimento da sociedade. Temos de adaptá-la à atual etapa da Revolução, devemos continuar a luta para que as fôrças populares tenham acesso à Universidade e que participem de seu contróle

Queremos uma Universidade livre e gratuita, com o aumento do número de vagas, sem ingerências externas.

Os currículos deverão ser voltados para a realidade da própria sociedade, e não para os interesses das indústrias monopolistas.

Portanto, lutamos para:

1 - que professores e alunos controlem, conjunta e paritariamente, a Universidade, em todos os níveis. Contudo, esse poder deve estar respaldado, apoiado e legitimado pelo conjunto dos companheiros. No estágio de luta em que estamos, devemos garantir todo o poder às paritárias, sustentá-las pressionando para que, de fato, na prática, instituíamos o nosso poder na Universidade. As paritárias foram a expressão de uma luta, e é na luta que as garantiremos. A paridade, porém, não deve ser encarada como um objetivo em si: ela é instrumento para se garantir uma Universidade democrática, atendendo aos interesses majoritários, e não aos interesses da minoria que nos domina.

2- a eliminação do ensino acadêmico, livresco. É necessário que se elimine o antigo método de ensino. O relacionamento professor-aluno não deve ser paternalista. Ambos devem se propor a desenvolver a ciência e a técnica, elaborando, pesquisando, planejando e atuando em conjunto, dinamicamente.

3 - a integração dos currículos, voltando-os à realidade de hoje. A Universidade, o ensino, desligados da realidade e dos interesses da população, é o que o imperialismo deseja. Contudo, professores e alunos devem fazer o ensino cumprir uma função social: fazer progredir e desenvolver a ciência e a técnica em função dos interesses populares. Para tal, devemos denunciar a técnica operacional e o ensino adaptado aos interesses das indústrias norte-americanas aqui estabelecidas: exigindo verbas para voltar o ensino, a técnica e a pesquisa em função do povo.

4 - a reformulação dos currículos, constante e dinamicamente de acordo com as necessidades gerais. É necessário que a técnica e a ciência se desenvolvam plenamente, em função do desenvolvimento da sociedade como um todo.

5 - lutamos por verbas que garantam a autonomia e a manutenção dos cursos tais como os desejamos: lutamos por verbas específicas e também lutamos por inclusão de verbas no orçamento nacional, estadual e municipal, e pelo cumprimento das porcentagens estipuladas. Desta maneira, garantimos o desenvolvimento pleno da ciência, sem as barreiras colocadas por aqueles que nos dominam.

A Universidade democrática se refletirá na paridade do poder de decisão, na sua gratuidade e no vestibular de habilitação; na estruturação de currículos, afim de garantir o desenvolvimento científico

Pr 23/3 - 250

co autônomo; na conservação dos cursos noturnos, possibilitando maior oportunidade de acesso ao ensino superior.

A população universitária deve ser atendida em suas reivindicações, que são uma parte das reivindicações populares.

O ME tem determinados interesses e necessidades que podem e devem ser conseguidos agora. A nossa proposição de luta deve ser a de obtê-las já. A correlação de forças permitirá que os alcancemos em alguns lugares, sendo que estes exemplos servirão como propaganda de luta para o restante.

Contudo, temos de ter claro ser impossível contestar uma estrutura política e econômica ao nível do plano ideológico e cultural. Isso é importante para que não tenhamos ilusões quanto à possibilidade de se conseguir derrotar o imperialismo dentro da Universidade, antes de fazê-lo no plano político (derrubá-lo do poder) e, logo em seguida, no econômico. Isto é importante para que não desprezemos o inimigo a curto prazo: Ele é poderoso.

A contestação da estrutura arcaica do ensino e a ofensiva contra a proposta Mec-Usaid, deve ser vista como uma parte da luta global do povo.

x-x-x-x-x-x-x-

COLEGAS:

É importante que o congresso da UNE represente um balanço significativo de nossas lutas, para que a nova definição da posição política do ME, a ser levada pela UNE a todos os estudantes, motive um ascenso de nossa mobilização e corresponda à mesma.

O XXX Congresso deve ser um marco da luta contra a opressão das classes dominantes sobre os setores explorados da população e um avanço na nossa luta específica dentro da Universidade. Devemos, pois, daqui para frente, entrosar de forma correta a luta reivindicatória e a luta política e tentar conseguir que o maior número possível de estudantes assumam a sua posição de luta, para que, o ME, ao lado dos diversos setores explorados da população, e sob a liderança do proletariado, cumpra o seu papel na luta pela derrubada da Ditadura e expulsão do Imperialismo.

x-x-x-x-x-x-x-



- ① - Com. VIII - ...
- ② - pol. estadual - ...
- ③ - finanças locais - ...
- ④ - Papel do ME - ...
- ⑤ - Congresso - ...
- ⑥ - Divisão - ...
- ⑦ - Nota do DCC/RS -
- ⑧ - Programas.



**CONFIDENCIAL**

CONFIDENCIAL

2154/2

93

MINISTÉRIO DA MARINHA

DATA 11/12/1969 Nº 1101

XXXI  
CENIMAR

INFORMAÇÃO

ORIGEM: xxx

DISSEMINAÇÃO: 1ºDN - 2ºDN - 3ºDN -  
4ºDN - 5ºDN - 6ºDN - SSP-SC - CIE  
SSP/SE - CP-SE - SSP/BR - SSP/MA  
SSP/PI - CP-PI - SSP/RJ - SSP/ES  
CAM - SSP/ES - CNNa - SSP/EGN -  
SSP/BA - DPF/GB - SSP/GB - SSP/AL  
CP-AL - SSP/PE - SSP/GO - SSP/MG  
2ªSEQ-EM-PMMG - SNI/CHEFIA - IVEx  
DPF/BR - 2ªSEQ-EMAer. - CP-GB-RJ  
SSP/PR - CP-PR - SSP/RS - CP-RS -  
2ªSEQ-EM-8ªRM - 2ªSEQ-EM-11ªRM -  
IIIºEx - IIºEx - FPSP - CENIMAR.

Referências: a) Informações nºs 0608 - 0609 - 0611 - 0612 - 0614  
0617 - 0618 - 0619 - 0621 - 0623 - 0626 - 0627 -  
0628 - 0637 - 0640 - 0641 - 0643 - 0644 - 0645 -  
de 1968, deste CENTRO; e  
b) Informações nºs 0014 - 0015 - 0016 - 0017 - 0025  
0037 - 0038 - 0039 - 0040 - 0041 - 0042 - de  
1969, deste CENTRO..

1) - Os cidadãos abaixo, foram identificados por êste CENIMAR, com os seguintes antecedentes:

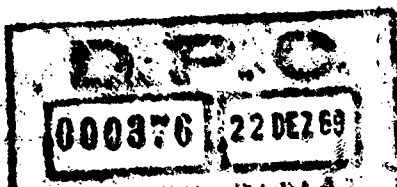
a) - JOSE JADER DA SILVA, filho de JADER DA SILVA e MARIA - LUIZA DA SILVA, nascido a 1º de março de 1943, brasileiro, solteiro, natural de Dom Cavati/MG, residente à Rua Rio Grande do Norte nº 1146, aptº. 103 - Belo Horizonte MG. Estudante do 3º ano da Escola de Engenharia da UFMG. Prêso em 12/10/1968 em IBIUNA/SP como participante do XXXº Congresso da UNE.

— Trata-se de JOSE JARBAS SARAIVA CERQUEIRA, brasileiro, solteiro, natural de Recife, Estado de Pernambuco - nascido a 27 de setembro de 1946, filho de JARBAS CERQUEIRA e GILKA SARAIVA CERQUEIRA. JARBAS possui os seguintes antecedentes "Representante da extinta UNE na ORGANIZAÇÃO CONTINENTAL LATINO-AMERICANA DE ESTUDANTES (OCLAE) com sede em HAVANA, Cuba. Ativo comunista, condenado pela Justiça e procurado ativamente por tôdas as policcias do país, por desenvolver um processo de Luta - Armada no Brasil sob a orientação de Cuba".

CONFIDENCIAL



1 -



PT 2313-260



À DPC p<sup>o</sup> forma  
anunciado.

Em 17-12-69  
sem publicação  
de fato

à D.O.P.S.

Em 17/12/69

*Miranda*  
Diretor

A S. 1.  
Em 23/12/69  
*[Signature]*

I- Anote. se nas fichas  
os nomes verdadeiros.

II- Pasta XXX<sup>o</sup> Congresso  
EX-UNE.

Em 9-3-70

*[Signature]*

ANOTADO/SI/DOPS

Em 11-5-70.-

*[Signature]*

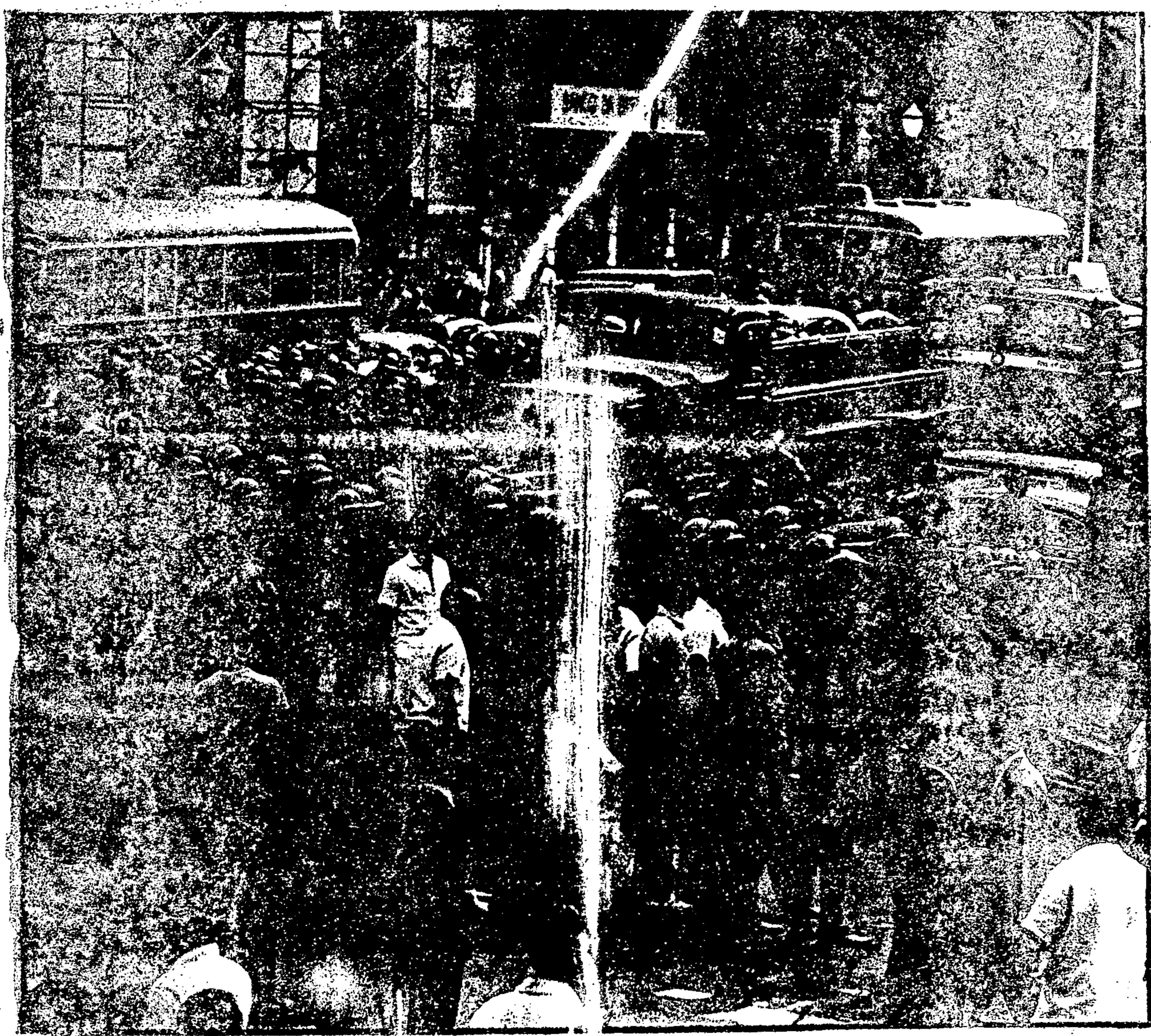
Luiz C. Monteiro =.



# 30º CONGRESSO DA UNE

Depda Imprensa UEE - Sao Paulo

Out. 1968



**PROPOSTA DA CARTA POLITICA**

**PARA O 30º Congresso da UNE**





No momento do seu XXX Congresso Nacional, os estudantes devem analisar detalhadamente o que foi seu congresso anterior e qual o resultado das decisões tomadas nesta sua última reunião nacional. É preciso analisar o que fez a diretoria eleita em 1967, quais foram suas deficiências; é preciso saber se o programa aprovado em 1967 foi executado e até que ponto, se ele era válido ou não, se realmente foi levado à prática.

Evidentemente, toda análise deve ser feita sob um ponto de vista histórico. Não se pode esquecer que é apenas a partir de 1964 que a UNE passa a ter uma política independente e uma estrutura própria. Até o ano do golpe, a UNE aceitava a perspectiva de luta que lhe dava o governo e mantinha-se com verbos oficiais. Em 1965, mais precisamente, os estudantes começam a organizar-se independentemente a partir de uma nova prática política.

A nova fase do movimento estudantil marca-se principalmente por três pontos que caracterizaram a nova estrutura da UNE: 1) organização que deixa de lado o Estado, e as verbas oficiais, e apoia-se apenas no próprio Movimento Estudantil; 2) definição de um programa político a partir da prática política das lutas estudantis; 3) organização a partir das bases.

Contudo, nos Congressos da UNE de 65, 66 e 67, estes três pontos não conseguiram ser impostos. Os três últimos congressos foram prejudicados por uma repressão muito violenta, grande número de prisões entre os seus participantes. Além disso, os Centros Acadêmicos, Diretórios Estaduais, Uniões Estaduais e a própria UNE confundiram durante quase todo este tempo o seu papel de entidade representativa dos estudantes, com o papel dos partidos políticos. As lideranças, preocupadas geralmente com programas de partidos políticos e não com as necessidades estudantis, subestimaram a luta reivindicatória, foram ao extremo de encará-la como reacionária e com isso desligaram-se das bases. Assim, a UNE não pode ser a entidade nacional dos estudantes: não elaborou seu programa a partir dos problemas, das lutas e da prática política dos estudantes.

Às vésperas do XXX Congresso portanto, a UNE deve perguntar-se várias questões: 1) Havia um programa para a UNE estabelecido em 1967? 2) durante sua gestão, a diretoria levou este programa à prática? 3) o programa era realista, correspondia às necessidades da luta dentro de cada Faculdade, dizia respeito à Universidade?

O momento é oportuno para mostrar que quase ninguém mais se recorda do que foi o programa do congresso anterior. (Os próprios delegados que o aprovaram não tinham condições de fazê-lo funcionar em suas escolas). E sem esta vinculação com as bases, o programa mostrou sua irreabilidade: ele esquecia as necessidades das Faculdades, esquecia a Política Educacional do Governo, a perspectiva de luta dos estudantes diante dela, do MEC-USAID. De uma certa forma, esquecia o próprio estudante. O programa de 67 fala sobre o que é fundamental para os estudantes sempre de um modo vago; fala da "necessidade de ir às bases" mas esquece de discutir as formas de organização; fala em "conduzir a luta reivindicatória" mas se omite no momento de expor as formas de luta; sobre a posição do estudante na luta de classes fala também vagamente "na necessidade de integrar-se como força auxiliar nas lutas dos trabalhadores", sem explicitar de que forma pode ser feita a união com os operários. A diretoria eleita em 1967 foi formada sem critério político, sem um programa de ação e refletiu durante toda sua gestão a falta de unidade. O presidente da UNE e mais três diretores formaram uma minoria que defendeu a "aliança operário-estudantil-camponesa" contra o resto da diretoria, que propunha a centralização das lutas estudantis contra a Política Educacional do Governo, através das reivindicações dos estudantes.

A divisão e a falta de programa paralizaram as ações da UNE que até fevereiro deste ano não planejou suas atividades. Em fevereiro, houve o Conselho de Presidentes, onde a maioria da diretoria conseguiu finalmente definir um novo programa de luta e levá-lo a todas as Faculdades.

Contudo, é preciso fazer a autocrítica sem perder a visão histórica do movimento; a despeito de todas as falhas, o Congresso do ano passado é um marco de luta dos estudantes. Por várias razões: 1) passa a encarar cientificamente o estudante, sua classe de origem, sua posição na estrutura de classes da sociedade brasileira e a compreender o papel que lhe cabe na transformação desta sociedade. 2) marca vários pontos na luta contra o vanguardismo que caracterizava o Movimento Estudantil, uma minoria de "iluminados", desligando da realidade - do estudante, suas escolas - utilizava os colegas como "massa de manobra". É o início de um Movimento Estudantil organizado pelas bases e consciente do alcance de suas lutas.



Para compreendermos porque a Política Educacional do Governo não atende aos interesses dos estudantes, precisamos saber o que é, quem representa, quais os interesses do atual governo. O golpe de abril de 64 representou fundamentalmente uma reação das classes dominantes locais, aliadas ao Imperialismo, contra o processo ascensional do movimento de massas anteriores a 64 (greves de centenas de milhares de trabalhadores, concentrações populares gigantescas, ligas camponesas, etc.)

Antes de 64, com a política econômica inflacionária, os aumentos salariais semestrais tentavam compensar a rápida (desde 63, sobretudo) desvalorização do salário real dos trabalhadores. Por outro lado, vivendo comodamente à sombra do populismo do Jango do Jango, principalmente, os movimentos de massa pelo aumento salarial tenderam a superar a própria inflação, o que acarretava, em determinadas épocas, a diminuição da taxa de lucro dos patrões. Essa situação de efervescência - que colocava em perigo o lucro dos capitalistas - aliada ao medo do "comunismo" organizou a Santa Aliança dos latifundiários e a burguesia industrial e fez com que grandes parcelas da pequena burguesia apoiassem o golpe militar orientado pelo imperialismo.

O golpe de 64 transfigurou as instituições políticas brasileiras e o caráter do Estado. No plano da política econômica, foi rigorosamente aplicada uma política estabilizadora, implicando em contenção de créditos às pequenas empresas e à agricultura e redução do poder aquisitivo dos trabalhadores (o famoso arrocho salarial). Para poder aplicar tais medidas econômicas - especialmente o arrocho salarial - foi necessário também modificar a legislação relativa às manifestações populares. O governo Castelo Branco preparou uma máquina institucional para legalizar as arbitrariedades, criando uma Ditadura "Constitucional". Muitas classes e setores do povo foram atingidos pelas leis repressivas. A Lei do Arrocho, o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (que acaba com o direito à estabilidade do operário no emprego), a Lei da Greve (greves só quando os patrões deixarem!), a regulamentação da Previdência Social (INPS) foram criados para calar e punir as ambições da classe operária. A Lei Suplicy e o Decreto Aragão tentaram ser as rólhas para calar os estudantes. A Lei da Imprensa não atingiu os donos dos Jornais, mas paralisou os jornalistas. A censura tentou fechar a boca dos artistas. E contra todos estes grupos juntos foi criada a Lei de Segurança Nacional. Dissolvem-se os partidos políticos em favor da farsa bipartidária (ARENA x MDB), impõe-se o voto indireto, domesticam-se os poderes Legislativo e Judiciário; institucionaliza-se a Ditadura.

A burguesia hoje, no Brasil, não pode permitir que os operários tenham uma organização política própria através da qual possam resistir de armas na mão contra um novo golpe tipo 64, juntos com camponeses e outros setores que tenham contradições com o governo. Acabou a "democracia parlamentar" que permitiria a participação política dos explorados. É o resultado da fraqueza do próprio sistema, da crise do capitalismo brasileiro, que traz como consequência a inviabilidade de uma saída democrático-burguesa para o impasse onde desembocaram, no momento, as contradições deste sistema.

A ditadura de Costa e Silva tem, até agora, oscilado entre uma linha populista e uma linha militarista. A máquina constitucional preparada por Castelo Branco procura dar ao governo os meios para se manter alternando as soluções de força e a repressão violenta - com apelos demagógicos que serviriam para recuperar parte do apoio social perdido na aplicação da política repressiva e deflacionária. Mas a característica fundamental da ditadura de Costa e Silva permanece sendo o militarismo: a solução populista representa apenas uma tática que busca aliviar as tensões que a repressão produz.

A ditadura Costa e Silva procurado disfarçar o caráter repressivo do seu regime com atitudes paternalistas. A greve dos operários da Belgo-Mineira ("ilegal" óbvio segundo o governo) e Marechal Pimenta ou Passarinho fazer discursos, apelar, em nome de Deus, para o "bom senso" dos operários acenando com promessas de um "abono" salarial. Mas, na greve de Osasco, uma ação violenta dos operários, a ditadura não pensa duas vezes para acionar o seu esquema de repressão. Depois da repressão, vem os contos de fada: as "promessas", "aumentos", "abonos", participações nos "lucros": Assim é o populismo do Governo Costa e Silva. E não é só com os operários que o governo atua desta forma, alternando populismo e militarismo. Populista, o governo propõe a entrada de todos os excedentes. A ditadura procurou apenas desgastar e invalidar as verdadeiras lutas estudantis com declarações, decretos, promessas e atitudes como o "diálogo". Mas os estudantes não se deixaram enganar e tem sempre respondido à altura. E é por causa da própria resposta política do Movimento Estudantil que a Ditadura tem fracassado na maioria de suas jogadas populistas. E quando estas não funcionam, como já se tornou hábito, o governo não hesita em acionar seu esquema militar para reprimir os estudantes.



No entanto, a ditadura não pretende reprimir todos os estudantes, pois ela precisa deles e têm planos para eles. Precisa deles como técnicos para suas indústrias, e como futura elite dirigente que deverá continuar mantendo a burguesia no poder. Por isso tem que propor reformas para a Universidade e está decidida a aplicá-las usando seu populismo quanto seu militarismo. O primeiro tipo de atitude levada à prática pelo governo, foi de chamar alguns estudantes para participarem da elaboração da reforma universitária do "Grupo de Trabalho". De outro lado, os homens do poder já anunciaram atitudes militaristas perseguindo as lideranças universitárias e fortalecendo entidades fascistas como o chamado "GRUPO DECISÃO". A política de oscilação entre o populismo e o militarismo está presente dentro e fora da Universidade. Dentro, propondo falsas soluções e reprimindo de várias formas. Fora, dissolvendo manifestações. Com populismo, a ditadura pretende disfarçar seu caráter de classe; com seu militarismo perde o disfarce mal colocado. O movimento estudantil precisa, portanto, estar sempre preparado para desmascarar as atitudes populistas do governo e saber responder às atitudes militaristas com sua violência política.

Um exemplo de atitude correta do movimento estudantil foi da aceitação do "diálogo" proposto pelo governo. O movimento estudantil se recusa a fazer conchavo onde participariam apenas algumas lideranças. Queria que a massa estudantil participasse, e que o "diálogo" se realizasse de maneira aberta. Ficou evidenciado que o governo não queria diálogo com ninguém, mas sim, impor suas soluções à força. A resposta da ditadura foi o envio da polícia para reprimir os estudantes e populares na Guanabara. Ficou claro, por causa da resposta política dos estudantes, a falência das atitudes populistas do governo. Um outro exemplo de atitude correta do movimento estudantil: passeata dos estudantes de S. Paulo, no fim de junho. O governo Sodré vinha tentando enganar a opinião pública e os estudantes dizendo que as passeatas e as reivindicações estudantis eram justas.

Enquanto isso, o Movimento Estudantil tinha acumulado através de uma prática correta de mobilização - forças suficientes para tomar a ofensiva: apedrejaram a Secretaria da Educação, um banco americano, uma propriedade do Exército, e um jornal reacionário. Com isso fizeram propaganda da justa violência organizada. Depois, tomaram várias Faculdades, para, nas férias, encaminharem na prática, a reestruturação dos seus cursos. Sodré desmascarou-se então: prendeu líderes: Bernardino, Catarina Melloni, Rafael de Falco; invadiu faculdades: a de Largo São Francisco; prendeu inúmeros estudantes. O Movimento Estudantil pôde responder politicamente pela denúncia e pela ação às atitudes populistas do governo. Isso foi possível porque os estudantes souberam conduzir corretamente a luta dentro da universidade, mobilizando a massa estudantil, para que suas ações ofensivas não caíssem no erro do vanguardismo onde poucos pretendem desempenhar o papel que cabe à maioria dos estudantes. Agora, quando o Movimento Estudantil sai às ruas, é o faz a partir de uma posição política enraizada na massa estudantil. Não sai às ruas emocionalmente ou desorganizadamente: os estudantes precisam caracterizar os objetivos de toda manifestação, discutir politicamente, para podermos definir o porque da saída às ruas, as condições de mobilização e, somente, a partir daí, qual a melhor forma de manifestação. Se as lideranças prosseguirem levando essa prática corretamente, o movimento estudantil poderá responder a todas as atitudes militaristas do governo. Graças à organização e ao grau de compreensão política alcançados, o estudante consegue desmoralizar a repressão, deixar de ser um "saco de pancadas" para ser um elemento dentro do processo de transformação radical da sociedade brasileira.

O ESTUDANTE E A UNIVERSIDADE

Qual deve ser a luta do estudante dentro da Universidade? Para situar esta ação do estudante dentro da sociedade, é necessário ver o papel que ela ocupa na atual sociedade de classes, e o papel da Universidade na estrutura capitalista. Na fase em que nós nos encontramos, temos que analisar também o que é a Universidade: o que é a passagem da Universidade Arcaica para Universidade Empresarial que o governo quer nos impor, em todas as crises que acompanham esta passagem. A Universidade Arcaica corresponde a um estágio do capitalismo, no qual o ensino superior servia tão somente para formar as elites dirigentes do país. A Universidade Arcaica no Brasil só formava bacharéis e doutores: são as velhas Faculdades de Direito, Medicina, Engenharia, exclusivamente voltadas para formação de profissionais liberais que se destinavam a exercer todas as funções de certa importância dentro da organização social. A partir da década de 30, surge um novo tipo de ensino superior: as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Estas formavam - além de médicos e engenheiros - os intelectuais dedicados ao estudo das "humanidades", tendo por profissão a pesquisa e o ensino. A introdução desse tipo de escola se faz numa época em que o centro de gravidade econômica deixa de ser o latifúndio, deslocando-se para as cidades, tanto em



PT 23/13.250

função das atividades do comércio exportador, ligado ao café, como em função da incipiente indústria em surgimento. O estilo de ensino das primeiras faculdades de filosofia quer copiar o ensino acadêmico das universidades européias que, mesmo voltadas para uma pesquisa séria, se encontra perfeitamente enquadrada dentro da ideologia burguesa. Entretanto, de acordo com os ideais da revolução democrático-burguesa que se baseia na liberdade de pesquisa e de opinião, dá ao estudo científico uma dinâmica própria. Assim, no campo das ciências humanas podem surgir até cientistas marxistas. No campo das ciências exatas, a ciência pura pode se desenvolver sem ser subordinada aos interesses mais imediatos da classe dominante, chegando a criar também ruptura com a ideologia burguesa.

Por volta de 1950, a influência direta do ensino norte-americano começa a se fazer sentir: surgem as escolas de Engenharia Industrial, o ITA, que formam apenas técnicos. A introdução dessas escolas, a partir de iniciativas isoladas, corresponde a uma modernização atomizada do ensino superior brasileiro, sem que haja um plano geral para que haja uma adequação da Universidade aos interesses empresariais. De 1960 a 64 a Universidade Brasileira foi atingida pelo clima "democratizante" do movimento de massas em geral, conduzido pelas lideranças ligadas aos interesses da burguesia supostamente "progressista" que clamava por reformas de base. No ensino superior, lutava-se pela reforma universitária. Esta era entendida como uma racionalização do ensino, as mesmas medidas que Atcon e o Acordo MEC-USAID viriam a aconselhar mais tarde. Gritava-se pela democratização do ensino, "Universidade para o povo".

Aí veio o golpe de 64, com o delicado auxílio dos americanos, e lá vai o "novo governo" a querer modernizar, de maneira uniforme, o ensino superior. Era urgente para o novo governo racionalizar o ensino, expurgando as estruturas educacionais dos vícios próprios ao aparelho burocrático do Estado Brasileiro. Não se tratava de uma racionalização apenas formal, mas de adaptar a educação às necessidades do atual estágio do capitalismo.

A sociedade capitalista atual não exige da Universidade apenas uma formação de uma elite dirigente: ela precisa também que a Universidade forme uma vasta camada de técnicos especializados, com instrução média, capazes de aplicar a ciência, mas desprovidos de criatividade científica.

Mas surge também outro problema: deve-se eliminar toda a possibilidade de surgimento de uma "intelectualidade inconformada". Ai entram as Faculdades de Filosofia que permitem o desenvolvimento de pesquisas e estudos dentro do princípio de liberdade, e que podem gerar uma camada de pessoas que tem visão global da sociedade, sem ligar necessariamente o desenvolvimento científico aos interesses imediatos da classe dominante. A Universidade Empresarial não pode admitir "desvios". Ela tem que moldar os cursos, os currículos, de modo pragmático: só interessa estudar aquilo que é imediatamente favorável.

Mas a implantação da Universidade Empresarial não é tarefa fácil para o governo - surgem os problemas de vagas, instalações e de professores. É preciso cobrar anuidades para compensar o custo crescente da "Nova Universidade". A crise mais séria é aquela ligada à redução das verbas destinadas à Educação. Os estudantes brasileiros não querem saber de pagar anuidades. O governo está procurando transformar a Universidade em fundações, a fim de transferir para os particulares, pelo menos parcialmente o ônus econômico da educação.

Qual a relação entre a Universidade-fundação e a Universidade Empresarial? Em primeiro lugar, a fundação propicia uma "autonomia universitária" que consiste na dependência exclusiva de um "Conselho De Curadores" formado por autoridades universitárias e empresários financiadores da educação., livrando-a portanto das interferências "políticas" do poder estatal. Em segundo lugar, estando sob a jurisdição direta das empresas, a Universidade pode, dentro do critério empresarial de racionalidade, subordinar os currículos aos interesses imediatos das empresas financiadoras. Formar-se-ão, portanto, apenas aqueles "recursos humanos" - técnicos bitolados - que as grandes empresas necessitam para aumentar sua produção, portanto, seus lucros. Em terceiro lugar, a fundação possuindo verbas estatais e privadas deverá cobrar anuidades dos "mais favorecidos da fortuna": com isto pode-se "domesticar" os estudantes rebeldes e impedir a matrícula dos mesmos. Mas não é por isso que se deve pensar que o fundamental da universidade empresarial é a "elitização" do ensino, pois, este tipo de universidade não visa necessariamente reduzir o número de vagas - uma universidade empresarial que aumente o número de vagas, anualmente, em função da demanda de profissionais qualificados pelo mercado de trabalho, faz parte da própria racionalização do sistema capitalista. A possibilidade do ensino gratuito depende da necessidade de profissionais e da impossibilidade dos candidatos pagarem seu estudo: quando

a demanda de técnicos é elevada abrem-se as portas da Universidade para setores sociais mais pobres, financiando o estudo destes estudantes através de bolsas de estudo "graciosamente oferecidas pelo governo", mas com a condição de serem devolvidas quando estes estudantes começarem a receber seus bons salários nas grandes empresas às quais são predestinados. O fundamental na Universidade Empresarial é o conteúdo dos currículos, desligados dos interesses da sociedade brasileira, e a estrutura de poder (Conselho Curador) onde o estudante não tem vez. Mas a aplicação das medidas se dá de uma maneira caótica. É o caos da incompetência das autoridades governamentais refletido pelas constantes contradições dos atos governamentais, no uso da alternativa das medidas administrativas propostas através do "diálogo", ou impostas pela repressão desabusada. Por mais cautelosa e bem planejada que possa ser, a implantação da Universidade Empresarial traz consigo uma série de fatores que dão origem a numerosas crises, como aquelas devidas ao corte de verbas que não atinge apenas aos universitários mas a todos os setores ligados à vida universitária, como os professores e funcionários. A Universidade Empresarial impedirá que o estudante tenha uma formação universitária de grau superior, salvo se for um dos escolhidos para integrar a futura elite dirigente. Se seu "destino" é de ser um mero técnico de instrução média, sabe que os conhecimentos por ele adquiridos serão rapidamente superados com o evoluir da ciência pois ele não passa de um aplicador da ciência: técnicos e mais técnicos, os universitários precisam deixar de pensar. Por tudo isto o estudante de hoje se revolta contra o governo vendo nele o representante da classe que detém o poder - a burguesia - e que faz da universidade um de seus instrumentos sobre as classes trabalhadoras. O estudante tem como perspectiva política criar condições para conduzir o ME do estágio simples denúncia para o de ação. A tomada temporária do poder na Universidade é uma das formas de crescer esta política. Participar paritariamente dos órgãos de direção da Universidade, significa quebrar os planos de implantação da Universidade Empresarial. Esta tomada de poder só é possível quando o ME está em ascensão e portanto, há uma grande participação dos estudantes na solução de seus problemas. Por outro lado, estas condições implica no enfraquecimento momentâneo do governo que se verá impossibilitado de aplicar, mesmo pela força, suas perspectivas. As comissões paritárias deliberativas, se em estreita ligação, e portanto, portadoras do ponto de vista da maioria dos estudantes poderão criar uma situação de fato que o governo, para superar, terá que se valer da violência e não somente contra os órgãos de representações estudantis ou alguns professores, mas contra toda a escola: estudantes, professores e funcionários. Nestas condições, o governo não estará sendo contra uma universidade superada, mas estará cometendo uma violência injustificável contra as perspectivas da própria Faculdade, representada pela Comissão ou Departamentos Paritários. Neste nível o estudante terá que passar a denúncia e alcançado a ação transformadora. Não se tratará de denunciar a política educacional do governo, mas de aplicar uma política.



SÔBRE AS COMISSÕES PARITÁRIAS

Participar paritariamente dos órgãos de direção da Universidade significa sustar os planos de implantação da Universidade Empresarial. Os estudantes lutam pelas Paritárias para tentarem conseguir vitórias em torno de suas reivindicações. Eles querem a Paritária para resolver uma série de problemas concretos que o governo nunca poderá resolver pelo próprio tipo de universidade que este pretende impor-lhes. É claro que mesmo com as PARITÁRIAS instaladas não conseguiremos implantar nossa reforma, conseguiremos apenas vitórias parciais. As PARITÁRIAS não significam tampouco a tomada de poder nas Faculdades. Pelas próprias limitações da estrutura vigente, este poder é muito relativo, dado o fato de o governo poder acabar com qualquer paritária a hora que quiser, ou se for mais interessante, cortar verbas para determinadas faculdades em que existem paritárias. Em outras palavras, o governo tem meios de impedir que as paritárias sejam a tomada do poder nas Faculdades. Deve-se encarar as paritárias dentro de suas limitações objetivas.

Como os estudantes conseguiram as paritárias?

A vitória nas faculdades em que já há paritárias se deu em função de vários fatores, fundamentalmente os seguintes: 1) ampla discussão junto às bases, o que significa que os objetivos das paritárias estavam bem definidos; 2) organização que permitiu um fortalecimento do ME podendo assim exigir as paritárias; 3) sistematização dos problemas concretos "específicos". Deve-se observar que onde foi conseguida alguma paritária, mas as discussões foram abandonadas, a organização foi dissolvida e a sistematização dos problemas surgidos foi desprezada, houve uma paralização das atividades da paritária ou mesmo dissolução desta, na prática, tornando-se elas órgãos de cúpula. Pode-se concluir, portanto, que as paritárias são reflexos da força do ME e nunca de favores dados de graça pelo governo. Isto porque o governo não se interessa nem um pouco pelos problemas reais da universidade, as paritárias são meios



que se tem de obter vitórias parciais, que vão contra os interesses deste governo. Deve então haver, depois de criadas as paritárias, um relacionamento correto e constante das bases com os representantes destas. As posições levadas por estes representantes devem ser tiradas de preferência em assembleias gerais e pelos grupos de trabalho. Quando isto não acontece, a paritária torna-se impotente e deixa de existir na prática.

Quando numa determinada faculdade tem-se uma visão incorreta da paritária, por exemplo, pensa-se que a paritária é a tomada do poder, leva-se, depois de a conseguir, a um esvaziamento do movimento, pois este acaba se perdendo dentro dos problemas técnicos e burocráticos. Pensa-se que a "tomada do poder" é o suficiente para que os estudantes consigam a Reforma da Universidade. Não vão ser os poucos integrantes de uma paritária que vão fazer as reformas universitárias com o consenso de alguns professores bonzinhos. As vitórias a serem conseguidas só serão postas em prática na medida em que houver por trás a força do ME.

Outro aspecto importantíssimo é a falta de globalização do movimento em torno da reforma universitária. A globalização deve ser feita por intermédio das entidades estudantis, que têm possibilidade e meios de ter uma visão geral e coordenar a luta. A visão particularista impede o avanço da luta porque torna o movimento estudantil débil e isolado, e com uma visão bitolada da reforma universitária. A globalização e coordenação das diversas lutas em torno da reforma universitária é um fator de fundamental importância para que se consiga vitórias mais amplas. A globalização e coordenação em torno da reforma universitária dará aos estudantes uma visão una, clara, bem definida, que irá fortalecendo-os e os fará ter inclusive, o apoio de amplos setores da população. Assim, as vitórias "parciais" serão amplas possíveis, dentro das limitações da sociedade de classes atual.

As paritárias, ainda como meio de se obter alguma coisa, são ótimos instrumentos para mostrar na prática as limitações da atual sociedade brasileira. Nesta medida, se as paritárias forem utilizadas e conduzidas corretamente, podem propiciar ao ME um salto qualitativo em termos de compreensão e em termos de crítica e denúncia das estruturas atuais.

#### O QUE FAZER ?

O estudante brasileiro encontra dentro de sua própria escola uma situação diante da qual ele precisa se definir: Há o que ele pensa e aspira e aquilo que o governo lhe impõe. É sobre e a partir destas contradições que o ME se organiza e atua.

O estudante encontra o imperialismo e a ditadura dentro da escola, durante todo o tempo. No momento do vestibular, antes mesmo de chegar a iniciar o curso, coloca-se o problema da falta de vagas, resultado da não aplicação de verbas ao ensino. Durante o curso, existe o problema de falta de verbas para o laboratório, bibliotecas, contratação de professores e currículos absolutamente inadequados para fornecer uma formação satisfatória.

Depois de concluído o curso universitário, depara-se com o problema da falta de perspectiva profissional e formação absolutamente deficiente.

A repressão às manifestações estudantis e o impedimento de uma livre organização são aspectos de uma política educacional que visam a esconder estas contradições existentes. A nova Universidade Empresarial, padrão MEC-USAID, é a reforma encontrada pelo governo para resolver sobre seu ponto de vista, alguns destes problemas e a adequação de ensino ao estado de coisas existentes na economia e na política nacional. O aumento relativo de vagas, a criação de bolsas, os novos currículos, a criação de uma universidade nova, dentro dos princípios do relatório MEIRA MATOS.

Diante desta situação o ME deve se manifestar em dois pontos: dentro das escolas forçando a formação das comissões e departamentos paritários que visem impedir a aplicação da nova política educacional e fora das escolas, nas ruas, em manifestações públicas que denunciem esta política às camadas que têm contradições com o governo. Evidentemente, os estudantes não têm condições concretas de tomar o poder nem sequer dentro da Universidade. A burguesia não pode permitir uma dualidade de poder em nenhum nível, e para tanto, vale-se de seus instrumentos de repressão, para garantir a sua hegemonia política, continuar a exploração da mais valia do trabalho assalariado. Suas formas de repressão variam desde o jubramento e não concessão de bolsas de estudo até prisões ou assassinatos, como tem acontecido ultimamente.

Se as formas de repressão variam, as formas de resistir e combater devem também variar. Mas mesmo não podendo tomar o poder em caráter permanente, o ME pode em certos momentos avançar e conquistar posições bastante incômodas para o governo, como

94

por exemplo a formação de departamentos e a formação de comissões paritárias deliberativas dentro das Faculdades. São avanços possíveis e devem ser feitos necessariamente.

As formas do ME se manifestar devem ter uma flexibilidade tática que lhe garante maior eficácia. O governo cria condições de crise localizadas numa Faculdade ou em âmbito nacional. Pode se tratar tanto do afastamento de um professor como a elevação dos preços de um restaurante universitário ou mesmo repressão violenta de um movimento grevista operário. Em todos estes momentos o ME deve estar pronto para atuar e deve usar a tática mais eficaz para o momento.

O ME deve saber compensar a sua debilidade material concreta no abalo das estruturas políticas e pela sua grande mobilização e rapidez de organização. Deve também compensar sua pouca importância ao nível do poder pela sua grande capacidade de mobilização da opinião pública. O movimento estudantil não tem uma única forma de se manifestar como pretendem alguns poucos. A passeata não é a única ação política do estudante. A passeata, com local e hora marcados, para qual estão convocados todos os estudantes e tem a participação de camadas da população deve ser uma manifestação de invergedura, resultado de colocação de problemas comuns que atingem não somente os estudantes. Ela deve existir somente quando houver condições concretas para tanto. Ao mesmo tempo os estudantes estão nas comissões paritárias, resolvendo ao nível da burocracia da Universidade, problemas técnicos, eles estão nas ruas, em comícios propaganda, denunciando à população a política educacional do governo e a repressão.

O comício propaganda é uma manifestação nitidamente estudantil, que busca colocar posições políticas do ME. Não pretende levar a população às ruas para se manifestar, mas levar a posição dos estudantes à população. Uma manifestação que leva populares às ruas para se pronunciarem politicamente deve levantar problemas que atinjam as camadas que se manifestam. Não será em torno de problemas específicos estudantis ou de uma luta vaga contra a ditadura que levaremos camadas da população a se manifestarem politicamente.

Por outro lado, é necessário compreender que o ME em 68 se transformou qualitativamente em dois aspectos: No político e no organizatório. Exatamente a política de conduzir as lutas reivindicatórias pelas bases, fez com que o estudante abandonasse com relação as manifestações o "protesto", o "contra", a "solidariedade". Hoje, do protesto passamos à propaganda. É o estudante não mais como massa mas transformado em sujeito ativo, daí a consequência de uma organização dos grupos de trabalho, organização para discutir e determinar o porque, como e quando ir às ruas, organização para cumprir nossos objetivos: fazer propaganda política e com relação à repressão nos defendermo. Portanto, é necessário uma mobilidade para nos deslocarmos sempre que necessário para a realização dos comícios e apenas aceitar o enfrentamento com a repressão quando taticamente estivermos em superioridade.

Os estudantes até aqui (65, 66, 67) saíram às ruas apenas em decorrência de fatos e apenas poucas vezes (68) em São Paulo, a UEE e os estudantes, durante junho e julho, foram às ruas deliberadamente a partir das condições políticas das lutas reivindicatórias e da organização dos estudantes em GTs, quando determinaram que era necessário e tínhamos condições através de um acúmulo de forças. Antes dois vícios que estavam levando o ME a saída às ruas apenas da vanguarda (desorganizada) possibilitando a não realização de manifestações (MG) a repressão e prisão (SP, UBES e UPES) e o desligamento desta vanguarda das faculdades: a compreensão de que o normal é a saída às ruas e o excepcional volta às faculdades, quando a verdade é inversa: o normal é o trabalho nas faculdades e o excepcional é a saída às ruas, e ela deve e tem de ser, para sua continuidade, decorrência do trabalho nas faculdades. Somente o esquerdismo infantil é que pode ver (ver) reformismo no fato de o estudante se manifestar a partir de reivindicações. Além disso, quando corretamente dimensionadas não existe a diferenciação entre a luta específica e a luta política. Reivindicação específica pode ser uma luta política; para tanto é necessário dimensioná-la e conduzi-la corretamente. Uma condução política correta significa em primeiro lugar fazer com que a luta seja levada pelos estudantes, e não pelas lideranças apenas, através do conchavos cupulistas. Significa que não se considere uma vitória aquela obtida sem a mobilização física e política dos estudantes. Política porque se os estudantes não entendem como vitória parcial se insere numa luta política mais ampla luta-se pela reivindicação apenas, e a luta se esgota na conquista dela. Mobilização física porque não basta entender politicamente, é preciso empreendê-la politicamente. A consequência de um movimento reivindicatório do qual os estudantes não participaram ativamente é o esvaziamento. Não tendo sido sujeito ativo do movimento, os estudantes não se sentem responsáveis pela continuidade dele em outro plano. Cada luta reivindicatória deve ser conduzida de modo que o estudante não se esgote apenas na luta física.



catória deve ser conduzida de modo que os estudantes compreendam como ela se insere na luta política geral dentro da Universidade. Esta inserção não é feita por nós: ela é simplesmente demonstrada por nós. Reformismo é parar a reivindicação pura e simplesmente, sem tentar inseri-la num contexto político mais amplo, se satisfazendo com uma vitória parcial possível. Reformismo é considerar uma vitória, algo que bem ou mal o governo concede, e parar o movimento estudantil neste ponto. Reformismo é pensar que a Reforma Universitária que satisfaça as perspectivas dos estudantes será possível no atual contexto político e econômico bem como esquerdismo é considerar que a luta pela reestruturação da universidade é inócu, pois somente num outro sistema é que ela seria possível. Ela não é inócua porque representa em primeiro plano a continuidade política das lutas reivindicatórias isoladas "mais verbas contra currículos inadequados, etc" e de denúncias. Significa e representa ainda, a necessidade do movimento estudantil passar à ação. Num segundo plano a agudização das contradições da universidade com o sistema, a ditadura não precisará apenas aplicar a sua política educacional. As Faculdades onde foi conseguida a reestruturação, ela terá que primeiro destruir para depois aplicar a sua política educacional.

Posição correta é lutar dentro e fora da Faculdade pela reestruturação e através das conquistas feitas agudizar ainda mais as contradições da ditadura, da classe burguesa, exercida através do exército. Tanto as paritárias como as manifestações são somente meios de combater esta ditadura.

Mas o ME não fica somente nos níveis dos problemas estudantis. Ele vai fora apoiar materialmente uma greve operária ou então organizar alguns setores da pequena burguesia em torno de problemas mais gerais. O ME pode ser estreitamente eficiente na propaganda de uma greve operária ou da ocupação de fábricas ou terras que a empresa burguesa saboteia e distorce totalmente. Esta atividade possível do ME não é algo que se dê fora dele, seja ou estranho a ele ou mesmo outra tarefa. Mas é um prolongamento natural e outro aspecto da participação do estudante na vida política nacional. O político para o movimento estudantil não tem dentro ou fora mas tem este ou aquele aspecto. A luta política contra o MEC-USAID é uma luta política por questões inclusive técnicas específicas contra um critério de seleção, contra a universidade de Empresa. A tentativa de imposição de determinados aspectos técnicos por parte do governo é feita através de instrumentos e atitudes políticas.

Querer separar radicalmente os dois, o técnico e o político, é ser mecanicista e burocrata. A única distinção que deve ser feita é quanto as formas de atuação é o momento de aplicá-las: é preciso ser suficientemente tático para saber quando avançar e quando recuar. É preciso ver quando o movimento estudantil está em ascensão e refluxo. Não é eficiente ser sempre quixotesco ou pessedista.

#### LUTA CONTRA A POLÍTICA EDUCACIONAL DO GOVERNO

- 1) Denúncia do Acôrdo MEC-USAID, Relatório Atcon, GT do Governo, Comissão Meira Matos.
- 1.2) pela Reestruturação da universidade baseadas nos princípios: Poder Paritário, currículo crítico "voltado para as necessidades da maioria da sociedade", Autonomia Universitária, fixação de verbas nos orçamentos federais e estaduais.
- 1.3) luta por melhoria de ensino definida como: pela formação de comissão paritária deliberativa, para encaminhamento da reestruturação - pelo ensino gratuito contra a anuidade - aumento do número de vagas - criação e manutenção de cursos noturnos em toda universidade - extinção de vestibular de seleção ou classificação tipo CEM, pelo critério único: habilitação - combate às fundações - pela manutenção e ampliação de restaurantes universitários, bibliotecas, laboratórios, instrumental de pesquisa, alojamento, assistência médico-hospitalar.
- 2) Apoio às lutas contra a política salarial do governo.  
Denúncia da política salarial - propaganda das greves operárias - auxílio material à ocupação de fábricas e terras - apoio a oposição sindical.
- 3) Ação junto a outros setores de outras categorias.  
Construção de comitês populares - auxílio na estruturação de outras categorias - propaganda das lutas específicas destas categorias (intelectuais, artistas, jornalistas, etc)
- 4) Denúncia da política da ditadura  
Denúncia da política da militarização dos órgãos civis - denúncia da eleição da ditadura - denúncia da lei de censura - denúncia da repressão.
- 5) Denúncia da ação do imperialismo internacional.

## A UNE E A UIE

A UIE é uma organização internacional que coordena várias UNES de todos os países que luta contra o imperialismo internacional. No entanto, nos últimos anos, a UIE, seguindo uma política de coexistência pacífica, permitiu não só a entrada de UNES pró imperialistas como passou na prática a possuir um programa conciliatório.

Os estudantes brasileiros e os mesmos presidentes de CAs e UEEs não conhecem o programa da UIE e suas características. A diretoria da UNE 67/68 denunciou a UIE e retirou-se com toda a bancada da América Latina no seu último Congresso. Surge mais tarde a OCLAE (Organização Continental Latino Americana dos Estudantes) que busca no momento um fortalecimento nos diversos países da América Latina.

Por tudo que foi exposto, concluimos como tarefas da UNE 68/69:

- divulgar o programa da UIE e da OCLAE, e pontos característicos para os estudantes brasileiros - denunciar a UIE não só no Brasil mas internacionalmente - continuar pertencendo a UIE até que possa, a partir dos CAs, buscar uma posição, depois de discutir com os estudantes sua posição perante a UIE.

No entanto, a UNE deve fortalecer a OCLAE a procurar coordenar a luta dos estados latino-americanos contra os projetos de reforma universitária que o imperialismo projetou para o Chile, Colômbia, Argentina, Brasil (MEC-USAID) e outros. Denunciar a dominação imperialista sobre a América Latina e as ameaças contra Cuba Socialista; a Guerra do Vietnã; solidarizar-se com a luta dos povos da Guiné, Angola, Moçambique, contra o colonialismo português e apoiar a luta dos povos da América, Ásia, África.

## ESTRUTURA PARA A UNE

O programa político da UNE para ser cumprido necessita de uma estrutura que possibilite instrumentos de comunicação da diretoria da UNE com as UEEs, os DCEs, e CAs e com os estudantes. Esta estrutura visa a coordenação nacional, as informações ou seja, a direção.

A UNE terá como tarefa concreta em 68/69 além dela, a partir do 30º Congresso - coordenar politicamente as lutas em termos nacionais, aplicando o programa aprovado no Congresso, a organização das UEEs nos estados onde não existe ou existe burocraticamente e dos DCEs em nível de universidade.

Assim, as propostas de assessoria regionais para a UNE baseia-se nas possibilidades das UEEs onde a regional tem sede, de contribuir e coordenar para a consolidação das outras UEEs.

PR - SC - RGS

SP

GB - RS - ES

MG - GO - MT

BA - SE - AL - PE - PB

CE - R - RE - PI

PA - M - MA

( \_ sede da Regional



Em cada capital da regional a UEE daquele estado (PR - GB - MG - BA - CE - PA) consolidaria uma assessoria de 5 a 10 estudantes com as seguintes tarefas:

- coordenação: coordenar o trabalho da UNE junto aos CAs, DCEs, através da UEE;
- imprensa: reproduzir material e documentos, enviados pela UNE de outras UEEs, CAs e distribuí-los pelos CAs e DCEs, através das UEEs;

Observação: Uma das assessorias ficaria encarregada da imprensa nacional (jornal e revista).



# UM CONGRESSO CLANDESTINO ACABA ASSIM

**Tropas da Polícia Militar do Estado e do Corpo de Operações Especiais prenderam, na manhã de ontem, quarenta e dois estudantes universitários, entre os quais cinco moças, e que tentavam realizar o congresso regional da extinta União Nacional dos Estudantes, em local conhecido por chacara do «Alemão», e situado cerca de quinhentos metros do Quartel do Boqueirão. O congresso visava dar prosseguimento ao conclave nacional da classe, e anteriormente também interrompido pelas autoridades no interior de São Paulo.**

## Com vários líderes a reunião proibida

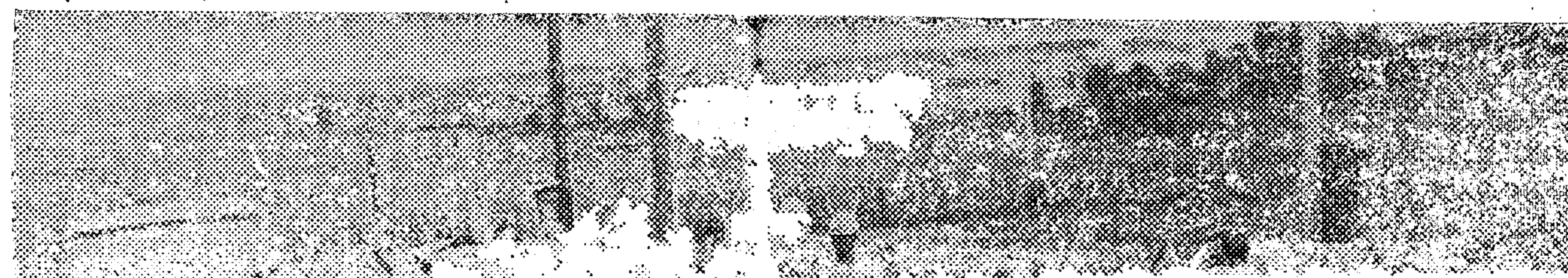
Entre os detidos, em número de quarenta e dois, se encontram cinco moças. São diversos os presidentes de diretórios presos e na relação constam, igualmente, os nomes dos líderes da União Paranaense dos Estudantes e do Diretório Central da Universidade Federal, respectivamente os jovens Berto Luiz Curvo e Vitório Sorotjuk. As primeiras notícias sobre o encontro dos estudantes transpiraram por volta das nove horas da manhã, segundo adiantou o tenente-coronel Clarimundo Valdir Moreira.

## Mas todos eles foram presos sem resistir

Segundo informações fornecidas à imprensa, a reunião tinha caráter ilegal e após a ordem de impedir o encontro duas com

## Polícia informada «em cima da hora»

A Polícia Militar do Estado não forneceu indicações de como soube do local do encontro e da efetivação do certame. No entanto, como a mobilização foi efetuada logo após às nove horas da manhã, é de se concluir que o fato transpirou e chegou ao conhecimento das autoridades "em cima da hora". Segundo o tenente-coronel Valdir Moreira, a operação desenvolvida foi considerada como de rotina, muito embora considerando-se as peculiaridades do local, e as características de que se revestia.



## Os «olheiros» não avisaram em tempo

Mas, de qualquer modo, a ação foi revestida de muitos fatos, relatados pelos oficiais da Polícia Militar do Estado do Paraná, versando sobre o andamento da operação, que culminou às 11:20, com a prisão dos participantes do encontro. No posto mais avançado dos congressistas encontrava-se um observador, com a missão específica de controlar o movimento nas vias de acesso à chacara. No entanto, os caminhões frigoríficos não despertaram suspeitas ao longo de sua marcha e o rapaz terminou por se entregar, sem resistência.

## Ruido de foguete, a senha do perigo

Alguns metros mais adiante, existia outro posto de observação, desta feita em terreno menos elevado. Ali estavam dois rapazes que portavam pequenos foguetes, com a intenção de usá-los como forma de aviso aos companheiros, em caso de perigo. Quando os soldados espalharam-se por tal área, foram pressentidos, e os rapazes ainda conseguiram acender os foguetes. No entanto, não havia tempo para qualquer outra reação, pois os homens da Polícia Militar e do Corpo de Operações Especiais já estavam com o problema equacionado.

## Pânico foi reação primeira da turma

Outro depoimento foi o do coronel Clarimundo Moreira, dizendo que os estudantes foram tomados de pânico, nos momentos iniciais, fugindo em desabalada carreira para as matas próximas ao local, bem como buscando abrigo em algumas resi-



101



Estado, além de todo o contingente do Corpo de Operações Especiais. Os universitários não ofereceram resistências de forma alguma à chegada de tropas, e por outro lado não se registraram choques que pudessem resultar em ferimentos, quer do lado dos milicianos, quer do lado dos estudantes universitários.

## Caminhões serviram para ocultar tropa

Tão logo transpiraram as notícias do encontro houve grande movimentação no comando daquela corporação, e em pouco tempo estava a tropa mobilizada, iniciando seu deslocamento rumo à chacara do "Alemão". Duas companhias foram transportadas em caminhões frigoríficos, com a finalidade de não levantar suspeitas quanto à sua aproximação, evitando com isto a ação de eventuais "olheiros" pela estrada que levava ao local. A movimentação obedecia o comando do tenente-coronel Altevir Lopes, major Helio Melreilas e major Goro Yasumotto.

## Prêso foram para Provisória do Ahú

A relação dos estudantes que participavam do encontro e que foram recolhidos à Prisão Provisória do Ahú é a seguinte: Roberto Contín, Alvaro Coelho da Silva, Reinoldo da Silva Atem, Arne Bassani, Edson Pinheiro Campos, Rainaldo de Luna Hess, Vilmar Eugênio Paula, Paulo Roberto Campanário, Rafael Sigorelli, Marco Antônio Nascimento Pereira, Vitorio Sorotnik, João Bonifácio Cabral Júnior, Arlindo Daga Favero, Celso Mauro Paciornik, Romeu Bertol, Berto Luiz Curvo, Mauro Daison Otero Goulart, Fernando Antônio Fontoura Eini, Mário Oba, Gilberto Bueno Coelho, Hélio Urnau, Inácio da Silva Médra, Deslandes Torres, Tácio Villar, Iran Vieira Dias, Albino Przechak, Artur Lourenço Morão, Eugênio Roesler Júnior, Orlan Lustosa de Moraes, Caêl Joaquim Macon, Eloi Miqueleiti, Edson Cardoso da Silveira, Edvarde Valeriano de Campos Filho, Marco Apolo dos Santos Silva, Charles Champion Junior e Antonio Mânio. As mães, em número de 5, são Cecília Gomes Coelho, Elizabete Franco Fortes, Márcia Loli, Ana Maria da Costa e Eliana Resende Barbosa. Os estudantes deram entrada na Prisão Provisória do Ahú por volta das 18 horas, onde permaneceram. Não foram registrados contatos dos mesmos com a imprensa e não se soube de familiares que procurassem os estudantes. Nem de advogados.

Em operação policial que envolveu a ação conjugada de organismos de Segurança estaduais e federais, foi desbaratada a continuação do Congresso da UNE, há pouco dissolvido pela polícia paulista em Ibiuna.

A ação preparatória do conclave estudantil clandestino contrário a legislação vigorante vinha sendo acompanhada pelos setores de informações e segurança e, tão logo as primeiras reuniões de organização foram realizadas e escolhida Curitiba como local propícia à instalação dos trabalhos interrompidos em Ibiuna, desenvolveu-se intensa atividade que culminou com a ampla rede estendida que colheu de surpresa, deixando estupefatos seus organizadores, todos os elementos participantes, estudantes e alheios mesmo as atividades do movimento estudantil mais interessados na subversão da ordem através da intranquilização que os mesmos pretendiam desencadear em todo o País.

O local selecionado foi uma chácara situada nas proximidades das Cavas do Rio Iguaçu, no bairro do Boqueirão, alu-



OS ESTUDANTES foram apanhados de surpresa e, no início, houve pânico. A ação rápida das autoridades evitou o registro de incidentes.



ESTE é Vitorio Sorotnik, presidente do Diretório Central da Universidade Federal e um dos líderes da extinta UNE.

gada à um elemento que se sabe ser de origem alemã e ainda não identificado.

Burlado o dispositivo de segurança montado pelas comissões organizadoras do Congresso, às 11 horas, aproximadamente foi completado o cerco da área em que foram presos algumas dezenas de elementos vinculados ao movimento.

Na copiosa documentação apreendida e que foi transportada para a polícia federal nesta Capital, foi possível selecionar documentos como o plano de ação estudantil para 1969, tese doutrinária sobre a UNE, numerosos documentos envolvendo a política governamental.

O sucesso da operação resultou não só quanto à repetição da ação eficiente dos órgãos de segurança, desmantelando os agrupamentos estudantis notoriamente postulantes de uma ação agressiva e antigovernamental, como também conseguiu prender agitadores profissionais e já com anterioridade política ideológica e sobre os quais pesam ordens judiciais de prisão.

VITORIO SOROTNIK, BERTO LUIZ CURVO, recentemente eleito por uma minoria estudantil para presidente da UPE, en-

treando as vias de dissolução, manifestadamente vinculada à extinta UNE, ANTONIO JOAO MANFIO, CLERIGO SALETINO que organizou a passeata e demonstração de 19 de outubro em Curitiba, CELSO MAURO PACIORNIK, agitador estudantil e preso em Porto Alegre quando promovia manifestações de rua, autuado em flagrante pelas autoridades gaúchas e posteriormente liberado por força de habeas corpus.

Prêso no local e com destaque nas agitações ocorridas em Curitiba no corrente ano de 1968, foram os seguintes estudantes: DACIO VILLAR, estudante de engenharia química ligado a entidades estudantis.

JOSE BONIFACIO CABRAL JUNIOR, recentemente eleito presidente do Diretório Universitário Paranaense.

MAURO DAISON OTERO GOULART, ELISABETH FRANCO FORTES, CHARLES CHAMPION JUNIOR e outros que estão sendo interrogados e identificados, presumindo-se que alguns são de origem do Rio e São Paulo.

Recorda-se que VITORIO SOROTNIK, que foi presidente

das reuniões e reuniões de volta para junto dos companheiros, onde eram revistados e permaneciam sob a vigilância dos membros da expedição. Nenhum arma foi encontrada, mas alguns estavam com facas de churrasco e garrafas de bebidas alcoólicas.

## 400 homens usados durante a operação

As tropas ontem mobilizadas empregaram um total de quatrocentos homens, divididos entre Polícia Militar e Corpo de Operações Especiais. As prisões foram realizadas em período de tempo calculado em vinte minutos e conduzidos a nossa Capital em caminhão-frigorífico, o mesmo que conduziu as duas companhias, anteriormente, ao local. Tal transporte foi efetuado pelo sistema de revestimento, levando-se determinado número de estudantes, sob a vigilância, e permanecendo no local outros tantos.

## Material subversivo em vasta quantidade

No entanto, muito material considerado subversivo foi encontrado em poder de quase todos os participantes do encontro. Eram panfletos, boletins e cartazes, que falavam da modificação do regime vigente em nosso País. O proprietário da chácara, cujo nome não foi fornecido à imprensa, afirmou — segundo os oficiais do FMEP — que os estudantes alugaram aquelas dependências sob a alegação de que realizariam um torneio de "truco", bem como sua intenção era realizar uma churrascada de confraternização.

## Ação rápida evitou qualquer incidente

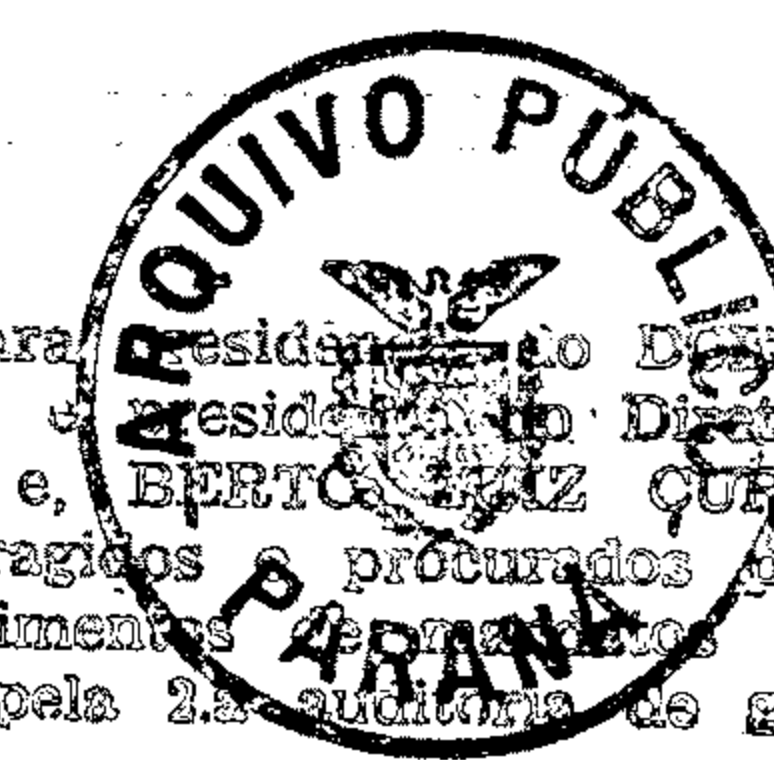
A providência inicial dos participantes da operação, foi efetuar uma análise das características do local onde se desenvolveria a manobra, seguindo modo de agir adotado em ocasiões semelhantes e anteriormente registradas. Foi, então, completamente cercada a área onde os estudantes se encontravam reunidos. A rapidez com que ação foi desenvolvida, por parte dos milicianos, pagou os estudantes de surpresa e não possibilitou de sua parte qualquer esboço de resistência, o que evitou registro de incidentes.

do Hugo Simas e há pouco eleito para presidente do Diretório deval. ANTONIO JOAO MANFIO que é presidente do Diretório da Faculdade Católica de Filosofia e, BERTO LUIZ CURVO, eleito para UPE, encontravam-se foragidos e procurados pelas autoridades paranaenses para cumprimento de mandado de prisão contra os mesmos expedidos pela 2ª autoridade de guerra em São Paulo.

Todos os elementos presos foram conduzidos a local de segurança estando a Delegacia Regional do DPF empenhada na lavratura do auto de flagrante delito por infração a lei que disciplina os crimes contra a segurança nacional.

O Exmo. sr. Comandante da 5.ª RM e Secretário de Segurança do Estado mantiveram-se constantemente a par da evolução da operação realizada nesta manhã.

Em poder dos estudantes foi apreendido o seguinte material: «O que é este Governo», «Defender a UNE é realizar vigorosas ações de massas», «Contribuição do XXX Congresso da UNE», «Carta Política da chapa Nova UNE (Gestão 62-63)», «Programa para o movimento estudantil».





06-10-73

102

# Secretaria de Segurança Pública

## Delegacia de Ordem Política e Social

NOME: ..... Pront. N.º .....

FILIAÇÃO: .....

RESIDÊNCIA: .....

### Segurança

DIÁRIO DO M  
06/10/73

#### PENA FORA DO QUARTEL

ARTIGO, 6 (Meridional — DP — Via Telex) — Baseado no artigo 62 do Código Penal Militar que afirma que o civil que cumpre pena imposta pela Lei de Segurança Nacional não pode ficar em quartéis quando seu processo já ter transitado em julgado, o advogado Lino Machado Filho impetrou recurso junto à 1.ª Auditoria do Exército da Guanabara, em defesa do estudante Alex Polaris Alvarenga que se encontra recolhido a um quartel do Exército da 1.ª Região Militar.

O citado artigo 62 do CPM salienta que o juiz é autoridade executante. Por esta razão o advogado do estudante recorreu diretamente ao juiz auditor Milton Fiuza à quem solicitou a remoção de seu cliente. O CPM diz que caso não existam vagas em penitenciária civil, o condenado poderá ficar em um quartel mas em seção especial com as condições normais de um preso político.

#### MATERIAL DA UNE

Uma comissão de autoridades da Justiça Militar que presta serviço na 2.ª Auditoria de Marinha, acompanhada do auditor João Nunes Neves, esteve no comando geral do Corpo de Fuzi-

leiros Navais e arrecadou grande quantidade de material subversivo que estava sendo utilizado pelos integrantes da extinta UNE (União Nacional dos Estudantes), a serviço da subversão nacional.

Cerca de 14 toneladas de diferentes materiais foram removidas pelas autoridades. Uma boa quantidade de livros de conhecidos autores nacionais foi separada já que poderá ser ainda aproveitada. O mesmo aconteceu com milhares de pés de filmes de 35mm onde constam documentários da realidade nacional antes da Revolução de 64. Este material cinematográfico servirá como elemento de pesquisa e consulta das autoridades militares, já que ele espelha a realidade de uma época tumultuada.

Na próxima semana, a comissão vinda ao comando geral dos Fuzileiros Navais quando fará mais uma seleção do material apreendido. Até hoje, cerca de seis toneladas de panfletos e outros materiais já foram queimadas pelas autoridades. O processo da UNE é o mais antigo da Justiça Militar. Consta de 58 volumes onde estão denunciados 27 elementos.

U.N.E.



# Donos de Pensões têm Medo da Fiscalização

JOSUÉ SOUZA

Fotos de JUÁREZ DE AGOSTINHO



Após pesquisa em todas as pensões existentes na "boca rica", como é conhecida a Praça Santos Andrade e imediações, não foi possível fotografar nem um quarto de pensão, pela oposição dos proprietários.

No momento que os mesmos se inteiravam do objetivo, negavam a existência de estudantes entre seus inquilinos, e ameaçavam chamar a Polícia, naquelas que foram localizados estudantes.

Não é medo da reportagem, mas sim da fiscalização da Prefeitura Municipal e da Secretaria de Saúde Pública, pelas péssimas condições de higiene, pois muitas só possuem um banheiro, com uma boca de lobo e um chuveiro, para mais de vinte inquilinos. Um fato principal é a falta de ventilação dos quartos, que quase sempre são cheios de goteiras.

## Opinião dos comensais

Dos comensais do restaurante da UPE, trinta por cento aceitam o atual cardápio, com imposição pela falta de melhores verbas, mas fazem sérias restrições aos cartões-grátis. Cinquenta por cento são indiferentes a qualquer cardápio: se for bom eles ficam, caso contrário mudam para ou-

tro que esteja em melhores condições econômicas. Os últimos vinte por cento são os eternos opositores, são contra qualquer cardápio e não pode haver meio-térmo.

Os poucos que fazem suas refeições no DCE, não são muito extremistas quanto ao cardápio: acham que é bem regular, mas poderia ser melhor. Este é o mesmo caso dos residentes e comensais da Casa do Estudante.

## UPEPA

Vindo preencher uma lacuna, na vida estudantil da Cidade Universitária do Paraná, a União Paranaense dos Estudantes Pré-Acadêmicos, foi fundada no mês de julho do corrente ano. Como os integrantes de sua diretoria são vestibulandos, a luta foi grande, mas finalmente em 31 de outubro próximo passado, começou a funcionar a Casa do Estudante Pré-Acadêmico, à Rua Riachuelo, 132, fornecendo aproximadamente mil refeições por dia, cobrando uma taxa mensal de NCr\$ 55,00 por duas refeições diárias. Os dormitórios da UPEPA, que se localizam no mesmo endereço têm condições de acomodar cem vestibulandos, cobrando uma taxa de NCr\$ 50,00 mensal.

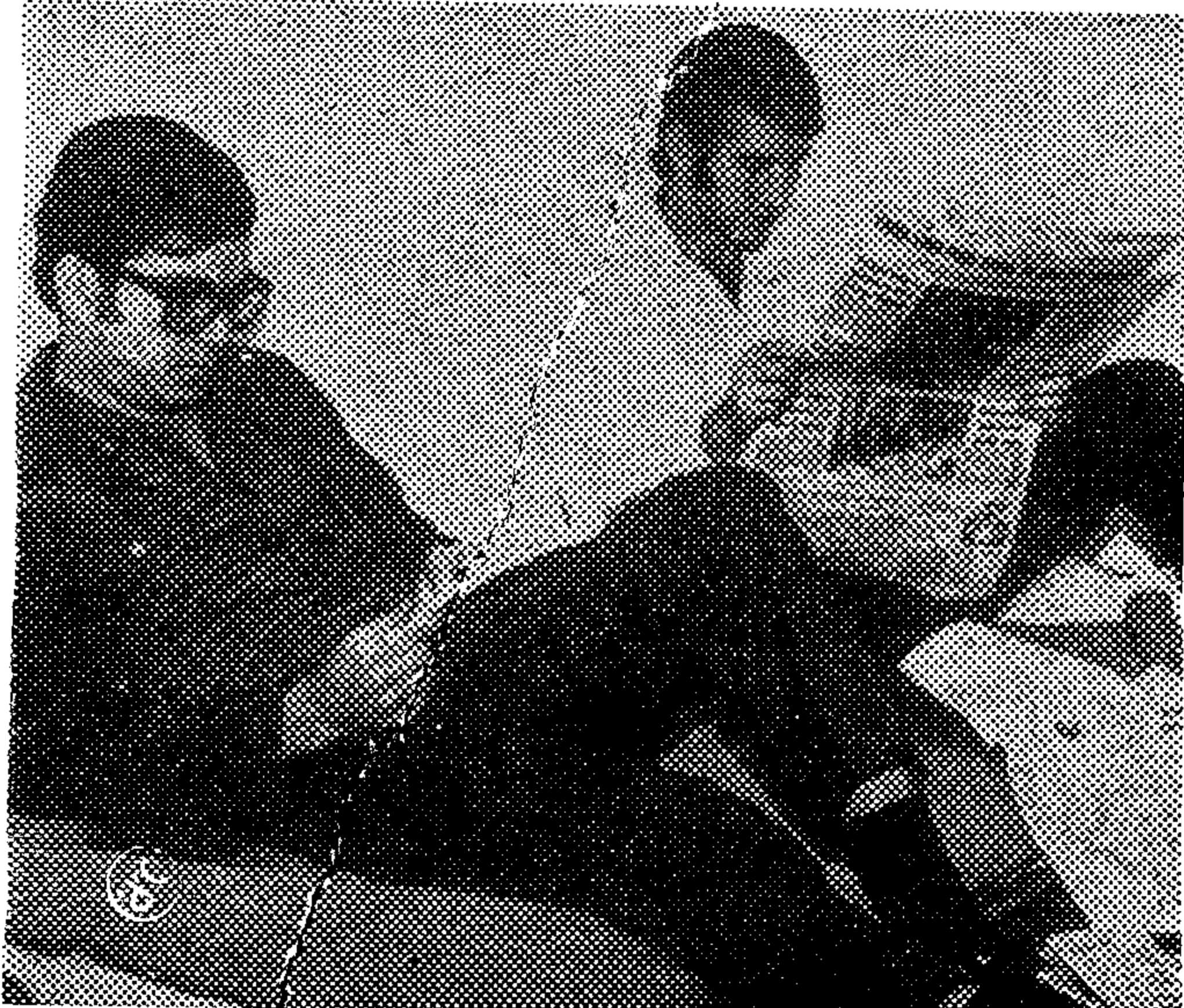
Para o vestibulando ter estas regalias é necessário ser associado da UPEPA, caso contrário não haverá possibilidade alguma. O importante é que o restaurante dos vestibulandos não fechará na época natalina, e o seu cardápio é um dos melhores com as refeições servidas em pratos, dando assim um ambiente caseiro, para os comensais.

## BENEFÍCIO



O superintendente do restaurante da União Paranaense dos Estudantes Pré-Acadêmicos, Flávio da Silva Gosch, acha que o restaurante da UPEPA veio beneficiar uma classe até então marginalizada

## UM CASO TÍPICO



Nem sempre a mudança repentina de uma pensão para um apartamento é confortável. Este é um caso típico, onde com a falta de tempo para comprar cama, eles dormem sobre os colchões.

## "AQUI, NÃO HÁ ESTUDANTES"



Com estas palavras e ameaçando chamar a polícia, o proprietário desta pensão negou-se a colaborar na pesquisa.

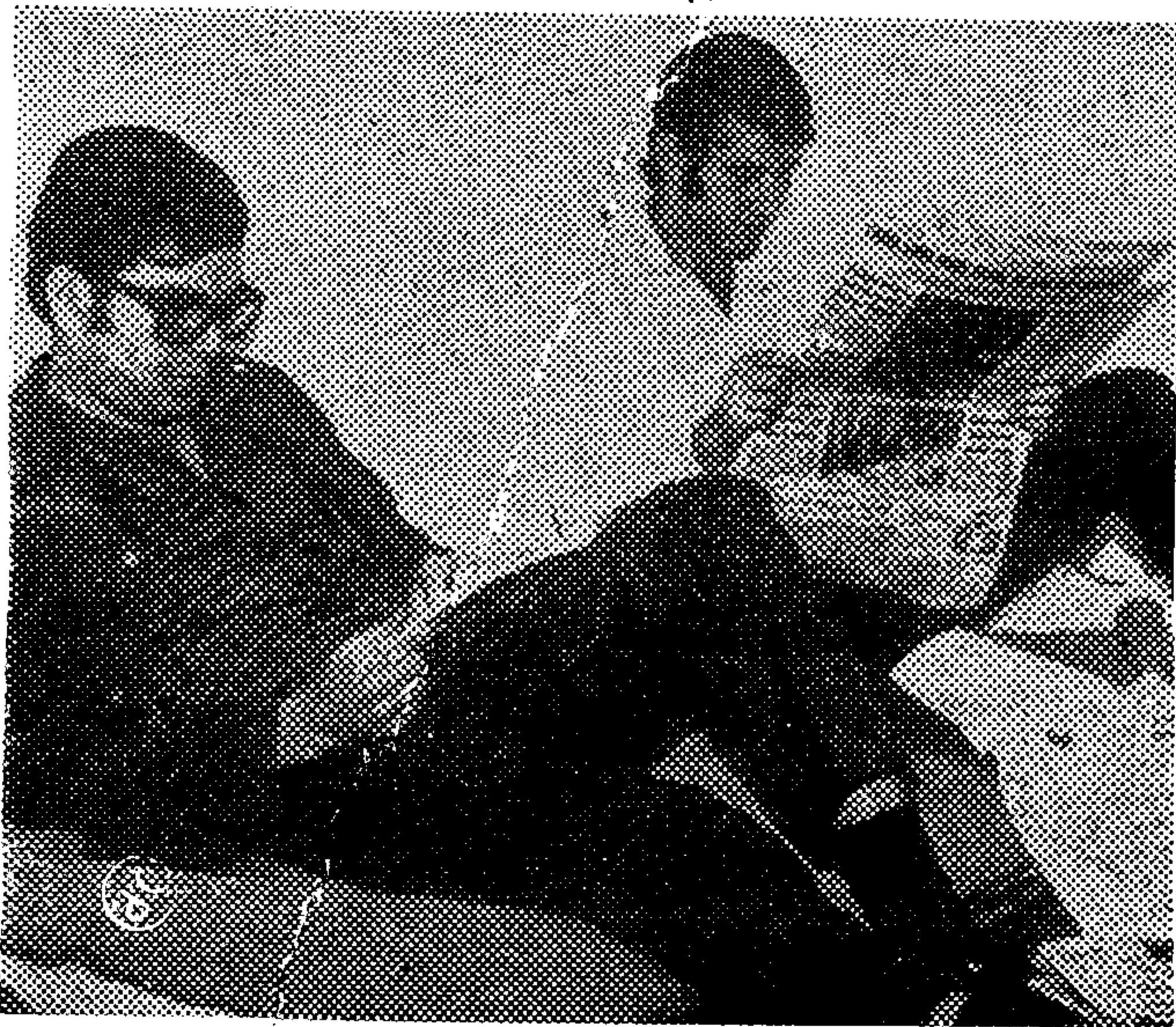


## BENEFÍCIO



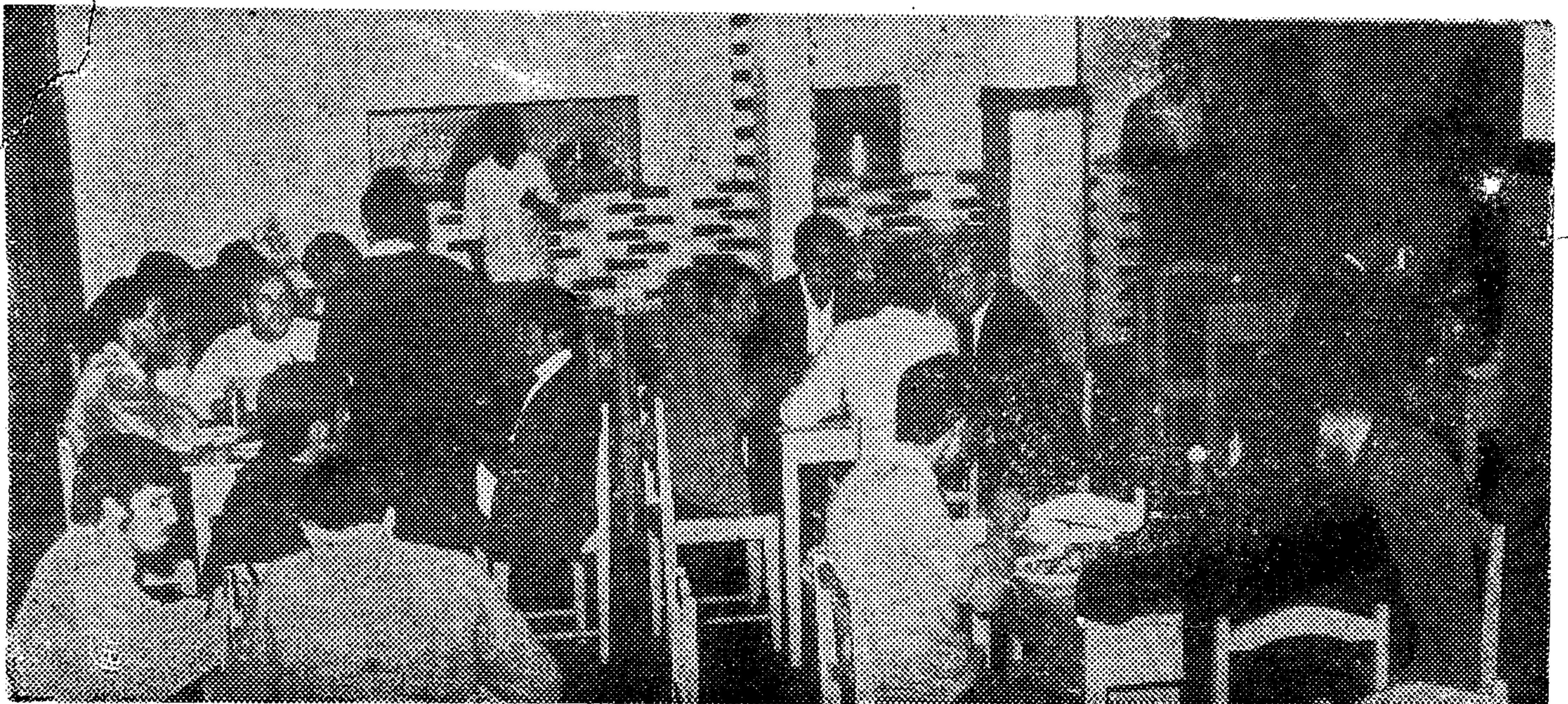
O superintendente do restaurante da União Paranaense dos Estudantes Pré-Acadêmicos, Flávio da Silva Gosch, acha que o restaurante da UPEPA veio beneficiar uma classe até então marginalizada

## UM CASO TÍPICO



Nem sempre a mudança repentina de uma pensão para um apartamento é confortável. Este é um caso típico, onde com a falta de tempo para comprar cama, eles dormem sobre os colchões.

## AMBIENTE CASEIRO



No restaurante mantido pela União dos Estudantes Pré-Acadêmicos situado no número 132, da rua Riachuelo, são servidas mil refeições diárias. Segundo os comensais, o tempêro é muito bom e as refeições são servidas em pratos, como acontece no Centro Acadêmicos "Hugo Simas" e Centro Acadêmico "Nile Cairo", que são os únicos a dar um ambiente caseiro em seus restaurantes.

## "AQUI, NÃO HÁ ESTUDANTES"



Com estas palavras e ameaçando chamar a polícia, o proprietário desta pensão negou-se a colaborar na pesquisa.

59-211-68  
Dário da Moura - 17-11-68

104



PT 23.13.200



O Estado do Paraná  
20.10.68  
Estado do Paraná 20.10.68

# Passeata foi o estopim da confusão

Porque as passeatas de protesto contra a política educacional e a ordem constituída estão proibidas em todo o País, por portaria do ministro da Justiça, contingentes da Polícia Militar dissolveram ontem uma manifestação estudantil em Curitiba. Eram precisamente 11,35 horas quando se registrou o primeiro choque na confluência das ruas XV de Novembro e Dr. Murici.

Os participantes da passeata iniciada momentos antes na Praça Santos Andrade, dirigiam-se à Praça Osório onde seria encerrada a manifestação «contra a ditadura, contra a repressão, contra a censura no teatro e contra o imperi-lismo», conforme dísticos, cartazes e faixas sustentadas pelos participantes. A maioria era constituída de estudantes universitários, notando-se a presença de alguns operários com cartazes contra a política de «arrôcho salarial», e elementos cassados pela Revolução e envolvidos em IPMs.

## ESQUEMA

Elementos da Polícia Federal, entre os quais o delegado Almir Vilela, chefe do Centro de Operações, acompanhavam atentamente os acontecimentos, enquanto elementos do Corpo de Operações Especiais e do Batalhão de Guarda da Polícia Militar, à distância, utilizando-se de serviços de rádio em viaturas estrategicamente distribuídas, comunicavam os fatos ao comandante Antonio Michalizen.

Elementos da Dops e da Polícia Civil, que também acompanhavam a passeata, estavam em conexão permanente com a diretoria da Polícia Civil, sendo todo o esquema coordenado pelo sr. Walfrido Piloto. Somente após o agravamento da situação, com as primeiras correrias e choques entre estudantes e elementos da PM, o secretário de Segurança avocou a si a responsabilidade pela coordenação do esquema de segurança. O sr. José Munhoz de Melo ocupou o «serviço de rádio», nos fundos da sede da Polícia Civil, mantendo-se em comunicação permanente com o pessoal de choque, nas ruas de Curitiba.

## MOBILIZAÇÃO

A Polícia Militar está em prontidão permanente há vários dias aguardando manifestações configuradas como «guerra revolucionária» e os acontecimentos demonstraram a razão de ser das medidas preventivas de segurança, adotadas com grande antecedência. Estudantes participaram da manifestação de rua, munidos de cabos de aço, correntes de ferro e cacetes de madeira.

Ao notarem a aproximação de elementos da PM, muitos manifestantes fugiram em desabalada carreira. Outros permaneceram no local, confluência das ruas XV de Novembro e Dr. Murici, prontos para uma batalha campal. O capitão Sérgio Mastek Ramos foi atingido com um golpe de cano de ferro na cabeça, o qual foi amortecido pelo capacete de fibra que usava. Mesmo assim, o militar caiu prostrado ao solo, salvando-o a pronta intervenção de seus camaradas de farda. O soldado Joaquim dos Santos Oliveira, do Corpo de Polícia de Estabelecimentos de Ensino, que momentos antes havia, com risco da própria vida, impedido a destruição pelo fogo de uma viatura oficial, foi atingido com um pontaco de faca. Generalizou-se o conflito, com a prisão de vários participantes do movimento.

## FORÇA

Ao todo, a Polícia Militar mobilizou 1.200 homens, enquanto outros 650 permanecem de sobreaviso no Corpo de Bombeiros. Nada menos de 40 viaturas estão sendo utilizadas desde a manhã de ontem, destacando-se seis carros-choques com capacidade para 40 homens cada, três ambulâncias e 12 jipões, além de caminhões com carrocerias convencionais.

Muitos dos estudantes dispersados refugiaram-se na sede do Diretório Acadêmico Nilo Cairo à Rua Emano Pereira, armando barricadas à porta do edifício Professor Moreira Garcês, inclusive com tambores de gasolina. Outros concentraram-se nas imediações da Biblioteca Pública do Paraná, onde novo choque se registrou com elementos da PM.

dições da Biblioteca Pública do Paraná, onde novo choque se registrou com elementos da PM.

## DEPREDações

A ordem de repressão em frente à Biblioteca, resultou na tentativa de depredação e incendio de vários veículos, estacionados nas imediações do Hotel Iguagu. Mais acima, a Kombi 15-40, da Diretoria da Despesa Fixa, chegou a ser virada em frente à Secretaria da Fazenda. Dos 3.º e 4.º andares do edifício Moreira Garcês, estudantes começaram a arremessar pedras e garrafas sobre os milicianos que na via pública tentavam restabelecer a ordem.

Um contingente de cavalaria, da PM, estacionou na confluência da Praça Zacarias com a Rua Dr. Murici, enquanto os carros-choques chegavam com novos contingentes, estrategicamente distribuídos pela Rua XV, Praça Tiradentes, Rua Candido Lopes e Praça Santos Andrade. Os estudantes se dispersavam em um local, sob pressão das autoridades policiais, mas voltavam a reagrupar-se mais adiante, com o inevitável desfile de oradores, proferindo inflamados discursos contra a «ditadura».

## RESTRICAO

Um estudante, que esteve envolvido em IPM, refugiou-se na redação do «Diário do Paraná», sendo perseguido até a redação, por elementos da PM. Quando o secretário de Segurança tomou conhecimento do fato, distribuiu uma ordem geral pelo rádio, ordenando a todos os elementos que participaram da operação, inclusive elementos da Dops e da Polícia Civil, para que se limitassem às ações de rua, e em hipótese alguma, invadissem edifícios públicos ou particulares com o objetivo de efetuar a prisão de agitadores.

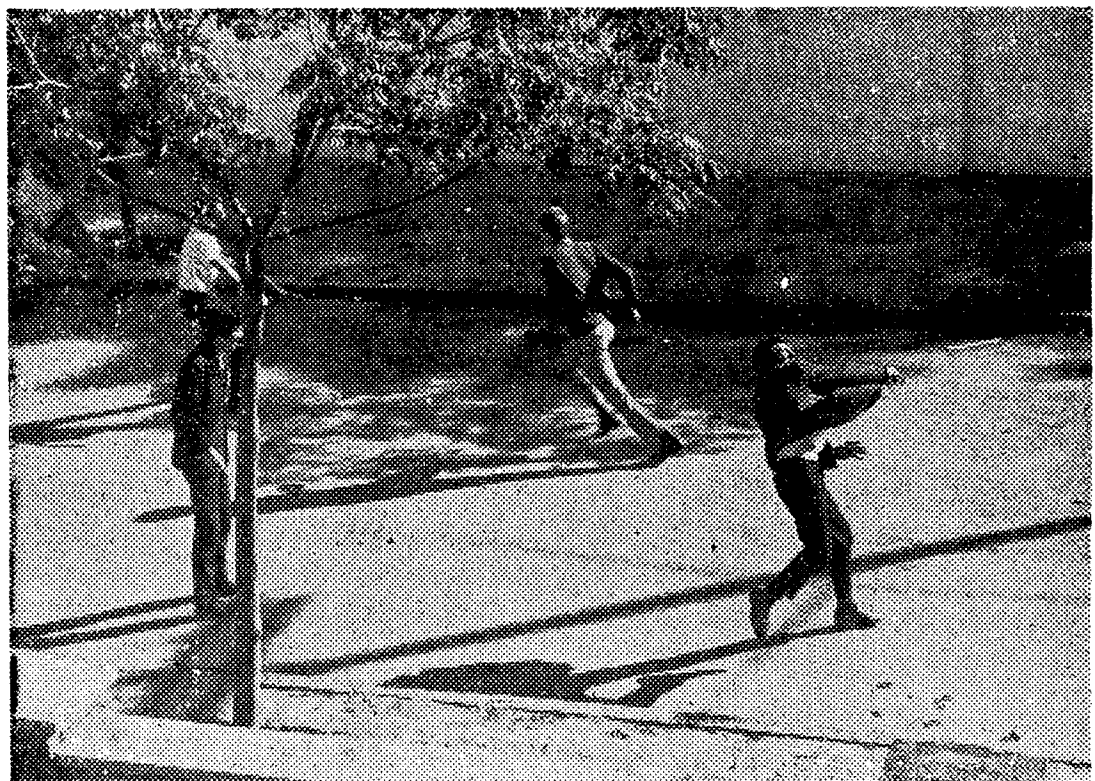
Enquanto a ordem do desembargador José Munhoz de Melo estava sendo transmitida, verificou-se novo incidente, sem maiores consequências, à porta da Biblioteca Pública, onde vários manifestantes procuraram refugiar-se. Nas ruas, o clima de tensão. Correrias, atropelos, prisões dos mais exaltados, vaias, discursos inflamados. O povo, o homem da rua, não se envolveu, limitando-se a lamentar os acontecimentos.

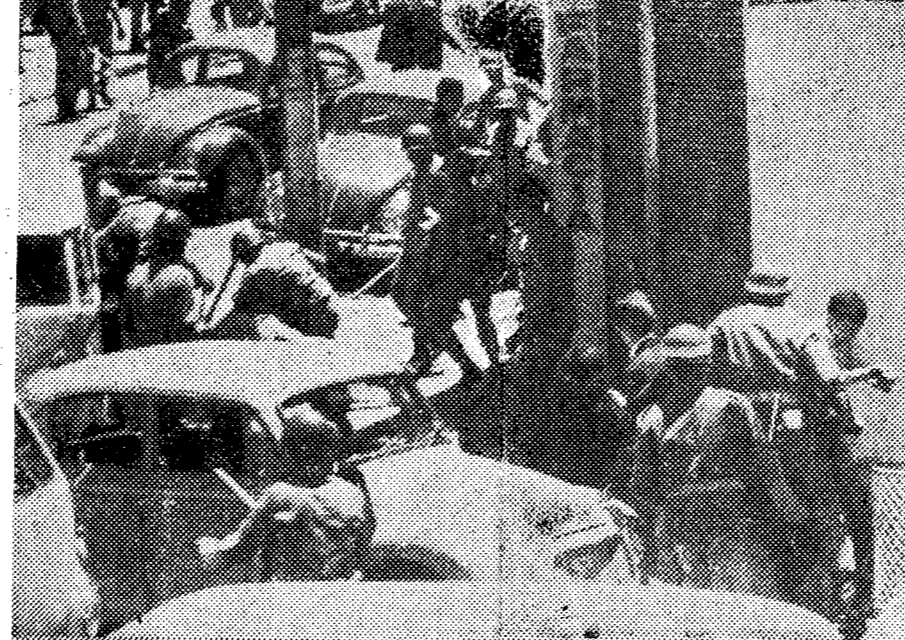
## LIBERACAO

As 15,30 horas chegaram ao QG da Polícia Militar os advogados Elio Narezi e Lamartine Correia de Oliveira, credenciados por diversos Diretórios Acadêmicos, para tentarem a liberação dos elementos detidos. Relataram que haviam conferenciado com o secretário de Segurança e foram introduzidos no Gabinete do coronel Antonio Michalizen. Momentos antes, vários contingentes haviam saído em carros-choques, para dissolver nova manifestação nas proximidades da Casa do Estudante Universitário, munidos inclusive de bombas de gás lacrimogênio e de gás «lachante» que tem a peculiaridade de provocar diarreias em poucos segundos.

Mesmo diante da sucessão de incidentes, das frequentes provocações, insultos e ofensas morais, após ouvir os advogados, o coronel Antonio Michalizen determinou a soltura dos presos, após serem fotografados, fichados e qualificados. Apenas os agitadores profissionais permaneceram detidos.

As agitações de rua prosseguiram durante toda a tarde e princípio da noite. Da Casa do Estudante Universitário, onde foram encurralados pela Polícia, os estudantes se dirigiram ao Passeio Público, ao lado da CEU, onde tentaram destruir as instalações. No choque, saíram feridos estudantes e soldados e o capitão da PME Augusto Paredes Neto recebeu ferimentos generalizados, sendo recolhido à enfermaria da corporação.





Os choques começaram de manhã, no centro da cidade, quando a polícia interrompeu a passeata dos estudantes. As ruas XV de Novembro, Dr. Murici, Ebano Pereira e Cândido Lopes viraram praça de guerra. As agitações continuaram até o fim da tarde, daí já alcançando outros pontos da cidade. O povo curitibano nunca assistiu a cenas tão chocantes como as que se registraram ontem.



1 — Nove horas da manhã e as ruas centrais de Curitiba já eram policiadas ostensivamente por soldados da Polícia Militar, notadamente a Rua XV de Novembro. No entanto, à hora marcada para o início da concentração na Praça Santos Andrade, apenas um número reduzido de estudantes se dividia em pequenos grupos que, aos poucos, se aglomeravam nas escadarias da Universidade Federal. A passeata estava sendo organizada pelos estudantes, com a participação de grande número de bancários, comerciantes e professores. As dez e quarenta, um carro veio trazer faixas e cartazes que seriam utilizados na manifestação, sendo distribuídos entre eles. Continham "slogans" contra a política salarial do Governo e a repressão policial ao congresso da UNE em São Paulo. Alguns pediam a libertação dos líderes ainda presos em São Paulo e Rio de Janeiro.

2 — As 11,10, exatamente, depois de um comício rápido nas escadarias da Universidade, os estudantes começaram a andar em direção ao centro da cidade. A proporção que os manifestantes progrediam pela Rua XV, novas faixas e cartazes surgiam. A marcha foi interrompida por diversas vezes para a realização de comícios-relâmpagos, o primeiro dos quais defronte ao edifício do Banco Central, onde também funciona o Serviço de Informação dos Estados Unidos. Os oradores denunciaram a entidade como "instrumento de imposição da ideologia imperialista". A esta altura era iniciado o pichamento de muros e ônibus, tendo os líderes impedido que carros particulares recebessem o mesmo tratamento.

3 — Com o trânsito na Rua XV praticamente paralisado, prosseguiu a manifestação, sendo realizado mais um comício, quando o orador utilizou-se de um carro, onde subiu, para falar aos estudantes, exigindo a libertação dos líderes presos em São Paulo, e fazendo novos ataques ao Governo. Ultrapassando a Rua Mal. Floriano, foram avistados os primeiros soldados do COE — Corpo de Operações Especiais da Polícia Militar — que subiam a rua, vindos da Avenida João Pessoa. Outro grupo desceu a Marechal Floriano e um

terceiro subia a mesma via, todos em direção aos manifestantes. Os repórteres que acompanhavam a marcha anotaram: às 11,35 horas ocorria o primeiro choque entre os manifestantes e os policiais, estes armados com casquetes de madeira. A primeira reação foi a fuga, o que fez dissolver completamente a passeata.

4 — Presos alguns, outros perseguidos pelos policiais até no interior de algumas lojas, onde procuraram refugiar, os estudantes tentaram então uma resistência, quando foram feridos. Um deles, ferido na cabeça, refugiou-se na Farmácia Colômbia, de lá, conseguiu escapar. Formaram-se em seguida, grupos isolados de manifestantes, confundindo-se com o povo que presenciava os acontecimentos em ambos os lados da rua. Vários policiais também foram feridos. O capitão Mastek teve seu capacete furado por uma pedra e a cabeça rachada. As lutas desenvolveram-se então em várias frentes, com a divisão dos manifestantes em grupos que se colocaram na Rua Dr. Murici, Praça Zacarias, Rua XV e Cândido Lopes, em frente à Biblioteca Pública.

5 — Ainda defronte à Biblioteca Pública, cercaram uma camioneta chapa branca, tentando virá-la. Impedidos pela polícia, cerca de 150 dirigiram-se à sede do Diretório Acadêmico Nilo Cairo, na Rua Ebano Pereira, unindo-se aos acadêmicos de Medicina que lá faziam refeições e declarando a "tomada" do prédio para a resistência. Ao meio-dia, toda a área das ruas centrais continuava tomada pela polícia e pelo povo, que aumentara, para presenciar os fatos. Das janelas dos edifícios, todas tomadas, saíram alguns gritos de protesto à ação de repressão e outros a favor da mesma.

6 — Cerca de vinte estudantes já haviam sido presos, àquela altura. E além dos que se refugiaram no DANC, somente alguns grupos isolados ainda ofereciam resistência. No interior do edifício, os estudantes faziam discussões sobre a atitude que tomariam, estando iminente a invasão do prédio. Das janelas, jogavam pedras nos policiais. A situação perdurou da mesma maneira por uma hora e meia, quando os que

haviam ficado nas ruas começaram a se dirigir ao Diretório Central da Universidade Federal, realizando lá reunião e decidindo fazer da Casa do Estudante Universitário o "baluarte da resistência". Em grupos de cinco, rumaram para a CEU.

7 — Enquanto isso, a situação no DANC permanecia a mesma, com toda a quadra cercada pela polícia. Lá dentro, decidiam sair para as ruas e realizar nova passeata. Mas, antes, exigiram a libertação dos presos, em contraposição à proposta apresentada pelo Secretário de Segurança, de dissolver o policiamento e não prender ninguém se deixassem o prédio. Decidiram sair à medida que os universitários se deslocavam do Diretório Nilo Cairo, a Polícia Militar mantinha tropas reforçadas na Praça Tenente Marques e a Retoria da Universidade. Tendo uma invasão do edifício. Uma nova passeata

teve início desde o DANC, agora em direção a Casa do Estudante. Lá se concentrava o outro grupo. Passando pelo Quartel do Exército, na Rua Riachuelo, foram contidos pelos soldados ao tentar exigir a libertação dos presos que, supostamente, estariam lá.

8 — Na CEU, após muitas discussões, decidiram os universitários sair de encontro aos demais, depois de serem informados que a passeata tomara aquela direção. Uma lista dos estudantes presos foi organizada, baseada em informações de outros que os conheciam, para ser entregue às autoridades exigindo libertação. Alguns armaram-se com pedaços de pau e saíram à rua onde se localiza a CEU, ao lado do Colégio Estadual. Ao mesmo tempo, os estudantes que antes estavam no DANC chegavam na Avenida João Gualberto e encontravam-se todos ao lado do Passeio Público dirigindo-se de volta à Casa do Estudante.

## Os distúrbios se prolongaram por todo o dia

9 — Nova reunião foi realizada, com a presença já dos principais líderes do movimento que não haviam sido presos. Após a análise da situação foi aprovada a continuação do movimento, com outra passeata em direção ao centro da cidade, os dois grupos unidos a outros que se encontravam esparsos na cidade. E começou a busca às pedras e paus, que serviriam para combater a polícia, pois estavam certos de que nova ação ocorreria. Antes de sair, um carro foi às ruas do centro verificar como estava o policiamento, voltando com a notícia do reagrupamento policial, inclusive com a Cavalaria.

10 — Muitos estudantes se comprimiam entre o Colégio Estadual e a Casa do Estudante, armados de paus e pedras, à espera da ordem para sair. Eram 16,40 quando os universitários começaram a se deslocar, formando fileiras, de braços dados, em direção ao centro passando pela Avenida João Gualberto. Mas apenas andaram duas quadras, pois, antes de chegar na Praça Dezenove de Dezembro um novo choque policial surgiu. Não adiantaram os paus e as pedras. Refugiaram-se novamente na rua de onde saíram, armando barricadas e atirando pedras nos policiais. Uma autêntica batalha foi travada, com estes últimos lançando algumas bombas de efeito moral. Alguns universitários invadiram o Colégio Estadual, mas depois correram à CEU, onde estariam mais seguros. Somados aos moradores da instituição, colocaram-se nas janelas e sacadas, de onde atiravam pedras e até tijolos partidos na polícia. As hostilidades prosseguiram.

11 — Às 17 horas, o comandante da operação policial decidiu recuar os soldados da frente da Casa do Estudante, para o terreno do Colégio Estadual do Paraná e além da barricada anteriormente rompida. Os estudantes, com um alto-falante, afirmavam que resistiriam e pediam a libertação dos presos. Um oficial e dois policiais ficaram feridos por alguns objetos jogados do alto das janelas. Desde o início do cerco, a situação se manteve praticamente inalterada, por mais de uma hora, até o momento em que um civil desconhecido propôs parlamentar.

12 — Os universitários "exigi-

ram" então a presença do Secretário de Segurança, que deveria vir acompanhado dos presos, 22 no total, a fim de serem libertados. E continuavam nas sacadas e janelas, embora muitos iniciassem uma assembléia em um dos salões da CEU, para decidir o que fariam. A Polícia Militar cercava toda a área do Colégio Estadual, Rua Dr. Favre e Passeio Público. Situação tensa, apenas quebrada por alguns gritos e "slogans" dos estudantes. Em dado momento, uma música começou a ser irradiada por uma das janelas, onde foi colocado o alto-falante. Fôra criado um impasse e era aguardada a presença do Secretário de Segurança. Os policiais também esperavam algum fato novo.

13 — As 19 horas o comando da Polícia Militar decidiu soltar os estudantes presos, à exceção de um, cuja identidade deixou de ser revelada. Os estudantes presos somente foram libertados depois de fichados e fotografados. As autoridades agiram com grande rapidez, adiantando-se mesmo à ação dos advogados constituídos para defenderem os presos, que não tiveram tempo sequer para a impetração de habeas corpus. Na Casa do Estudante, a notícia da libertação dos detidos foi recebida com muitos aplausos. A tensão que reinava no local foi diminuída progressivamente.

14 — Por outro lado, às 19h10m, o comando da Polícia Militar informava, oficialmente, que quatro elementos seus haviam sido feridos nos atritos com os estudantes: os capitães Sérgio Mastek e Augusto Paredes Neto, e os soldados Alceu Santos e Joaquim de Oliveira. Este último recebeu uma facada no braço e se encontra hospitalizado em estado grave. Também receberam ferimentos leves os soldados Joaquim de Souza e Mário Pizzato e o cabo Rubens Guimarães.

15 — O comando da Polícia Militar informou também — em caráter oficial — que 1.200 homens permanecerão em estado de prontidão até que a situação esteja plenamente controlada. Segundo o comunicado, os soldados se encontram equipados de bombas de gás lacrimogênico e laxante prontos para intervir a qualquer sinal de perturbação da ordem.



907



*Diário do Paraná 13-12-68*

# UPREMO DÁ "HABEAS"

# AOS ESTUDANTES

Sete estudantes do Paraná, juntamente com outros 71 em todo país que estavam com prisão preventiva decretada pela Auditoria da 2.a Região Militar, foram beneficiados com "habeas corpus" pelo Supremo Tribunal Federal, sendo que 46 receberam soltura imediata. Os estudantes foram presos em Ibiuna, quando participavam do 30.o Congresso da União Nacional de Estudantes.

Os "habeas corpus" foram impetrados pelo excesso de prazo da prisão preventiva, sem prejuízo do andamento normal das ações penais instauradas contra os universitários na Justiça Militar, que agora deverão responder ao processo em liberdade. O STF não entrou no mérito dos pedidos limitando-se a mandar colocar os estudantes em liberdade, por decurso de prazo de prisão.

sidente, Manoel Fogaça, acertando os detalhes administrativos, no que diz respeito a confecção de relatórios, orçamentos e esquema de trabalho.

A prisão preventiva, de acordo com o artigo 54 da Lei de Segurança Nacional, não poderá exceder ao prazo de 60 dias e terça-feira era o ultimo prazo. Diante da exiguidade de tempo que havia para julgamento, alguns pais de estudantes presos reuniram-se em São Paulo com advogados, procurando uma fórmula para superar o atraso no fornecimento das informações pedidas ao Superior Tribunal Militar.

Somente serão libertados os estudantes que não tiverem outros processos ou condenações que forem do conhecimento da Auditoria de São Paulo, como é o caso de diversos estudantes que são acusados de incendiarem viaturas oficiais. No Paraná, todos os estudantes já estão circulando livremente pelas ruas.

### Esquema

Vitório Sorotiucki, presidente eleito do DCE, esteve ontem mesmo com o vice-pre-

# Estudantes do PR Presos em S. Paulo já Retornaram

*Diário da Manhã 17-10-68*

Os estudantes paranaenses que participaram da tentativa de realizar o XXX Congresso da União Nacional dos Estudantes, órgão extinto, retornaram na manhã de ontem a Curitiba.

A delegação integrada por 46 universitários e membros da Diretoria da UPE viajou da Capital paulista para Curitiba em ônibus especial acompanhado de agentes da Delegacia de Ordem Política e Social que foram buscá-los em São Paulo, atendendo determinação superior.

O delegado Osias Algauer, titular da DOPS, que também regressou ontem de São Paulo informou que nenhum estudante do Paraná se encontra preso. Disse também que a camionete da UPE uma F-350, encontra-se apreendida em poder das autoridades policiais de Ibiúna. Segundo consta o veículo está com todos os pneus furados e será liberado através de um ofício da DOPS dirigido às autoridades policiais paulistas. O vice-presidente da UPE, filho do diretor do Presídio de Piraquara, deverá viajar para Ibiúna a fim de liberar o veículo.

## Sigilo

Por outro lado a Secretaria de Segurança Pública mantém em sigilo os nomes dos estudantes paranaenses que participaram da tentativa da realização do congresso proibido. A relação nominal foi distribuída pelo DOPS paulista às autoridades estaduais, que proibiram sua divulgação pela imprensa, apesar de serem conhecidos extra oficialmente os estudantes que figuram em inquérito como infratores ao Decreto-Lei n.º 314/67, Lei de Segurança Nacional.

## Faltam dois

Dois dos quarenta e seis universitários paranaenses presos em Ibiúna quando participavam do 30.º Congresso da União Nacional dos Estudantes ainda não foram libertados. A informação foi prestada ontem pelos dirigentes da UPE, DCE e Diretórios Acadêmicos. Os acadêmicos foram colocados em liberdade e ontem já assistiam aulas nas diversas Faculdades e promoviam assembleias gerais, explicando as causas da não realização do pretendido congresso da ex-UNE.

Segundo as lideranças estudantis ainda continuam presos no DOPS paulista os universitários Charles Champion delegado da Faculdade de Ciências Médicas e Cabral, presidente do Diretório Acadêmico de Direito, ambos da Universidade Católica. Ontem à noite, no DCE houve uma assembleia popular para decidir a posição dos estudantes face à não libertação dos dois líderes.

## Confraternização

Quando os universitários que participaram do Congresso chegaram ontem para assistir às aulas houve uma festa geral: recebiam abraços, cumprimentos e felicitações dos demais que ficaram em Curitiba. A confraternização foi intensa e nas Faculdades não houve aulas para que os delegados ao congresso da UNE pudessem explicar como foi a prisão e a localização pela Polícia da «Fazenda Triste» em Ibiúna.

## Seria aqui

«O 30.º Congresso da ex-UNE vai sair de qualquer maneira talvez aqui no Paraná. Vamos realizá-lo até dezembro. Vamos fazer nova auto crítica e rever nossos erros. Tivemos grande azar, porque houve uma falha na assessoria técnica que organizou o congresso. Mas o próximo não será acul de ser barrado». A afirmação é de um líder da delegação paranaense ao 30.º Congresso da ex-UNE, ao chegar ontem a Curitiba.

Atribuiu a frustração da realização do congresso a uma falha de segurança: havia muito «penetra» a mobilização estudantil era muito suspeita, jornalistas tinham livre trânsito e não houve uma seleção rigorosa nos componentes das delegações estudantis e a suspeita da realização do conclave despertou porque houve muita mobilização na cidade de Ibiúna, no interior paulista.

Os líderes prometeram ontem não revelar à imprensa nem em caráter confidencial e formal, as atividades da ex-UNE.

«Isso prejudicou o nosso trabalho. Os penetras do Congresso atrapalharam os estudantes e o resultado foram as prisões.

*Diário da Manhã 17-10-68*

## Sem esquema

O esquema da DOPS para reprimir manifestações estudantis está pronto. Mas não foi dado a conhecer oficialmente, embora se saiba que todos os pontos estratégicos da cidade estavam sendo maltratados. Pelo contrário, elogiam-se todas as informações.

A DOPS e a Polícia Militar andaram sabendo que sábado terá passeata estudantil. F. o negócio será o mesmo: repressão, como aconteceu no último sábado. Os estudantes, como aconteceram declarar se estão dispostos a realizar manifestações neste fim de semana, embora já tenham declarado que estão «amedrontados com o esquema que está sendo colocado em funcionamento pelos organismos policiais».

## ESvaziamento

As lideranças estudantis do União Nacional

Os estudantes estão sendo vigiados permitidamente pela DOPS e os seus passos são seguidos, para evitar novas manifestações de rua, com passeatas, comícios, reuniões e pichações. A DOPS está decidida a deter qualquer universitário que se manifestar «em aberto» fora da escola e que não diga respeito ao seu currículo.

Ontem uma comissão de estudantes esteve com o delegado Osias Algauer, pedindo autorização para colocarem cartazes afisivos ao «Baile da Granada». Como resposta receberam «que não tinha problema». Depois de autorização conferiram a DOPS que «estavam amedrontados porque a vigilância tem sido completa».

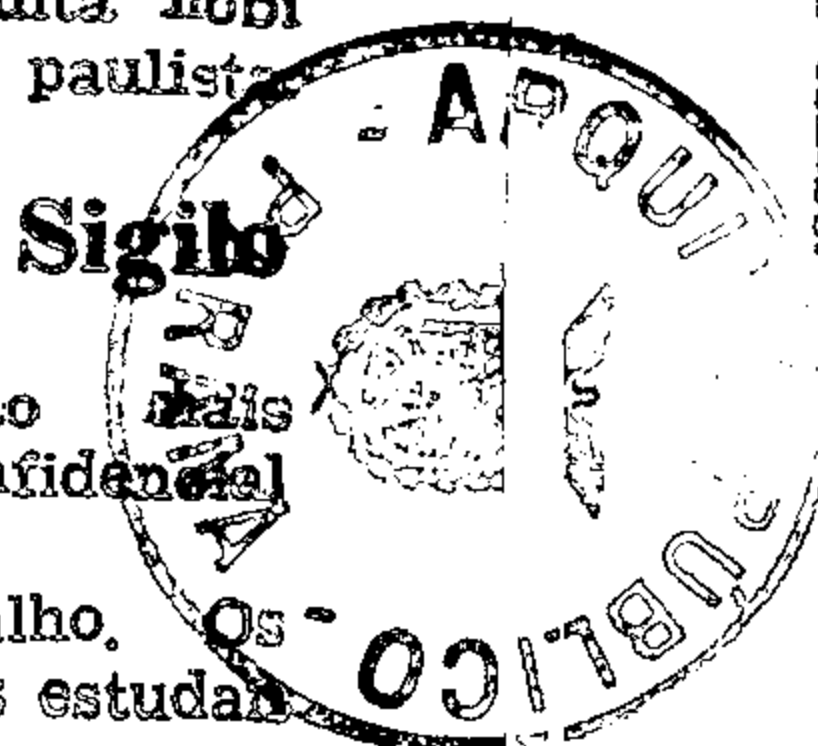
de Estudantes no Paraná, demonstraram ontem, durante uma reunião, a sua preocupação pelo esvaziamento do movimento universitário nos últimos três dias, ocasionado pelo esquema de repressão elaborado pela Delegacia de Ordem Política e Social e em virtude também das férias passageiras da semana da Pátria, que se estendem por mais de oito dias.

Confessaram os líderes da ex-UNE que nunca, que o movimento poderia sofrer esse esvaziamento, o que representa uma perda de forças para futuras mobilizações. Justamente agora que deve se realizar o congresso regional da entidade proibida e logo em seguida, o congresso nacional, que segundo o planejamento deve ser desenvolvido antes do dia 15 do próximo mês.

## Repressão

Os universitários não gostaram da mobilização policial. Mas também não quiseram criticar a Polícia, especialmente a DOPS, porque não tinham argumentos para dizer que estavam sendo maltratados. Pelo contrário, elogiam a atuação da Polícia que estava sendo disciplinada, não atacando frontalmente, os estudantes, nem causando represões violentas.

A DOPS faz questão de dizer que as detenções verificadas em Curitiba foram únicas para intimidar os estudantes e mostrar que ela está realmente enquadrada no esquema estudantil, agindo só no instante que julgar oportuno. Os estudantes teriam um planejamento de mobilização esta semana, mas falhou porque ninguém está em aula, e todos não querem se preocupar com problemas da classe.



# Esquema da DOPS não vai

# Permitir Estudante Agir

107



## **Passeata estudantil!**

**não encontrou apoio**

*Arbano de Parana*

**e foi um fracasso**

*34-10-68*

Contingentes da Polícia Militar foram destacados desde as primeiras horas da tarde de ontem, ocupando os edifícios públicos e os pontos estratégicos da cidade, como parte do esquema policial coordenado pessoalmente pelo desembargador José Munhoz de Melo. Tudo na expectativa da nova manifestação de rua programada pelos estudantes para as 17 horas na Praça Tiradentes.

Na véspera boletins haviam sido distribuídos nos bairros convidando os trabalhadores e o povo para uma concentração "contra o arrocho salarial, a ditadura e a repressão policial ao movimento estudantil". Mas na hora estabelecida, apenas gente transitando em direção as filas de ônibus, à saída das lojas e repartições públicas. Ninguém atendeu a convocação do chamado "comitê operário-estudantil".

As chuvas que caíram durante a tarde de ontem, serviram de justificativa para o fracasso da manifestação, atenuando a indiferença popular aos "slogans" das lideranças estudantis mais exaltadas.

Filamentos da Polícia Militar, Deops e de outras delegacias da polícia da Capital, permaneceram nas ruas até as primeiras horas da noite, quando ficou comprovado que a passeata e comício anunciados, não seriam realizados. Para isso, houve contribuição o recesso decretado pelas direções das quatro principais faculdades da Universidade do Paraná, por quatro dias: engenharia, medicina, odontologia e filosofia.



# POLÍCIA CERCA PRAÇA TIRADENTES MAS ESTUDANTE VAI AOS BAIRROS

A polícia saiu às ruas de Curitiba ontem à tarde, concentrando-se especialmente na Praça Tiradentes e imediações, com o objetivo de reprimir qualquer manifestação estudantil, prevista para aquele local a partir das 17 horas.

Embora tivessem tentado concretizar o protesto devido a chuva e o pequeno número de integrantes, os universitários foram obrigados a mudar os planos na última hora. Realizaram um comício relâmpago em frente a Secretaria de Educação, no Juvevê, Mercês, Porfão e outros bairros mais populosos, segundo alguns líderes anunciaram.

## SEM REPRESSÃO

Toda a polícia ficou em estado de alerta, descendo para as ruas centrais da cidade uma hora antes da qual estava programada a concentração e passeata estudantil. Transportados do Quartel, em cerca de 20 veículos especiais da PM, os soldados que estavam comandados pelo Major Meireles, cercaram completamente a Praça Tiradentes. Montaram guarda em toda a periferia e em maior número, próximos aos pontos de ônibus. Conservam do pequena distância entre

um e outro, os policiais guardaram também as principais lojas da Praça. Apesar de tudo, não foi necessária qualquer intervenção, encerrando-se o policiamento depois das 20 horas.

## POLÍCIA CIVIL

Além dos milicianos, a guarda foi fortificada ainda por agentes civis de quase todas as delegacias especializadas da Secretaria de Segurança Pública. Esses também se concentravam em maioria na Praça Tiradentes e estiveram atentos a todos os estudantes mais conhecidos no movimento estudantil. A despeito da atenção os universitários que fazem parte do esquema de segurança contra a repressão, se reuniam nos pontos estratégicos e dialogavam sobre assuntos completamente alheios à situação universitária ou estudantil, procurando despistar os agentes.

## OS VEÍCULOS

Os veículos que transportaram os policiais para o esquema de repressão as manifestações de estudantes, foram colocados sempre a uma quadra da Praça, como sejam: atrás da Catedral Metropolitana, Rua Alfredo Bufrê, Saldanha Marinho, Dr. Murici, Ermelino de

Leão, Emiliano Pernetá, Marechal Floriano e José Loureiro. Além dos cacetes e revólveres, alguns soldados carregavam as novas bombas de gás vesicante, que provocam perturbações orgânicas imediatas no indivíduo.

## O ESTUDANTE

Os estudantes tinham organizado tudo na noite anterior, através de reuniões efetuadas no Diretório Central dos Estudantes e em outros locais. O esquema de segurança teve os seus membros mudados porque muitos se encontram fora de Curitiba em visita aos familiares. Alguns minutos antes da concentração esses já estavam reunidos na Faculdade de Filosofia Católica, que foi de onde saíram aproximadamente uma centena de estudantes para a passeata, às 17h15m.

## RECONHECIMENTO

Os grupos dirigiram-se à Praça Tiradentes fazendo um reconhecimento do local e estudando as possibilidades de efetuar ali pelo menos uma pequena manifestação. Contudo ao encontrarem forte policiamento saíram para outros pontos da cidade e mesmo com chuva falaram a qualquer grupamento onde se

encontrassem mais de 20 pessoas. Inclusive chegaram dizer que realizaram pelo menos 10 comícios relâmpagos fora das vistas da Polícia.

## UM COMÍCIO

Na Praça Tiradentes um pequeno grupo de estudantes, não contando-se mais do que cinco, conversava alegremente junto a uma extensa fila de pessoas que aguardava o coletivo para Mercês, Bigorriho e Cândido Hartmann. Dirigindo-se aquelas pessoas em voz baixa, um estudante falou cerca de dois minutos sobre as condições de vida do povo brasileiro, ressaltando a classe do operariado. Em seguida disse o porque de estarem saindo às ruas. Com a aproximação de outros, agradeceram e encerraram a conversa.

A programada manifestação estaria sendo comandada pelos líderes estudantis que se encontram com mandado de prisão preventiva. Esses elementos presenciaram as duas últimas reuniões efetuadas na sede do Diretório Central dos Estudantes, mas tem em sua defesa grupos especialmente organizados para defendê-los em caso de intervenção policial.

A LONGA ESPERA

*Sazeta do Povo 31-10-68*



Os policiais esperaram mais de três horas pela manifestação estudantil que não se concretizou.

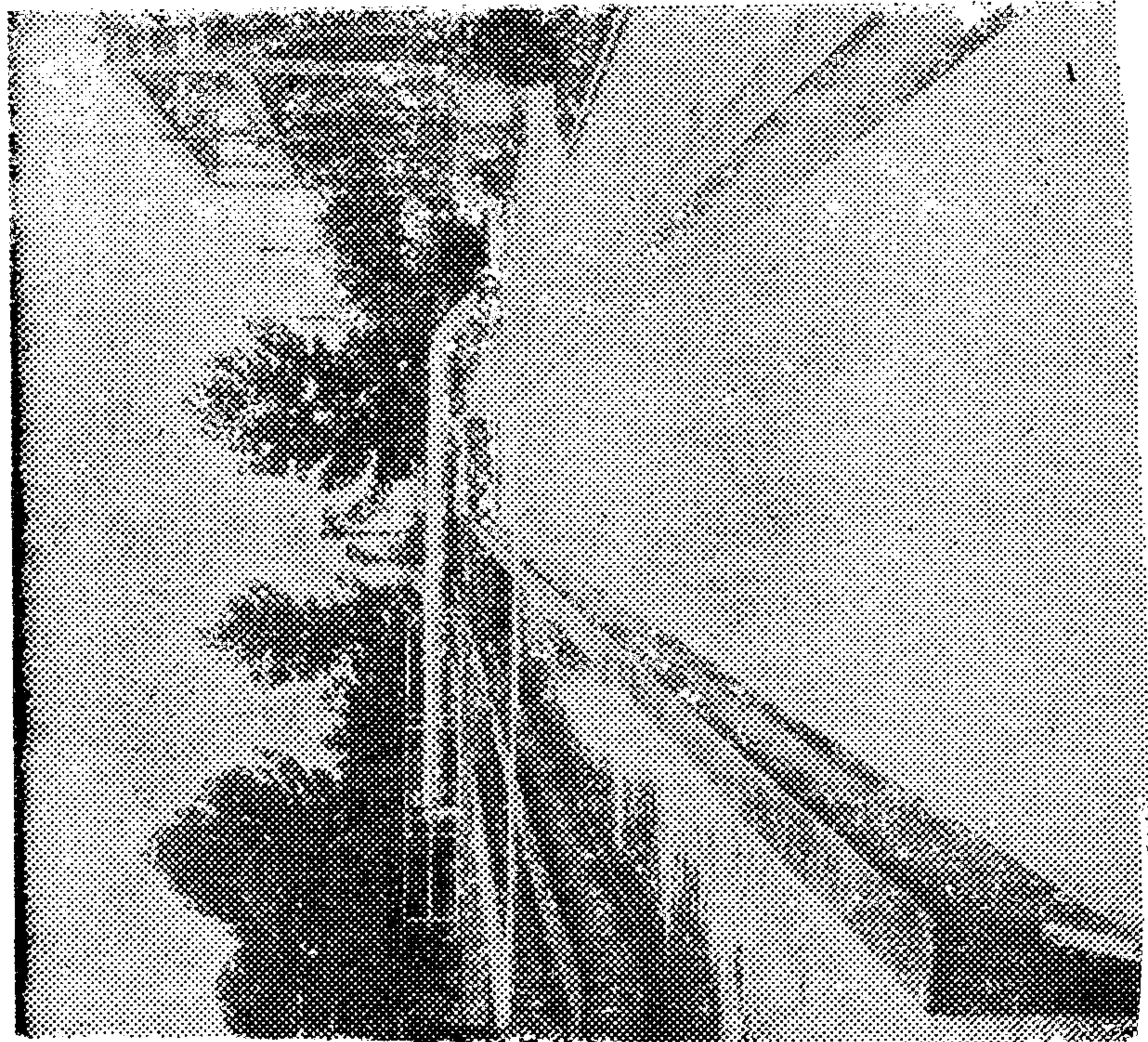


# Pedida Preventiva Para 7 Estudantes Paranaenses

*Diário Paraná 23-10-68*

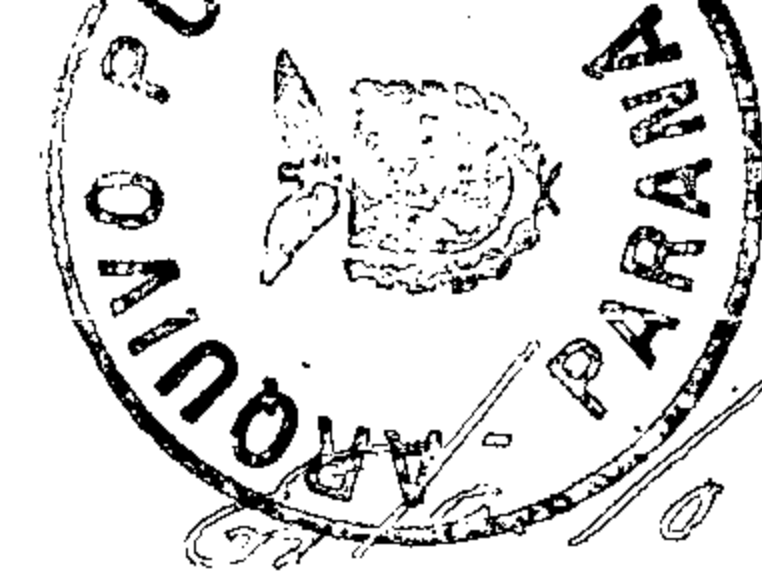
O DOPS paulista encaminhou ontem à 2.a Auditoria de Guerra, o processo que instaurou contra os participantes do 30.o Congresso da extinta UNE, pedindo a prisão preventiva de 71 estudantes, como incursos na Lei de Segurança Nacional, sendo que sete, entre eles o presidente da UPE, são paranaenses. O processo instaurado contra os estudantes, consta de 1.808 páginas, 200 documentos e 10 fotografias. Ainda ontem, os estudantes que se noticiava estarem quase sob a preventiva, continuavam soltos em Curitiba, participando de assembléias. (1.a página do 2.o caderno).

*OFF*



JOÃO ANTONIO Manfio, *ite do Di-*  
retório Acadêmico Jackson de Figueiredo,  
da Faculdade de Filosofia da UCP, desmen-  
te que tenha ele, durante as agitações estu-  
dantis de sábado último, agredido um capi-  
tão da Polícia Militar, o que teria — segun-  
do o noticiário a respeito — provocado feri-  
mentos no oficial da PMP. Manfio, por  
outro lado, é um dos paranaenses cuja pri-  
são preventiva foi pedida pela DOPS paulista,  
porque é apontado como um dos líderes  
do Congresso da ex-UNE.

*Diário do Paraná  
23-10-68*



*Diário do Paraná  
23-10-68*

## Agressor é seminarista

O seminarista Antônio João Manfio vai ser processado por crime de lesões corporais contra o capitão Sérgio Masteck Ramos, da Polícia Militar do Estado. Manfio, que é aluno de filosofia do Instituto Teosófico dos Irmãos Saletinos, participava da passeata de sábado e agrediu ao militar com um cano de ferro, provocando-lhe ferimentos de certa gravidade e destruindo o seu capacete. O inquérito vai ser presidido pelo delegado Nilo Gugelmin, designado por portaria do diretor da Polícia Civil, bél. Walfrido Pilotto. Os agressores do capitão Augusto Paredes e do soldado Antonio de Oliveira não poderão ser processados, porque não foram identificados. Enquanto isso, falando sobre as manifestações estudantis, o delegado regional do Departamento de Polícia Federal, coronel Waldemar Bianco afirmou que ocorre agora o que ele alertava há mais de um ano. As reivindicações justas dos estudantes devem ser atendidas, "porque há muita coisa errada neste país". (Página 8 • "Tabloide", na página 4).

## 7 estudantes pegam cadeia

Sete estudantes paranaenses estão entre os 71 que tiveram decretada sua prisão preventiva por 90 dias, pelo juiz da 2.ª Auditoria de Guerra, atendendo a solicitação do Dops de São Paulo. A prisão decretada pela Justiça Militar paulista atinge os presidentes da UPE, DCE, Diretório Acadêmico "Jackson de Figueiredo" e "Hugo Simas", além de outros três estudantes, e foi com base no artigo 50 da Lei de Segurança Nacional, tendo em vista a apreensão de fardo material subversivo no XXX Congresso da ex-UNE, em Ibiuna. Os documentos comprovam a existência de ligações entre a entidade extinta e várias organizações sediadas em Cuba e que têm como principal objetivo "a criação de tantos Vietnãs quanto possível na América Latina". Já em Curitiba, o delegado da Dops esclareceu que o seminarista Antonio Manfio, que está sendo processado por agredir com um cano de ferro o capitão Masteck, da PMP, é reincidente, tendo há dias agredido um agente da polícia. — (Noticiário na Página Sete).

*Diário do Paraná 23-10-68*

Estado da Paraná 23-10-68

M10a

# Decretada preventiva de sete líderes estudantis

O Juiz da 2.ª Auditoria de Guerra, Arylton da Cunha Henriques, atendendo solicitações do Dops de São Paulo, decretou a prisão preventiva por 90 dias de 71 estudantes de 8 Estados brasileiros, que participaram do Congresso da UNE em Ibiuna no Interior paulista. Entre os 71 que tiveram sua prisão preventiva decretada, estão sete paranaenses.

Stenio Sales Jacob, presidente da UPE; Jurandir Rios Garçon, presidente do DCE; Antonio João Manfio, presidente do Diretório Acadêmico "Jackson de Figueiredo"; Eloi Alfredo Pieta, seminarista do mosteiro Anunciação, dos Beneditinos, em Piraquara; Vitorio Sorotiuik, presidente do Centro Acadêmico Hugo Simas; Berto Luiz Curvo e Palmira Amancio Silva.

## PROCESSO

A prisão preventiva foi decretada pela Justiça Militar de São Paulo, com base no artigo 50 da Lei de Segurança Nacional, tendo em vista a apreensão de farto material subversivo na chácara de Ibiuna, local do Congresso da UNE, inclusive documentos preconizando a derrubada do atual governo pelas armas.

Outra motivação do processo que envolve os principais líderes estudantis do País, refere-se as ligações da UNE com organizações sediadas em Cuba e que tem por principal objetivo "a criação de tantos Vietnãs quanto possíveis na América Latina".

## REINCIDENTE

O delegado Ozias Aigauer, da Dops, esclareceu que Antonio João Manfio, o

seminarista que está sendo processado por lesões corporais (agressão com um cano de ferro ao capitão Sergio Mastek Ramos) é reincidente, pois 30 dias atrás agrediu um agente da Dops ao receber voz de prisão porque estava pichando ônibus de Curitiba com dizeres subversivos.

Entretanto, surgiu um imprevisto que está impedindo a responsabilização criminal dos responsáveis pelos incidentes de sábado. Quando o conflito começou, muitos debandaram as pressas e os que foram detidos, não tiveram sua participação caracterizada, o que impede que sejam processados com base na Lei de Segurança Nacional. Esse pelo menos é o entendimento do delegado da Dops, corroborada por elementos da Delegacia de Polícia Federal.



# Reunião secreta da UNE sai em Curitiba

Cerca de uma centena de estudantes dos Estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina realizou secretamente em Curitiba, nos últimos dias 6, 7 e 8 do corrente, a fase regional do "XXX Congresso da extinta União Nacional dos Estudantes". Prosseguem os debates no momento, procurando atingir toda a classe estudantil das três aludidas unidades da Federação, levando idéias diretamente às Escolas e Faculdades.

Enquanto as autoridades tomavam precauções contra uma possível perturbação da ordem durante as comemorações do aniversário da Independência, os delegados davam início sexta-feira última às suas reuniões, em um ponto qualquer desta Capital. As lideranças fecharam qualquer informação à imprensa, mas conforme a "GAZETA DO POVO" havia anunciado no sábado, os estudantes já davam andamento ao Congresso.

## SECRETO

As informações que se coligiram a respeito dão conta de que o certame ter-se-ia realizado num convento Beneditino, situado na auto estrada Curitiba-Paranaguá, quilômetro 25. Sabe-se por outro lado, que os debates giraram em torno do temário apresentado pela coordenação nacional da ex-UNE em Salvador (Bahia). Foram enfocados assuntos tais como a "Universidade Brasileira", "Política Educacional do Governo"; "Repressão aos Movimentos Estudantis"; "Organização das formas de Luta"; "Acórdos — MEC — UNIAID".

## QUANTOS VIERAM

A delegação paranaense teve uma representação de aproximadamente 60 estudantes, todos pertencentes à direção de entidades ou atuantes na política estudantil.

Do Rio Grande do Sul, vieram cerca de 20 e de Santa Catarina 16. Embora não constasse do temário oficial, a questão mais debatida foi a da repressão que vem sofrendo o movimento estudantil e a organização maior das atividades para o futuro.

Segundo se anunciou, os estudantes do Paraná acham que a polícia não está interessada em prender os líderes do movimento, a fim de que não haja sérios incidentes.

## CONGRESSO CONTINUA

Sob absoluto sigilo as delegações gaúchas e catarinenses chegaram a Curitiba.

Alguns de "carona", outros de ônibus e ainda outros a pé. Dessa mesma forma começaram a se ausentar na noite de domingo para segunda-feira, depois de encerradas as discussões. Cada um tem a missão de difundir as decisões tomadas nos respectivos Estados. Tudo isso com prazo mínimo de seis dias, porque o Congresso Nacional da ex-UNE deverá ser realizado em qualquer parte do País antes do dia 20. Entretanto, as lideranças que existem uma possibilidade de o encontro nacional reunir as delegações "numa pequena cidade do interior do Estado do Paraná que estaria longe das cogitações da polícia."

*Estado do Paraná 13-11-68* **O Prêmio Esso é nosso**

947 28/13-1950

foto edison jansen



Esta sequência de Edison Jansen, ganhador do Prêmio Esso de Fotografia de 1968 a O ESTADO DO PARANÁ. Edison tirou-a quando do choque entre estudantes e a Polícia Militar, no Centro Pontifício. "1.º tempo": o rapaz correndo do cavalarião armado de espada. "2.º tempo": o rapaz pára, aponta e larga a estilingada.

947



Posta XXX Congresso UNE  
Gazeta do Povo  
17-10-68

113

# Liberados 43 estudantes paranaenses presos em SP

Os primeiros estudantes a serem liberados do Presídio Tiradentes em São Paulo, foram os paranaenses que em número de 43 retornaram a Curitiba ontem pela manhã.

Foram trazidos a esta capital em ônibus especiais e vieram acompanhados do Sr. Osias Algauer, Delegado Regional do DOPS e mais alguns assessores.

## O ENGANO

A chegada dos estudantes deu-se às 8h30m. Quanto todos pensavam que seriam transportados até a prisão, foram suspensos em frente à sede da União Paranaense dos Estudantes. De todo o grupo, que era composto de 46 representantes das escolas superiores do Estado, ficaram ainda presos dois. Logo depois do desembarque os universitários se dirigiram às respectivas Faculdades, onde realizaram assembleias para apresentação de relatórios.

## QUE VEIO

Entre os participantes do Congresso da ex-UNE pelo Paraná que retornaram, estavam: Stênio Sales Jacob e Berto Luiz Curvo (UPE), Vítorio Sorotuck, Antenor Bonfim (Faculdade de Direito Federal), Jurandir Rios Garsoni (DCE-UFP), Romeu Bertol, Nelson M., Paulo Sakay (Medicina Federal), Eloy Pietta, Palmira Amâncio, Luiz Beth, Décio Vilar (Filosofia Federal), Deslandes (Arquitetura), Ariovisto, Gilberto, Mario Oba (Engenharia), Antônio de Oliveira Munhoz (Studium Theologicum), Antônio Manfio (Presidente do Diretório Acadêmico "Jackson de Figueiredo"), Cecília de Christo (Filosofia Católica), Ana (Odontologia), Carlos (Faculdade de Farmácia), Alvim de Souza Melo e Célio Marcilanza (Escola de Agronomia e Veterinária).

## QUEM FICOU

O Presidente do Diretório Acadêmico "2 de Julho", Cabral e o delegado pela Facul-

dade de Ciências Médicas da Católica, Charles, ficaram na prisão em São Paulo, segundo alguns líderes "por descuido, porque na hora da chamada para prestar depoimento e serem soltos, talvez não ouvissem ou estivessem dormindo. Mas acredita-se que ontem mesmo tenham sido liberados. Quando foram recolhidos ao Presídio, os 729 estudantes dos quais 152 mulheres, organizaram comissões dentro das próprias celas e começaram as discussões dando continuidade ao Congresso. Primeiro fizeram eleições votando duas proposições: 1) si se tratava de reunião de estudantes em luta pela legalidade, 2) continuidade do Congresso de ex-UNE. Venceu a segunda por maioria de votos. Foi quando então se elaborou o primeiro manifesto, distribuído em manuscrito, por todas as celas.

## LEI DE SEGURANÇA

Protestando contra o tratamento recebido no Presídio, os estudantes fizeram uma greve de fome que durou um dia e meio. Segundo eles, havia 50 em cada cela, cujos locais não tinham a mínima condição de higiene e sem agasalho para resguardo do frio. Protestaram para que fosse cessada a incomunicabilidade "pois já haviam passadas as 48 horas desde o momento de prisão"; queriam médicos para os doentes. Uma cópia do primeiro manifesto, foi trazida a Curitiba por um dos participantes do movimento. Esse documento foi rasgado antes da liberação, pois caso fosse achado em poder de alguém, não seriam libertos da prisão. Todos os estudantes serão enquadrados na Lei de Segurança Nacional e o julgamento correto pelo Tribunal de São Paulo.

**Delegado do BNH veio  
verificar a COHAB-CT**



Após realizar visita de inspeção às obras da COHAB-CT na região metropolitana de Curitiba, seguiu ontem para o Norte do Estado o sr. Loris José Isato, titular da 8.ª Delegacia Regional do Banco Nacional de Habitação.

Acompanhado do presidente da COHAB, engenheiro Luiz Antonio Velozo de Souza, o delegado regional do BNH visitou as obras do núcleo residencial Abranches Guimarães Júnior, em Campo Largo, e a Vila Santa Efigênia, no bairro da Barreirinha, em Curitiba.

## IMPRESSÃO

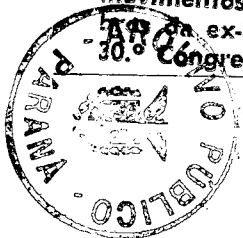
Durante a visita que fez aos núcleos residenciais da COHAB-CT, em companhia do sr. Rui Virmond Carnasciali, agente do BNH em Curitiba, e de diretores da Cohab, o sr. Loris José Isato manifestou-se impressionado com o programa habitacional desenvolvido na região metropolitana de Curitiba. Em Campo Largo, o delegado do BNH ultimou detalhes com as autoridades locais para a inauguração do núcleo Abranches Guimarães Junior, a qual deverá ocorrer ainda este ano, possivelmente no dia 3 de novembro vindouro.

PT 2313-260

*Declar. do ...*

# DOPS não Deixa que Saia Congresso da Ex-UNE e Prende 33

As autoridades policiais anunciaram que todo o estudante que se manifestar, através de comícios, pichações e passeatas será prêso. Sábado e domingo últimos foram detidos, em Curitiba, 33 universitários, inclusive os presidentes da UPE e DCE. O estudante Celso Paciornicki, do DCE, está prêso em Pôrto Alegre e será enquadrado na Lei de Segurança Nacional, "por fomentar movimentos subversivos". Mesmo com a repressão, membros da ex-UNE no Paraná estão decididos a realizar o 30.º Congresso da entidade. (1.ª do 2.º)



... Higgins, Frei disse que "os la

29-18

# UNE Estaria em Congresso sob Despiste

*Declar. do ...*

Segundo fontes sigilosas da União Paranaense de Estudantes, o congresso regional da extinta UNE — preparatório ao 30.º Congresso Nacional — estaria se realizando presentemente, em algum lugar do Paraná ou Santa Catarina. É que os líderes estudantis viajaram dizendo que «iam visitar os pais», para despistar, mas a verdade é que tomaram destino misterioso. Mas a DOPS de ambos os Estados já foi cientificada. (1.ª do 2.º).

1771



115

Estudantes examinam  
a prisão de líderes

A União Paranaense dos Estudantes convocou ontem à tarde um Conselho, realizado ontem à noite, em regime de urgência, para tomar posição relativa à prisão de participantes paranaenses no Conselho de UNE, realizado em Brasília nos dias 20 e 21.

As informações em mãos das lideranças davam conta de que "a polícia prendeu 9 líderes estudantis em Brasília, alguns de São Paulo, Uberaba, Goiânia e Curitiba, cujos nomes não foram revelados". Presume-se, entre as bases universitárias, que os mesmos poderiam ser os partidários de Luis Travassos no Paraná e, caso contrário, meros observadores.

#### ALARMA GERAL

Notícias não confirmadas corriam ontem as Faculdades das duas Universidades — católica e federal — do Paraná, segundo as quais os jovens paranaenses presos em Brasília ontem seriam em quatro.

A primeira informação, veiculada pela Transpress, não noticiava nem o nome dos jovens nem o número de paranaenses entre eles. Todos os Diretórios Acadêmicos e Centros de Estudos de todas as faculdades das duas universidades passaram a informar às bases, comparecendo em massa na UPE ontem à noite. À hora em que esta edição foi encerrada, os debates prosseguiram sobre as atitudes a tomar. A mobilização nas faculdades é geral.

#### ELEIÇÕES NOS DIRETÓRIOS

Tomou posse ontem na Faculdade Católica de Curitiba a nova diretoria do Diretório Acadêmico Jackson de Figueiredo, presidida por Antonio João Mântio. A chapa vencedora — "Engajamento" — conseguiu 517 votos nas eleições realizadas anteontem naquela Faculdade, com 233 para a derrotada — "Renovação" —, além de 69 votos nulos e 44 em branco.

Além de Mântio, o Diretório Jackson de Figueiredo será dirigido na gestão 68/69 por José Luis Veiga Mercer (vice assistencial), Lucia Maria Felício (vice cultural), Eliete Marie Fernandes, (publicitário), Giovanni Leddo (financeiro), Wladimir Kraemer (esportivo), Rosa Mary Stopa (secretária geral), e Vitória Faria (1.ª secretária).

A chapa "Renovação", que venceu, era presidida por Atl

do Antonio Lisperan, e integrada por Adilson Stringheto, Rogério Fabiano de Quadros, Lindamir Edil Caran, Oeldes Volci, Eri Sans, Carmen Lucia Conrado e Moacir Salgado.

#### PLANO DE AÇÃO

O novo presidente do DAJE, Antonio João Mântio, definindo os objetivos de sua gestão, afirmou que "tendo como filosofia de ação o engajamento de todos os universitários nos problemas específicos dos cursos, pretendemos desenvolver um trabalho de base, como método para dar uma consciência positiva dos problemas sociais e políticos, cujos reflexos devastam as Universidades".

Ele acrescentou: "É partindo do particular para o geral, superando cientificamente os problemas mais imediatos que iremos nos engajando e nos capacitando para enfrentar mais remotos edifícios. Nossa gestão pretende desenvolver um trabalho de base, repito, dando condições a que todos sejam participantes e ativos na transformação da sociedade".

#### CURSO DE MATEMÁTICA

Nas eleições realizadas para escolha da nova diretoria do CETEMA — Centro de Estudos de Matemática —, órgão que congrega os alunos dos cursos de Matemática e Licenciatura em Ciências, ambos noturnos, da FeFi Católica, foram eleitos os integrantes da chapa "Exata", única que concorreu.

Preside a chapa René Novais Miranda. Os demais membros são: Nelson Valério da Silva, Nelson Olivo Fracaro, Carmen Lucia Conrado, Vera M. de Castro, Célia Regina Abib, Orlando M. Strobel, e Arnildo Brazza. Compareceram às eleições 99 acadêmicos dos 147 insc. em ambos os cursos.

#### GREVE DE JORNALISMO

Ao mesmo tempo em que os alunos do curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia Católica se encontram em greve, mantendo assembleias diárias "até que todos nossos problemas sejam resolvidos, inclusive os mais elementares, como a ausência sistemática de certos professores", os alunos do mesmo curso da Universidade Federal do Paraná realizaram amanhã assembleia geral visando deliberar se realizam movimento único com seus colegas da Católica, "pois nossas reivindicações e problemas são comuns".

HLGACYR DELENSKI

Proprietario do Figueira

Jernellus curaja

placa - 1-23-85-53. R.

Res. R. ITIBERÉ, 314 -

Curitiba - Paraná

estava fazendo campanha  
visando angariar verbas para  
ajudar os estudantes que  
foram presos por participarem  
num do XXX Congresso do

Ex-UNF.

PT 2313. 250

Pasta XXX CONG.

UNE.



11/9



# ESTUDANTES PRESOS AQUI, EM PLENO CONGRESSO-UNE



118

Quando realizavam uma reunião do congresso regional da extinta União Nacional dos Estudantes, foram presos em flagrante quarenta e dois estudantes, entre eles, cinco moças e diversos líderes estudantis. A detenção em massa dos estudantes foi realizada quando estes estavam reunidos numa chácara situada no bairro do Boqueirão ao mesmo tempo em que era apreendida grande quantidade de material subversivo. A ação policial militar foi desencadeada pela Polícia Militar do Estado do Paraná, por determinação do Secretário Agostinho Rodrigues em colaboração com outros órgãos, não encontrando resistência, e sem violência, dada a rapidez da operação e do pânico dos estudantes, que tentaram fugir embrenhando-se num milharal e capoeiras existentes nas proximidades.

A reunião dos estudantes foi iniciada às 9 horas da manhã para debater a aprovação da «carta política» e outros temas ligados à extinta UNE, todos eles contrários à Lei de Segurança Nacional.

A concentração estudantil, localizada há cerca de 500 metros de uma Unidade do Exército, foi dissolvida pela PMEP, com a prisão de todos os congressistas. Entre os detidos estão três estudantes que estavam com prisão preventiva decretada pela 2.ª Auditoria Militar de São Paulo, e de outros participantes do fracassado congresso estudantil de Ibiuna. Os presos foram transportados para o Regimento de Cavalaria da PMEP, situado no bairro do Tarumã e após uma triagem encaminhados à Prisão Provisória de Curitiba, onde aguardarão o desenrolar do inquérito policial, como infratores ao Decreto Lei n.º 314, Lei de Segurança Nacional.

## Os Congressistas

Segundo informaram as autoridades policiais foram presos em flagrante trinta e sete rapazes e cinco moças, são eles: Roberto Contin; Alvaro Coelho da Silva; Reinoldo da Silva Atem; Arne Basani; Edson Pinheiro Campos; Reynaldo de Lima Hess; Maria Cecília Souza Gomes Coelho; Vilmar Eugênio Paula; Paulo Roberto Campanário; Rafael Signorelli; Marco Antônio Nascimento Pereira; Vitório Sorotiuk; João Bonifácio Cabral Júnior; Arlindo Daga Favero; Celso Mauro Paciornik; Romeu Bertol; Berto Luiz Curvo; Mauro Daison Otero Goulart; Fernando Antônio Fontoura Bini; Mário Oba; Gilberto Bueno Coelho; Hélio Urnau; Inácio da Silva Mafra; Deslande Torres; Dácio Torres; Iran Vieira Dias; Judite Maria Barbosa; Albino Pruciak; Artur Lourenço Mourão Mitelbach; Eugênio Roesler Júnior; Orlén Lustosa de Moraes; Calil Joaquim Macon; Marcio Loli; Eloi Miqueletti; Edson Cardoso da Silveira; Ana Maria da Costa; Edevarde Valeriano de Campos Filho;

Marco Apolo Resende Barbosa; Charles Champion Junior e Antônio João Manfio. São recorrentes em reuniões dessa natureza os estudantes Vitório Sorotiuk, presidente do Diretorio Central dos Estudantes; Berto Luiz Curvo, presidente da União Paranaense dos Estudantes; Antônio João Manfio, presidente do Diretorio Acadêmico «Jackson Figueiredo» e agressor do capitão Sérgio Mastek, durante uma passeata realizada em Curitiba; e Elizabeth Franco Fortes, estudante de Filosofia, todos participantes do congresso de Ibiuna, Estado de São Paulo. São fichados pelas autoridades policiais Judite Maria Barbosa, ex-presidente da Casa da Estudante Universitária, Charles Champion Júnior, Engenharia; Mário Oba, Engenharia; Mauro Daison Otero Goulart, Medicina; Celso Mauro Paciornik, Engenharia; João Bonifácio Cabral Júnior, Direito Católica.

## Operação «Leiteiro»

A ação policial militar batizada pela imprensa como «operação leiteiro» desenrolou-se em uma fazenda leiteira que abastece a Capital teve a participação de 400 homens da Polícia Militar do Estado do Paraná e foi cuidadosamente preparada, obtendo êxito total. As autoridades utilizaram diversos artifícios para se aproximarem do local, situado nas proximidades das Cavas do Rio Iguaçu, no bairro do Boqueirão, denominado «Chácara do Alemão», cuja identidade do proprietário não foi divulgada até o momento.

Participaram da ação elementos do Corpo de Operações Especiais, COE, Batalhão de Guardas, da PMEP, sob o comando do tenente coronel Altevir Lopes, secundado pelo major Hélio Gomes Meireles, e conjugando com outros organismos de segurança estaduais e federais. O cerco da área, dois quilômetros quadrados aproximadamente, foi iniciado após ter uma Companhia da PMEP, transportada em caminhões frigoríficos; desbaratado o esquema de segurança dos estudantes; prendendo os «olheiros» colocados nas imediações do local onde se realizava o conclave estudantil clandestino. Logo após, um foguete de sinalização dava início à Operação com todas as quatro Companhias chegando ao local, pegando os estudantes de surpresa sem esboçar resistência, preferindo fugir em desabalada carreira em direção a uma plantação de milho enquanto outros procuravam ocultar-se nas capoeiras.

## Truque do truco

A propriedade situada no bairro Boqueirão foi alugada aos estudantes sob o pretexto de realizarem um «torneio de truco», que

culminaria com uma «churrascada». As 11h20m, a reunião clandestina estava encerrada com seus participantes presos e logo após caminhando em coluna por um, com as mãos para o alto, subiam nas viaturas que os conduziria para o Regimento de Cavalaria, no Tarumã e posteriormente à Prisão Provisória. No dizer de um miliciano «os estudantes não tiveram dignidade e fugiram em pânico e aos gritos».

A Polícia Militar apreendeu no local inúmeros panfletos intitulados «O que é este governo?»; «Defender a UNE e realizar vigorosas ações de massas»; «Contribuição ao XXX Congresso da UNE»; «Carta Política da Chapa nova UNE (gestão 68/69)»; «Programa para o movimento estudantil». Além disso foram encontradas no local numerosas faças, naturalmente para o churrasco, uma vez que os estudantes haviam levado carne para assar, garrafas de cachaça e de água mineral. Em poder dos congressistas não foi encontrado armamento. Todo o material apreendido foi encaminhado à Delegacia Regional do Departamento de Polícia Federal, tendo o coronel Waldemar Osvaldo Bianco delegado regional, designado um Inspetor Federal para realizar o inquérito policial indiciando os estudantes como infratores na Lei de Segurança Nacional. O inquérito, posteriormente, será enviado à Auditoria da 5.ª Região Militar para oferecimento de denúncia.

## Principais líderes

Em nota oficial, a Delegacia Regional do Departamento de Polícia Federal, confirmou as informações divulgadas à imprensa em entrevista coletiva no Quartel da PMEP, da qual participaram diversos oficiais superiores que fizeram parte do planejamento e da execução da operação. Diz a autoridade policial federal «que o sucesso da operação resultou não só quanto à repetição da ação eficiente dos órgãos de segurança, desmantelando os agrupamentos estudantis notoriamente postulantes de ação agressiva e antigovernamental, como também conseguiu prender agitadores profissionais e já com anterioridade política ideológica e sobre os quais pesam ordens judiciais de prisão. Os estudantes Vitório Sorotiuk, Berto Luiz Curvo, recentemente eleitos por uma minoria estudantil para presidente da UPE, entidade em dissolução, manifestadamente vinculada à extinta UNE, Antônio João Manfio, Seminarista Saletino que organizou a passeata e demonstração de 19 de outubro último em Curitiba, Celso Mauro Paciornik, agitador estudantil preso em Porto Alegre, quando promovia manifestações de rua, autuado em flagrante pelas autoridades gaúchas e posteriormente liberado por força de habeas-corpus. Todo o desenrolar da operação foi acompanhado pelo general José Campos de Aragão, comandante da 5.ª RM e 5.ª DI; pelo secretário de Segurança Pública, deputado Agostinho Rodrigues; pela Polícia Federal, DOPS e outros órgãos, e teve como executor a PMEP».

PT 2313-250

## FEIÇÕES DE VÍTIMAS



## ORDEM UNIDA



Pasta XXX CONG. UNE

18-12-68



*Diário do Vício*



**Cabeças baixas, ares de perseguição. Poses para impressionar.**



**Mãos na cabeça, a ordem era marchar sem resistência.**

## **JEITO DE VOLTAR**



**A ida deve ter sido animada. A volta é que foi desagradável.**



Estado do Paraná 20-10-68

# Curitiba não estava acostumada a ver isto

Cobertura fotográfica de Dilson Bettes, Sergio Sad, Ventelino Theodorovy, Valdomiro Costa, Edison Jansen e Flavio Ogassawara.



Quando tudo parecia serenado, novos conflitos movimentaram a Cândido Lopes.



Polícia versus estudantes. Era a confusão que paralisou o tráfego no centro.

Curitiba, que até ontem estava acostumada a ver passeatas pacíficas, assistiu, de um momento para outro, autêntica guerrilha urbana, com choques entre policiais e estudantes ao longo da Rua XV de Novembro, Emanoel Pereira, Saldanha Maranhão, Augusto Stelfeld, Cândido Lopes e Murici. Ninguém sabe como a coisa começou: os jovens vinham desfilando desde a Praça Santos. Anunciando — gritando "slogans" — quando houve o primeiro encontro com os elementos da Polícia Militar do Estado, onde muita gente apanhou mesmo as que não tinham nada com os acontecimentos. Ao meio-dia, com a saída do comércio, as coisas ficaram mais complicadas, com o engarrafamento do tráfego e manifestações em frente a Biblioteca Pública.

Naquele local, com o aglomeramento de populares curiosos, a situação ficou normalizada por alguns instantes, com os policiais protegendo o prédio da BPP. Os estudantes, enquanto reorganizavam o movimento, começaram a entrar e sair da Biblioteca. Como já estavam revoltados desde o primeiro confronto, na Rua XV com a Murici, os jovens formavam grupos, ainda desordenados. Num determinado momento, entre os automóveis que tragevam pela Rua Cândido Lopes, apareceu um veículo da Universidade Federal do Paraná. Em grupos, os rapazes ameaçaram virar a camioneta, o que provocou nova intervenção da Polícia Militar, que usava escudos multicoloridos e cacetetes conhecidos como "tamanho família".

Depois de diversos conflitos, bastante confusos também pelo engarrafamento do tráfego (que continuou sem ser desviado) e pela presença de populares, diversos estudantes — saindo do Diretório Acadêmico Nilso Cairo, situado à Emanoel Pereira — passaram a lançar pedras sobre os automóveis, procurando atingir os policiais que estavam — as dezenas — em frente ao prédio da Biblioteca Pública. Com isso, a situação ficou mais grave: os policiais corriam em todas as direções, para se livrar das pedras.



Em frente ao DANC, foram efetuadas diversas prisões...





Quando tudo parecia serenado, novos conflitos movimentaram a Cândido Lopes.



Polícia versus estudantes. Era a confusão que paralisou o tráfego no centro.

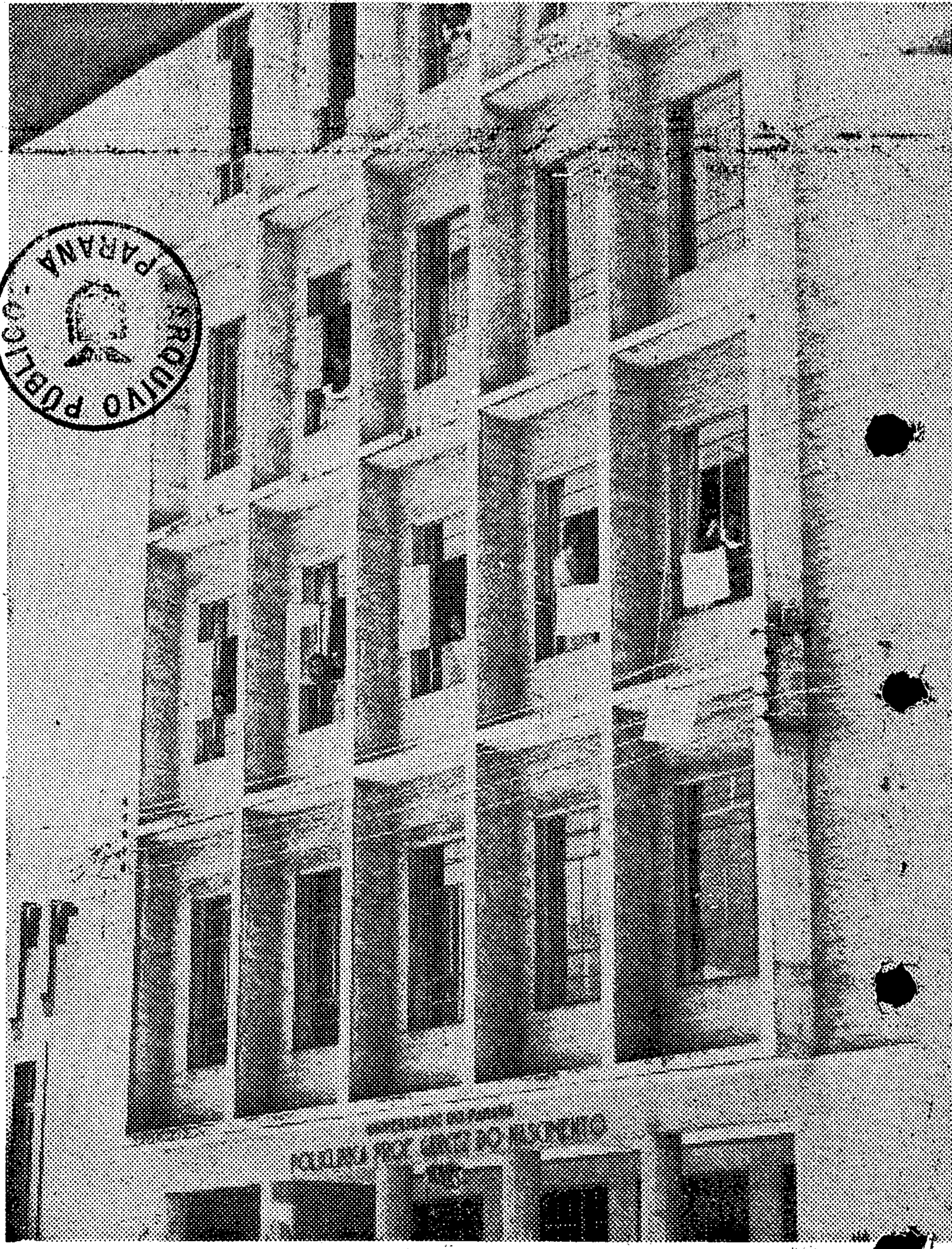
Curitiba, que até ontem estava acostumada a ver passeatas pacíficas, assistiu, de um momento para outro, autêntica guerrilha urbana, com choques entre policiais e estudantes ao longo da Rua XV de Novembro, Emano Pereira, Saldanha Marinho, Augusto Stefeld, Cândido Lopes e Murici. Ninguém sabe como a coisa começou: os jovens vinham desfilando desde a Praça Santos Andrade — gritando "slogans" — quando houve o primeiro encontro com os elementos da Polícia Militar do Estado, onde muita gente apanhou mesmo as que não tinham nada com os acontecimentos. Ao meio-dia, com a saída do comércio, as coisas ficaram mais complicadas, com o engarrafamento do tráfego e manifestações em frente a Biblioteca Pública.

Naquele local, com o aglomeramento de populares curiosos, a situação ficou normalizada por alguns instantes, com os policiais protegendo o prédio da BPP. Os estudantes, enquanto reorganizavam o movimento, começaram a entrar e sair da Biblioteca. Como já estavam revoltados desde o primeiro confronto, na Rua XV com a Murici, os jovens tornavam grupos, ainda desordenados. Num determinado momento, entre os automóveis que tragevam pela Rua Cândido Lopes, apareceu um veículo da Universidade Federal do Paraná. Em grupos, os rapazes ameaçaram virar a camioneta, o que provocou nova intervenção da Polícia Militar, que usava escudos multicoloridos e cacetetes conhecidos como "tamambo família".

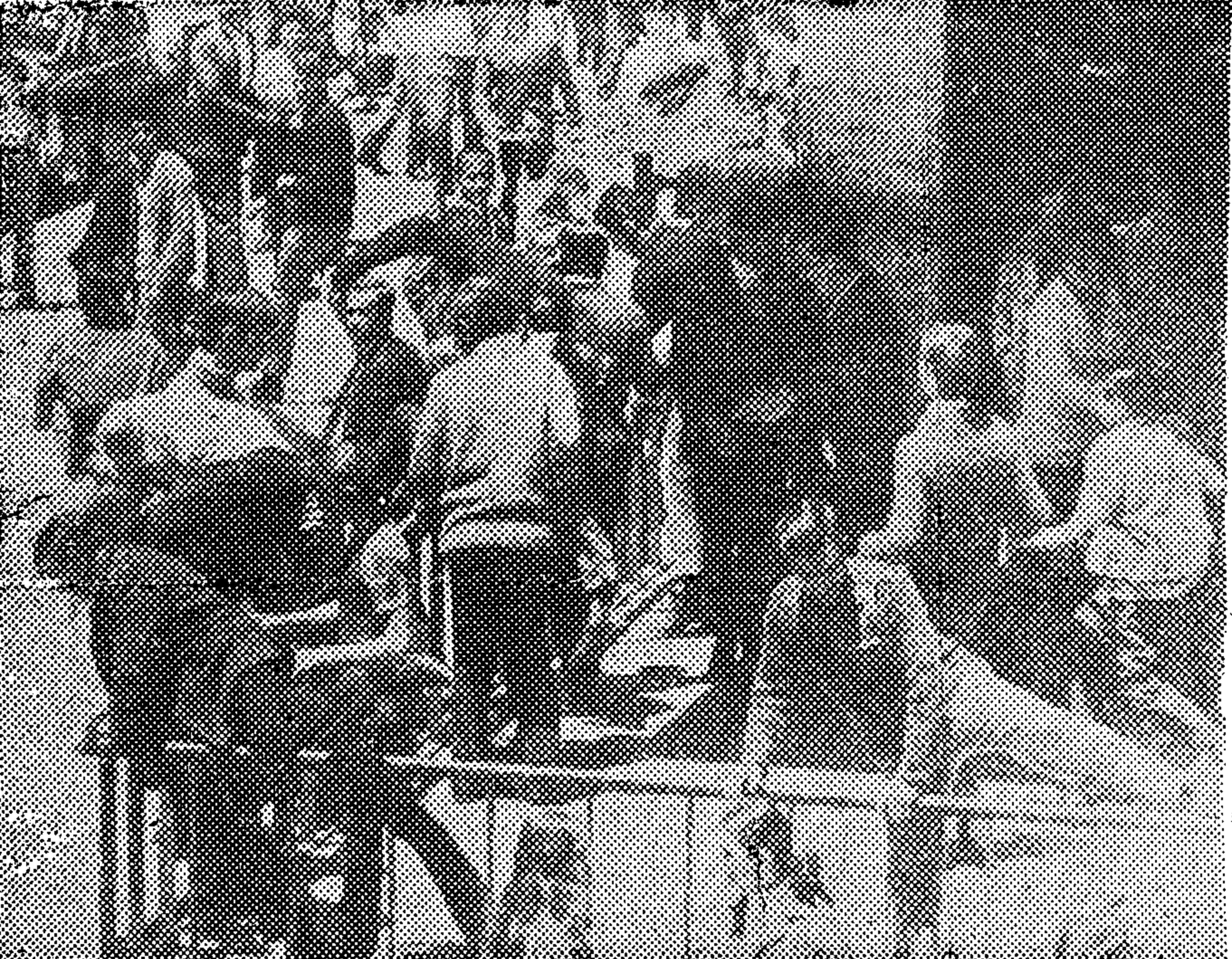
Depois de diversos conflitos, bastante confusos também pelo engarrafamento do tráfego (que continuou sem ser desviado) e pela presença de populares, diversos estudantes — saindo do Diretório Acadêmico Niló Cairo, situado à Emano Pereira — passaram a lançar pedras sobre os automóveis, procurando atingir os policiais que estavam — as dezenas — em frente ao prédio da Biblioteca Pública. Com isso, a situação ficou mais grave: os policiais corriam em todas as direções, para se livrar das pedradas.

Em frente ao DANC, foram efetuadas diversas prisões de estudantes, de um inclusive que tentou agredir um elemento da PMEP. Os que estavam nos primeiros andares do DANC, imediatamente, passaram a atirar pedras, que atingiam principalmente veículos estacionados na Emano Pereira. Ao mesmo tempo, grupos de estudantes tombavam uma Kombi da Secretaria de Educação (chapa 1-5-48), na Rua Cruz Machado, e um tuque da Secretaria da Fazenda chapa 25-85) na Rua Saldanha Marinho, danificando as portas e espatilhando os vidros. Depois daquilo, ninguém mais conseguia acalmar os ânimos ou entender como começou o conflito, os estudantes revoltados, os policiais tentando revidar as pedradas. E a confusão continuou, com atritos isolados e correria de policiais, estudantes e populares. O que até ontem era pacífico, descambou para a violência, surpreendendo o curitibano que estava já acostumado a ver as manifestações estudantis.

BFF



Do prédio do DANC, os estudantes prosseguem a "guerra", atirando pedras sobre os soldados da PM.



Na confusão muita gente apanhou sem saber porquê. A FMEP usou até escudos.



Capacete quebrado por uma pedra, sangue no pescoço. A PM continua em ação.



Apesar de serem procurados pela Polícia, com pedidos de prisões preventiva, os líderes da extinta UNE, resolveram efetuar o seu congresso em Curitiba. Dentro de um rígido sigilo, reuniram-se clandestinamente. Mas a polícia descobriu tudo.

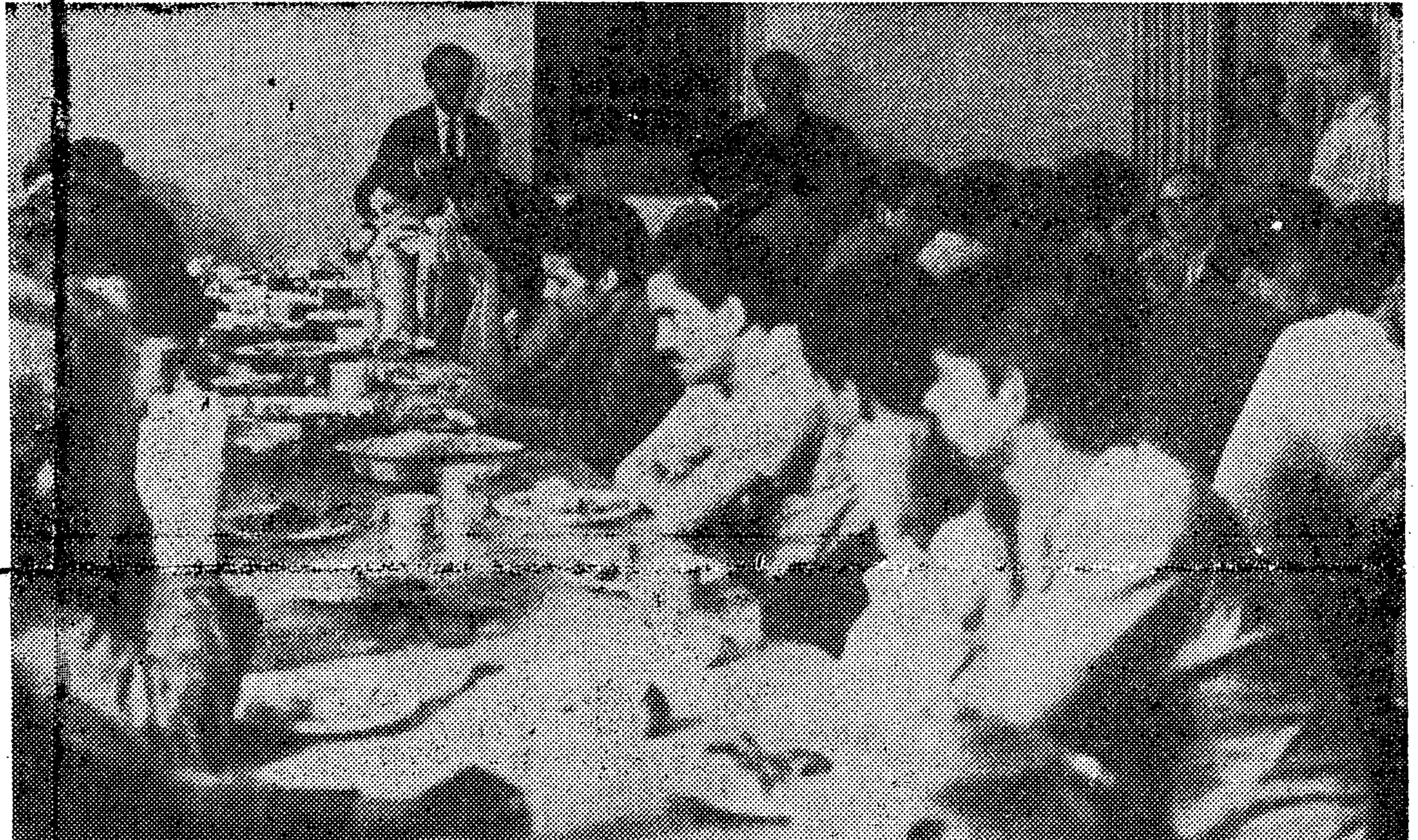


## ERA O CONGRESSO DA EX-UNE MAS TODOS ACABARAM PRÊSOS

Quatrocentos homens da Polícia Militar e do Corpo de Operações Especiais «estouraram» ontem pela manhã, em chacara do Boqueirão um congresso ilegal da extinta UNE. As autoridades souberam da reunião momentos antes do encontro, e as tropas deslocaram-se ao local em caminhões frigoríficos, que despistaram a vigilância de

«olheiros», surpreendendo os estudantes, e realizando a sua detenção, sem maiores incidentes. Trinta e sete rapazes e cinco moças participavam do congresso, a maioria pertencente às lideranças dos diretórios acadêmicos, e inclusive os presidentes da União Paranaense dos Estudantes e Diretorio Central da Universidade Federal. Não fo-

ram apreendidas armas mas as autoridades encontraram muito material considerado subversivo, pregando a mudança do regime vigente no País. Os participantes do congresso ilegal foram recolhidos à Prisão Provisória do Ahú, ainda ontem. (Completa Cobertura sobre os ultimos acontecimentos na página quatro)



PT 2313.250

O LOCAL do congresso era uma chácara no Boqueirão. Foram presos quarenta e dois estudantes, entre os quais vários líderes.

TODOS os detidos foram conduzidos à Prisão Provisória do Ahú, depois de fichados pelas autoridades de segurança.



Parta XXX Congresso UNE

PT 2313.200



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES  
RADIOGRAMA



DE: SAO PAULO SP NR. 179 Pls. 100 Dt. 17-12 Hr. 21,00

RECEBIDO DE: 215 Telex 17-12Ae 2150 Por GG JY

Endr. rec

*Handwritten:* A.S.F. em 18/12/68  
Sr. Diretor DOPS

( VIA TELEX )

*Handwritten:* 830

CURITIBA URGENTISSIMO

Texto e Assinatura

195/68 TENDO EM VISTA ATO INSTITUCIONAL NUMERO 5 JAH EM VIGENCIA VG QUE EM SEU ARTIGO 10 VG SUSPENDE BENEFICIO HABEAS CORPUS PARA CRIMES CONTRA SEGURANÇA NACIONAL VG REFORMULO MEU RADIO NR 188/68 DE 13/12-68 ET INFORMO QUE OS INDICIADOS STENIO SALES JACOB/VG JURANDIR RIOS GARCONI/VG VITORIO SOROTIUK/VG PÁLMIRA AMANCIO DA SILVA/VG ELOI ALFREDO PIETA/VG ANTONIO JOÃO MANFIO/ET BERTO LUIZ CURVO/VG TODOS ESTUDANTES NESSE ESTADO VG SE AINDA NÃO FORAM POSTOS EM LIBERDADE VG DEVERÃO CONTINUAR PRESOS VG SUSTANDO SE CUMPRIMENTO ALVARA SOLTURA VG FICANDO DISPOSIÇÃO SEGUNDA AUDITORIA SEGUNDA REGIÃO MILITAR SÃO

PAULO P. S. D. S



ALICDES CINTRA BUENO FILHO  
DEL. ADJ. DE ORDEM POLITICA DOPS SP.

*Handwritten:* 121

Anotado

Pasta "XXX Congresso UNE"

PT 2313.250



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES  
RADIOGRAMA

VIA TELEX



DE: SÃO PAULO-SP NR. 207 Fls. 70 Dt. 22/10 Hr. 17,30

RECEBIDO DE: DOPS/SP 23/10/68 As 20,10 Pcr JAYME/MBO

Endereço

EXMO. DR. SECRETÁRIO DA SEGURANÇA PÚBLICA  
CURITIBA-PR.

URGENTE

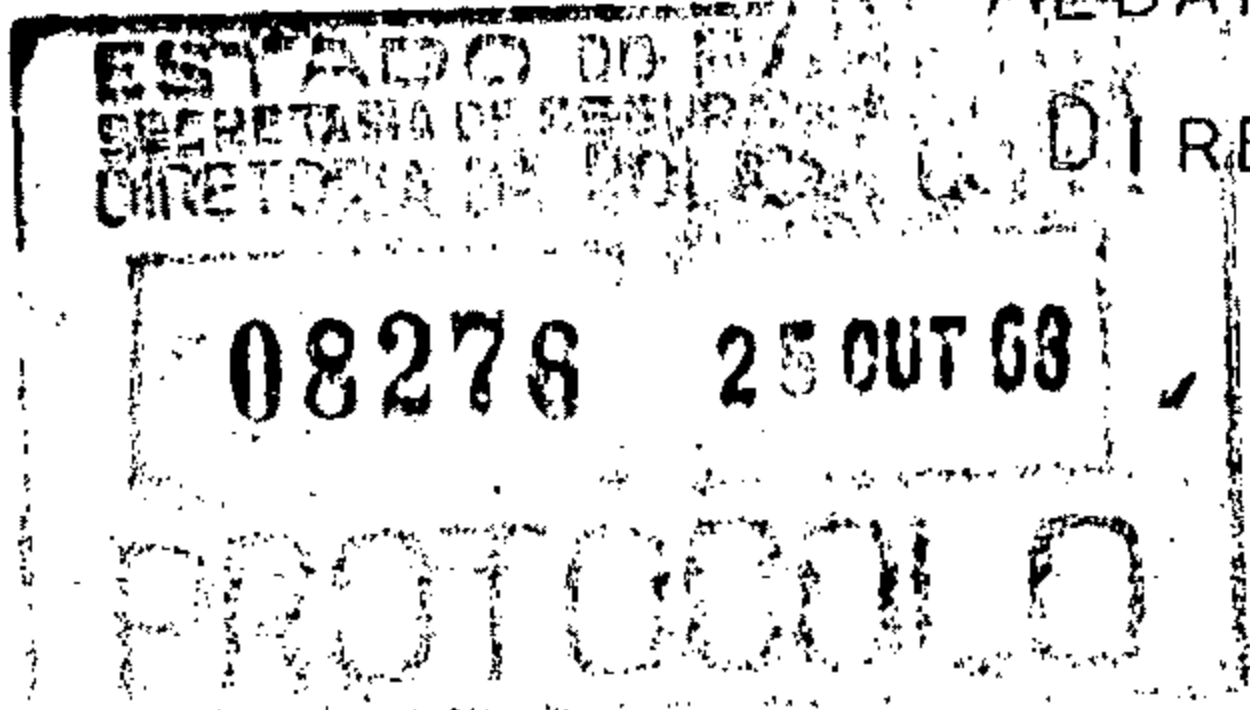
*JPE*

Texto e Assinatura

NR. 192/GD - PARA OS DEVIDOS FINS VG COMUNICO A V. EXCIA. QUE A SEGUNDA AUDITORIA DE GUERRA DA SEGUNDA REGIÃO MILITAR VG DESTA CAPITAL VG EM DATA DE ONTEM DECRETOU A PRISÃO PREVENTIVA DOS SEGUINTEs ESTUDANTES DÊSSE ESTADO VG TODOS PARTICIPANTES DO FRACASSADO XXX CONGRESSO DA UNE PTPT STENIO SALEM JACOB VG ANTONIO JOÃO MANFIO VG ELOI ALFREDO PIETA VG VITÓRIO SOROTIUK VG JURANDIR RIOS GARÇONI VG BERTO LUIZ CURVO ET PALMIRA AMÂNCIO SILVA PT ATS SDS

ALDARIO TINOCO

DIRETOR DOPS/S. PAULO



*A D. P. C. n.º 25.768*  
*Jayme*  
*CR. J. de S. S. P.*

199

A D.O.P.S.

Em 26/10/68

*[Handwritten Signature]*  
Diretor da Polícia Civil



A S.T.

29/10/68  
*Wilson Antônio*  
Det. D.O.P.S.

PT 2313.260



PG 15 2-1-69 09,35 BGL  
SAO PAULO SP NR. 280/2448 127 30/12 18 00

SNR DIRETOR DOPS  
CURITIBA - URGENTE



NR. 209/68 PT AFIM ATENDER SOLICITACAO JUSTICA MILITAR VG SOLICITO  
URGENTES PROVIDENCIAS SENTIDO SEJAM FORNECIDOS ANTECEDENTES POLI-  
TICOS SOCIAIS DOS INDIVIDUOS DESSE ESTADO QUE PARTICIPARAM DO CONGR  
PELO QUE FORAM INDICIADOS EM INQUERITO POLICIAL POR ESTA DELEGACIA  
VG COMO INCURSO NO ARTIGO 36 DO DECRETO LEI 314 DE 13/3/67 PT OS  
INDIVIDUOS QUE POSSUIREM ANTECEDENTES ANTERIORES A ESSE PROCESSO  
VG DEVERAO TER SEUS NOMES RELACIONADOS ET INFORMADOS OS RESPECTIVOS  
ANTECEDENTES VG DIRETAMENTE AO EXMO SNR DR ARYLTON DA CUNHA HEN-  
RIQUES VG JUIZ AUDITOR DA 1A AUDITRIA DA 2A REGIAO MILITAR SITA A  
AVENIDA BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO 1249 SAO PAULO PT SDS

ALCIDES CINTRA FILHO

DELEGADO ADJ ORDEM POLITICA S. PAULO

PT 2813-260

123

A 57 Plater  
Em 6/10/69

291

Feito RDT nº  
6169/13.1. informando  
que o pedido logo seguirá

Em 21-1-69

*[Handwritten signature]*

Feito Of. nº 70/69 enviando cópias  
das anotações das Fichas dos elemen-  
tos prêsos em Ibiuna por ocasião T  
em que tentavam rea. o XXX Con. UNE.

Em 27-1-69

*[Handwritten signature]*

Pasta XXX CONGRESSO UNE

PT 2313-250



**Secretaria de Segurança Pública**  
**SERVIÇO POSTAL E DE RADIOCOMUNICAÇÃO**  
**RADIOTELEGRAMA RECEBIDO**

Carimbo da Estação

**ESTADO DO PARANÁ**  
 SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA  
 DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO

013112 | 31 OUT 68

No de Controle: 08708

Estado do Paraná

Procedente de SAO PAULO SP. 205 Pls. 200 Dt. 25 Hrs. 2000

Estação ZVV 5 Por COK

ENDEREÇO

SFC SEG PU

EST. 2110  
 SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA  
 DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO  
 08362 - 5 NOV 68

URGENTE

**PROTOCOLO**

*DP*  
*266*  
*ACB*  
 No 08708

*Em*  
 PT 23/10. 2000

TEXTO E ASSINATURA

No 120/68 DE LEVO CONHECIMENTO BEXCIA QUE O CONSELHO PERMANENTE DE JUSTIÇA MILITAR DA 2ª AUDITORIA DESTA CAPITAL VG EM SESSAO DE 21 DO MES CORRENTE VG DECRETOU A PRISAO PREVENTIVA DOS SEGUIN TES ESTUDANTES RESIDENTES NESSE ESTADO QUE PARTICIPAVAM DO 30º CONGRESSO DA UNE VG QUE SE REALIZAVA NO MUNICIPIO DE IBIUNA DES TE ESTADO PTPT STENIO SALES JACOB VG BRASILEIRO NATURAL DE CARMO DO RIO CLARO MG VG MAIOR COM 22 ANOS DE IDADE VG FILHO DE NEMESIO JACOB ET JUDITE SALES JACOB VG RESIDENTE RUA BRIGADEIRO FRANCO No 1861 APTº 13 CUPITIBA PTVG JURANDIR RIOS GARCONI VG BRASILEIRO NAT DE APAPAQUARA EST S PAULO VG SOLTEIRO COM 25 ANOS DE IDADE VG FILHO DE ELPIDIO RIOS GARCONI DE DE GENOEFA CONSTAN TINO GARCONI ESTUDANTE RESIDENTE RUA DA GLORIA No 325 CUPITIBA PTVG VITORIO SOROTIUK VG BRASILEIRO NAT DE PRUDENTE VG SOLTEIRO COM 22 ANOS IDADE VG FILHO DE JOAO SOROTIUK TINA SOROTIUK RESIDENTE RUA MAL FLORIANO 524 CUPITIBA MIRA AMANCIO DA SILVA VG BRASILEIRA NAT CUPITIBA VG



*M*



**Secretaria de Segurança Pública**  
**SERVIÇO POSTAL E DE RADIOCOMUNICAÇÃO**  
**RADIOTELEGRAMA RECEBIDO**

Carimbo da Estação

Estado do Paraná

Procedente de

Nr.

Pls.

Dt.

Hrs.

Estação

As

Por

/

N.o de Contrôlo

**Nº 35910**

ENDEREÇO

CONT INUAÇÃO MSG Nº 295

COM 23 ANOS DE IDADE FILHA DE ANTONIO AMANCIA DA SILVA ET  
 OSTINIANA RIBEIRO DA SILVA VG RESIDENTE RUA GENERAL CARNEIRO  
 N CURITIBA PTVG ELOI ALFREDO PIETA VG BRASILEIRO NAT DE ERECHIM  
 GS VG SOLTEIRO COM 24 ANOS IDADE VG FILHO DE CARLOS IRINEU PIETA  
 T VITORIA LOVISON PIETA VG RESIDENTE PRAÇA RUI BARBOSA 646 CTBA  
 TVG ANTONIO JOAO MANFIO VG BRASILEIRO NAT CURITIBA PR SOLTEIRO  
 COM 24 ANOS IDADE VG FILHO DE PIO MANFIO ET CELESTE VERONEZ VG  
 RESIDENTE RUA LANGE DE MORPETES 889 CURITIBA PTVG BERTO LUIZ CU  
 VO VG BRASILEIRO VG NAT DE ACORIZAL MATO GROSSO SOLTEIRO COM 29  
 ANOS IDADE FILHO DE LUIZ CURVO ET DE HELENA MARQUES CURVO VG RESI  
 DENTE RUA CANDIDO LOPES 325 CTBA PR PT SDS

TEXTO DE JASSIN AJURADS



ALLO FERFIGNO DELEG ESP ORDEM POLITICA DOPS SP

S. S. P. 18.

196

313-250





# Secretaria de Segurança Pública

DIRETORIA DA POLÍCIA CIVIL

Estado do Paraná

INFORMAÇÃO N.º

PROTOCOLO N.º

ASSUNTO: Rd. 129/68-S. Paulo

INTERESSADO: DOPS-

PT 2313-260

- I - A Del. Ordem Pol. e Social.
- II - A Div. de Inv. Criminais.

Em, 4 de novembro de 1968.



*[Handwritten Signature]*  
 Dir. Pol. Civil



A S.F. p/ anotar e arquivar

126

Em 5/11/68

*[Handwritten Signature]*

Arquivar na pasta do  
XXX Congresso da UNE.

Em 6-11-68

*[Handwritten Signature]*

PT 2313-260

Pasta <sup>XXXV</sup> 30º Congresso da UNE

O Conselho de Unidade da UNE foi boicotado pela Repressão.

Colegas de diversos estados foram presos, entre êles o nosso colega Isamo Ito (China) - vice-presidente da UPE.

Mas, a Ditadura não boicotará o 30º Congresso, porque êle está se desenvolvendo em cima das lutas específicas e gerais dos estudantes, que mobilizados garantirão a sua realização.

A violência aberta da Repressão agora atingiu também o Paraná.

A UPE e DCE convocam os estudantes para uma reunião hoje às 20 hs, no CAHS (Centro Acadêmico Hugo Simas - Rua Marechal Floriano, 524) para discutir sobre a Concentração contra a Repressão e para a preparação do 30º Congresso da UNE no próximo sábado, às 11 hs., na Praça Santos Andrade.

PREPAREMOS O 30º CONGRESSO DA UNE EM CIMA DAS LUTAS DO MOVIMENTO ESTUDANTIL



197

PT 2313.260

Pasta "UNE"  
"XXX Congresso"

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO  
III EXÉRCITO 5.ª RM/DI  
ESTADO MAIOR

Curitiba, Pr. 25 NOV 68

Do Cmt 5.ª RM/DI

Ào DOPS/PR

2.ª Seção

1. Assunto : 30º Congresso da UNE.
2. Origem : 2ª Sec 5ª RM/DI.
3. Classif :
4. Difusão : DOPS/PR, SNI/ACT, DPF, Set Seg RVPSO, DOEG, Sec Seg PR.



INFORMAÇÃO Nº 393-E2/68.-

269

- Anexo cópia termo-fax de panfleto versando sobre a continuidade do 30º Congresso da UNE, distribuído pelo Diretório Central de Estudantes de Santa Catarina.\*

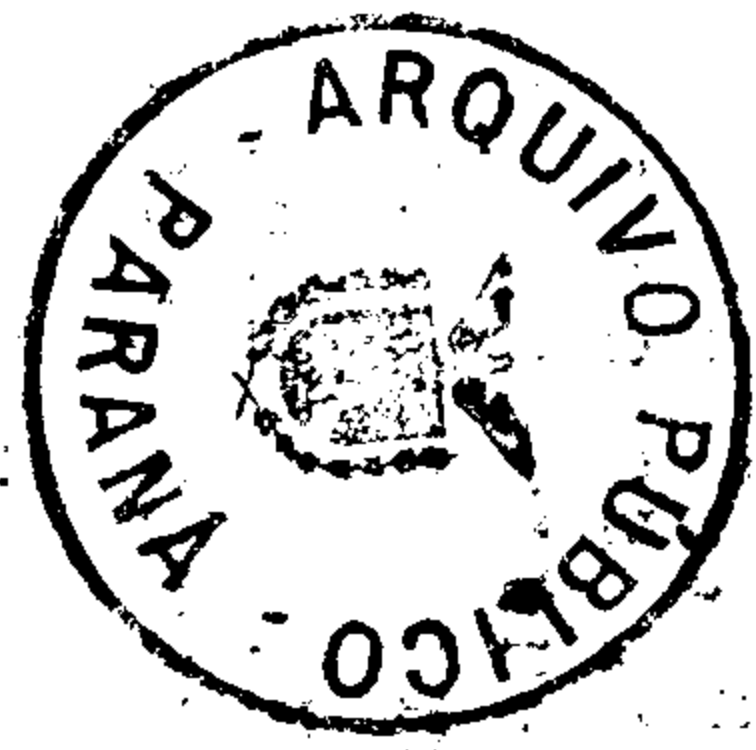


PT 2313.260

CONFIDENCIAL

OFFICE OF THE CLERK OF THE HOUSE OF REPRESENTATIVES

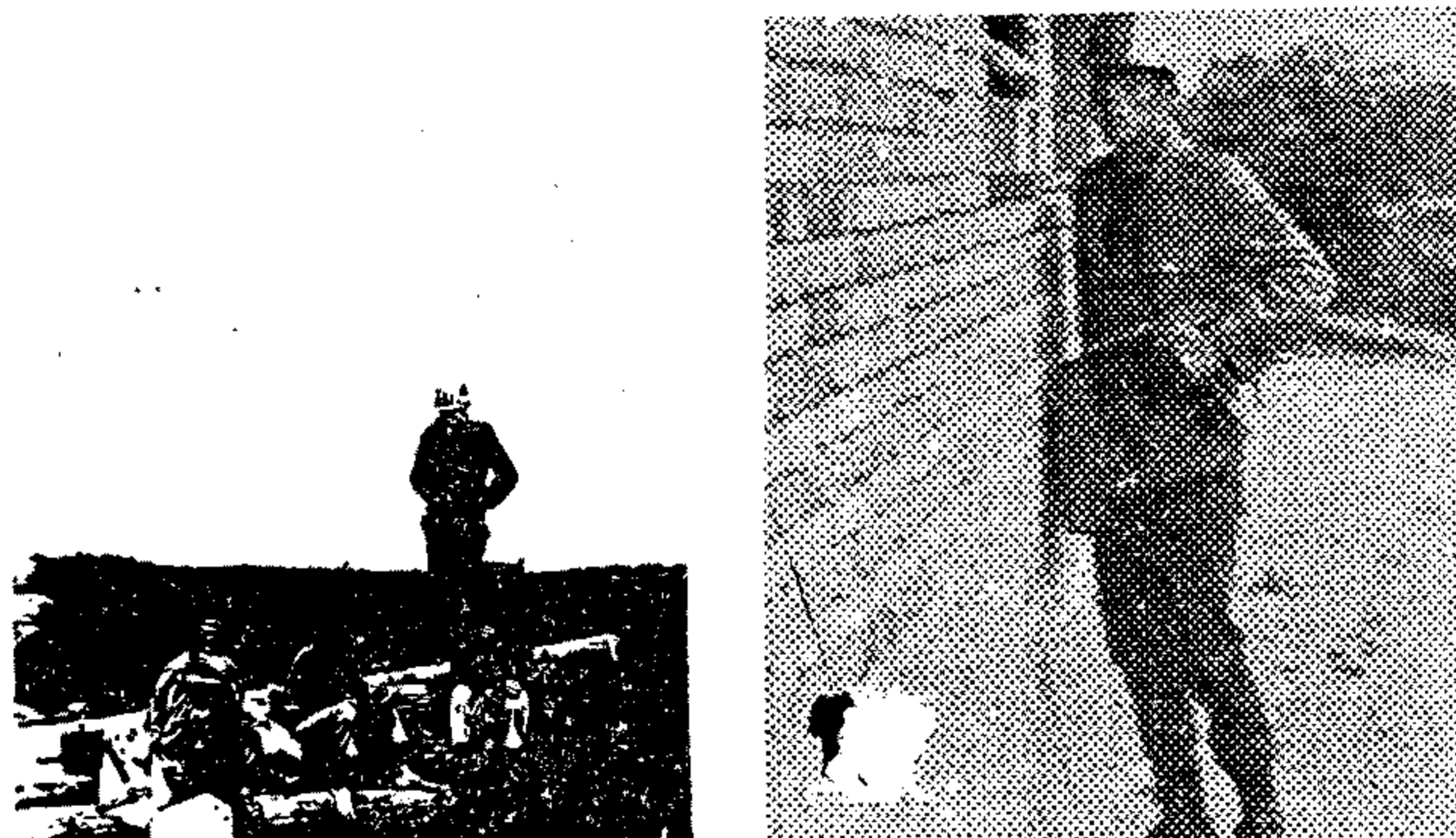
RECEIVED  
JAN 11 1893  
U.S. HOUSE OF REPRESENTATIVES  
WASHINGTON





# PRISÃO, O FIM DO CONGRESSO

**"Uns cabeludos e outros de barbicha". Em Ibiuna não se falava de outra coisa. Eram uns moços diferentes, vestidos como nunca se vira em Ibiuna, cidadezinha a 95 quilômetros de São Paulo. Na quinta-feira, um morador da cidade foi até o sítio Murundu e encontrou alguns rapazes dentro de uma casa. Disseram-lhe que faziam um piquenique. Ele voltou correndo à cidade, avisou a todos e o boato se espalhou: serão assaltantes ou guerrilheiros? Serão simples estudantes? A cidade de Ibiuna nesse dia não dormiu cedo.**



*O delegado, o prefeito, o promotor e os policiais faziam planos, reunidos no Fórum. O reforço do 7.º Batalhão Policial de Sorocaba já fôra pedido. Esperavam que êle chegasse para descobrir o que acontecia no sítio. Um grupo encontrou uma cruz e uma estola e voltou amedrontado.*

Quando soube que havia algo de anormal na estrada do Murundu, o delegado de Ibiuna avisou o DOPS. Quinta-feira à tarde, vários policiais foram mandados a Ibiuna. Junto a êles foi o delegado Francisco Nascimento, do gabinete do secretário da Segurança. Só êle observou a chegada de cêrca de 200 automóveis. Às 4 horas de sábado, o DOPS e os soldados da FP encontraram-se em Vargem Grande. Eram cêrca de 120 soldados e 80 investigadores, além de 120 soldados do DPM. Uma hora depois os estudantes estavam presos, sem nenhuma reação. Texto de Inajar de Souza e Percival de Souza. Fotos de Alfredo Rizzutti.

**L** Os moradores de Ibiuna, pequena cidade a 70 quilômetros de São Paulo, começaram a ficar desconfiados quando os estudantes foram chegando, em grupos, a partir de segunda-feira.

Uma perua Kombi, um pequeno caminhão Ford com chapa de Curitiba e um carro Volks eram vistos sempre, passando por Ibiuna em direção ao Sítio Murundu.

Em Ibiuna, não se falava em outra coisa a não ser naqueles moços, "uns cabeludos e outros de barbicha", e nas moças de calça comprida. Tudo muito estranho, para uma cidade pequena e sossegada como Ibiuna.

Ninguém sabia, até então, que a perua e o pequeno caminhão pertenciam à ex-União Estadual dos Estudantes do Paraná.

Na quinta-feira, um morador de Ibiuna foi até o sítio Murundu, de propriedade de Domingos Simões, cobrar uma dívida. E a casa do devedor, por coincidência, era o primeiro ponto de encontro dos estudantes: iam para lá primeiro, depois eram levados para o local certo. Esse morador, um pedreiro baixinho, chegou lá. O dono da casa não estava. Um rapaz saiu, todo o resto do pessoal ficou escondido. O rapaz foi dizendo:

— Não sabemos de dívida nenhuma. Vimos aqui para fazer um piquenique, vamos embora domingo ou segunda-feira. O senhor passe aqui depois, que é melhor.

O homem ficou desconfiado. Viu alguns rapazes armados. Voltou depressa para Ibiuna, foi logo falar com o delegado:

— Tem gente estranha aí, seu doutor. É muita. Acho que é melhor o senhor verificar o que anda acontecendo. Deve ter umas 70 pessoas lá, no mínimo.

O delegado fez as contas: contava com um grupo de apenas 10 soldados da Força Pública. Se êle quisesse fazer alguma coisa, teria de pedir ajuda a...

Ninguém pensava em dormir. Enquanto isso, no prédio do Fórum, o delegado, o prefeito, o promotor, e os policiais faziam planos. A ordem era aguardar a chegada do reforço da Força Pública, de Sorocaba, e ir para o sítio assim que o dia clareasse.

Outros, impacientes, achavam que era bem melhor ir para o sítio o mais depressa possível. Mas a maioria não concordava:

— Vocês estão loucos. É uma escuridão danada, ninguém enxerga nada. Sejam quem forem, devem estar muito bem preparados. E a gente pode tomar um tiro, sem saber nem de onde vem.

Estudantes? Guerrilheiros? Ladrões? Alguns resolveram "dar uma espiada para ver se dá para descobrir alguma coisa".

Sairam. Era uma hora da madrugada. Vários caminhos estreitos e pequenas trilhas vão dar no Sítio Uirapuru, de onde é possível chegar ao Sítio Murundu.

Nesses caminhos, era possível perceber que a movimentação de veículos tinha sido grande: o chão estava cheio de marcas de pneus de vários tipos.

Numa encruzilhada, alguém descobriu uma grande cruz, de madeira, com uma estola de padre pendurada. Gritou logo:

— Olhem aí, olhem aí. Isso é um sinal que mostra para onde se deve ir.

Perto da cruz, uma estrada de terra continua, até se abrir em leque. Dali sai um caminho estreito, quase uma picada, com muitas marcas de pneus no chão.

— Vamos entrar, vamos entrar — gritaram alguns.

Ninguém teve coragem de entrar:

— Calma turma, calma. É melhor esperar o dia clarear e vir com os soldados. Nunca se sabe o que se pode encontrar pela frente.

O grupo voltou à cidade e os comentários aumentaram:

— Tem um sinal na cruz, tem um sinal na...

PHILCO

Na cidade, os comentários: os estudantes vinham à cidade todos os dias. De uma vez só, compraram 200 cruzeiros novos de pão, muitos pacotes de bolachas e muitos pacotes de cigarros. E ainda abasteciam seus carros no posto de gasolina da cidade. Num caminhão, coberto de lona, deu para perceber que a carrocera estava cheia de moças e rapazes.

O delegado avisou o DOPS, em São Paulo. E pediu reforço policial para o 7.º Batalhão da Força Pública, em Sorocaba, a cidade mais próxima de Ibiuna.

Na sexta-feira, os comentários eram muitos. Dizia-se que o Exército já sabia de tudo e, pela madrugada, iria invadir a casa do sítio Murundu e prender todos que estivessem lá dentro.

Na sexta-feira, muitos moradores de Ibiuna contrariaram o velho hábito de ir dormir bem cedo. Na cidade, normalmente, ninguém é visto pelas ruas depois das 11 horas da noite. Mas na sexta-feira muita gente fazia grupinhos na praça principal da cidade para falar daqueles estranhos moços.

— Acho que de estudante essa turma não tem nada. Para mim, são guerrilheiros. Não falaram que tem um monte de barbudos?

— Em guerrilheiro eu não acredito. O sujeito que foi lá não disse que muitos estavam armados? Eu acho que a casa está cheia é de ladrão de banco, tôda essa turma que a Polícia de São Paulo anda procurando e não consegue prender nunca.

Às três da manhã, alguém faz uma observação:

— O Exército fez manobras aqui até esta semana. Acho que já estava desconfiado de alguma coisa. Fazer manobra justamente aqui, a trôco de quê?

A manobra a que eles se referiam foi feita em Ibiuna, até quinta-feira, pelo 4.º Regimento de Infantaria.

Os boatos aumentaram. Um repórter ligou para seu jornal, em São Paulo, e conversou em inglês: "aqui foi tudo censurado". E, a essa altura, o delegado da cidade não queria mesmo falar mais nada.

Às quatro e meia, chegaram a Ibiuna 120 soldados de reforço, vindos de Sorocaba, comandados pelo coronel Divo Barsotti.

Caía uma chuva fina na cidade. Às cinco e meia, o dia começou a clarear. Chegaram, também, o delegado Paulo Bonchristiano, do DOPS, com duas peruas lotadas de investigadores, e Francisco Nascimento, do gabinete do secretário da Segurança Pública.

E' a hora de partir. Os investigadores estão desconfiados:

— Mas será que tudo isso não foi muito exagerado? Com todo esse aparato, vai ficar muito chato para nós, se a gente não encontrar nada.

Em várias peruas e automóveis, sai a grande caravana policial. Na cidade, muita gente ainda está acordada, esperando o que vai acontecer. A curiosidade era geral: quem será que está no sítio?

**2** O delegado Paulo Bonchristiano, do DOPS, não tinha motivos para sorrir, até aquela hora, seis da madrugada de sexta-feira. Estava sem dormir, fazia muito frio e ele ainda não podia ter certeza de que acabaria encontrando o que procurava desde o começo da noite. Mas o seu rosto, grave até aquela hora, abriu-se em um sorriso, ao ver a perua Kombi encaçada na lama vermelha:

— Estamos no caminho certo.

O "caminho certo" levaria o delegado e outros investigadores do DOPS, mais os soldados do 7.º Batalhão Policial, de Sorocaba, ao local secreto onde os estudantes estariam realizando o seu Congresso proibido.

A Kombi que fez o delegado Paulo Bonchristiano sorrir tinha chamado a atenção por estar circulando com muita frequência pela estrada do sítio Murundu. Além dela, o dono de um comércio que fica nessa estrada observou também um jipe de São Paulo — placa 25-34-63 — e uma camioneta de Curitiba — placa 3-32-52 — passando a cada 35 minutos, sempre cobertos com encerados de lona.

Mas esta não foi a primeira denúncia recebida pelo delegado Otávio Trabalhe de Camargo, de Ibiuna: antes, ele havia sido informado de que homens armados estavam no sítio Murundu. E foi logo avisando ao DOPS o que acontecia na sua cidade. Na tarde de quinta-feira, pouco depois do aviso do delegado de Ibiuna, vários policiais do DOPS foram mandados para lá. O delegado Francisco Nascimento, do gabinete do secretário de Segurança, também — só ele, na noite de quinta-feira, observou a chegada de cerca de 200 automóveis da capital. Além disso, o movimento dos ônibus que fazem a linha São Paulo-Piedade aumentou muito e os passageiros eram, na maioria, rapazes e moças.

Com todos esses dados, o DOPS não teve dúvidas de que seria ali mesmo o 30.º Congresso da ex-UNE.

Na noite de sexta-feira, todo o plano já estava pronto. A repressão nos lugares indicados como os possíveis centros de concentração dos estudantes ficaria por conta do 7.º Batalhão; a fiscalização na BR-2, por onde poderia haver a fuga em massa, ficaria sob as ordens do Departamento de Polícia Militar, de São Paulo.

Quatro horas da madrugada de sábado: o delegado Paulo Bonchristiano, outros investigadores do DOPS e os soldados do 7.º Batalhão Policial, se encontram em Vargem Grande, à margem da rodovia Raposo Tavares. Uma parte deles vai para o Fórum de Ibiuna, onde se reúne com o delegado da cidade e mais tropas — são 120 soldados e cerca de 80 investigadores, distribuídos em vários ônibus, táxis requisitados pela prefeitura de Ibiuna e caminhões, que esperam a ordem de partida. Os 120 soldados do Departamento de Polícia Militar de São Paulo já estão acampados na rodovia Raposo Tavares, atrás da Serra de São Sebastião, prontos para prender os estudantes que tentem fugir por lá.

Cinco horas: as tropas que estão em Ibiuna se deslocam lentamente para a estrada do sítio Murundu, ao encontro dos soldados e investigadores do DOPS, que esperam em Vargem Grande. O começo da estrada de terra batida é bom, os carros podem ir com mais rapidez. No bairro de Piaí, os policiais dão a primeira batida. Uma casa grande, do sítio Piaí, é vistoriada: os policiais só encontram manifestos estudantis.

Seis horas: os carros são obrigados a parar, doze quilômetros antes do sítio Murundu — a estrada está intransitável. Mas é ali que os policiais encontram a perua Kombi, placa 24-4480, encaçada na lama vermelha, e o delegado Paulo Bonchristiano sorri:

— Estamos no caminho certo.

A viagem daí para a frente é feita a pé, com muitos soldados escorregando no barro. Dois quilômetros depois da Kombi, é encontrada a camioneta de Curitiba: há três estudantes dentro dela, que tentam fugir, mas são presos pelos soldados. Com eles, uma pistola automática. Na camioneta debaixo de uma lona, um cartaz com uma fotografia de Guevara. Um dos estudantes tenta reagir e leva coronhadas de alguns policiais:

A marcha continua: lama, escorregões, garoa fina. Mais adiante, não muito longe do sítio Murundu, é encontrado o jipe.

Sete e meia: a primeira frente das tropas chega ao local em que os estudantes estão acampados. Os policiais espalham-se. A Força Pública na frente, o DOPS na retaguarda, andando por trás das árvores. Ao lado do delegado Paulo Bonchristiano, que ainda sorri, o coronel Dino Barsotti puxa seu revólver e atira para o ar.

065



# A POLÍCIA NÃO ESPERAVA PRENDER TANTOS



Quando os soldados chegaram, a maioria dos estudantes estava dormindo. Sem a menor resistência, foram saindo. Os policiais se assustaram com o número de detidos. José Dirceu, presidente da ex-UEE, tentou não ser identificado. Um delegado o conheceu.

**3** Às sete e meia da manhã, um grupo de soldados chega ao sítio onde estão acampados todos os estudantes. Cercam o local depressa. De repente, começam a dar tiros para o ar, jogam algumas bombas de efeito moral a curta distância. O eco dos estampidos e das explosões é ouvido a distância.

Soldados gritam:  
— A ordem é atirar para matar. Não resistam. A maioria dos estudantes está dormindo, outros tomam café. É uma surpresa geral a chegada da polícia.

Não há a menor resistência. Ao ouvir o barulho dos tiros, os policiais que vêm mais atrás correm. Em poucos minutos, está tudo cercado.

Os estudantes estão numa casa bem grande e num grande abrigo coberto por lonas. Todos vão saindo, com as mãos apoiadas nas nuças.

Os policiais ficam surpreendidos. Não esperavam encontrar tanta gente assim. Os cálculos variam: ali estão 500, 700, 1.000, ou até 1.500 estudantes.

O coronel Divo Barsotti, os delegados Paulo Bonchristiano e Francisco Nascimento conversam: como fazer para levar dali todos os estudantes?

É preciso andar 12 quilômetros, a pé, para chegar até o local onde haviam ficado os veículos.

A 50 metros do abrigo de lona fica um longo muro, que separa o lugar onde ficam muitas cabras e porcos. Os soldados dão ordens para os estudantes se apoiarem nos muros e ficarem de costas. A ordem é obedecida, sem reação.

Os estudantes vão saindo, lentamente. Alguns carregando pequenas malas e sacolas. Todos são revistados. Assim que verificam que não estão armados, são separados.

José Dirceu, presidente da ex-UEE de São Paulo, sai entre os primeiros presos. A maioria dos policiais não o conhece. Dirceu aproveita para procurar misturar-se com os outros, sem ser identificado.

Mas um soldado desconfia de Dirceu. Separa-o do grupo, dizendo:  
— Esse aqui deve ser cana das boas.

O coronel sorri meio sem jeito, chama um soldado. A moça obtém a permissão.

As cabras andam por todos os lados, de vez em quando são empurradas pelos soldados.

O coronel se decide: os estudantes vão ter de andar a pé 12 quilômetros para chegar ao lugar onde estão dois ônibus e vários carros esperando.

O delegado Bonchristiano está inquieto:  
— Será que a Catarina está aí? E o Travassos? Acho que o Vladimir também deve estar aí no meio.

Uma das moças presentes ao Congresso da ex-UNE é paraplégica. O coronel Barsotti manda que arranjem uma maca para que ela seja removida. O delegado Bonchristiano vai conversar com ela:

— Mas, você nesse estado, ainda vem aqui? De onde você é?

— Sou da Bahia. Vim a São Paulo para fazer um tratamento, aproveitei para assistir o Congresso.

Os soldados acham engraçado a moça ser baiana. E começam a perguntar aos estudantes:

— De onde você é?  
— Conforme as respostas são dadas, eles se divertem:

— Opa! Você é da minha terra.

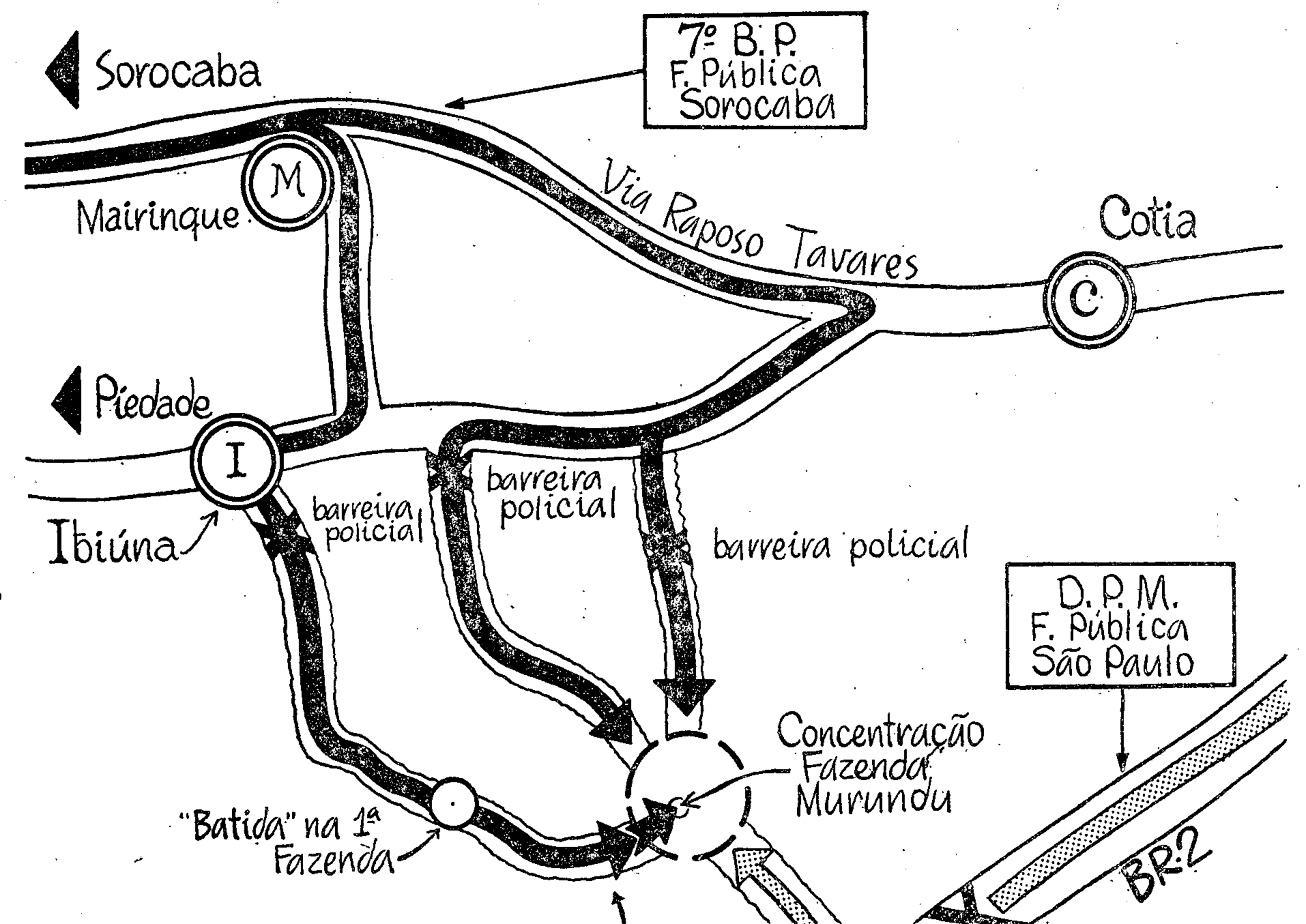
Agora os soldados passam a brincar com um soldado de Pirituba:

— Você é micho mesmo. Não tem ninguém da sua terra. Também, lá só dá carroceiro.

Os soldados começam a procurar armas. Um encontra um revólver calibre 22, enterrado junto a uma estaca do abrigo de lona. Eles vão abrindo todas as malas, maletas e sacolas. Encontram uma caixa de balas para pistolas 7,65 mm, para revólver 32 e alguns cartuchos para espingarda calibre 24, vários canivetes, navalhas, e muitos panfletos. Vão juntando tudo para ser apreendido. Um soldado junta dois lampiões. O delegado do DOPS acha ruim:

— Puxa vida, também não é para juntar tudo quanto é bagulho que se encontra por aí.

Faz muito frio, os estudantes pedem seus cobertores para se proteger. Urra moça vai até ao abrigo de lona, procurar





o, que o separa na mesma hora dos outros estudantes. O delegado se entusiasma:

— Tôda a liderança do movimento estudantil deve estar aí. Precisamos reconhecer essa gente tôda, um por um. Será que não escapou ninguém?

Com um grande chapéu de palha, carabina na mão, outro delegado, Guilherme Viesi, de Sorocaba, sorri, alegre:

— Nunca pensei que a gente iria poder apanhar todo mundo, assim. Os estudantes estão todos agrupados. Um deles faz um pedido:

— Posso fumar?

O coronel Barsotti diz que não:

— Agora não. Vamos esperar um pouco, até normalizar tôda a situação. Depois, não tem problemas.

Uma moça chama o coronel:

— Quero ir ao banheiro.

— Cobertor, pois sim. Você deveria estar preocupado com a bronca que vai levar do seu pai quando chegar em casa, isto sim.

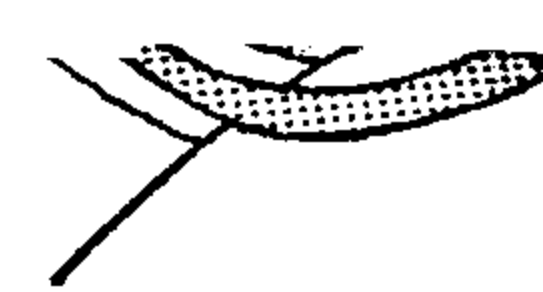
A maioria prefere ir embora do jeito que está, porque nas bagagens estão coisas que podem piorar a situação: panfletos que a polícia considera subversivos, caixas de balas, armas.

Assim, fica tudo abandonado, inclusive documentos, principalmente carteiras profissionais e cédulas de identidade.

Um soldado acha um exemplar do livro "México Rebelde", de John Reed. Joga o livro em cima da pilha de material apreendido e um delegado, que já ficara com um livro de sociologia, de Florestan Fernandes, apanha mais êsse.

Tudo pronto. E' hora de começar a voltar. A pé. O delegado Paulo Bonchristiano consegue uma pequena carroça, puxada a cavalo. E' o unico que tem condução e os policiais brincam com êle: "aí, privilegiado".

Tropa que efetuou detenções



## UM VALE CERCADO DE ÁRVORES

O sítio Murundu fica a 25 quilômetros de perímetro urbano de Ibiuna, no fim de uma estrada de terra, num vale cercado de eucaliptos. Dois mil metros quadrados foram ocupados pelos estudantes. A casa maior foi transformada em dormitório. O banheiro era uma fossa negra; uma barraca, a enfermaria; um chiqueiro, a cozinha; um pátio coberto com lona, o plenário. O 30.o Congresso da ex-UNE quase nem começou.

**4** O sítio Murundu, lugar escolhido pelos estudantes para a realização do 30.o Congresso da ex-UNE, fica em Ibiuna, distrito de Cachoeira da Fumaça. Está a 25 quilômetros do perímetro urbano de Ibiuna e a 95 quilômetros de São Paulo.

Para chegar ao sítio Murundu é preciso ir pela Rodovia Raposo Tavares até o antigo posto de pedágio, em Cotia. De lá, pela antiga BR-2 chega-se a Ibiuna. Um quilômetro antes de chegar á cidade, é preciso tomar uma estrada de terra batida, muito ruim — estrada do Murundu — e andar cerca de 25 quilômetros para chegar ao sítio.

Por causa de chuvas que caíram na quarta e quinta-feira passadas, 12 quilômetros antes do sítio a estrada já está intransitável para veículos: não passam nem jipes. Esse trecho é o mais acidentado e foi aí que os estudantes encalharam uma Kombi, uma camioneta e um jipe.

Nos morros há muitas árvores (a maior parte eucaliptos e pinheiros). Os vales têm vegetação rasteira, o que permite que da estrada seja vista qualquer movimentação que exista nelas. Nos morros, o esconderijo é mais fácil mas existem também muitas possibilidades de que da estrada, seja vista a movimentação: as árvores são muito separadas.

O sítio Murundu fica num vale cercado de eucaliptos. A única entrada é a estrada de rodagem; o resto são morros sem caminhos e quem quiser ir mais para a frente terá que transpor a serra de São Sebastião, antes de encontrar a Rodovia Raposo Tavares.

Uma porteira separa o sítio da estrada de rodagem, que termina lá. A área ocupada pelos estudantes era de aproximadamente dois mil metros quadrados, tôda cheia de lama. O único lugar do sítio não ocupado por êles foi um chiqueiro que fica do lado direito de quem entra. O resto foi totalmente tomado e transformado em dormitórios, cozinha e plenário.

Um dos dormitórios foi instalado na "casa grande" do sítio. Nessa casa, de dois cômodos com cerca de 50 metros quadrados cada um, ficaram alojados mais de cem estudantes. Todo o chão era forrado com acolchoado, e nas paredes foram instaladas várias prateleiras que serviam para a colocação de malas. Aí, de quinta-feira á noite até a manhã de sábado dormiram as moças e rapazes que eram considerados as figuras mais importantes na realização do congresso.

Defronte á "casa grande" fica o banheiro, uma fossa negra, onde os estudantes instalaram uma barraca de lona. Uma outra barraca de lona, instalada ao lado da casa, defronte a um riacho, servia de enfermaria.

A cozinha foi instalada num antigo chiqueiro, construído de meia parede e telhado. O fogão era uma fogueira que ficava na entrada do chiqueiro. A despensa foi instalada no fim da cozinha e o lugar destinado á lavagem de pratos era uma lata de água colocada num dos cantos do chiqueiro.

Não muito longe da cozinha, numa elevação do terreno foi construído o plenário, que também servia como dormitório. Nesse lugar foram colocadas várias estacas de madeira e, sobre elas, lonas. As poltronas-dormitórios eram degraus que os estudantes mesmo construíram. Nesse lugar, construído sem nenhuma parede, mais de 400 estudantes dormiram.

Os estudantes que não conseguiram lugar para dormir, nem na "casa grande", nem no plenário, tiveram que ficar em lugares dos mais diferentes como na barraca de enfermagem, na cozinha e num jipe que estava estacionado no terreno do sítio.

Tôda a área que foi ocupada pelos estudantes estava intransitável, com muita lama. Fora dos cômodos cobertos, era preciso muito cuidado para não escorregarem e caírem. Para dar mais segurança aos congressistas, a comissão organizadora mandou espalhar palha de milho em todos êsses lugares lamacentos.

O caseiro do sítio, Sebastião da Silva, não sabia que os estudantes realizavam um congresso, pensava que era piquenique. Mulato, bem fraco, Sebastião conta:

— A rapaziada começou a chegar no sábado passado, dizendo que iam fazer piquenique. Durante a semana foi chegando mais gente e eu sempre pensando que estavam mesmo fazendo um acampamento. Fiquei meio espantado com as reuniões que faziam á luz de lâmpôes mas, êles me garantiam que não era nada. Sabe, eu fiquei desconfiado bastante, e por medida de segurança tranquei as aves, porcos e cabras no chiqueiro. Só soltei agora para que êles possam comer alguma coisa.

No meio da lama, logo depois da partida dos estudantes, gatos, galinhas, cabras e porcos comiam os restos que haviam sobrado. Na casa e nos barracões, policiais do DOPS faziam a apreensão de máquinas de filmar, máquinas fotográficas, malas com roupas, panfletos e livros considerados subversivos, alguns ainda empacotados. O ajudante de ordens do comandante da Força Publica, capitão Armon, estava revoltado:

— Veja só, um livro "Guerra Guerrilhas, Che", que prega a tomada do poder por meios de violência, encapado com um memorando do Projeto Rondon. É o fim. Vou encaminhar êste livro ainda hoje para os supervisores do projeto.

Em cobertores que foram jogados ao chão para que pudesse ser transportado o material apreendido estavam uma espingarda de longo alcance, uma arma automática, revólveres e muitas facas. Os livros e panfletos apreendidos pela polícia são de esquerda e pregam a violência. Com um cartaz de Guevara numa das mãos, roupa suja de lama, o delegado Paulo Bonchristiano conclui:

— O cartaz pede que se crie não um, mas muitos Vietnãs. Será que é isso que êles queriam decidir?



O Banco Federal Itaú Sul Americano inaugura mais uma agência. Se você é nosso cliente esta notícia o deixará feliz. Se ainda não é, encare isto como uma oportunidade. Afinal, você tem mais uma chance de encontrar uma agência do Banco Federal Itaú Sul Americano. Um novo conceito em serviços bancários.

A nossa Nova Agência fica em

**SALTO-SP - Rua 9 de Julho, 146**

Telefones: 135 e 268

**BANCO FEDERAL ITAÚ SUL AMERICANO S.A.**

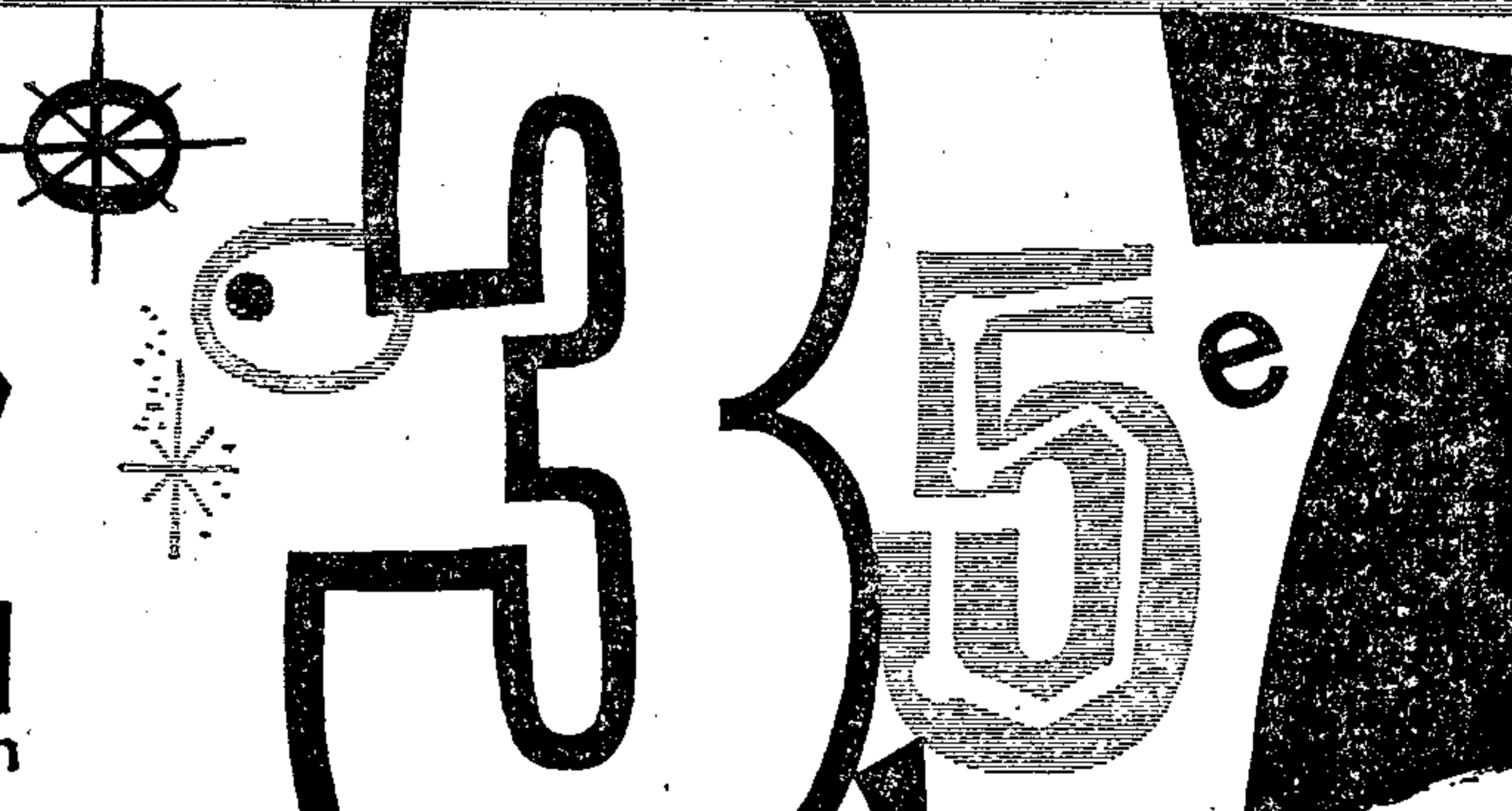


Já é tempo de ir pensando nos

presentes de Natal

Já é hora de visitar a

**casa são nicolau**  
onde seus presentes poderão ser pagos em



**vêzes**

**casa são nicolau**  
BOM GÔSTO E QUALIDADE  
Patriarca, 84

**RADIO  
ELDORADO**

**Quilohertz**

**700**



# POR UMA SEMANA, IBIUNA TEVE MÊDO

Em Ibiuna, depois da prisão dos estudantes, há muitos heróis. Miguel, o sitiante que informou a polícia, repete sua história aos grupos de curiosos. Juvenal, motorista de ônibus e policial, conta o que fez e diz que cumpriu seu dever. Damião, o lavrador que mora no sítio mais próximo de onde estavam os estudantes ficou bravo com o que disseram dêle na cidade e está tomando satisfações com aquêles que afirmavam que êle estava com medo. Texto: Helena Mainieri. Fotos: Arnaldo Fiaschi.

O ônibus sai de Ibiuna para fazer a primeira viagem do dia, até Murundu. Estrada de terra, estreita, cheia de curvas; em cada encruzilhada um cruzeiro. "É para afastar os maus espíritos e as almas penadas" — dizem os moradores dos bairros afastados.

A "jardineira" vai devagar, balançando. Juvenal Vieira de Cliveira é o motorista e também o inspetor de polícia do bairro. Todos o conhecem, vai parando nos bares para uma conversa, traz as notícias e os boatos da cidade e, na volta, já tem outras mais recentes para contar. Juvenal diz que conhece bem a estrada, mas que ela é perigosa:

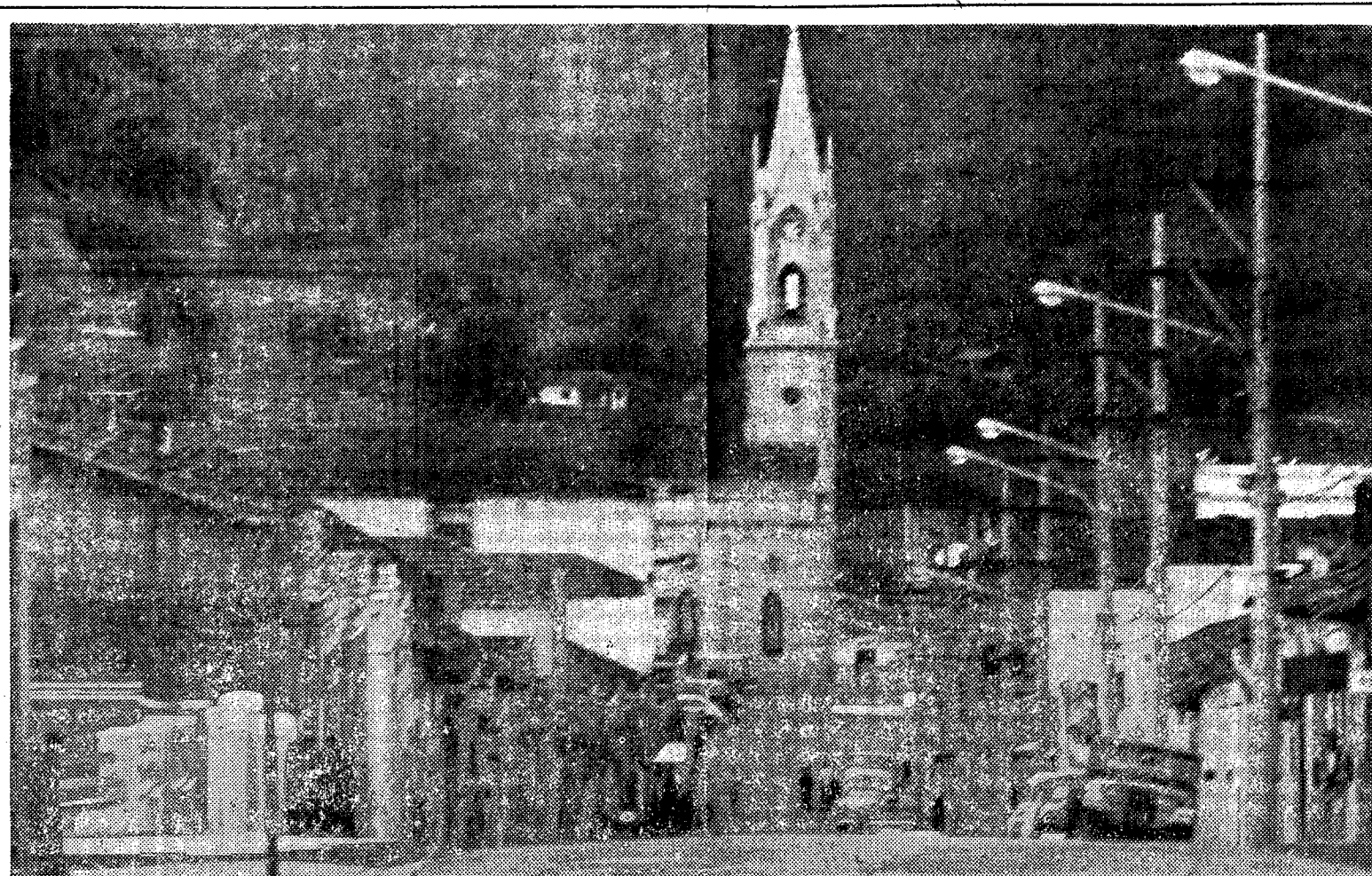
— Cada cruz de beira de estrada é um morto. Atropelado, acidente de carro. Aqui só anda mesmo quem tem assunto pra tratar nestas bandas. E ninguém corre não. Por isso o povo começou a desconfiar muito quando começaram a aparecer uns cabeludos que faziam a estrada correndo que nem malucos. Sempre que eu vinha com a "jardineira" tinha a turma da roça comentando, estavam com medo porque não sabiam o que toda aquela gente queria.

Juvenal faz rodizio com seu cunhado, Angeliño. Na quinta-feira passada Juvenal não trabalhou com o ônibus; foi à cidade falar com o prefeito, Seme Issa, contar que o movimento era no sítio do Simões, êle já tinha certeza:

— Encontrei o Daniel, que trabalhava lá no sítio. Daniel vinha voltando de lá, tinha ido cobrar uns dinheiros que o Simões devia há uns três meses. Contou que tinha umas quinhentas pessoas acampadas no sítio e que todos os que moravam por lá estavam com muito medo; o pessoal até comentava que estavam armados e não sabiam o que podia acontecer. Fui falar com o prefeito para que êle fizesse alguma coisa para acalmar a turma, não estava querendo prender ninguém mas tinha de cumprir o meu dever.

Juvenal fala mole, arrastando a pronúncia como todos da região. Continua o caminho até chegar no bar do bairro Piaí; lá encontra os amigos, Daniel também está contando o que viu, junto com Adide, filho do Eduardo Rodrigues:

— Trabalhei até o dia 4, mas como o homem não pagava, não fui mais. Já paga pouco, oitenta contos por mês, disse que ia aumentar mas desde que comprou o sítio, há seis meses, nunca mais falou nisso. Há uns quinze dias apareceram os primeiros rapazes dizendo que iam passar umas férias e tinham de fazer um acampamento. Ajudéi êles a fazer escadas na encosta e a colocar a lora, mas depois parei de trabalhar. Voltava lá todo dia para cobrar e o Simões me mandava embora, dizendo que teria dinheiro no outro dia. Na sexta-feira meu pai foi junto e viu também, já tinha uns mil rapazes e moças. Mas nós não tínhamos medo, êles diziam que estavam acampando e sempre me deixaram entrar. Só na sexta-feira é que vi dois com arma, uma espingarda de



Aquela gente  
estranha não podia  
ser de Ibiuna

Ibiuna é uma cidade bem pequena. Quem chega pela estrada asfaltada, vindo de Cotia, entra logo na rua principal: 15 de Novembro. Existe mais uma rua paralela, que tem pouco mais de 200 metros. A Igreja de N. Sa. das Dores, a praça, o fórum. Três saídas, uma para Mairinque, outra para Piedade e a última, à esquerda antes de entrar na cidade, para o Murundu e São Sebastião.

Seme Issa, prefeito da cidade desde 1963, diz que Ibiuna é o terceiro município do Estado de São Paulo e que tem mais de 1500 km de estradas municipais. O prefeito conta que estava sabendo do movimento dos estudantes desde a segunda-feira passada:

— A cidade é calma, pacata e o movimento por aquelas bandas é quase só de pessoas conhecidas. Por isso fui logo informado de que tinha gente estranha num sítio para os lados de São Sebastião, mas não sabia onde, até quinta-feira, quando o Miguel veio me falar.

O prefeito é muito procurado por todos os moradores de Ibiuna. No sábado de manhã foi tratar da internação de uma sitiante e não estava na cidade para acompanhar a prisão. Voltou antes das 8 horas para assistir à missa de sétimo dia de um rapaz. Ficou subindo e descendo a rua 15, para saber das novidades. Pouco antes de subir para a Igreja passou pela telefônica para trocar as pilhas do aparelho central e falava sobre sua cidade:

— Conheço esta região como a palma da minha mão, nasci aqui há 59 anos atrás. E' um município agrícola, essencialmente agrícola. Infelizmente. Infelizmente porque se tivéssemos indústrias estaríamos mais adiantados e mais ricos. Temos seis mil habitantes na cidade e 30 mil no município todo.

Ibiuna tem um dia de festa: quinta-feira. Nesse dia os sitiante vêm para a cidade vender tudo o que colheram. E' dia de feira e o único dia movimentado. Alice Pires, caixa do Banco Mercantil de São Paulo, conta que só tem muito trabalho nesse dia:

— Aqui na cidade a vida é calma mesmo. Sábado vem um punhado de gente ver a família, mas o movimento grande é na quinta-feira. O cinema é péssimo, cheio de pulgas e quase ninguém frequenta. O pessoal mais moço estava mesmo torcendo pelos estudantes. Tinha gente querendo ir ao Murundu avisar para êles fugirem mas acabaram com medo da polícia que já estava per-



caçar, mas disseram que estavam mesmo caçando.

Mais alguns quilômetros adiante na estrada. O bar do Zé Mino e a casa do Miguel Góis. Todos que passaram por lá, no domingo e no sábado à noite, pararam para conversar com Miguel, o herói da região: foi ele quem esteve duas vezes na cidade, uma para falar com o prefeito e outra com o delegado, pedindo que a polícia fôsse prender os estudantes. Miguel vai contando, devagar o que fez, enquanto fuma um cigarro de palha e vai enrolando outro:

— Estava mesmo apavorado. A gente sabia que eram estudantes e ouvia no rádio que eles estavam atacando Brasília. Podiam proclamar a república, e aí? Daqui onde estamos só fazia descer lá do matão e estavam aqui, era mesmo na boca dos bandidos. Mas ninguém estava querendo ir na cidade falar com a polícia, eu fui duas vezes e agora a gente pode ficar mais sossegado. Os bandidos tão presos, eu vi, lá ontem.

Bar do Zé Fidelis, bar do Zé Rita, do Filipeto. As conversas são as mesmas há dois dias, os detalhes da prisão e os boatos sobre os estudantes:

— O povo aqui tem medo, é gente da roça. E são mesmo de briga, onde tem barulho estão lá com polícia e sem polícia. Todo esse movimento na estrada e no sítio assusta. Agora acabou.



**Ibiuna tem seis mil habitantes, duas ruas principais e pouco movimento; só na quinta-feira os sítiantes vêm à cidade vender a colheita. Miguel Góis (3.a foto) também foi, mas para avisar a polícia de que os estudantes estavam no sítio do Simões, em Murundu. Jamil Pereira dos Santos, (1.a foto) vinha pela estrada e encontrou Diva, a estudante carioca que fugiu do acampamento (4.a foto) e ficou 36 horas andando no mato. Diva falou com dona Eugênia (5.a foto).**

é que são homens. E quando se soube que estavam presos, foram todas para a estrada olhá-los.

Ibiuna tem dois pontos turísticos. O primeiro é a gruta de São Sebastião, perto do sítio onde haveria o 30.º congresso da ex-UNE. São Sebastião é o padroeiro da cidade e no dia da sua festa, 20 de janeiro, todos vão à gruta. Contam muito orgulhosos que D. Agnelo Rossi, arcebispo de São Paulo, vem todos os anos para a festa e que esse ano já esteve lá mais de quatro vezes, desde março.

Rua 15 de Novembro. Consultório do dentista Soares, padaria São Sebastião, bar São Sebastião, bar Guarany, bar UNA. Em frente à sede da telefônica uma barraca vendendo churrasco na calçada. Praça Marechal Deodoro. Ponto final do ônibus e a placa de bronze, comemorando o dia da comarca, e dizendo que a vila foi fundada em 1811, elevada a cidade a 25-1-1857 e comarca em 24-3-1963. O brasão da cidade, com sua torre, águia, duas foices e três corças.

O movimento da rua é grande. Os donos de bares e padarias comentam que já sabiam dos estudantes, que faziam compras de pães, cigarros e pasta de dente.

# AQUELA MÔÇA SÔZINHA FUGIA DA POLÍCIA

**Ela fugiu. Quando a polícia chegou, escovava os dentes num riacho. Andou 36 horas, passou fome e frio. Diva Borges de Noronha, universitária do Rio, foi levada à casa do presidente da Câmara Municipal de Ibiuna, onde foi presa.**

A môça tinha conseguido fugir, isso era coisa que todos os que moram na beira da estrada de Murundu já sabiam. Era sábado e há menos de duas horas a Força Pública havia levado os últimos estudantes para Ibiuna. Os primeiros boatos já corriam, e Jamil Pereira dos Santos se encarregava de espalhá-los para toda a região, enquanto ia para casa de bicicleta.

Jamil ia com o filho do lavrador Zé Fidelis, vinha de Ibiuna e faltavam 35 quilômetros para chegar a seu bairro. Depois de passar a fazenda Santa Maria encontraram com uma môça, pensaram que era estudante fugida. Dez minutos depois. Mané Pedro entrava no bar em Piaí e já ficava sabendo:

— De que lado vem, compadre? Pois olha, deve ter encontrado com a fugitiva. Passou logo agora o Jamil e mais um, que viram ela. Pediu dinheiro mas eles nem ligaram pra ela. A môça disse que fugiu quando viu a polícia aqui na estrada, se jogou no capão e ficou assim todo o tempo. Está com frio, fome, tá tremendo, tadinha.

Pouco mais tarde já eram três môças e havia gente jurando que a môça tinha contado que eram três mesmo. As outras duas, que ninguém podia descrever e nem sabia direito que as tinha visto, estavam descendo para o Murundu, já bem adiante. Contava-se que tinham fugido de manhã, mas os detalhes mudavam de bar para bar: estava escondida no matão, tinha fugido antes de chegar ao local do congresso; era morena, ou loira; alta ou baixa.

Entretanto sabiam que usava óculos e tinha cabelos lisos e compridos. Na cidade a história chegou com o último ônibus, às 20,30 horas. Mas já eram quatro os fugitivos: havia também um rapaz. Toda a rua 15 de Novembro se animou com mais histórias, a cidade já tinha parado de comentar os acontecimentos da manhã e mais notícias provocavam mais conversas de porta de bar.

No domingo, o bar do Zé Mino era o mais concorrido do Murundu. O Zé era quem sabia de todas as histórias que contavam, tinha visto a môça passar, e seu compadre tinha dado jantar

a ela. Com chapéu de feltro caído na testa, roupa escura, muita calma para falar, Zé Mino ficou toda a manhã na porta do barzinho, contando o que sabia.

— Ela estava vestindo calça comprida amarelada e uma blusa marrom. Usava óculos, cabelo escuro solto até o ombro e tinha um defeito na mão. Fugiu pelo matão e foi sair na estrada bem na altura da casa da dona Maria. Era uma hora da tarde de sábado. Pediu comida mas a Maria não deu. Desceu a estrada para o lado de São Sebastião, se escondendo no capão toda vez que via gente. Depois encontrou o Jamil mas ele também não ligou. Ficou aí rodando, foi falar com a Eugênia, irmã do Juvenal e de noitinha o Benedito e o Cipriano levaram ela para jantar.

Benedito e Cipriano moram num bairro ao lado da estrada. Benedito vinha andando para casa e encontrou a môça chorando. Levou-a para a mulher arrumar-lhe um prato de comida. Áurea, filha de Cipriano, conversou com ela e conta:

— Era môça, tinha 23 anos. Contou que era do Rio de Janeiro, que o pai era rico e sofria do coração, estava preocupada com ele. Dissê que tinha fugido de madrugada, que estava lá em cima no riacho lavando os dentes, viu a polícia e começou a correr. Que a polícia a viu mas não a perseguiu. Ela andou então pelo mato e foi sair longe, na estrada. Fazia já três dias que não comia direito, tinha muita fome. O tio deu um prato de arroz, ela comeu. Chorava e se queixava o tempo todo, queria voltar para a casa do pai mas não tinha dinheiro nem para telefonar. O nome que disse era Diva, mas não perguntei o sobrenome. O tio perguntou o que estava fazendo no meio de tanto barbaudo, ela disse que era para melhorar a vida da gente.

Não foi só Áurea que falou com Diva. Eugênia encontrou-a na carvoaria, onde estava trabalhando:

— A môça vinha molhada, tremendo. Acho que era melhor estar presa do que ficar aqui sofrendo, tadinha. Nós nos assustamos, vendo uma mulher estranha, de calças compridas, sair assim

de mato. Mas resolvemos falar com ela. Queixava-se muito. Perguntei porque não ia para a cidade, ela disse que ia para a cadeia se fôsse, tinha mesmo era de ir para casa. Então falei para conversar com o Juvenal, que é muito ativo para essas coisas e dava um jeito. Ela falou com a gente uma meia hora e foi embora estrada abaixo. Antes de ir me abraçou, beijou, disse obrigada e para a gente ter bom trabalho. Estou com pena dela, se fica aí dormindo no mato ela acaba morrendo.

Mas Diva conseguiu um abrigo para a noite, uma cabana no sítio do japonês que fica bem perto do lugar onde os estudantes tinham acampado. Miguel Góis foi trabalhar, passou por lá e viu o lugar, foi buscar a polícia. Miguel já tinha avisado que os estudantes estavam reunidos no sítio do Simões, e ainda estava com medo de Diva:

— Se ela aparecer aqui, fica presa no quarto e a gente vai buscar a polícia. Dizem que é a Catarina Meloni, uma das cabeças, e não quero saber de nenhum solto. Vou mais tarde para a casa do Simões, a polícia está lá, vou ver no que posso ajudar para acabar com tudo. A mulher quer ajudar a bandida, mas comigo não tem conversa, vai mesmo em cana.

Quando a polícia chegou ao galpão não encontrou mais Diva. E no domingo ninguém a tinha visto, achavam que estava escondida no mato e que iria sair à noite para pedir comida. Mas na cidade Diva tinha conseguido um lugar seguro para passar o dia: casa do presidente da Câmara Municipal, Tufi Issa. Ele tinha encontrado Diva à tarde, escondida no mato, na beira da estrada do Murundu. O nome inteiro da môça é Diva Borges de Noronha. É carioca. Tufi a levou de carro até Ibiuna e tratou dela, que estava com muita fome e sono. O escrivão de polícia concordou: ela não tinha condições para ser presa. Por isso, deixou que ficasse na casa de Tufi até perto de oito horas, quando foi encontrada por cinco agentes do DOPS. Conversaram com Tufi, viram como estava a môça e a trouxeram para São Paulo.

## A POLÍCIA VOLTOU LÁ PARA BUSCAR DOCUMENTOS E ATAS

**A Força Pública ficou vigiando a estrada do Murundu até às 22 horas de sábado. Investigadores do DEIC foram para lá no domingo cedo e o DOPS chegou de tarde. Todos procuravam documentos pessoais dos estudantes e informações sobre o congresso, mas só encontraram sete quilômetros de barro.**

Chove há três dias na serra do Murundu e as estradas estão impedidas para carros. Mesmo assim o jipe da Polícia Florestal ficou até às 10 horas da noite andando entre Ibiuna e o sítio onde os estudantes estavam acampados. No domingo de manhã chegaram investigadores do DEIC, com ordens do secretário da Segurança. Depois do almoço vieram cinco investigadores do DOPS, que também foram ao sítio.

Os carros tinham de ficar no alto da serra e os investigadores caminharam os sete quilômetros que faltavam. Iam inspecionar tudo para procurar documentos pessoais e principalmente as atas de reuniões. Só encontraram uma caderneta de endereços de uma môça do Ceará e os panfletos mimeografados que já tinham sido apreendidos. Encontraram o acampamento ainda montado e o ocuparam:

— Companheiros — dizia um investigador improvisando um discurso no estilo dos estudantes — o governador Sodré não atendeu as nossas reivindicações e a resposta para o aumento ainda é não.

Encontraram também uma cabra morrendo dentro do abrigo que os estudantes usavam para cozinhar. Brincaram que a cabra tinha comido os restos deixados e estava envenenada. Uma coleção de revistas deu chance para mais uma piada:

— Acho que os estudantes estavam querendo dar um golpe no "tio Patinhas".

Os investigadores que tinham estado no sítio durante a prisão dos estudantes mostravam os lugares onde as coisas tinham acontecido. Depois foram tentar consertar um jipe amarelo que estava no acampamento, para não ter de andar os sete quilômetros de volta. Não conseguiram. Miguel Góis apareceu lá às 5 horas, vindo do seu sítio que fica a 20 quilômetros. Vinha ajudar a polícia a encontrar provas e documentos e trazia a história da môça que fugira. Contou por onde ela tinha andado, quem a tinha encontrado e onde poderiam ir procurá-la.

Os investigadores resolveram voltar, já que não tinham encontrado mais nada de novo. A estrada estava muito pisada e cheia de barro, era difícil subir carregando as metralhadoras INA. Depois de atravessar o primeiro pasto encontraram Damião Rodrigues e sua mulher, Juventina. Damião era o vizinho mais próximo do sítio usado pelos estudantes. Contaram a ele que na cidade diziam que teve medo. Damião ficou bravo:

— Medo tive eu, é? Eu que aguentei firme aqui até a polícia chegar. Os outros fugiram todos, iam dormir no meio do mato com a mulher e os filhos e agora contam que não viram nada. Sei, quando eu pedia ajuda para ir chamar a polícia iam andando a correr. No dia que a turma apareceu com uma espingarda, então, só tinha caboclo tremendo.



# O QUE OS ESTUDANTES PRETENDIAM DISCUTIR



Quando a polícia chegou ao sítio Murundu, faltavam poucos minutos para o início da sessão plenária que discutiria as propostas de temário e que iniciaria as discussões de teses. Uma das teses mais aguardadas, a do presidente da ex-União Estadual de Estudantes de São Paulo, foi apreendida entre o material impresso. Nela, José Dirceu de Oliveira critica o congresso do ano passado.



**VENDA ESPECIAL**  
**TOLEDO** 33-5650  
**TOLEDO** 37-9293

20<sup>o</sup> Aniversário  
**TOLEDO**  
 1948-1968

## Madureza Ginásial e Colegial

Iniciaremos novas turmas em classe de Madureza (Ginásial, Clássico ou Científico) em apenas 1 ano. O melhor curso de S. Paulo. Centenas de alunos aprovados nos últimos exames. Método moderno de ensino com projeções e todos os elementos modernos do sistema audio-visual. Programa cientificamente elaborado e desenvolvido para permitir aprovação completa em dois grupos de matérias dentro do prazo estabelecido pela lei. Moderníssimas instalações. Mantemos também Pré-Madureza, para melhor preparo dos candidatos ao Curso de Madureza Ginásial. Cursos especiais para os alunos do Colegial Científico e Colegial Clássico. Outros Cursos: Secretária Junior e Executiva, Taquigrafia, Desenho, Corte Costura e muitos outros cursos em classe, diurno e noturnos ou por Correspondência. Visite ou escreva a DOM BOSCO ESCOLAS REUNIDAS. Pça. João Mendes, 42, 2.º a. Tel.: 36-7304 — R. Formosa, 69. Tels.: 37-1920 e 36-0278.



Sempre a  
 certeza de  
 fotos  
 perfeitas  
 com



"A ditadura não pretende reprimir todos os estudantes", diz a tese do presidente da ex-UEE. "Ela tem planos para eles. Precisa deles como técnicos para suas indústrias e mesmo como elite dirigente para a ditadura de classes. Para isso, propõe reformas para a Universidade e está realmente decidida a aplicá-las.

**N**ão houve tempo para que as delegações e as lideranças apresentassem suas teses no 30.º congresso da ex-UNE: a polícia chegou poucos minutos antes do início da sessão plenária que discutiria as propostas do temário e que continuaria, em comissões, discutindo as teses. Quase todo o material impresso pelos estudantes foi apreendido pelo DOPS. Entre ele, o programa da ex-UEE de São Paulo, que seria apresentado pelo seu presidente, faz críticas ao congresso anterior: "O erro em se definir o papel

estudante encontra o imperialismo e a ditadura dentro da escola durante todo o tempo. No momento do vestibular, encontra a falta de vagas, resultado da não aplicação de verbas para o ensino. Durante o curso, encontra o problema da falta de verbas para laboratórios, bibliotecas, contratação de professores e currículos absolutamente inadequados para fornecerem uma formação satisfatória. Depois de concluído o curso universitário, ele encontra a falta de perspectivas profissionais".

Para a ex-UEE, a "Universidade empresarial, padrão MEC-USADP" é a forma encontrada pelo governo para resolver al-

## PINTURAS EM INDUSTRIAS

ESTRUTURAS — EQUIPAMENTOS — TUBULAÇÕES —  
 TANQUES — MÁQUINAS

PROTEÇÃO ANTICORROSIVA  
 JATO DE AREIA - PISTOLAS DE AGULHAS

## PINTURAS YPIRANGA LTDA.

RUA MARANHÃO, 571 - FELS. ES. 1512 - TEL. 7304



luta reivindicatória como sendo reacção, acabando num desligamento da liderança com as bases. Assim, a UNE não traçou seu programa a partir dos problemas, das lutas, da prática política dos estudantes e não pôde organizar os estudantes e ser entidade nacional”.

O programa de entidade clandestina, aprovado no congresso de 1967, é classificado de irreal, por não conter “as formas de luta, a organização, o princípio destas necessidades; apenas frases vagas como **necessidade de irmãos às bases, conduzir a luta reivindicatória** etc. A diretoria foi composta sem critério político, sem um programa de ação, a refletir de imediato essa falta de unidade”.

O programa da ex-UEE só vê uma vantagem para o movimento estudantil, no congresso de 67, que “passa a encarar cientificamente o estudante, sua classe de origem, a posição na sociedade de classes brasileira e deduzir seu papel na transformação desta sociedade. Marca o início da tomada de posição de consciência pelo movimento universitário, que não poderia continuar sendo um movimento de vanguarda, desligado dos estudantes (1964 a 1967), mesmo negando seu populismo, em que os estudantes eram massa de manobra para o Ministério da Educação, dependente dos interesses de uma pretensa burguesia nacional progressista (antes de 1964). É o início de um movimento estudantil organizado pelas bases, conscientes do porquê de suas lutas, como sujeito ativo de sua história”.

Sobre o governo, a tese da ex-UEE diz que “a ditadura de Costa e Silva corresponde às necessidades que o sistema capitalista tem de um Estado: não organização política da classe operária e assalariado rural; não permite a livre organização e manifestação de outros sistemas, como os ligados ao ensino (estudantes, professores, funcionários), os meios artísticos e intelectuais e outros setores assalariados (bancários, funcionários etc.); para tanto, instituiu-se, a partir de 64, um novo quadro institucional no país”.

“Surge a nova Constituição, a Lei de Segurança Nacional, de Imprensa, Anti-greve, lei Suplicy, decreto Aragão, Censura Federal, Estatutos dos Partidos, Lei Eleitoral, Lei das Inelegibilidades. E a mudança qualitativa de caráter do Estado; de uma Democracia Parlamentar, o Brasil transforma-se numa Ditadura Constitucional. E a legalização da ditadura, que teve suas primeiras leis nos Atos Institucionais e Complementares”.

O documento diz que “a ditadura Costa e Silva tem, até agora, oscilado entre uma linha paternalista e uma militar” e que a variação destas duas linhas “só está na dependência da agudização da luta de classes, das contradições entre o regime capitalista, que o marechal defende com seu Exército, e as classes trabalhadoras e outros setores”. A explicação dada para as duas linhas é esta: “Quando os operários fazem uma greve ilegal, como na Belgo-Mineira, o marechal manda seu ministro-pelêgo do Trabalho, Jarbas Passarinho, fazer discursos, gritar por Deus e prometer um abono qualquer. Quando estes operários partem para uma ação mais violenta, como no caso de Osasco, a ditadura não pensa duas vezes para acionar seu esquema de repressão. O que os operários pedem nunca é dado, mas surgem promessas de participação no lucro das empresas e outros contos de fada”.

Mas a ex-UEE acha que “a ditadura não pretende reprimir todos os estudantes”; “Ela tem planos para eles. Precisa deles como técnicos para suas indústrias e mesmo como elite dirigente para a ditadura de classes. Para isso, propõe reformas para a Universidade e está decidida a aplicá-las de qualquer maneira. E vai usar seu populismo e seu militarismo para aplicar estas reformas”.

A tese da ex-UEE dá exemplos de “atitudes corretas” para enfrentar o governo: a aceitação do diálogo, “para mostrar que o governo não quer dialogar com ninguém, mas impor suas soluções à força” e a passeata “ofensiva” dos estudantes de São Paulo, no fim de julho, quando apedrejaram a Secretaria da Educação, o City Bank, a Farmácia do II Exército e o jornal “O Estado de S. Paulo”. “Com isso, os estudantes fizeram propaganda da violência organizada”. “Para ações desse tipo, a ex-UEE de São Paulo diz que, antes, “é preciso preparar a luta dentro da Universidade, mobilizando a massa estudantil, para que as suas ações ofensivas não caiam no erro do vanguardismo, desligadas da maioria dos estudantes”.

Há também uma recomendação para as manifestações de rua: “É preciso caracterizar os objetivos da manifestação, discutí-los politicamente, saber qual é a melhor forma de aplicar esses objetivos. É preciso definir porque se está saindo às ruas (propaganda, denúncia, ação ofensiva, etc.), quais são as condições de mobilização e, a partir daí, definir qual a melhor forma de manifestação”. Segundo o documento, os estudantes poderão reagir à repressão “à sua maneira, não enfrentando um exército, porque não tem outro para combatê-lo, mas desmoralizando a repressão e até desviá-la da luta operária”.

A parte final do documento traz uma pergunta: “O que fazer?”. Começa dizendo que o estudante brasileiro encontra em sua escola uma situação que exige sua definição: “Há o que ele pensa e aspira e aquilo que o governo lhe impõe. O

seu desejo e política nacional; e diz que a repressão às manifestações e à “livre organização” do movimento estudantil visam esconder estes problemas:

“Diante dessa situação, o movimento estudantil deve se manifestar. Dentro das escolas, forçando a criação de departamentos e comissões paritárias, para impedir a aplicação da nova política educacional. E fora das escolas, nas ruas, em manifestações que denunciem essa política às camadas que têm contradições com o governo”.

Mas a passeata, segundo o documento, não é a única ação política dos estudantes e só deve existir quando houver condições concretas favoráveis à sua realização. Há também a participação nas comissões paritárias e os comícios-propaganda, e o apoio às greves operárias.

Outro documento apreendido comenta a tese da “Universidade Crítica”, do vice-presidente da ex-UNE, Edson Soares, dizendo que “a Universidade Crítica é um programa de luta para os estudantes e para a UNE, neste ano”:

“O ponto fundamental do programa é o encontro de uma perspectiva política para as lutas reivindicatórias, uma saída que não seja o enquadramento na política que o governo propõe (reformismo) e que não seja também o imobilismo de protestar, protestar e não ter nada a propor e a fazer (esquerdismo)”. O documento diz que a luta do primeiro semestre, contra a política educacional do governo, não foi acompanhada de uma perspectiva que pudesse se contrapor a ela: “A Universidade Crítica é a política que podemos contrapor à Universidade Empresarial, que o governo quer implantar. A Universidade Crítica não é uma instituição que vamos implantar, em contraposição à Universidade Empresarial. Ela é uma perspectiva política que nos orienta, em contraposição à política que orienta o governo”.

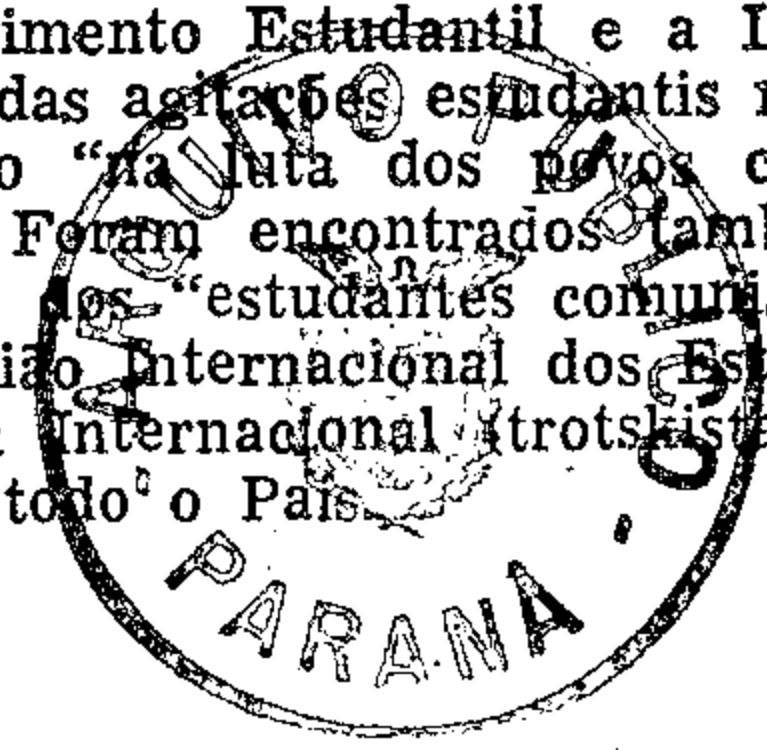
“Quando dizemos que o governo pretende implantar a universidade empresarial, queremos dizer que o governo tem uma política que o orienta nas modificações parciais e gerais que tenta impor, visando racionalizar a Universidade, capacitando-a a formar rapidamente e em quantidade, os quadros técnicos médios de que necessitam as empresas no atual estágio de desenvolvimento capitalista no Brasil”.

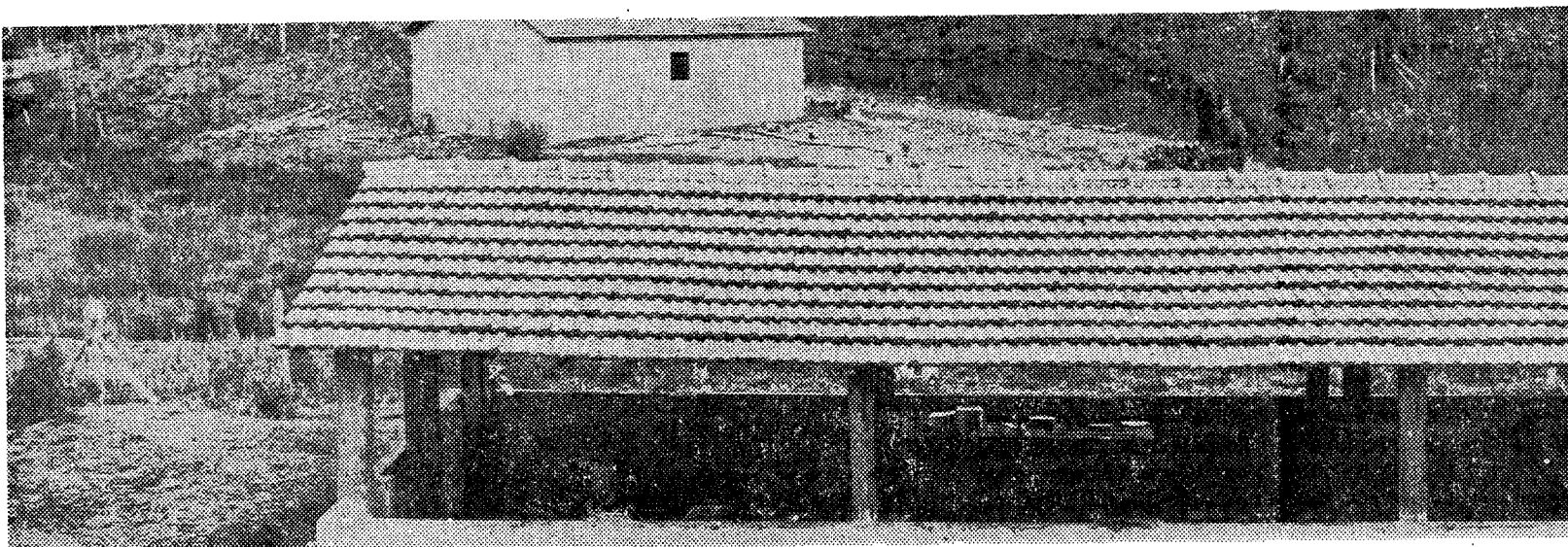
O documento critica os planos do governo e diz: “O que a Universidade Empresarial não pode dar a todos, mas apenas a uma elite dirigente, é a capacidade de fazer ciência, é um método que os capacite a desenvolver a ciência, seja ela humana ou exata, pois seriam muitas as pessoas altamente qualificadas para poucos empregos destinados aos que são capazes de fazer ciência. Quando a Universidade Crítica propõe como critério dos currículos e das pesquisas os interesses gerais da sociedade, a longo, médio e curto prazo, está propondo um critério que se oriente para o livre desenvolvimento das forças produtivas, e que, portanto, se opõe à política da universidade empresarial”.

A tese termina dizendo que “a Universidade Crítica é um programa para a atual luta do movimento estudantil, contra a política educacional do governo, contra a universidade empresarial que o governo quer implantar; é um programa que dá orientação para frustrar essa implantação; é uma proposição tática para o movimento estudantil, pois é agora que temos que impedir a implantação da Universidade Empresarial; a Universidade Crítica não é a instituição que conseguiremos depois da transformação da sociedade, mas é um programa que opomos agora à Universidade Empresarial. É preciso dizer aos estudantes como se luta dentro da universidade, na perspectiva da luta e da transformação social”. O documento está assinado pelo centro acadêmico do curso de Filosofia, da Faculdade de Filosofia da USP.

Há ainda vários outros documentos nas mãos do DOPS. Um deles é assinado pelos estudantes Luís Travassos, presidente da ex-UNE, Luiz Raul Machado e José Carlos da Mata Machado, vice-presidentes, que criticam os outros diretores da entidade, por sua atuação durante todo o ano e propõem que o 30.º congresso eleja uma diretoria “em torno de posições políticas claras e definidas”, para evitar o resultado do 29.º congresso, “uma diretoria de conchavos”. Também pertence a esse grupo uma proposta de temário para o congresso, com quatro itens: “O movimento estudantil na luta do povo”, “As lutas do estudante na universidade”, “As formas de luta e de organização” e “Estatutos”.

Um outro documento é assinado por José Jarbas Cerqueira, representante da ex-UNE na OCLAE — Organização Continental Latino-Americana de Estudantes, com sede em Havana. O documento fala sobre o “Movimento Estudantil e a Luta Popular” e contém um histórico das agitações estudantis na América Latina e sua participação “na luta dos povos contra o imperialismo e as ditaduras”. Foram encontrados também documentos de um representante dos “estudantes comunistas chilenos” no 9.º congresso da União Internacional dos Estudantes, da seção brasileira da Quarta Internacional (trotskista), e de muitos centros acadêmicos de todo o País.





**Ele é um homem de 58 anos que vive com uma mulher de 24. Ele é chamado de comunista mas tem um negócio com dois generais. Ele vende terras em Mato Grosso mas mora num cortiço. Ele é amigo de Ademar de Barros, e se chama Domingos Simões, o homem que está desaparecido e que não deixou seu outro endereço com a mulher. Ele é do no do sítio onde os estudantes faziam o congresso.**

## O ESTRANHO DONO DO SÍTIO

É uma casa feia e velha, na rua Ana Cintra, 251. Um portão muito sujo esconde um corredor e a escadaria que vai até a residência e o escritório de corretagem de seu Simões, Domingos Simões, o dono do sítio de Ibiuna, onde os estudantes foram presos.

Nenhum vizinho sabe onde está este homem alto e magro, que é irmão de Benone Simões, ex-comandante da Guarda Civil. Dona Neusa, uma morena de 24 anos, que vive com ele muito tempo, não quer conversa:

— Não sei da vida do seu Simões, é melhor escrever que eu nem o conheço. E, por favor, não me aborrecam que eu tenho dois filhos pequenos para cuidar.

Ela não sai à rua, fala da janela e desaparece quando alguém tenta fotografá-lo. Um dos vizinhos comenta:

— Coitada, ela está aprovada. Desde ontem não dão sossego a ela, perguntam o dia todo onde está o seu Simões e se ele vai voltar.

Dona Neusa, quase cho-

rando, pede aos vizinhos para não chamá-la mais em casa. E começa a gritar:

— Não fui avisada de nada, podem acreditar em mim. Não vou tomar providência: se ele foi preso, paciência, é problema dele. Eu é que não tenho nada a ver com a história e não quero aparecer nos jornais.

Mas os vizinhos querem saber onde está Domingos Simões. E discutem sobre as idéias e os negócios do corretor de terras. Um moreno, a barba por fazer, diz que mora ao lado de seu Domingos e acusa:

— Ele é um agitador, comunista mesmo. E, mais do que isso, é um enganador: com dois generais, ele vende terras que não existem em Cuiabá. Isso aqui vira um inferno, é gente reclamando todo dia.

Quem compra essas terras, na Chapada dos Guimarães, município de Cuiabá, em Mato Grosso, leva um recibo com essas indicações: "proprietário: general João Pedro Gay; concessionários: general Nairo Villanova Madeira e Domingos



Simões. Escritório: rua Ana Cintra, 251 — telefone: 51-1154, São Paulo.

E o vizinho continua contando:

— Nesse negócio tem muita gente grossa metida. O velho Simões é amigo de muitos oficiais, gente importante. Há uns dez dias, sabe quem esteve por aqui? O Ademar de Barros, em pessoa.

São onze e meia da manhã e da esquina da Avenida São João, vem um homem de cabelos brancos, bem vestido. O vizinho comenta baixo:

— Olha só quem vem aí. É o coronel Rolim, velho amigo do Simões.

O coronel Rolim de Moura, homem de confiança de Ademar de Barros, entra na casa, procurando por Domingos Simões e sai, comentando:

— É, o Simões sumiu mesmo.

Os vizinhos continuam comentando:

— Isso aí é um escritório clandestino. E ninguém pense que o velho Simões caiu numa armadilha dos estudantes que entregou o sítio achando que era um piquenique. Eu já o vi conversando com uns trinta estudantes dentro de seu escritório.

Mas, um outro vizinho, o Rafael, não concorda:

— Ele emprestou o sítio, porque tem bom coração. Ele não sabe negar nada a ninguém. Se tiver cinco mil no bolso e seus amigos estiverem sem dinheiro, ele é capaz de repartir tudo como um irmão.

Logo surgem acusações contra Rafael, "um sujeito

inteligente, mas que não é muito bom da cabeça":

— O Rafael defende o Simões, porque é agitador também. Já esteve preso duas vezes por ser comunista. Ele se finge de louco e faz agitações. Ele até trabalhou muito tempo com o Simões.

Mas o Rafael, sem ouvir essas acusações, continua defendendo Domingos Simões:

— Olha, se ele não aparecer logo, vou procurá-lo. Estou com muita pena de dona Neusa, sem amparo e com dois filhos pequenos.

Durante todo o dia de ontem, muita gente ficou na porta da casa número 251 da rua Ana Cintra, esperando que Domingos Simões aparecesse. Dona Neusa, trancada num quarto com seus dois filhos, aparecia às vezes na janela para ver se havia alguma notícia dele. Mas, aparecia sempre com medo, fugindo de fotografias, evitando dar qualquer declaração:

— Vocês, tenham paciência. Eu não sei de nada mesmo.

## MUITO DEPOIS DO CONGRESSO, MAIS DOIS ESTUDANTES PRESOS

Eram duas e meia da tarde, quando o delegado Dario Barreto Filho, da 23.a Circunscrição Policial, de Perdizes, recebeu um telefonema avisando que um carro estava abandonado há 4 dias na esquina da rua Atibaia com a rua Caiuby. Ele mandou dois investigadores para o local.

O carro estava mesmo lá: um jipe novinho, da Guanabara, chapa 18-0447. E dentro dele os investigadores acharam várias cópias de alguns impressos, além de um mapa da cidade com alguns pontos assinalados. O achado foi levado para a delegacia; o jipe ficou onde estava — só que os investigadores tiraram uma peça — o cachimbo do distribuidor — para que ele não pudesse andar.

Na 23.a, os impressos foram examinados, e o delegado considerou-os subversivos, determinando aos seus agentes que voltassem para buscar o jipe.

Quando os dois investigadores estavam chegando, encontraram dois rapazes tentando ligar o motor do jipe. Aí, foram todos para a delegacia.

Um dos rapazes chama-se Antônio Araujo Santos, tem credenciais do jornal *Tribuna da Imprensa*, do Rio, e diz ser correspondente na Assembléia Legislativa do Paraná. O outro chama-se Newton Leão Duarte, estuda Engenharia na PUC do Rio. O jipe é do pai dele.

Diz o delegado: "Os impressos que encontramos no jipe são bem parecidos com o bilhete que os assassinos do capitão Charles Rodney Chandler deixaram ao lado do corpo. Eles também falavam em Vietnã e em imperialismo norte-americano. Precisamos mostrar esses dois rapazes ao filho do capitão, para ver se ele os reconhece como os assassinos".

Antônio se defende: "Eu não tenho nada com isso. Sou repórter da *Tribuna da Imprensa* e vim a São Paulo para cobrir o Congresso da UNE. Fui para Ibiuna e estive preso no DOPS até a manhã de domingo. É fácil comprovar isso: basta telefonar para o DOPS e ver se eu não estava no Congresso da UNE quando a polícia chegou, às 9 da manhã. Logo não era possível eu estar aqui às 8, quando o capitão foi morto".

Diz Antônio que após ter sido libertado no DOPS foi para o CRUSP, saber o que os estudantes achavam do que havia acontecido. Lá, conheceu Newton na hora do almoço e juntos vieram para a cidade, pegar o jipe que havia deixado na porta de um colégio dominicano. Então, apareceu a polícia.

Newton também se desculpa: "Vim a São Paulo para conhecer umas indústrias, porque estudo Engenharia. O jipe eu deixei diante do colégio na noite de sexta-feira; ele não estava lá há 4 dias, conforme dizem. Fui domingo de manhã ao CRUSP e conheci o jornalista. Vínhamos conversando. Ele tinha estado no Congresso da UNE e eu estava curioso; querendo saber o que tinha acontecido lá. O mapa encontrado no jipe de fato era meu, mas não fiz nenhuma marca nele. E na hora que mataram o capitão norte-americano eu estava no colégio, dormindo".

O delegado quis saber por que o jipe havia ficado estacionado na porta do colégio. Newton disse que seu carro tinha estado numa oficina, fazendo a revisão dos 4.500 quilômetros. E que, ao sair no sábado, não precisando dele, deixou-o estacionado ali na esquina. Disse também que quem levou o jipe para a revisão foi um amigo seu, chamado José Gradel — que tinha deixado seu endereço com os donos de uma oficina: rua Guarará, 522. Mas o delegado telefonou para lá, e alguém disse que não conhece nenhum José Gradel.

Entregaram Antônio e Newton ao DOPS. Quando eles iam para lá, os investigadores ainda resolveram levá-los até a casa do capitão Chandler; mas o filho do capitão está doente e o cônsul norte-americano não permitiu que ele visse pessoalmente os dois rapazes presos. Os investigadores tiveram de contentar-se em mostrar fotografias dos dois; e o menino disse que não foram eles que atiraram em seu pai.

O jipe com chapa da Guanabara estava parado numa rua das Perdizes há três dias e os vizinhos avisaram a Polícia. Os investigadores encontraram panfletos, que o delegado considerou subversivos. Quando os policiais voltavam para buscar o veículo, encontraram dois rapazes tentando colocar o motor em movimento. Os dois foram presos, o delegado acha que eles estão até envolvidos na morte do capitão Chandler. Os rapazes desmentem tudo.

**Dr. Pedro Ayres Netto**

CIRURGIA — CANCER  
GINECOLOGIA — PARTOS

Consultas: das 15 às 18 hs.  
Pça. Mal. Deodoro s. 324, 1.º  
Telefone: 51-7879 - Res.: 81-2988.



# ÊSSE ESTUDANTE DA FEI ESTÁ CONTRA A MINORIA



José Ferraz Ferreira Filho, 22 anos,  
é candidato a presidente  
do Diretório Acadêmico da FEI e acha  
que os democratas devem agir.

Amanhã, na Faculdade de Engenharia Industrial, os alunos estarão reunidos para eleger a diretoria do Diretório Acadêmico. E a partir de hoje, uma das chapas — Nova FEI — vai começar a fazer uma grande movimentação dentro da escola, com panfletagens e comícios para apresentar sua linha política.

José Ferraz Ferreira Filho, presidente da chapa, diz que se está preparando para "formar um grupo democrático que demonstre à opinião pública que de forma alguma os estudantes estão de acordo com os movimentos que estão sendo desencadeados em seu nome:

— Se vencermos as eleições, pretendemos levar essa luta adiante nas demais faculdades, pois é preciso que os democratas saiam da comodidade e lutem contra os que pretendem fazer da classe estudantil um meio para agitar o País. Nós começamos essa luta há quatro anos, quando éramos poucos — e surgiram os diretórios pela Lei Suplicy — e vencemos com chapa única.

José Ferraz diz que não tiveram muito apoio na época, porque o centro acadêmico continuou funcionando, mas conta que o movimento vem crescendo muito, e atualmente já está com 500 dos 3 mil alunos da escola.

— Não somos políticos, não sabemos fazer demagogia. Queremos apenas sacudir essa meninada que até agora está acomodada.

A propaganda política feita por José Ferraz, conhecido como Bugre dentro da FEI, afirma que "urge a real tomada de posição quanto aos fatos que assolam a vida universitária do País, e não mais podemos faltar com o nosso dever cívico de participar ativamente em prol da coletividade feiana".

— Dia 15 de outubro você deverá escolher: ou permitir que uma pequena minoria organizada leve oficialmente o nome de nossa faculdade em solidariedade às entidades extintas pelo governo, não representativas de nossos estudantes, ou organizar-se, cerrando fileiras em favor de um DA que realmente se preocupe com as nossas verdadeiras necessidades. Ou compactuar com pelegos militantes em ex-UNEs ou ex-UEEs, ou hipotecar solidariedade a um grupo que sem demagogia se propõe a lutar pela solução de nossos problemas internos.

— Devemos dar o "basta" àqueles que até então enganaram a opinião pública, falando sem nossa autorização e em nosso nome. Assim, devemos unir-nos para demonstrar nosso repúdio às falsas posições e construir um novo DA, que zele pelos nossos interesses e não sirva de instrumento aos elementos profissionais da política universitária.

## † A família de **Octávio Nunes Sousa**

convida seus parentes e amigos para a missa de 7.º dia, que fará celebrar terça-feira, dia 15, às 9,30 horas, na igreja São Geraldo, Largo das Perdizes.

## † A Família de **ALICE MARCONDES GUIMARO**

MISSA DE 30.º DIA

Convida os parentes e amigos para assistirem à missa de 30.º dia, que fará celebrar TERÇA-FEIRA, dia 15 do corrente, às 9 horas, na Igreja São José, à rua Dinamarca (Jardim Europa).

Por mais este ato de religião e amizade, antecipadamente agradece.

LEIA E ANUNCIE  
NOS CLASSIFICADOS DO  
JORNAL DA TARDE

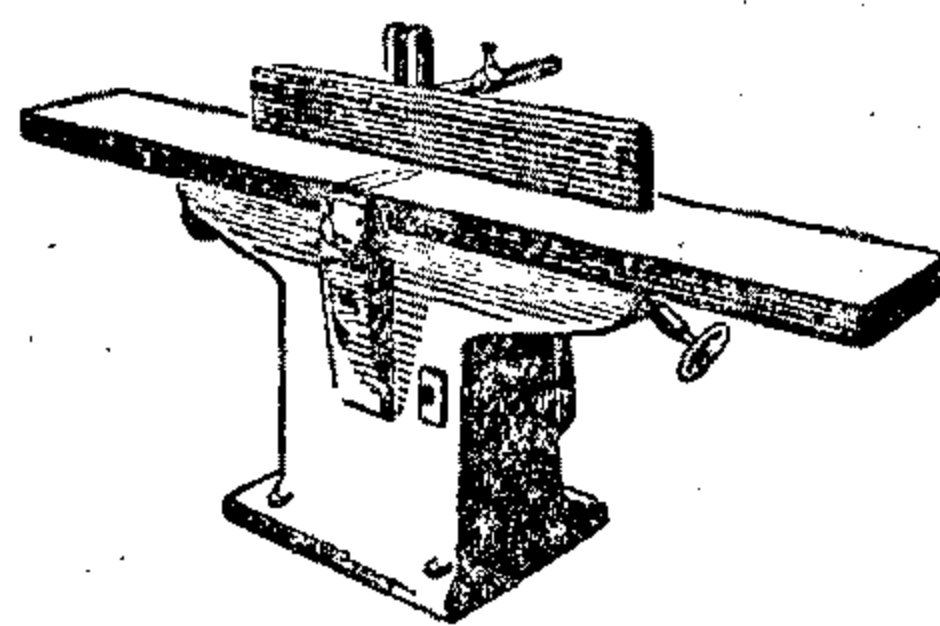
## † MARECHAL MAURÍCIO JOSÉ CARDOSO

O Conselho Superior do Círculo Militar de São Paulo, participando com profunda mágoa o falecimento do antigo e valeroso Cmt. da 2.ª R.M.

## MARECHAL MAURÍCIO JOSÉ CARDOSO

ocorrido no Rio de Janeiro a 12 do corrente, convida as autoridades, amigos e associados da Entidade para a missa de 7.º dia que será celebrada na Sede do Círculo Militar às 10 horas de sábado, 19 de outubro.

### DESEMPENADEIRA



1400 x 320 mm  
1800 x 350 mm  
2200 x 420 mm

Distribuição de  
**A. CARDOSO S.A.**  
COMÉRCIO E IMPORTAÇÃO  
R. Florêncio de Abreu, 227 a 231  
Tels. 239-4044 e 239-3390  
Caixa Postal 3763 - São Paulo  
Rua Saldanha Marinho, 295  
Tels. 9-8316 e 8-5511/2 - C.P. 1120  
Campinas - Estado de São Paulo



O ministro da Educação, Tarso Dutra, disse ontem que não haverá prorrogação do ano letivo para que sejam completados os 180 dias de aula exigidos pela Lei de Diretrizes e Bases. A prorrogação era permitida até o ano passado, mas, este ano, o presidente Costa e Silva baixou um decreto proibindo, a para desencorajar as greves. A UFRJ está estudando a possibilidade de prorrogação para que seus alunos não percam o ano letivo mas o ministro diz que tudo terá de ser feito dentro da lei.

## GREVE NO RIO PODE SER DECIDIDA HOJE

**L** — Os estudantes do Rio prepararam-se para ir à greve, talvez a partir de hoje; os professores, que ontem encerraram o seu I Fórum — convocado para o estudo de problemas educacionais, no Rio — discutem se deixam ou não de dar aulas, também a partir de hoje.

— “Vamos parar, mas sem sair das escolas”, propôs o professor Florestan Fernandes, discursando no Fórum. Os professores cederam o tempo de sua conferência final, ontem, a quinhentos rapazes e moças, para que eles pudessem discutir.

A proposta de greve, feita pela ex-UME, será discutida hoje pela manhã nas assembleias que serão realizadas em todas as Universidades do Rio: a Federal, a PUC e a UEG.

O auditório do Colégio São Vicente de Paula, onde foi realizado o I Fórum dos Professores Universitários (dias 11, 12 e 13), quase não deu para os que compareceram à conferência final. O debate começou num ambiente enfumaçado, as janelas foram fechadas por causa do frio. Luis Felipe, um professor secundarista de pouco mais de trinta anos, o foi o primeiro orador: denunciou, num discurso violento, o relatório Meira Matos e a 8.a Reunião dos Exércitos Americanos como “os passos decisivos no esquema governamental de prisão dos líderes estudantis”.

— Há muito tempo — disse ele — a ditadura observa a ausência de condições políticas dos estudantes e explora como pode essa fraqueza.

Ele propôs, ao encerrar seu discurso, que, este ano, o “Dia do Professor” (amanhã) fosse comemorado com uma concentração, em frente ao Ministério da Educação, contra o fechamento do congresso da ex-UNE.

O professor Florestan Fernandes, que falou depois, exaltou os estudantes, “os únicos a lutar contra o governo”. Fez uma rápida análise do movimento estudantil:

— Se houve muitos erros na forma de dirigir a luta, o saldo positivo é ainda maior. O papel deles continua a ser representado, mas é preciso que a população atenda ao apelo. Se não há Exército que derrote o povo, não há contingente estudantil que derrote um Exército.

Florestan pediu aos professores que lutem para que as entidades estudantis, todas fechadas, sejam reabertas.

Ao final, foram publicadas as conclusões a que chegou o I Fórum dos Professores. Uma delas: “O governo representa uma orientação política conservadora e autoritária, que o inspira a banir os estudantes e suas organizações da ordem legal, bem como a reprimir pela violência todas as manifestações de interesse educacional ou de luta pela democracia”.

**2** Três advogados vão defender os estudantes presos. Marcelo Alencar veio ontem do Rio especialmente para trabalhar pelos líderes cariocas, e Dácio de Arruda Campos e Aldo Lins e Silva vão defender os outros. Mas eles dizem que nada podem fazer enquanto não souberem como a polícia vai agir, e só tomarão qualquer iniciativa depois de estudar bem a situação.

Os advogados acham mais difícil a defesa de alguns estudantes que estão com prisão preventiva decretada, mas consideram que para os outros casos cabe a impetração de habeas-corpus. Dácio de Arruda Campos, para explicar seu ponto de vista de advogado de defesa, afirma:

— O fato atribuído para a prisão não constitui crime, conforme o artigo 150, parágrafo 8 da Constituição Federal, que assegura a todo o indivíduo o direito de reunir-se, desde que sem armas. Cerca de apenas 20 líderes e alguns estudantes com passagem pela polícia deverão ser mantidos presos, porque não há condições para manter 700 pessoas detidas.

Ontem, parentes e amigos dos estudantes presos não puderam ficar em frente ao DOPS e ao Presídio Tiradentes, porque a Força Pública isolou todo o quarteirão onde ficam os prédios. Foi cancelada até a visita aos presos comuns.

Marcelo de Alencar diz que manteve contatos com vários setores políticos e ficou sabendo que a maioria dos estudantes será libertada ainda hoje; os líderes, todavia, deverão continuar presos. O advogado carioca, que é defensor de Wladimir Palmeira, não conseguiu falar ontem com o diretor do SOPS da Polícia Federal, nem com o do DOPS, mas deverá encontrá-los hoje pela manhã. Ele afirma que, se houver muitas dificuldades, falará diretamente com o secretário da Segurança Pública.



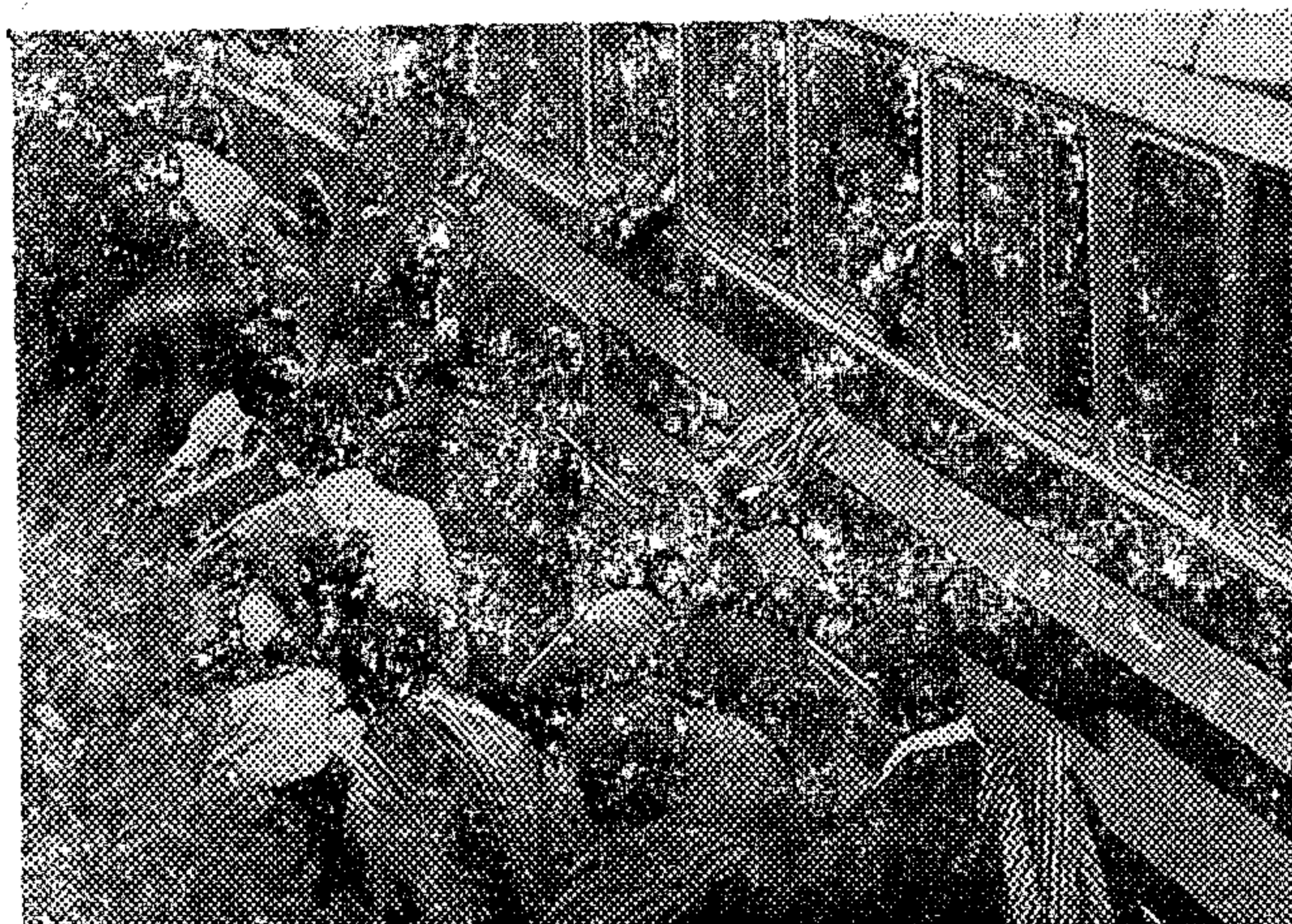
Depois da prisão dos líderes, os outros ainda decidem o que fazer



### BATALHA ESPACIAL NO SALÃO DA CRIANÇA

A Shell, sempre prã frente, inaugurou seu “Stand” Século XXI no Salão da Criança. Como em todas as suas promoções — e nessa em especial — a Shell dedica grande atenção às crianças e aos jovens.

Agora, numa adaptação do antigo jogo “Batalha Naval” e, mais de acôrdo com o espírito da época, lança uma nova atração para a garotada, a “Batalha Espacial”, que pode ser travada no interior da astronave ontem inaugurada, logo à entrada do Salão da Criança.



Ministro Tarso Dutra: “Mais importante s é



General Peri Beviláqua, ministro do Superior Tribunal Militar: “Está havendo caprichos de ambos os lados”.



Ministro Tarso Dutra: "Mais importante que a prisão dos líderes é a aplicação da reforma universitária".

General Peri Beviláqua, ministro do Superior Tribunal Militar: "Está havendo caprichos de ambos os lados"

## Como os outros receberam a notícia

Os estudantes que participam das agitações e que não vieram para o congresso ficaram meio desanimados com a prisão de seus líderes. Mas dizem que o movimento estudantil não será interrompido.



Em todo o Brasil, determinados meios universitários receberam "com desânimo" a notícia do fracasso do XXX Congresso da ex-UNE e da prisão de seus principais líderes. Os estudantes mineiros, por exemplo, estavam preocupados, principalmente, em saber se seus dois mais importantes dirigentes estavam presos: o ex-presidente do DCE, Jorge Batista Filho — que tinha alguma possibilidade de ser eleito presidente da ex-UNE — e Waldo Silva, presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia. Em Brasília, os companheiros dos participantes do Congresso afirmavam que esta foi "a primeira derrota" do movimento estudantil depois da morte de Edson Luís, em março deste ano, no Rio; acrescentavam, todavia, que não acreditam na quebra do movimento estudantil, que, segundo asseguram, já conseguiu um bom nível de organização, por intermédio dos grupos de trabalho constituídos nas faculdades. No Rio, o ambiente era o mesmo.

O ministro da Educação, Tarso Dutra, que viaja hoje para Paris a fim de representar o Brasil na assembléia geral da UNESCO, não sabia, até ontem à tarde, da prisão dos participantes do Congresso da ex-UNE. Ao ser informado, por um repórter, afirmou:

— Mais importante que a prisão dos líderes é a aplicação da Reforma Universitária, que o presidente da República já assinou e que está sendo posta em execução, por etapas. Afinal, se os estudantes pediam tanto as reformas, agora, que elas vieram, não terão mais motivos para reclamar. Seria uma incoerência da parte deles.

### Em Minas

Os companheiros dos líderes mineiros esperavam a divulgação da lista completa de presos para saber se seus dois representantes estavam entre eles. Os que ficaram em Belo Horizonte marcaram para hoje realização de assembléias gerais em todas as escolas para discutir a possibilidade da realização de manifestações de rua, de protesto pelas prisões. Uma convocação foi tentada, sábado à noite, quando se realizava uma hora-dançante, na Faculdade de Direito, mas isso não deu certo: quem estava no DA preferiu dançar.

O reitor da Universidade Federal de Minas, professor Gerson Boson, divulgou um manifesto condenando a invasão da Faculdade de Filosofia, há uma semana, quando em seu prédio estava sendo realizado um congresso preparatório para o Congresso da ex-UNE. O reitor marcou também uma reunião com todos os diretores de Faculdades para hoje às 14 horas, para o estudo das medidas que poderão ser tomadas.

### Em Brasília

Assim que tiveram conhecimento da prisão dos participantes do congresso da ex-UNE, estudantes brasilienses

saíram às ruas, no sábado à noite, distribuindo panfletos, realizando comícios-relampagos e arrecadando bônus "para a libertação dos colegas presos". Nessas manifestações, dois estudantes filhos de deputados foram presos: Alvaro Lins Cavalcanti Filho (seu pai é Alvaro Lins, do Mdb do Ceará); e Geraldo Gurgel Mesquita Junior (seu pai é Geraldo Mesquita, da Arena do Acre). Foram presos por oficiais do Exército e, até ontem, não se sabia onde estavam. Na madrugada de domingo, um grupo pichava os muros da avenida W-3; na ocasião, apenas um estudante foi detido: Antonio José Neiva, que está na Polícia do Exército.

Está marcada para as 10 horas de hoje uma assembléia na Universidade de Brasília, quando serão discutidas as posições de dois grupos: um defende a idéia de amplas mobilizações, passeatas, e não quer que o movimento fique restrito a manifestações isoladas; vai propor, até, a realização de uma passeata amanhã à tarde. O outro grupo acha que, antes disso, a Federação dos Estudantes Universitários de Brasília precisa ser reorganizada, pois tem um só diretor em liberdade. A eleição da nova diretoria será no final do mês. Além disso, esses estudantes argumentam contra a realização de passeatas afirmando que a própria arquitetura da cidade facilita a repressão, "e ninguém é suicida". Entre os possíveis candidatos à presidência da FEUB, os estudantes citam os nomes de Paulo Speller, sobrinho do ex-presidente Castelo Branco, e Lenine Bueno Monteiro, que provavelmente foi preso em São Paulo.

### As opiniões

O senador Mário Martins, do Mdb da Guanabara, está em São Paulo, e disse que viria de qualquer maneira, mesmo que entre os presos não estivesse seu filho, Franklin Martins, líder estudantil carioca. Afirmou que quem assiste a tudo "das galerias", como ele, superestimou o movimento estudantil, que não é tão forte como parecia.

O general Peri Beviláqua, ministro do Superior Tribunal Militar, disse, no Rio, que a ex-UNE deve ser reabilitada, e não execrada. Para ele, há caprichos de ambos os lados: "Os estudantes insistem em não permitir o desaparecimento da sigla que se tornou conhecida durante grandes campanhas; o governo teima em não tolerar o funcionamento da organização".

— Mas os jovens — acrescentou — conforme preceitua a própria Constituição, têm direito à reunião, desde que não estejam armados. O que aconteceu em São Paulo foi mais um capítulo lamentável. Se a ex-UNE foi realmente dominada pelos comunistas durante um certo período, isto não quer dizer que se deva proibir suas atividades.

# ERA O WLADIMIR, QUE CORRRIA PELAS RUAS



Choveu muito durante a semana. Na estrada que leva ao sítio Murundu havia muita lama. Os soldados e investigadores estavam cansados, sujos de lama e desanimados. Eram 4 horas da madrugada de sábado. O ânimo voltou quando acharam a kombi dos estudantes atolada. Entre os presos havia uma môça paraplégica (foto pequena, acima).



Lá em Ibiuna, os soldados não conseguiram reconhecer Wladimir Palmeira. Na avenida Tiradentes, um dos estudantes pula por uma janela do ônibus e sai correndo. Quase imediatamente, os soldados descobrem, correm atrás dêle e vão prendê-lo logo depois. Os investigadores do DOPS apareceram também, algemam o rapaz forte, sem camisa, e têm uma surpresa: era Wladimir Palmeira, o 1.º a entrar no Presídio Tiradentes.



Quando o comboio entra na avenida Tiradentes, um estudante forte pula pela janela de um dos ônibus e corre, mas os soldados logo percebem:

— Pára, pára, tem um fugindo.

O ônibus pára. Os soldados correm atrás do môço, conseguem prendê-lo. Policiais do DOPS chegam logo depois, algemam o estudante e fazem uma descoberta:

— É o Wladimir Palmeira.

O comboio que trouxe os estudantes da fazenda de Ibiuna para São Paulo — oito ônibus e dois caminhões da Força Pública — parou na frente do Presídio Tiradentes às cinco horas da tarde. Duas peruas brancas e pretas seguiram então para o DOPS, onde chegaram quatro minutos depois.

Na perua da frente, investigadores do DOPS. Na detrás, o delegado Paulo Bonchristiano, dois policiais com metralhadoras e três líderes estudantis: José Dirceu, Luís Travassos e Antonio Ribas.

Os policiais e os estudantes descem depressa, entram em uma porta do DOPS. José Dirceu ainda tem tempo de dizer aos jornalistas:

— Não estou prêso, não me considero prêso. Isso tudo é uma grande injustiça.

Na porta do Presídio Tiradentes, os estudantes começam a descer de um caminhão. A maior parte dêles tem um cobertor sôbre a costas. Nas mãos, malas grandes e pequenas. Nos rostos, ar de fadiga e apreensão.

Os môços pulam para o chão e começam a caminhar por um corredor formado por 16 soldados que seguram seus fuzis com as duas mãos. Um estudante olha para cima, vê um placa grande, sôbre o portão verde de ferro: "Reforma do Presídio Feminino — Plano de Amparo Social — Maria do Carmo de Abreu Sodré".

Três policiais saem com Wladimir Palmeira pelo portão verde. Wladimir, o primeiro a entrar, tem um blusão nas mãos. Os policiais o levam para um Volks verde, parado em uma rua próxima. Manobram rápido e seguem pela avenida Tiradentes, na direção do DOPS.

Os estudantes continuam descendo de frente ao presídio, agora de um ônibus. Uma môça que observa tudo se agita quando vê um môço loiro descer. Tira seu poncho marrom-claro, grita para o loiro:

— Divaldi, Divaldi, leva isso para se agasalhar (estica-lhe o poncho).

O estudante faz que não com a cabeça,





A maior parte dos estudantes estava dormindo. Outros tomavam café. Quando ouviram os tiros e a voz de prisão, foram saindo devagar, sem reação. A primeira providência da polícia foi revistar a todos, ver se portavam armas. Depois, os líderes foram separados dos outros. José Dirceu, presidente da ex-UEE, tentou esconder-se mas um delegado o reconheceu e o pôs junto do grupo dos líderes.

## ELAS QUERIAM AJUDAR

Um grupo de senhoras da União das Mães de São Paulo Contra a Violência foi ontem ao presídio Tiradentes e ao DOPS, levando cobertores e comida para os estudantes presos. Mas os policiais tinham ordens para não deixar ninguém entrar.

Mais de 30 representantes da União das Mães de São Paulo contra a Violência chegaram às 22,30 horas de ontem ao Presídio Tiradentes, levando agasalhos e alimentos para os estudantes presos. Elas foram atendidas pelo coronel Antônio Ferreira Marques, comandante da Força Pública. Ele disse que lamentava muito, mas não podia fazer nada:

— Os estudantes estão aqui na Força, mas sob custódia do DOPS.

Em companhia de Dalila Aiex Alves, representante da União, e de Nair Campos, mãe de um estudante preso, o coronel Marques telefonou para o delegado Ruy de Ulhoa Canto, do DOPS. Ele disse que não seria possível nenhum contato com os estudantes, nem mesmo para entregar os cobertores, conservas, frutas e chocolates que as mães levavam.

Elas, entretanto, continuaram muito tempo em frente ao presídio e distribuíram nota dizendo que há uma comissão recebendo adesões e ajudas no Teatro de Arena. Um mani-

festo das mães foi distribuído na porta do Presídio Tiradentes e em outros pontos da cidade.

As mães tiveram permissão para ficar ao lado da porta do Presídio, na área que está interdita pela Força Pública: ninguém pode passar nos passeios da Avenida Tiradentes, no trecho entre a Praça Coronel Fernando Prestes e a rua Afonso Pena. Há cordas dos dois lados e uns 30 soldados da Força Pública, alguns da cavalaria, estão cercando o local.

Um pouco assustadas com a polícia e com a imprensa, as mães conversam pouco. Elas lamentam as prisões e contam que seu movimento foi fundado "depois da violência policial na invasão da Universidade de Brasília".

Depois do presídio, as mães se dirigiram ao DOPS, onde o investigador Novais também conversou com o delegado Ulhoa Canto e nada conseguiu dele.



O loiro se embarça, pára e explica à dona do poncho que todos têm agasalhos. A fila de estudantes pára. Um soldado reclama. O loiro segue, entra no presídio sem olhar para trás.

Com o poncho sob o braço, a mãe explica:

— São Abel, Divaldi e Newton, os três únicos representantes da Economia da USP no Congresso. O apelido do Newton é Che, mas é só por causa da barba comprida.

A quatro metros do portão do presídio, o coronel Divo Barsotti, comandante do 7.º Batalhão Policial, está falando sobre a operação de cerco aos congressistas da ex-UNE:

— Ninguém apanhou. Dei ordens expressas ao meu pessoal para não bater. Só a sentinela deles, que ameaçou atirar em nós com uma arma, levou uma coronhada.

O coronel sai para confirmar o número de estudantes presos. Volta e conta:

— São setecentos e vinte. Mas entre eles estão alguns jornalistas, uns dez.

Entre os jornalistas que estavam no congresso a serviço de revistas e jornais, estão: Antonio Benevides (Manchete), Bohas Boudokan (Fôlha da Tarde), Vilmar Amaro (Última Hora), Eduardo Pinto (Jornal do Brasil), Nilo Martins (Veja) e Ricardo José Delgado (Jornal do Comércio), de Recife.

Um ônibus com moças estudantes avança e pára na porta do presídio. Uma estudante pede para mandar um telegrama e, com sinais, mostra o número, dizendo 30.555 que está tudo bem. Outra começa a rasgar um papel datilografado. Uma terceira tem uma dúvida:

— É para descer com a bagagem ou deixa esse treco aqui?

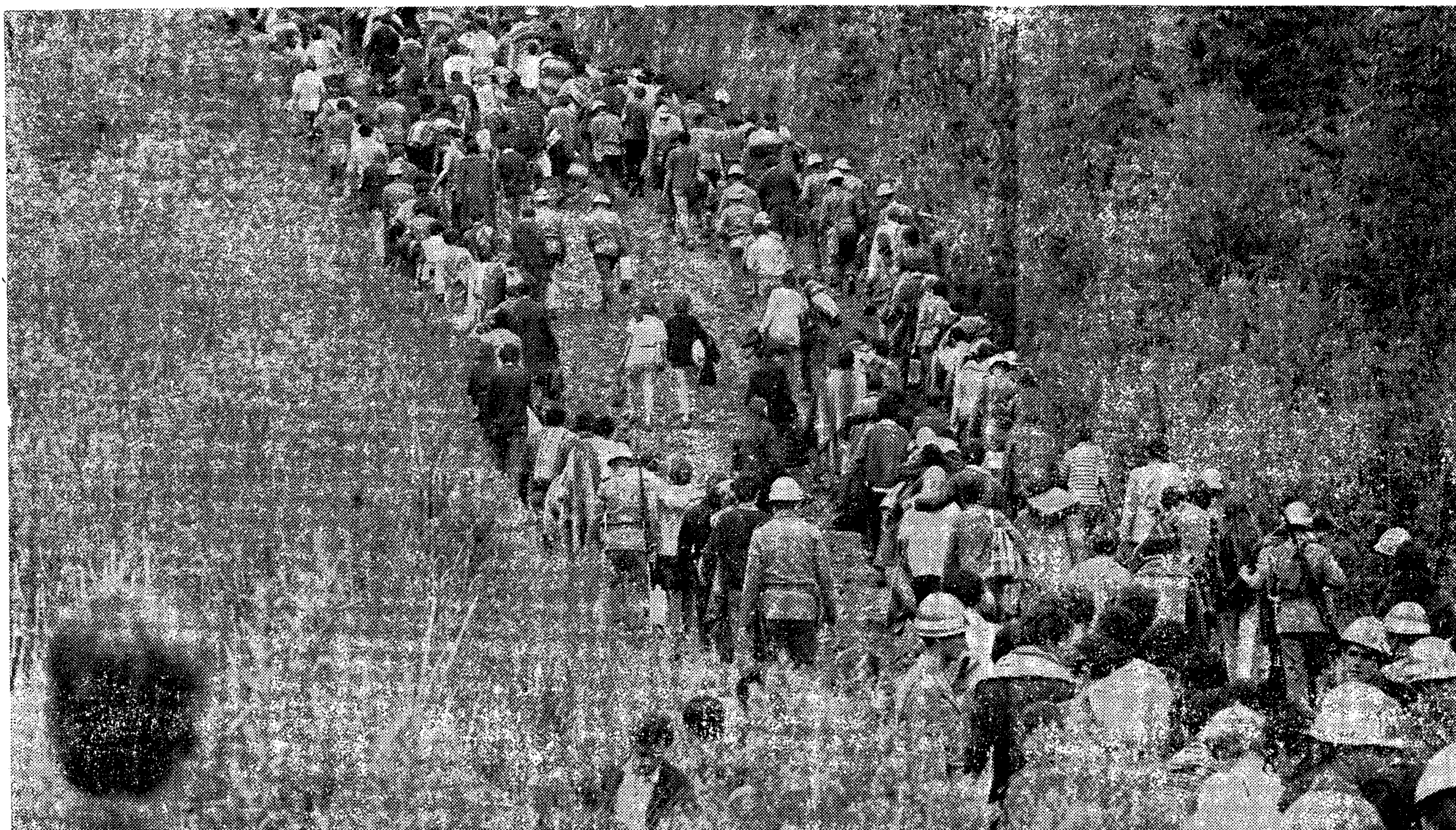
O trânsito na avenida Tiradentes está congestionado por causa do isolamento da pista onde o comboio parou. Os soldados do Batalhão Policial de Sorocaba começam a subir nos ônibus das empresas Santa Rosália e Barcelona, que trouxeram os estudantes e agora estão vazios.

Às seis e quinze o portão verde de ferro se fecha. O último ônibus se afasta e na calçada, ao lado do presídio, os jornalistas ficam estudando o que fazer para libertar seus colegas, que foram a Ibiuna cobrir o congresso.

Dentro do presídio, o diretor, Rafael Liberatore, dá ordens para alojar os 716 presos — quatro estão no DOPS — nas 17 celas do Pavilhão 2, que estavam vazias. Em uma hora e quinze, a população carcerária do Presídio Tiradentes subiu de 500 para 1.216 presos.

Rafael Liberatore começou a preparar as celas às onze horas, quando um delegado do DEIC o avisou de que os estudantes presos em Ibiuna estavam sendo levados para lá. Uma das primeiras providências de Rafael: pedir para o diretor da Casa de Detenção aumentar as rações de comida que manda para o Presídio Tiradentes todos os dias.





# No CRUSP, assembléia

Sem liderança efetiva, depois da prisão de seus colegas que participavam do congresso em Ibiuna (foto), 500 universitários reuniram-se no CRUSP ontem, e resolveram marcar outra assembléia para quarta-feira. Ficará então decidida a maneira de protestar.



Cerca de 500 estudantes fizeram uma assembléia ontem no CRUSP: brigaram muito pela liderança do movimento estudantil e marcaram outra assembléia para quarta-feira no mesmo lugar. Catarina Mello não conseguiu impor sua liderança e perdeu com sua f... de organi-  
manif.

riam assumir a liderança do movimento estudantil em São Paulo. Eles criaram os Comitês de Defesa da ex-UNE, lançaram um manifesto e diziam: "Organizemos a defesa da UNE em cada escola, em todos os Estados. Organizemos em todos os locais Comitês de Defesa da UNE, procuremos o apoio e a solidariedade de todas as forças popula-

Os homens da segurança que avisa-



30.º Congresso da ex-UNE.

Eles falam em continuar a agitação: na assembléia que pretendem realizar quarta-feira vão decidir uma passeata, depois de estudado o trabalho de mobilização, hoje e amanhã, nas faculdades. A proposta é de Bernardino Figueiredo, presidente do Grêmio da Filosofia:

— O movimento estudantil sofreu um grande golpe com a prisão das lideranças principais e intermediárias. Precisamos retomá-lo e o faremos, primeiro em nível das faculdades e, depois, em termos de manifestações de rua. O movimento está desorganizado, precisamos de tempo para colocá-lo em ordem.

Paulo de Tarso, da Executiva da ex-UNE, assumiu a presidência da assembléia e foi logo dizendo que a comissão de segurança não teve culpa nenhuma no fracasso do Congresso. Ele acha que toda culpa cabe à imprensa que começou a dizer que o congresso seria realizado no Interior. Quase todos foram contra essa afirmação, dizendo que houve mesmo desorganização.

A divergência e briga dos estudantes bem antes da assembléia: Catarina Melloni e João Carlos Figueiroa que-

das lideranças compativas que estão em liberdade e chamados de oportunistas muitas vezes.

Pelo menos nas primeiras horas, a liderança ficou para Paulo de Tarso e Bernardino Figueiredo. Eles abriram a assembléia, receberam uma comissão do Sindicato dos Têxteis, apenas uma, que protestava contra a repressão ao congresso, falaram da necessidade da organização do movimento dentro de um tempo razoável e ganharam o apoio dos quase 500 estudantes.

Como todos os membros das diretorias da ex-UNE e ex-UEE-SP estão presos, várias propostas surgiram para se estabelecer uma forma de direção para as entidades. Ao final, ficou decidido: uma coordenação geral em nível nacional e outra em nível estadual. Um manifesto do Movimento Universidade Crítica, liderado por Edson Soares, passou de mão em mão e foi bem recebido. Ele diz: "É preciso medir onde estavam os erros, quais os fatores que precisavam ser vencidos para permitir um novo avanço da luta. A importância que a reação dá à UNE é sinal que ela tem sobre os ombros uma responsabilidade que não permite mais improvisações".

**Os moradores que foram à padaria e não encontraram mais pão reclamaram do padeiro, que nada podia fazer. Mas os boatos começaram: chegaram ao delegado e até ao DOPS.**



Ibiúna, cidade pequena,  
nunca tinha vendido  
tanto pão. Quando vendeu,  
o povo desconfiou.

Ao comprarem NCr\$ 200 de pão, quase toda a produção local, deixando grande parte dos moradores de Ibiúna irritada e insatisfeita por não ter pão para comer, os estudantes acabaram de chamar as atenções sobre si e sobre o 30.º Congresso da ex-UNE.

Mas desde o começo da semana passada havia um clima estranho em Ibiúna — cidadezinha tranquila de apenas 6 mil habitantes. De repente, sem que ninguém soubesse de onde, muita gente tinha aparecido. E gente esquisita, que não podia ser da região: rapazes cabeludos e barbudos, mocinhas de calças compridas.

— Esses rapazes e essas mocinhas, quando iam à cidade, compravam demais. De uma vez, levaram NCr\$ 40 de cigarros; de outra, NCr\$ 200 de chocolates. Mas terem acabado com o pão da cidade foi o pior de tudo — segundo Alceu de Moraes, um guarda-noturno de Ibiúna:

— Isso provocou uma confusão danada. Os que ficaram sem pão foram reclamar com o padeiro; o padeiro disse que nada podia fazer. Daí, a história começou a andar: foi parar nos ouvidos do delegado, nos do prefeito — e acabou vindo parar no DOPS, aqui em São Paulo.

Em Ibiúna, pensavam até num movimento de proporções maiores. O delegado Otávio Tralhe de Camargo imaginava algo pior:

— Sabe o que eu pensava que fôsse inicialmente? Guerrilheiros, gente que queria usar a serra de São Sebastião para a prática de guerrilhas. É, esses moços foram muito imprudentes.

Houve muitas falhas na organização desse 30.º Congresso. Uma delas, talvez a maior, foi comentada pelo coronel Divo Barsotti, da Força Pública:

— Tanto os rapazes quiseram se esconder que acabaram entrando numa ratoeira. Onde é que já se viu fazer um Congresso proibido num lugar como esse, onde não existe possibilidade alguma de fuga? Onde só existe uma estrada, o resto é serra? Enfim, onde tudo era contra e nada era a favor?

Para os organizadores do Congresso, a denúncia à Polícia partiu de algum agente secreto infiltrado entre eles. Mas observaram-se muitas falhas, especialmente no sistema de segurança. Durante a noite, vários jornalistas chegaram bem perto do lugar onde estavam os estudantes reunidos. Um dos carros de reportagem teve um pneu estourado bem perto das sentinelas avançadas. O motorista trocou o pneu, com os jornalistas conversando em voz alta. Não houve nenhum alarma, nem foi notada a presença de jornalistas.

Durante a ida das tropas para o sítio Murundu, as sentinelas avançadas saíram correndo pela mata — esquecendo-se de dar os sinais convencionados. Nenhum dos membros da Segurança do Congresso foi preso, apesar de perseguidos pela Polícia: todos conseguiram escapar.

Depois da prisão dos estudantes, quando eles estavam em longas filas para serem revistados pelos policiais, alguns reclamavam:

— A segurança? Olha, não existe qualificativo para esses covardes que pensaram só na pele deles, sabendo que muitas pessoas iriam ser presas. Há momentos que fazem a gente pensar: será que os membros da segurança não seriam aliados do governo?



*Arquivo de Notícias*

# Estudantes do Paraná foram soltos e retornaram ontem

## Na Relação de Presos Estão 45 do Paraná

Já se encontram em Curitiba 44 dos estudantes paranaenses presos em São Paulo, durante o congresso da UNE, depois de quatro dias na Prisão Tiradentes, em companhia de mais de mil estudantes brasileiros. Somente dois paranaenses não foram libertados, porque não ouviram seus nomes quando foi feita a chamada para as últimas declarações no DOPS paulista; estes, deverão chegar hoje ao Paraná.

Entre os universitários libertados, estão o presidente da União Paranaense dos Estudantes, Stênio Sales Jacob, e presidente do DCE da Universidade Federal, Jurandir Rios, presidentes de vários Departamentos acadêmicos e delegados de praticamente todas as Faculdades, além de várias moças. Entre estas, a ex-«mais bela universitária do Paraná», Cecília de Cristo.

Segundo os estudantes, que vieram para Curitiba em ônibus especial, juntamente com

o delegado da Dops paranaense Osias Algauer, o tratamento que tiveram na prisão em São Paulo «não foi dos melhores, embora nenhuma violência tivesse sido cometida pela polícia». No início, não havia cobertores e o frio era muito, principalmente à noite; a alimentação também era péssima e não havia assistência médica para os estudantes doentes. Estas foram as razões para uma greve de fome que fizeram, em protesto para melhorar as condições da prisão e também para que fosse suspensa a incomunicabilidade em que estavam, pois os advogados não tinham permissão para chegar até eles. A greve de fome deu resultado, disseram eles, pois foram fornecidos cobertores e assistência médica. Mas a incomunicabilidade continuou.

O congresso não havia sido realizado, afirmaram os estudantes paranaenses. As reuniões e debates deveriam ser iniciados no sábado, com a eleição da nova diretoria da

UNE, quando foram surpreendidos pelos policiais e soldados. Era madrugada do último sábado e não havia condições para resistência a prisão. Para eles, «o grande exemplo foi dado pelas moças, que demonstraram firmeza muito grande, além de muita serenidade».

Partindo de Ibiúna, onde se realizava o conclave num sítio próximo a pequena cidade, foram transportados por ôniibus e caminhões. Chegando em São Paulo, foram alojados na Prisão Tiradentes, ficando sessenta estudantes em cada cela, esta, para eles se poderia comportar quarenta pessoas. Das celas saíram para serem interrogados pela Dops. Mesmo assim prosseguiram na realização do congresso tendo sido eleita uma diretoria provisória que será responsável pela organização do próximo encontro. E afirmaram que «o congresso interrompido prosseguirá nas salas de aula, em todas as escolas, devendo os delegados

encaminhar relatórios quando houver o próximo».

Contestando as afirmações das autoridades paulistas, declararam que só havia estudantes em Ibiúna, com exceção dos jornalistas que tiveram autorização para realizar a cobertura. Os delegados eram os mesmos eleitos para os congressos regionais, realizados em diversos Estados brasileiros com esse objetivo. Agora, com os líderes nacionais do movimento presos, sendo difícil sua libertação, disseram os paranaenses que «o movimento continuará, pois foi somente interrompido». Para eles, «a repressão não abalou o movimento estudantil nem a UNE».

Na noite de ontem, uma «assembleia popular» foi realizada na sede do Diretorio Central dos Estudantes da Universidade Federal, com objetivo de estudar a nova situação estudantil. A assembleia, estiveram presentes muitos dos estudantes presos em São Paulo, que relataram aos colegas os acontecimentos.

Fontes ligadas à União Paranaense dos Estudantes informaram ontem que entre os 1.200 líderes presos em São Paulo, encontram-se 45 universitários do Paraná. Entre eles estão Stênio Jacob, presidente da UPE, Cecília de Cristo, recentemente eleita «A mais Bela Universitária» e vários outros, cujos nomes não foram revelados pelos dirigentes universitários que desejam manter a relação que têm em seu poder no maior sigilo. Em todas as Faculdades foram realizadas assembleias gerais para definirem a posição da classe ante os últimos acontecimentos. Após várias horas de debates resolveram voltar às ruas através de passeata iniciada na concentração realizada na Praça Tiradentes. Não houve qualquer repressão por parte da polícia, mas informa-se que três estudantes foram detidos. (1.ª pág. do 2.º cad.).

*Diário do Paraná 15-10-63*

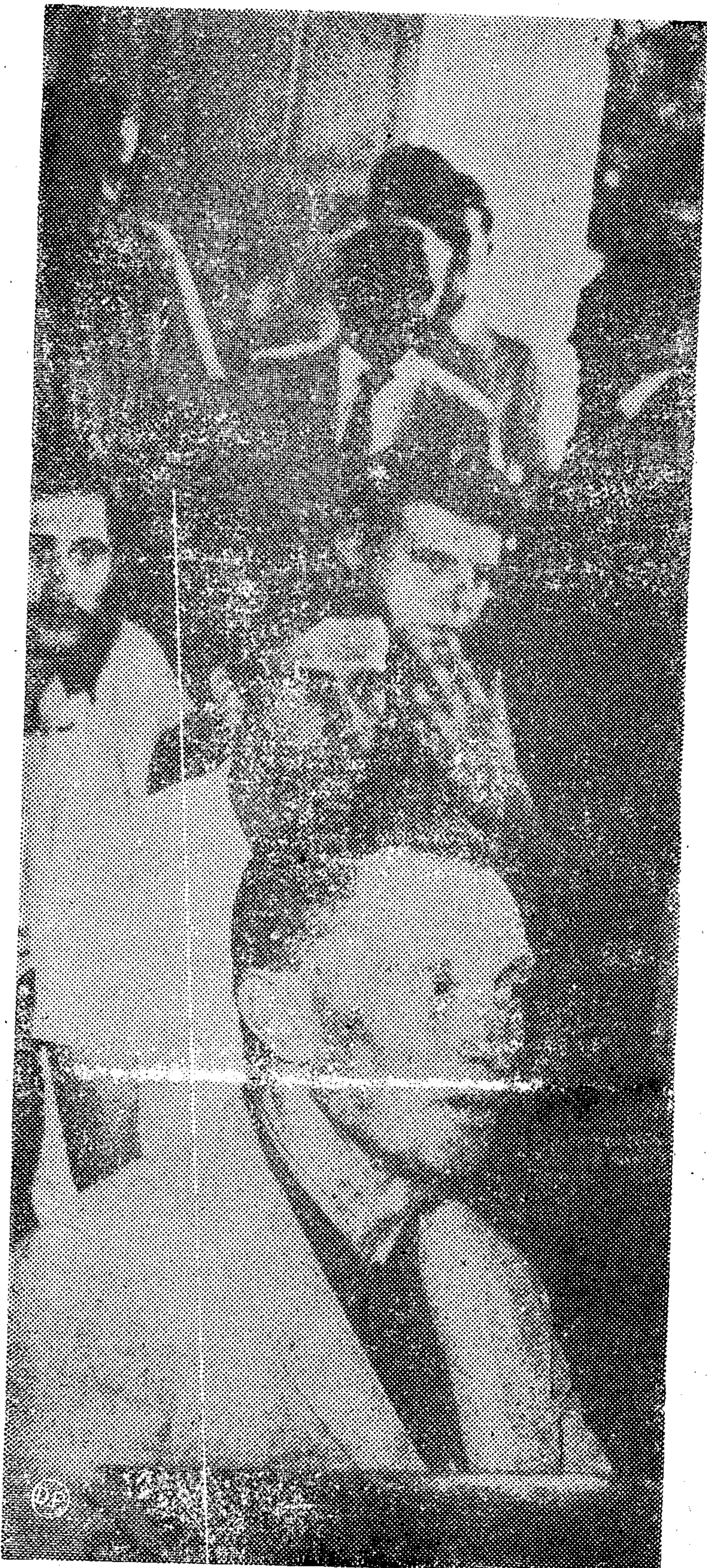
*Ar 2312-100*



135

# O ROSTO DE DEPOIS

*Diário do Paraná 12-2-59*



O sr. Jacob Neufeld alugou a chácara para a UNE reunir-se aqui. A Auditoria ouviu seu depoimento. (1ª/2ª).



11 2311 200

Diário do Paraná 30-10-68

# MINORIA ESTUDANTIL QUER SAIR EM PASSEATA HOJE

Mesmo sem organização efetiva, devido ao recesso universitário decretado em algumas escolas, as lideranças estudantis prometem sair hoje às ruas, em passeata de protesto, que se iniciará na praça Santos Andrade, às 17 horas. Ontem à noite, os universitários tiveram nova assembléia e a resolução tomada foi a de realização da passeata, embora com muitas discordâncias e divisões de opiniões, pois muitos não achavam a hora própria para manifestações.

Um dos sete universitários que têm sua prisão preventiva decretada em São Paulo, Berto Luiz Curvo, foi visto ontem em plena atividade, no Diretório Central de Estudantes. Embora cercado por uma comissão de

“segurança”, o estudante nada quis dizer sobre o paradeiro dos outros seis, que também estão com prisão preventiva decretada, mas “garantiu que ninguém os importunará, porque estão em lugar seguro”.

### Manifesto

Os professores distribuíram ontem um manifesto, esclarecendo que nenhum filiado à “Associação dos Professores do Paraná”, está autorizado a participar da passeata e que nenhum professor é reconhecido como manifestante integrado ao meio estudantil.

### Recesso

Continua em apenas quatro Faculdades — Odontologia, Medicina, Filosofia e Engenharia — o recesso

universitário, decretado pelos próprios diretores desses estabelecimentos de ensino superior. As demais Faculdades da Universidade Federal do Paraná, terão aula normal durante o dia de hoje e amanhã. Com os feriados de 1.º e 2.º, voltarão à Faculdade somente na próxima segunda-feira.

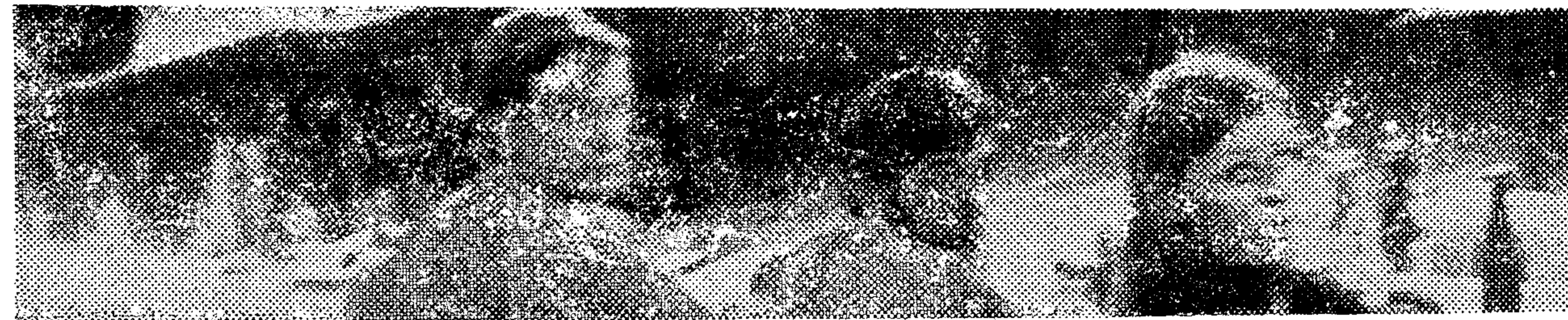
Nas Faculdades da Universidade Católica a orientação recebida é de que o “calendário escolar deve ser cumprido na íntegra e rigorosamente”, havendo aula normal na sexta-feira e o feriado estendendo-se apenas ao sábado — dia de Finados. Em colégios particulares não haverá aulas na 5.ª, sexta e sábado, cumprindo determinações do Ministério de Educação e Cultura.



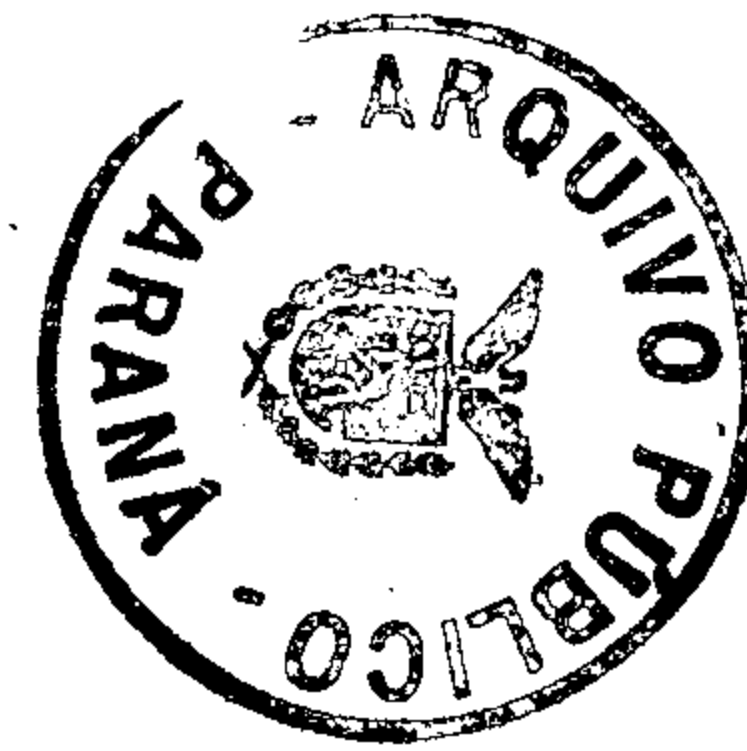
136

PT 2813-260

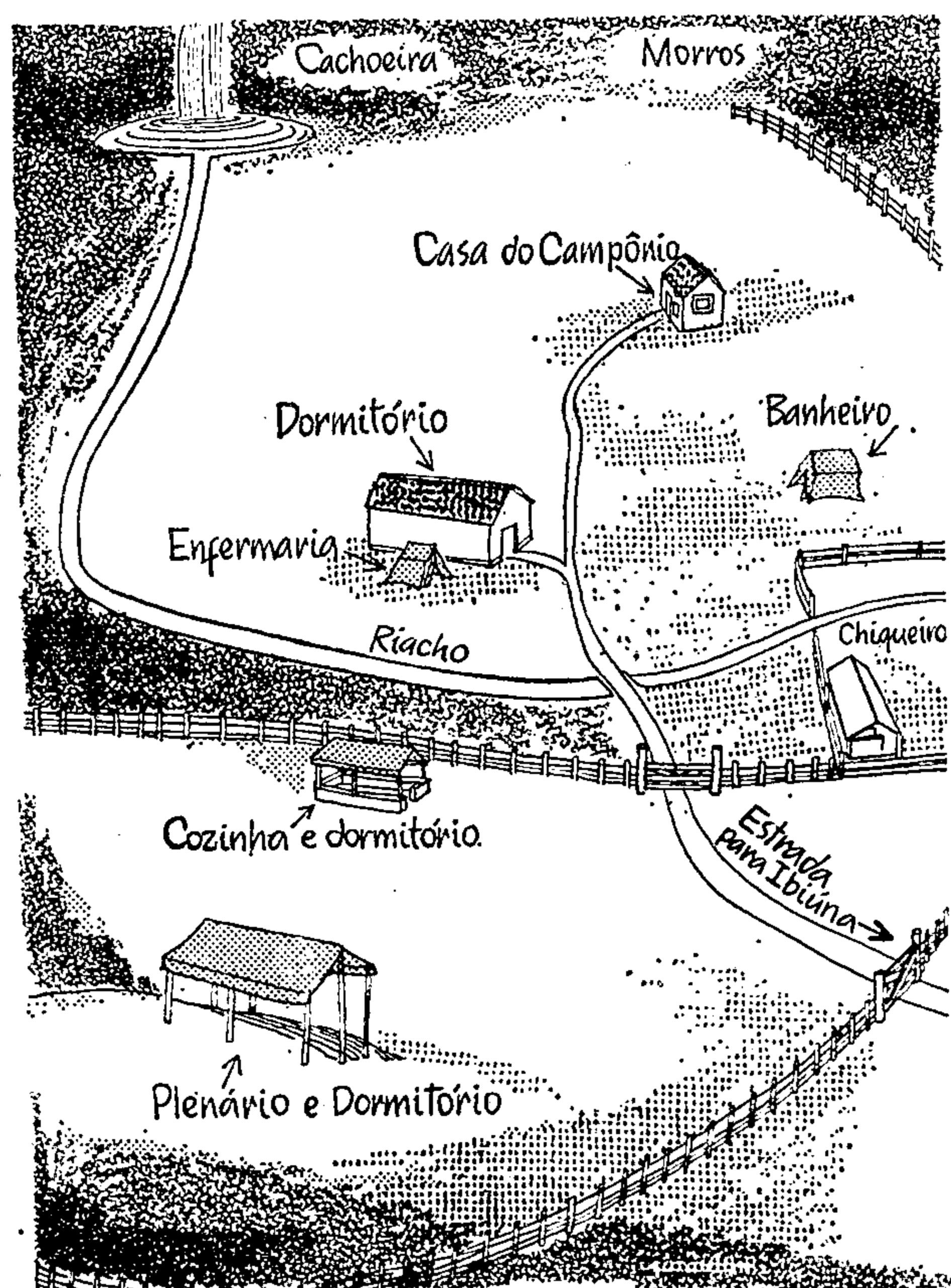
# ESTUDANTE



Vitório Sorotiuk fo eleito ontem presidente do Diretório Central da Universidade Federal do Paraná, com uma diferença de 74 votos do outro candidato, Elói Pieta, atual presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia. O novo presidente do DCE é aluno da Faculdade de Direito, onde obteve 565 votos, dos 574 que votaram. Para a União Paranaense dos Estudantes, foi eleito o estudante Berto Luiz Curvo, também da Faculdade de Direito e candidato da situação, derrotando o oposicionista José Carlos Zanetti, da Faculdade de Engenharia.







# O CONGRESSO, ANTES DA POLÍCIA



Era proibido bater palmas, porque elas poderiam ser ouvidas: quem quisesse manifestar-se no plenário tinha que estalar os dedos. Havia pouca comida: o prato diário era feijão com batatas. Dormir era muito difícil: quem ficava na fila da comida dificilmente conseguia um lugar para deitar. A solução para o sono era o revezamento: às três da manhã os que dormiam eram acordados para darem lugar aos que estavam em pé, escondendo-se da chuva. Texto de Sérgio Rondino.

O 30.º congresso da ex-UNE começou na noite de quinta-feira. Ainda faltavam muitos delegados, mas a maioria dos que já haviam chegado não quis esperar mais: ninguém tinha condições físicas para passar de domingo, na situação em que estavam. Algumas bancadas chegaram a ameaçar: ou o congresso começava ou elas se retirariam.

Para evitar isso, a diretoria da ex-UNE abriu a sessão plenária inicial. Mas as condições do local prejudicaram e influenciaram todas as decisões, até a manhã de sábado, quando a polícia invadiu o sítio. O plenário era uma tenda improvisada ao pé de um morro, recortado em degraus, onde todos se sentavam. Não havia proteção dos lados e choveu durante quase todo o tempo. No início, os degraus de terra estavam todos cobertos de plástico, para que ninguém se sujasse. Na quinta-feira, quem quisesse ficar ali tinha que tirar os sapatos, que eram embrulhados em folhas de jornal. Na sexta-feira, quase ninguém se preocupou com isso: a chuva e a lama já haviam tirado qualquer possibilidade de limpeza. Na frente dos degraus, uma pequena mesa foi colocada para a diretoria dirigir os trabalhos. Era quase impossível ouvir o que se dizia: mesmo gritando, os oradores precisavam repetir várias vezes suas palavras, por causa do barulho da chuva que caía na lona do teto. O mais difícil era aguentar o frio, que não parou desde o início. Todos ficavam enrolados em cobertores, durante todo o tempo.

A maior preocupação estava na segurança do congresso. Por causa dela, quem chegasse ao local não poderia mais ir embora. Até os aplausos foram proibidos, porque podiam ser ouvidos. Quando alguém do plenário queria se manifestar, estalava os dedos.

O plenário era também o principal dormitório. Ali dormiam quase 500 estudantes, amontoados nos degraus, a maioria só com um cobertor, reclamando do chão duro e frio e do vento que não parava. Mesmo assim, era o lugar mais disputado, porque muitos não conseguiam lugar nem para sentar e descansar. Era preciso escolher entre a comida e o sono: quem entrava na fila do jantar, dificilmente conseguia lugar para dormir, pois o plenário já estava completamente tomado.

Na casa, a quase 500 metros do plenário, mais de 200 estudantes dormiam lado a lado, com espaço insuficiente para

Havia comida para todos, sempre quente. Mas ela era quase intragável. O almoço de sexta-feira foi um prato de feijão e uma batata para cada um. O feijão e a batata estavam mal cozidos, mas pouca gente se importou com isso, pois a fome era grande. De vez em quando, o jipe vinha de Ibiuna com bolachas, chocolates e cigarros, que nunca davam para todos.

Tudo isso, junto com o medo de que o local fosse descoberto, acabou prejudicando todos os trabalhos do congresso. Os últimos delegados chegaram na tarde de sexta-feira. As bancadas dos 18 Estados que participaram ficaram assim: Rio Grane do Sul — 26 delegados e 4 observadores; Santa Catarina — 11 delegados e 4 observadores; Paraná — 36 delegados e 5 observadores; São Paulo — 106 delegados e 14 observadores; Guanabara — 86 delegados e 7 observadores; Estado do Rio — 10 delegados; Espírito Santo — 10 delegados; Minas Gerais — 56 delegados; Bahia — 36 delegados; Sergipe — 7 delegados e 3 observadores; Alagoas — 1 delegado e 1 observador; Ceará — 23 delegados e 7 observadores; Piauí — 1 delegado; Maranhão — 3 delegados; Pará — 2 delegados; Goiás — 10 delegados e 3 observadores; Paraíba — 3 delegados; Brasília — 8 delegados.

Das duas principais correntes políticas que lideram a luta política dos estudantes esquerdistas — uma com Luís Travassos e outra com José Dirceu de Oliveira e Wladimir Palmeira — uma seria a grande vencedora no 30.º congresso da extinta União Nacional dos Estudantes. As outras correntes, como a liderada por Edson Soares, mais fracas, só conseguiriam influir na decisão, sem chance para disputar o poder na entidade. O que poucos estudantes esperavam é que, depois de um ano de divergências internas, por questões políticas, as decisões do congresso fossem influenciadas pelas condições do local.

Isso aconteceu em prejuízo da corrente de José Dirceu e Wladimir Palmeira. Em maioria na diretoria da ex-UNE, essa corrente ficou encarregada da organização do congresso e da escolha do local. A má organização canalizou para ela as reclamações dos participantes, principalmente dos delegados considerados "independentes", que foram para o congresso sem posição tomada em favor de qualquer um dos grupos e que, na maioria das votações iniciais, acabaram votando com a corrente de Travassos.



com um cobertor, reclamando ao dono que não parava. Mesmo assim, era o lugar mais disputado, porque muitos não conseguiam lugar nem para sentar e descansar. Era preciso escolher entre a comida e o sono: quem entrava na fila do jantar, dificilmente conseguia lugar para dormir, pois o plenário já estava completamente tomado.

Na casa, a quase 500 metros do plenário, mais de 200 estudantes dormiam lado a lado, com espaço insuficiente para esticar as pernas. O lugar era um pouco melhor que o plenário. A proteção contra o frio e o vento e alguns acolchoados espalhados pelo chão melhoravam um pouco as condições do sono. Era na casa também que ficavam os doentes, cerca de 30 estudantes com gripe, fraqueza, intoxicação e até hepatite. Ficaram na casa também todas as malas e materiais trazidos pelos estudantes. A lama não deixou de atingir a casa. Quem vinha de fora, com os sapatos cobertos de lama, sempre levava um pouco para dentro.

Ao lado da casa, uma pequena barraca de lona verde servia de enfermaria. Ali ficavam todos os remédios e um estudante de Medicina, que atendia a todos os que se sentiam mal.

Uma solução contra o sono era o revezamento. Às três da manhã, muitos eram acordados para dar lugar aos que estavam acordados até aquela hora, tentando esconder-se da chuva e do frio nos cantos das barracas ou da casa.

**P**ELAS votações iniciais, parecia possível que José Dirceu de Oliveira e Wladimir Palmeira fôssem derrotados pela corrente de Luís Travassos, ainda que pouca gente acreditasse nisso antes do congresso. Travassos estava conseguindo os votos de muitos delegados considerados "independentes", insatisfeitos com a situação precária do local do congresso, e havia conseguido levar um número de delegados bem superior ao que se esperava.

Nas sessões de quinta-feira à noite e de sexta-feira, os estudantes só conseguiram discutir a composição das bancadas. Isso poderia ter sido feito em menos tempo, mas a rivalidade entre eles acabou tumultuando o plenário. Cada bancada fazia um relatório de seus integrantes e das dúvidas que existiam, com relação à validade ou não do voto de alguns delegados. Para cada problema que aparecia em uma bancada, as posições divergentes apresentavam suas razões e todo o plenário votava.

A diferença de votos era muito pequena, mas Luís Travassos conseguiu ganhar várias dessas votações. A última votação dessa fase das discussões, na sexta-feira à noite, foi a mais importante. Às dez horas da manhã de sexta-feira, por decisão da diretoria da ex-UNE, foi encerrada a entrada de delegados para o congresso. Quem não havia chegado até aquela hora não poderia mais entrar. Mas José Dirceu propôs o contrário: queria que fosse permitida a entrada de vários delegados da bancada de São Paulo, argumentando que eles só não conseguiram chegar ao local por falhas do esquema montado para o congresso. Dizia também que muitos já estavam no CRUSP desde a terça-feira passada e haviam permitido que as conduções disponíveis fossem usadas para o pessoal de outros Estados, que também estavam à espera, apesar de chegarem depois. Assim, achava justo que esses delegados de São Paulo pudessem entrar.

Mas os líderes das bancadas ligadas a Luís Travassos reagiram, argumentando que suas bancadas também estavam sem muitos estudantes que não haviam conseguido chegar, por falhas no esquema: "Se forem buscar os delegados de São Paulo, exigimos que os nossos delegados também venham, estejam onde estiverem" Esses delegados achavam que a proposta de Dirceu, se aprovada, só serviria para aumentar sua própria bancada, pois só haveria tempo e condições para levar ao congresso os delegados de São Paulo e não os de outros Estados.

A votação acabou sendo feita assim: ou entravam todos ou não entrava ninguém. A corrente de Travassos, sem que ninguém esperasse, conseguiu vencer por quase 40 votos de diferença e impedir a entrada dos delegados atrasados, mantendo suas possibilidades de vitória nas votações seguintes.

Havia gente no local do congresso desde o dia 5. Os delegados foram chegando aos poucos. Poucos vieram de avião. A maioria, por falta de dinheiro, veio de ônibus ou trem. Os que vieram do Norte viajaram até cinco dias seguidos para chegar a São Paulo. Muitos causaram confusão no esquema montado pelos organizadores do congresso, porque chegaram com dois ou três dias de atraso e não encontraram mais ninguém nos pontos combinados para encontrar os elementos que os encaminharam ao local do congresso.

Wladimir Palmeira. Em maioria na diretoria da ex-UNE, essa corrente ficou encarregada da organização do congresso e da escolha do local. A má organização canalizou para ela as reclamações dos participantes, principalmente dos delegados considerados "independentes", que foram para o congresso sem posição tomada em favor de qualquer um dos grupos e que, na maioria das votações iniciais, acabaram votando com a corrente de Travassos.

A principal acusação era contra a "burocratização do congresso", que não chegou a ser citada em plenário e ficou nos comentários dos grupos de delegados. Dizia-se que a organização era menos importante do que o fator político, na preparação do congresso e que a corrente de Dirceu e Wladimir tinha feito exatamente o contrário.

Havia críticas também contra a comissão de segurança do congresso, que partiam principalmente dos estudantes ligados à corrente de Luís Travassos. Os elementos da comissão não gostavam das críticas. Diziam que aquilo era "crítica barata" de quem não queria reconhecer o esforço e a dificuldade para poder montar todo o esquema de um congresso para mil pessoas. Diziam também que o local seria o melhor possível se não houvesse a chuva, que abateu o animo da maioria dos participantes.

Foi por causa disso que, na quarta-feira, ainda havia quase trezentos delegados no CRUSP, esperando condução para o local. Com tanta gente chegando ao mesmo tempo, ficou difícil fazer o transporte de todos para Ibiuna.

Os últimos foram transportados na sexta-feira, mesmo depois do início do congresso. Vários automóveis levavam os delegados até a casa encontrada pela polícia, no caminho do sítio. Em Ibiuna, a cada carro que passava, os moradores olhavam espantados, sem saber o que significava aquilo. Chegando à casa, a ordem era descer rapidamente do automóvel e entrar, para evitar que os moradores vizinhos notassem.

Ali, era preciso esperar o caminhão que fazia o transporte do pessoal até um ponto da estrada, de onde não era possível passar de carro sem encalhar na lama. Muitos chegaram a esperar dentro da casa durante 24 horas, sem sair. Da quinta para a sexta-feira, 200 estudantes dormiam lá dentro, amontoados no chão.

Os últimos 30 saíram da casa à uma hora da tarde de sexta-feira. Pegaram o caminhão às pressas, cobrindo-se com uma lona. Depois de doze quilômetros no caminhão, o resto do caminho foi feito a pé. Em vários pontos da estrada havia elementos da comissão de segurança, vigiando quem ia e vinha. Duas horas depois estavam no local.

Durante todo o tempo, até a manhã de sábado, corriam boatos à toda hora sobre as atividades da polícia. A comissão de segurança garantia sempre: "Repressão não chega aqui. E, se vier, todos ficam sabendo disso pelo menos uma hora antes, o suficiente para que todo mundo caia fora daqui".

No sábado, a ordem era começar a sessão plenária às sete da manhã. Quase todo mundo já estava em pé, às seis da manhã, formando a enorme fila para o café e o pedaço de pão. Os boatos eram piores: diziam que a polícia estava rondando Ibiuna e que havia descoberto as compras feitas na cidade. O que mais se temia era uma delação por algum lavrador da região, já que muitos deles passaram várias vezes pelo sítio.

Quando os primeiros tiros da polícia foram disparados para o ar, veio o pânico e a correria. A comissão de segurança ainda teve tempo de reunir a maioria dos estudantes no local do plenário e dar a ordem: "Quem manda aqui agora é a segurança. A ordem é para não resistir, que não adianta".

Em 30 segundos, o acampamento estava cercado pelos soldados, dando tiros para o ar e mandando colocar as mãos para o alto. Muitos conseguiram fugir pelo mato, do lado oposto ao da polícia. Alguns foram alcançados pelos soldados e tiveram que voltar. Os soldados ameaçavam atirar a qualquer movimento. Uma enorme fila foi sendo formada, para que todos fossem revistados. Ao lado do riacho, uma pequena fila foi formada, com cinco estudantes. Entre eles, Luís Travassos, Luís Raul Machado e Wladimir Palmeira.

Os que pediram para pegar suas malas formaram uma enorme fila na direção da casa. Os outros, enrolados em cobertores, foram andando em fila, na direção da estrada. O que ninguém conseguiu entender foi a maneira como a polícia chegou ao acampamento, de surpresa, sem que a comissão de segurança desse pelo menos um aviso. Ninguém sabia explicar isso, nem os membros da comissão de segurança.

Lista:

# XXX Congresso da UNE

FOLHA DE S. PAULO



Terça-feira, 22 de outubro de 1968

## Justiça Militar decreta prisão preventiva de 71 estudantes

O DOPS encaminhou ontem à 2.ª Auditoria de Guerra o processo que instaurou contra os participantes do 30.º Congresso da UNE, pedindo a prisão preventiva de 71 estudantes como incurso na Lei de Segurança Nacional.

No processo, de 1.808 páginas, 200 documentos e 10 fotografias, são indiciados cerca de 700 estudantes. Os 71 cujas prisões preventivas foram pedidas são considerados líderes nacionais do movimento estudantil.

### Os 71 líderes

São os seguintes os que tiveram prisão preventiva pedida:

**De São Paulo:** Carlos Alberto Afonso, Ivo Malerba, Primo Alfredo Brandmiller, José Wilson Lessa Sabbag, Jun Nacabaiashi, Ladislau Rui Ungar Glasiusz, Walter Estevanato Vuolo, Reinaldo Morano Filho, Sergio de Melo Schneider, Romualdo Omorabano Paes de Andrade, Azael Rangel Camargo, José Antonio Adura Miranda, Tito Fernandes Duarte, Percival Menon Maricato, Jurandir Antonio, Milton Tota, Americo Antonio Flores, Fernando Marinho Falcão, Luís Carlos Di Sessa, Rubens Schmidt Weber, Luís Carlos de Freitas e José Roberto Arantes de Almeida.

**Da Guanabara:** Luís Raul Dodsworth Machado, Maria Augusta Carneiro Ribeiro, Reinaldo Felipe Neri Guimarães, Davi Capistrano da Costa Filho, José da Silva Vaz, Pedro Espindola Moreira Filho, Sergio Rubens de Araujo Torres, José Maurício Grabel, Silvio Frank Allen, José Domingos Teixeira Neto, Carlos Bernardo Weiner, Carlos Cefer Tavares, Gilberto Aarão Reis, Maria Helena Malta de Rezende e Marco Aurelio Borba.

**De Minas Gerais:** Valdo Silva, Jorge Batista Filho, José Carlos Mata Machado, Danilo Corata, Marília Pires Fernandes, Cesar Epitacio Maia, João Batista dos Mares Guia.

**Do Ceará:** Bergson Matos Faria, José Genuino Neto, João de Paula Monteiro Pereira, José Arlindo Soares, Innocencio Rodrigues Uchoa, Pedro de Albuquerque Neto, Maria Roque Barreto Cavalcanti, Marco Antonio Holanda Penaforti, Francisco Assis Adraldo, Francisco Inacio Almeida.

**De Brasília:** Paulo Speller, Lenine Bueno Monteiro, Henrique de Carvalho Matos.

**Do Estado do Rio:** Sebastião Carlos Velasco e Cruz, Clarice Chouchol, Ivan Moia Dias, Artur Carlos da Rocha Miller.

**Do Espírito Santo:** Cesar Ronaldo Pereira Lopes.

**Do Rio Grande do Sul:** José Vieira Loguercio e Luís Carlos Prado.

**Do Paraná:** Stenio Sales Jacó, Antonio João Mancio, Elói Alfredo Pieta, Vitorio Sorotliuc, Jurandir Rios Garçon, Luís Curvo e Palmiro Amancio Silva.

Ao ouvirem o nome de seus filhos, as mães caíam em pranto.

No final, a lista que recebeu do secretário da Segurança tinha 24 e não 22 nomes como anunciara a princípio e, de um, constava apenas o prenome.

As mães deixaram o Palácio afirmando que iam procurar o secretário da Segurança e a Polícia Federal, porque continuavam sem saber onde estavam seus filhos.

As mães que foram ao Palácio dos Bandeirantes ontem, eram 13, uma de Brasília, genitora do estudante Henrique de Carvalho Matos, cujo nome consta da lista da polícia como sendo de São Paulo e cuja prisão preventiva já foi decretada. Esta senhora saiu nos braços das outras, sentindo-se muito mal, porque há três dias que não dorme e mal se alimenta.

Das 13 senhoras, 4 eram da União das Mães Contra a Violência, que coordenam os trabalhos de auxílio aos filhos e às famílias. Afirmaram que estão sendo vítimas de "um jogo terrível". Procuravam os filhos na Polícia Estadual e esta informava que o assunto era da alçada da Polícia Federal que, por sua vez, afirmava que o problema era da primeira.

Tinham em mãos o bilhete de um estudante que relacionava o nome de mais sete, afirmando que estavam na 27.ª Delegacia de Polícia, mas não ficariam muito tempo ali, porque a ordem era mantê-los em constante movimento, de uma delegacia para outra, a fim de não serem localizados por suas mães e seus advogados. Foram à 27.ª Delegacia e já não encontraram lá nenhum estudante.

### Um dialogo

O chefe da Casa Militar do governador, aguardando que o secretário da Segurança o atendesse ao telefone, afirmou que o bilhete poderia ser falso, "porque tem muita gente interessada em criar agitação em torno dessa assunto".

«Não é falso o bilhete, respondeu uma mãe. Não posso me enganar com a caligrafia de meu proprio filho».

«E' — retrucou o chefe da Casa Militar — muitos dos estudantes foram para o Congresso da UNE dizendo que iam a um piquenique».

«Mas o caso agora é diferente, temos um bilhete escrito».

«E antes tiveram a palavra de seus filhos, que não estavam dizendo a verdade».

Insistiram as mães na veracidade do bilhete e disseram que o governador poderia ajudá-las e localizar seus filhos. Não entravam no merito das ações que tinham sido praticadas pelos filhos, se eram ou não crimes contra a segurança nacional; queriam apenas saber onde estavam, para dar-lhes assistência familiar e jurídica.

## Hely Lopes: "Não há estudante preso à disposição da Polícia de S. Paulo"

«Não existe nenhum estudante preso, à disposição da polícia de São Paulo» — disse o secretário da Segurança, prof. Hely Lopes Meireles ontem à noite, pouco antes de proferir uma palestra dentro das comemorações da "Semana da Guarda Civil".

«E' bem possível — acrescentou o titular da Segurança Publica — que varios deles, com prisão preventiva decretada, estejam sob custódia em alguma delegacia, à disposição da Polícia Federal».

«E' possível também — aduziu o sr. Hely Lopes Meireles — que varios deles estejam no proprio CRUSP».

### Que violencia?

O secretário da Segurança demorou cinco minutos para atender ao telefone e o chefe da Casa Militar do governador, conversando com as mães, afirmava que compreendia a aflição que viviam pois também era pai, com dois filhos estudantes. Garantiu não existir nenhuma ordem do governador para manter os estudantes presos em constantes movimentações. Perguntou como era o nome do movimento a que pertenciam algumas das senhoras presentes, adiantando ele proprio: «União das Mães...»

«Contra a Violência», acrescentaram as senhoras. E esclareceram:

«Contra a violencia de todos os lados. Da outra vez que estivemos aqui no Palácio, vimos pedir ao governador que nos ajudasse a por fim à luta entre os estudantes do Mackenzie e da Filosofia da USP. Fomos lá como mediadoras, mas, infelizmente, chegamos um pouco tarde».

E depois?, perguntou o coronel.

As senhoras afirmaram que depois do incidente entre estudantes do Mackenzie e da USP, continuaram trabalhando pela pacificação. Têm feito o possível, inclusive convocando para colaborar com elas psicólogos, sociólogos, e outros estudiosos dos problemas da juventude. Compreendem que as reivindicações, quando justas, devem ser defendidas, o que não concordam é com a violencia. Concluíram que também a sua geração tivera problemas com os adultos.

### Carta-aberta

No domingo à noite, após uma demorada assembléia geral das mães na sede da União das Mães contra a Violência, rua Caio Prado, ficou resolvido o envio de uma carta aberta ao presidente Costa e Silva e ao presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Luiz Galotti, e solicitando interferencia a fim de que o paradeiro dos universitários fosse conhecido. Desde 5.ª-feira, quando os estudantes presos em Ibiuna, foram soltos, mães que não puderam ter mais noticias dos filhos estão em vigília, na rua Caio Prado, fazem manifestações e dirigem pedidos, a fim de conhecer seu paradeiro.

Na carta aberta enviada ao presidente Costa e Silva e ao presidente do Supremo Tribunal a União das Mães contra a Violência informa que:

«ocorre um gravissimo fato que levamos ao conhecimento de v. ex.ª, qual seja, o de que os jovens (abaixo relacionados) encontram-se desaparecidos, não dando deles a Polícia do Estado de São Paulo qualquer noticia, seja de liberação ou de manutenção legal de custodia». «Muito embora a Polícia de São Paulo alegue não saber do paradeiro dos mesmos, tem-se seguras noticias de que, sem qualquer nota de passagem, ou deposito, vêm circulando há mais de 60 horas, pelas delegacias da Zona Sul de São Paulo, inclusive as delegacias de Pariheiros, Embú, Sacomã e Campo Limpo, onde são interrogados sob os mais diversos pretextos e sofrem constrangimentos fisicos de toda sorte».

### MANIFESTAÇÃO

Na tarde de ontem, um grupo de mães realizou uma manifestação nas escadarias do Teatro Municipal. Um grupo de senhoras, postou-se de frente para a praça e exibiu cartazes, nos quais se liam frases como estas: «Onde estão nossos filhos?», «Meu filho está vivo», e «Esconderam meu filho». A manifestação durou pouco mais de meia hora.

Mais tarde, divulgou-se uma carta-aberta endereçada à sra. Maria do Carmo Sodré, primeira dama do Estado, vazada dos mesmos termos das duas cartas anteriores.

### A LISTA

A lista de nomes de estudantes desaparecidos é esta:

Sergio de Melo Schneider, Romualdo Paes de Andrade, Azael Rafael Camargo, José Antonio Miranda Adura, Benedito Fernandes Duarte, Percival Menon Maricato, Jurandir Antonio Tota, Fernando Marinho Falcão, Luís Carlos de Freitas, Henrique de Carvalho Matos, Reinaldo Moreno Filho, Carlos Alberto Afonso, Ivo Malerba, Primo Alfredo Brandmiller, José Wilson Lessa Sabbag, Jun Nakabaiashi, Ladislau Oni Ungar Glasiusz, Walter Estevanato Vuolo, Cesar Ronan Pereira Gomes, Americo Antonio Flores Nicolatti.

### 24 nomes

O chefe da Casa Militar do governador começou a repetir os nomes que ia ouvindo do secretário da Segurança.



b6f

# Paralisação Atinge a 60% dos Colégios Oficiais do Paraná

Sessenta por cento dos estabelecimentos oficiais de ensino estão com suas aulas suspensas segundo informam líderes do movimento dos professores. Por outro lado, a mesa da Assembléia Legislativa e a Secretaria de Educação distribuíram, ontem, nota oficial esclarecendo que o Estatuto do Magistério só será examinado após o retorno dos mestres ao trabalho. No fim da noite, a Associação dos Professores do Paraná também expediu documento pedindo auxílio do povo ao seu movimento e afirmando que só voltam após o atendimento das reivindicações. Vários diretores de colégios foram xonerados, inclusive o diretor do Instituto de Educação. Para apoiar os professores, foi instalado em Curitiba o Congresso de Pais, que funcionará enquanto perdurar o conclave dos mestres. Hoje haverá nova reunião, às 20h30m. O Comando da 5.a RM e 5.a DI, em nota oficial esclareceu que o problema dos professores está afeto à classe e ao Governo do Estado e o Exército não tem nenhuma interferência. (1.a pág. do 2.o cad.).

*Paraná Paraná 23-10-63*



*Estado do Paraná 23-10-63*

## Estatuto não sai sob pressão, diz relator

*ONE*

Ao receber ontem a designação para relatar o Estatuto do Magistério na Comissão de Instrução Pública, o deputado Paulo Poli afirmou que não há condições para formular o seu relatório, enquanto perdurar a pressão exercida pelos professores.

O parlamentar, depois de frisar que considera a matéria "ampla, complexa e delicada", afirmou enfaticamente que só relatará o projeto depois que os professores voltarem às aulas. "Não violentarei os meus princípios — disse — pois sob pressão não é possível apreciar — se matérias de relevância de alta indagação".

**O Impasse**

A decisão do deputado Pau-

lo Poli, já considerada irreversível, poderá criar um impasse, uma vez que os professores decidiram voltar as aulas somente depois de terem o seu Estatuto aprovado e sancionado.

O próprio deputado Paulo Poli, entretanto, fez um apelo ontem ao professorado: "Voitem os mestres às suas classes, restabeça-se a ordem e, com a maior boa vontade, formularei o meu parecer, que certamente há de ser satisfatório para os professores, naquilo que eles reivindicam de justo e de equânime".

**As Razões**

Justificando a sua decisão, o deputado Paulo Poli disse que, "além dos fatores já

eludidos, com referência à importância e à complexidade da matéria, considero ainda um ponto, cuja importância é ainda maior. O Legislativo, em seu entender, não pode, jamais, se curvar diante de pressões. Se a Assembléia ceder agora, amanhã virão representantes de outras classes e exigirão, em clima de anormalidade e a toque de caixa, a aprovação de leis de seu interesse.

O parlamentar, depois de frisar que considera justas as principais reivindicações dos professores, acentuou que "tão logo se restabeleça o clima de ordem e tranquilidade, com os professores voltando às aulas, formularei o meu parecer".

# EM CAMPANHA

*Divin do Paraná 13-12-68*



Jean Marc, candidato a presidente da ex-UNE e procurado pela Polícia, veio a Curitiba fazer sua campanha. (Pág. 3).

## “Habeas” Beneficia Estudantes da UNE

Sete estudantes do Paraná, juntamente com setenta e um outros colegas seus, em todo o país — que estavam com prisão preventiva decretada pela Auditoria da 2.ª RM — foram beneficiados com «habeas-corpus» concedido pelo Supremo Tribunal Federal. Dezesseis deles tiveram soltura imediata. Como se recorda, foram aprisionados numa fazenda de São Paulo — Ibiúna — quando participavam do Congresso da UNE. (Páginas 3 e 8).



Apesar de serem procurados pela Policia, com pedidos de prisões preventiva, os líderes da extinta UNE, resolveram efetuar o seu congresso em Curitiba. Dentro de um rigido sigilo, reuniram-se clandestinamente. Mas a policia descobriu tudo.

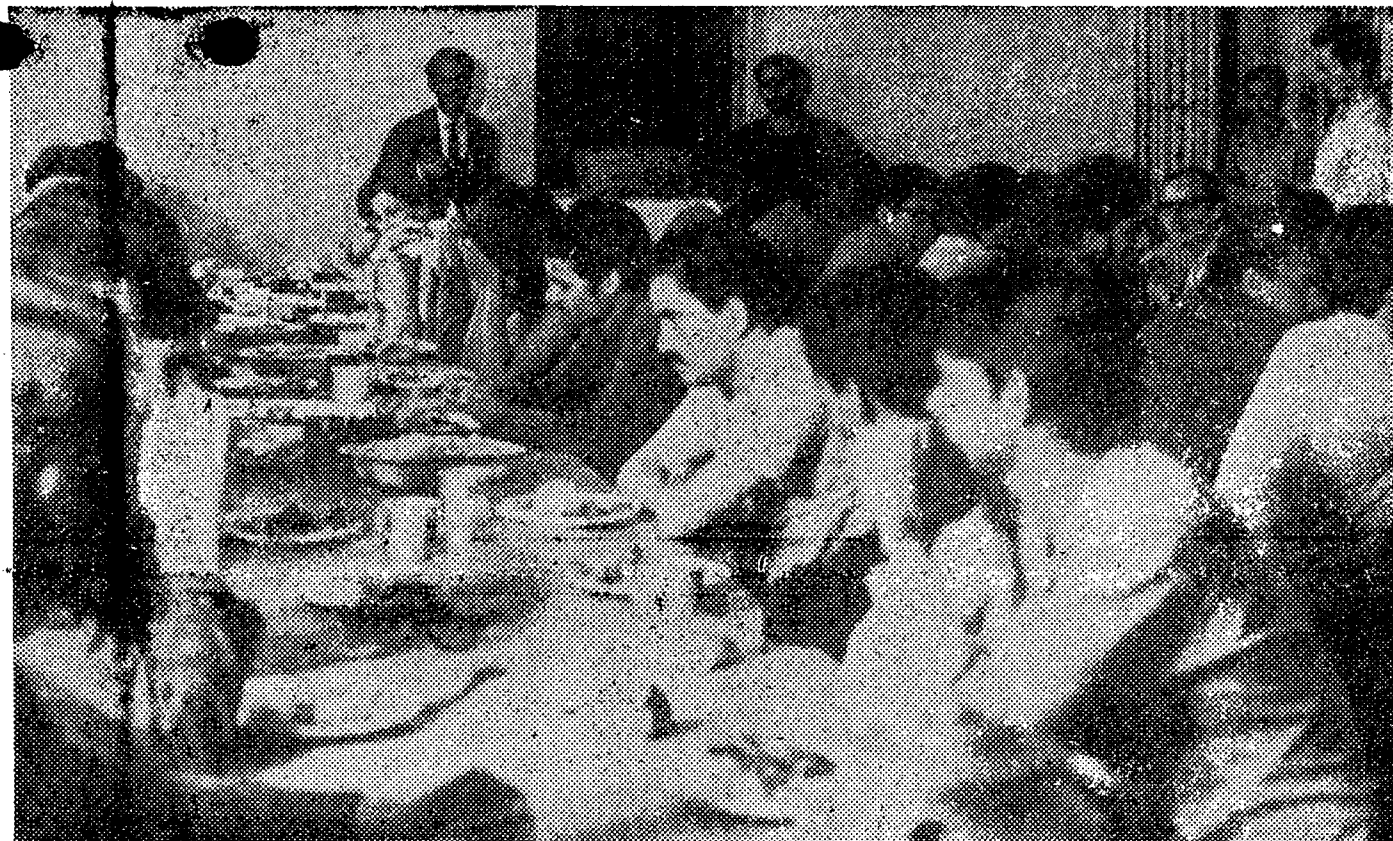


# ERA O CONGRESSO DA EX-UNE MAS TODOS ACABARAM PRÊSOS

Quatrocentos homens da Policia Militar e do Corpo de Operações Especiais «estouraram» ontem pela manhã, em chacara do Boqueirão um congresso ilegal da extinta UNE. As autoridades souberam da reunião momentos antes do encontro, e as tropas deslocaram-se ao local em caminhões frigoríficos, que despistaram a vigilância de

«olheiros», surpreendendo os estudantes, e realizando a sua detenção, sem maiores incidentes. Trinta e sete rapazes e cinco moças participavam do congresso, a maioria pertencente às lideranças dos diretorios academicos, e inclusive os presidentes da União Paranaense dos Estudantes, e Directorio Central da Universidade Federal. Não fo-

ram apreendidas armas mas as autoridades encontraram muito material considerado subversivo, pregando a mudança do regime vigente no País. Os participantes do congresso ilegal foram recolhidos à Prisão Provisória do Ahú, ainda ontem. (Completa Cobertura sobre os ultimos acontecimentos na página quatro)



O LOCAL do congresso era uma chácara no Boqueirão. Foram presos quarenta e dois estudantes, entre os quais vários líderes.

TODOS os detidos foram conduzidos à Prisão Provisória do Ahú, depois de fichados pelas autoridades de segurança.



# Havana manda na UNE

radiofoto upi

Os 40 universitários presos na última segunda-feira quando realizavam, clandestinamente, no Boqueirão, um congresso regional da UNE, obedeciam às diretrizes fixadas pela Organização Continental Latino-Americana de Estudantes (OCLAE), cuja sede é em Havana. Essa é uma das principais conclusões do relatório elaborado pela Polícia Federal sobre o episódio. Documentos apreendidos em poder dos estudantes comprovam que a UNE se vincula à União Internacional de Estudantes, com sede em Praga, mas não age de acordo com as orientações desta entidade, por considerá-la "direitista", enquadrando-se na esfera de influência da OCLAE. O delegado Almir Vilela, responsável pela elaboração do relatório, disse ontem que "a pregação revolucionária marxista-leninista de pretensos líderes estudantis evidencia a existência de vínculos entre a UNE e o movimento comunista internacional, fato que atenta contra a tranquilidade do povo brasileiro. (P. 6).

PT 2313-200

## Restrição Direito do Trabalho 11-12-68 à Ex-UNE

### Incomoda

Os universitários locais, pertencentes ao movimento da extinta União Nacional do Estudantes, estão agindo junto às direções dos estabelecimentos de ensino superior, para saber da veracidade ou não do boato que corre nos meios estudantis sobre a restrição de matrículas para alunos com promessas com a Segurança Nacional, a partir de março do próximo ano.

Nada de oficial foi adiantado, acreditando-se que a medida não tenha sido tomada ainda ontem, no Diretorio Central de Estudantes, houve uma reunião para decidir sobre o assunto. No entanto a decisão foi de que só haverá algum movimento quando a medida for anunciada, se é que ela existe.

## Esquema de subversão tinha apoio de fora

"As agitações estudantis fazem parte integrante de um movimento revolucionário subordinado à Organização Continental Latino-Americana de Estudantes (OCLAE) e vinculada a União Internacional de Estudantes, com sede em Praga". Isso foi o que disse ontem o delegado Almir Vilela, que, a pedido do delegado de Polícia Federal, preparou um dossiê sobre os documentos apreendidos no Boqueirão, com estudantes presos quando tentavam realizar um congresso regional da UNE.

Acertou que a pregação "revolucionária marxista-leninista de pretensos líderes estudantis evidencia a existência de vínculos com o movimento comunista internacional, fato que atenta contra a tranquilidade do povo brasileiro".

#### DUAS FONTES

Um dos documentos apreendidos, com 10 laudas mimeografadas, sob o título "A UNE, a UIE e a OCLAE" consta que a organização nacional é vinculada,

mas diverge da orientação "direitista" da UIE, de Praga, preferindo seguir a orientação da OCLAE, de Havana, entidade que coordena "as atividades das UNES de toda a América do Sul". Basicamente, a atividade da UNE no biênio 68/69 segundo o documento, consta a luta contra a política salarial do governo federal e o "auxílio material à ocupação de fábricas e terras".

Para levar a termo estas e outras tarefas, preconizam os líderes estudantis a criação de grupos de trabalho formados por 5 a 10 elementos, encarregados de promover comícios-relâmpagos, distribuir panfletos e promover pichamentos "sob a égide o povo na luta derruba a ditadura". Em outro documento intitulado "defender a UNE e realizar vigorosas ações de massas", os autores incentivam a classe estudantil a "aprender a lutar e a utilizar todas as formas de luta, inclusive as ações violentas, no próprio processo do movimento de massas".



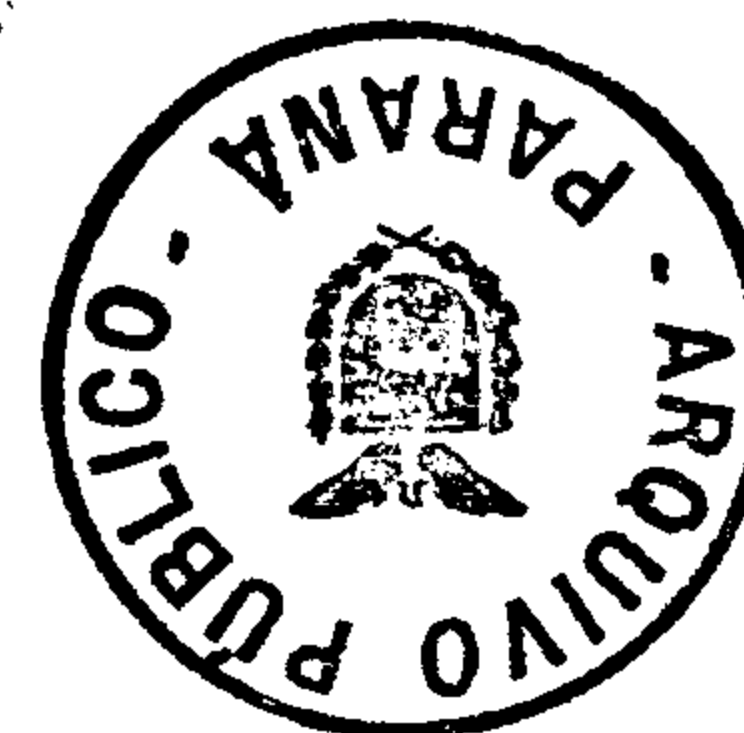
Esquema do Boqueirão 11.12.68

PT 2313.200

Diário do Paraná 10-12-69

143

# PRÁTICAMENTE REPROVADO ESTUDANTE SUBVERSIVO



Os sete estudantes paranaenses que estão com prisão preventiva decretada pela Auditoria da 2.ª Região Militar de S. Paulo não prestaram exames finais, por não poderem aparecer em público e estarem na iminência de serem presos pelas autoridades policiais, especialmente pelo Departamento de Polícia Federal, que está ao encalço dos mesmos.

O plano dos estudantes é de poderem prestar exames de segunda época, pois até lá é bem possível que as prisões já estejam relaxadas. Caso contrário, serão obrigados a perder o ano, por ausência aos exames. Os sete paranaenses foram presos em São Paulo quando participavam do 30.º Congresso da extinta União Nacional dos Estudantes, na Fazenda de Ibiuna.

Consecutivas reuniões estão sendo mantidas pelo Diretório Central dos Estudantes, tendo em vista a impugnação das eleições do DCE, solicitada pela Reitoria da Universidade Federal do Paraná, à comissão de Constituição e Justiça do Conselho Universitário.

Mesmo sem confirmação oficial da Reitoria, comenta-se no meio estudantil uma certa restrição a ser feita no próximo ano, durante as matrículas aos diversos cursos em Faculdades, de elementos que tenham a sua situação comprometida com os órgãos de Segurança Nacional.

# UNE sem cariocas

*O Estado de S. Paulo* 1/10/68

RIO, S. PAULO, BRASIL. — As representações da Guanabara não participarão do congresso Nacional dos Estudantes programado para agosto próximo, possivelmente em B. Horizonte porque estas entidades entendem que o atual presidente da UNE, Luiz Travassos, está tomando posições isoladas, contrárias às condições da diretoria da entidade máxima da classe. O presidente da União Metropolitana dos Estudantes, Vladimir Palmeira em entrevista da Pontifícia Universidade Católica explicou que a reunião do conselho da UNE decidiu que o 30.º congresso da UNE seria em setembro, em local não determinado, mas o estudante Luiz Travassos está querendo realizá-lo, contra a vontade da maioria, no mês que vem. Sobre a ilegalidade deste congresso, Vladimir Palmeira esclareceu que na UNE existem dez diretores. Um está preso, um doente e outro afastado, cinco são contrários a essa reunião de agosto e que somente um está ao lado de Travassos para a concretização deste encontro. Afirmou ainda que o estudante Luiz Travassos está querendo dividir o movimento estudantil que segundo as entidades da Guanabara, será de inteiro a-

... "Apregoa-  
... unidade das ba-  
... concluiu.

Está prevista para hoje na PUC uma assembléia geral dos estudantes para balanço dos últimos acontecimentos e o reativamento da mobilização durante as férias.

## EM S. PAULO

Os professores que desejam ir a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, poderão fazê-lo pela porta dos fundos, que fica na Rua do Riachuelo. Tal medida foi tomada pelos alunos que, aparentemente estão calmos. Disseram que irão avante em sua luta pela reestruturação e pensam em ir procurar os professores que ainda não se definiram, para que o façam cedo possível, isto é, que digam se apoiam ou não as reivindicações.

## MAÇONS

Os maçons de Brasília divulgaram o documento que enviaram ao presidente Costa e Silva, aos presidentes do Superior Tribunal Federal, Câmara e Senado, pedindo, em nome da liberdade as eleições diretas e condenando a violência da polícia nas repressões às manifestações estudantis.





1415

# UNE diz que se Estado - 7 jul 68 reune em agosto

RIO / BRASÍLIA / PORTO  
ALEGRE / BELO

TE, 7 (Transpress)

— A União Nacional dos Estudantes continua aguardando para o mês de agosto, no Rio, a realização do XX Congresso Nacional da entidade, alegando que "aqui existem condições de sustentação e de trabalho politicamente avançado. O presidente da entidade, o estudante Raimundo Mendes, afirmou, porém, que considera o tema-rio aprovado para discussões como "reacionário", pois trata-se apenas da política educacional do governo.

Os dirigentes estudantis já decidiram realizar o Congresso da UNE no Rio. Estão preparando — desde já — o esquema de segurança para os delegados. Dizem os líderes que com isto a Secretaria de Segurança não terá condições de impedir a reunião, pois tem muito trabalho com outras coisas, principalmente com manifestações de rua.

Os representantes dos estudantes no Congresso serão escolhidos em assembleia geral para não dar um cunho de cúpula à reunião, que será fechada e longe da repressão.

#### ENCONTRO

A partir da próxima semana os dirigentes das classes empresariais do País, manterão encontro com os ministros da Fazenda, Planejamento, Educação e Indústria e Comércio com a finalidade de estabele-

cer um entrosamento efetivo entre a empresa privada e a

União Nacional dos Estudantes. Já foi acertada a data do encontro que aqueles dirigentes mantiveram anteontem em Brasília com o presidente da entidade, Raimundo Mendes Silva.

De acordo com a reportagem, o sr. Raimundo Mendes Silva, porta-voz do movimento estudantil, disse que a reunião será a primeira tentativa para a solução dos problemas educacionais do País.

#### REABRIU

Reabriu-se ontem na Universidade de Brasília a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Belas Artes e o Instituto de Belas Artes, que estavam com suas atividades paralisadas há nove meses. O reitor Benjamin Dias colocou em disponibilidade 47 antigos professores dessas unidades e também não renovou os contratos de outros 30. Dêse modo espera a Reitoria dar livre acesso ao novo coordenador, professor Paulo Gonçalves, escolhido pela Comissão de Reestruturação, indicada pelos alunos dos cursos.

#### EM PORTO ALEGRE

A Brigada Militar prendeu 18 estudantes durante a passeata realizada ontem sob os auspícios dos estudantes secundaristas de Porto Alegre. A passeata não alcançou vulto e teve pouca duração, pois foi logo dissolvida por soldados da Brigada Militar a golpes de casquetetes.

## Rubens no hospital

RIO, 7 (TRANSPRESS — O ESTADO) — Continua internado no Hospital Souza Aguiar, o

### CONSORCIO NACIONAL WILLYS

#### Convoca:

Os Srs. consorciados inscritos no Plano "C" do grupo CT-3/3, para a 8.ª (oitava) Assembleia a realizar-se no dia 11-7-68, com início às 20 horas, em sua sede-filial na Rua Barão do Cerro Azul, 185, nesta Capital.

Curitiba, 8 de julho de 1968.  
Willys Administradora e  
Comercial Ltda.

men no Rubens Rodrigues da Costa, de sete anos, filho de Eusébio Rodrigues, residente no conjunto dos Ex-Combatentes e que teve a perna amputada pela explosão de uma bomba, fato ocorrido na Rua Washington Luis. Rubens, conforme se noticiou, passava alguns dias em casa de sua madrinha, residente na rua onde foi acidentado. Segundo funcionário responsável pela limpeza das ruas adjacentes à Praça Cruz Vermelha, o menor chutou um embrulho, ignorando que se tratasse de um pertado. Rubens, entretanto, disse aos médicos que o medicaram que o lixeiro lhe dera o envólucro que caiu explodindo. A verdade sobre o fato está sendo apurada pelo DOPS.



Diário do Paraná - 10 Ago 68

# UNE DIZ QUE "AUTOCRÍTICA" IMPEDIRÁ NÓVO ERRO

A União Paranaense de Estudantes distribuiu ontem, nota da União Nacional de Estudantes — UNE — que se refere à organização do 30.º Congresso Nacional daquela entidade. A nota diz que no «Conselho Nacional da UNE realizado em Salvador, em função de diversas autocríticas anteriores e mais particularmente a autocrítica do congresso nacional de 1967, foram tiradas as linhas mestras para a execução de um congresso de nóvo tipo, que significasse um avanço no movimento estudantil nacional, não cometendo os erros do passado».

«Os congressos anteriores — prossegue a nota — nunca foram preparados nas escolas. Os delegados levavam posições individuais e os estudantes em conjunto eram praticamente esquecidos nessa reunião. Tiravam-se delas planos de luta que poucos delegados seriam capazes de sustentar em suas escolas pois não refletiam as condições específicas que os problemas universitários seriam resolvidos e que se constituiriam em instrumento de mobilização, organização e educação dos estudantes».

## Uma organização

«Face ao avanço organizatório e político — continua a nota — que o movimento estudantil tem demonstrado em suas últimas mobilizações, as suas novas formas de luta, é mister que se faça um trabalho crítico dessas lutas, que se faça com que alcance como um todo a eficácia e a consequência que lhe está destinada como força histórica que é. Neste panorama o 30.º Congresso da UNE, surge, antes de mais nada, como um aprofundamento dos estudantes nos objetivos e formas de luta do movimento estudantil, procurando nacionalmente a sua unificação».

## Grande trabalho

A UNE prova que realmente quer incentivar o movimento estudantil. É o que diz a sua nota: «Assim, o trabalho teórico que se fará no congresso não se confunde com as lutas que o movimento estudantil vem desenvolvendo, mas não se pode desligar

este trabalho das lutas específicas do movimento estudantil, que são os fatores da preparação do congresso, discutindo o seu temário, propondo teses e desenvolvendo os trabalhos de finanças e propaganda que ele exige para a sua realização».

## Povo junto

«Embora — continua dizendo a UNE — seja uma necessidade que o congresso seja divulgado às outras camadas da população, como fato político importante que é, na medida em que significa um avanço na luta dos estudantes, não se deve esquecer que o congresso é também um instrumento de organização dos estudantes, e, da forma que se pretende, um primeiro passo para que a UNE tenha uma estrutura nacional que seja capaz de coordenar o movimento estudantil como um todo. Nesse sentido, o Conselho de Salvador aprovou o temário que vem em seguida com a realização de outras reuniões e a diretoria da UNE formalizou as linhas mestras estabelecidas, marcando o congresso em quatro fases».

## As fases

Segundo a nota, o congresso que a UNE pretende realizar — quer seja no Paraná ou Santa Catarina — seria em quatro fases. «A primeira fase é a de preparação. É a fase mais importante pois dela depende o êxito das outras. Será desenvolvido em termos de aumentarmos o nível político e organizativo dos estudantes, sendo um dos seus objetivos eleger os delegados da forma mais democrática e representativa possível. Consequentemente, deve-se planejar o trabalho das discussões do temário nas aulas, nas aulas e agremiações, procurando nesse processo promover a organização e propaganda que continuará até a terceira fase».

Já a segunda fase, para a UNE será diferente. «A segunda fase será dedicada a encontros regionais. Serão feitos esses encontros onde se fará um balanço do movimento estudantil e se traçará um programa de atuação com a criação de «Regionais

Permanentes da UNE». Nesta fase regional do congresso devem ser apenas apresentadas igualmente propostas concretas da carta política e programa para a UNE, através de discussões em torno do temário. Outro objetivo aos encontros regionais é chegarmos ao encontro nacional com as posições amadurecidas e com problemas secundários resolvidos».

## Duas últimas fases

As duas últimas fases do 30.º congresso que a UNE vai realizar «em qualquer lugar do Paraná ou Santa Catarina», prevê o seguinte: «Tentaremos fazer um encontro nacional aberto, em lugar público e espaçoso, mas garantiremos a realização, em caso de repressão do encontro fechado. Nesta fase será feito um trabalho nacional, serão aprofundadas as discussões em torno do temário baseadas nas propostas de cada encontro regional. Nessa fase será aprovada uma carta política e um programa que será a síntese das concepções majoritárias dentro do movimento estudantil, quanto a seus objetivos, sua estratégia, suas táticas e formas de reação aproximada de três dias».

A UNE prevê, segundo a nota dada pela UPE, que na terceira fase da reunião será eleita a nova diretoria da entidade. Quanto à última fase, acentua a nota que «ela será destinada a apresentação aos estudantes das decisões do congresso e da diretoria; divulgação da ata com as cartas política e programática aprovadas. Apresentação dos diretores em cada região, bem como a carta política e programa aprovados para o movimento estudantil brasileiro, numa duração aproximada de duas semanas».

## O temário

A nota da UNE é muito extensa e apresenta conceitos políticos diversos. Resumindo, ainda é uma tentativa de mostrar o que querem os estudantes nesse seu congresso. «Mobilizar a classe», respondem eles. Mas o temário oficial da UNE é este:

1) O que é a Universidade brasileira. Porque

devemos lutar; quais as lutas; o que quer o governo; como age; porque negar a reforma universitária do governo; o que propôr.

2) O que é a política estudantil do governo; como negá-la. Por que o Governo reprime os estudantes; que fazer.

3) Quais as formas de luta; como usá-las; quando usá-las.

4) Quais as formas de organização do movimento estudantil; que são as entidades estudantis; que são os grupos de trabalho; o que tem sido a UNE e como deve ser a nova organização da UNE.

## Ainda a reunião

Ao dar divulgação a esta nota que publicamos, distribuída pela UNE que mantém um departamento no Paraná, o presidente da UPE, estudante Stênio Jacob fez questão de frisar que o movimento estudantil não quer criar líderes, nem ídolos e muito menos «vedetes». Por isso fez questão de esclarecer que a reunião realizada na entidade na última terça-feira, teve como finalidade estudar não só o apoio que os universitários paranaenses dariam a Vladimir Palmeira, mas também a todos os «estudantes oprimidos e presos». Disse que a reunião abordou como assuntos: «Congresso Nacional da UNE; Congresso estadual da UPE; repressão ao movimento estudantil; verbas alimentares e o estudante universitário, sem lideranças e sem paixões políticas».

Confirmou Stênio Jacob que realmente líderes da extinta UNE estiveram em Curitiba participando do Conselho de Representantes, que contou com a presença de 20 dirigentes de Diretórios Acadêmicos. Stênio finalizou afirmando «que a questão do congresso sair aqui ou acolá, Paraná ou Santa Catarina, é uma questão interna da UNE. Não nos interessamos aonde ele se realize. O que interessa é a sua realização. Desejamos ter nele um congresso aberto, mas se isso não for possível, nos reuniremos às escondidas».



# UNE QUER TROCAR SANTA CATARINA PELO PARANÁ

*Diário Paranaense - 9 Ago 68*

Vários motivos estão concorrendo para o despreparo que surpreende a organização do congresso nacional da UNE, que segundo líderes estudantis seria realizado «em Florianópolis ou em qualquer lugar de Santa Catarina». Agora, porém, com a presença do estudante Luiz Travassos, em Curitiba, onde, por sinal, não é bemquisto pelas lideranças upistas, e que aqui veio para participar dos debates em torno do caso Wladimir Palmeira, as coisas parecem tomar outro rumo. E que, com a sua presença, no Paraná houve, por assim dizer, uma digressão no assunto central — Wladimir Palmeira — e as discussões se perderam. Além disto, tem a UNE, contra si, a atuação, na DOPS catarinense, do bacharel Harley Avai dos Santos que, refratário às manifestações do grupo UNE, considerado por lei espúrio, não permitirá de forma alguma que o encontro lá se realize, nem em Florianópolis nem em qualquer lugar de Sta. Catarina.

Eis que, então, a UNE, através dos contatos mantidos no Paraná, inclusive aproveitando a estada do seu presidente, Luiz Travassos, sentindo enfraquecidas as bases e as cúpulas daqui, não vê senão uma saída para a sua pretendida reunião nacional: fazê-la em Santa Catarina é querer, antecipadamente, comprometé-la; portanto, a solução seria concretizá-la no Paraná, onde se concentram grandes contingentes universitários. Isto, se a DOPS daqui também não endurecer e tirar-lhe a oportunidade.

## Evolução

Dirigentes da extinta União Nacional de Estudantes participaram mesmo da reunião da União Paranaense de Estudantes, realizada terça-feira última, quando a entidade local deveria decidir sobre a resolução que os estudantes locais iriam tomar, em protesto contra a prisão do líder Wladimir Palmeira, da entidade proibida. A confirmação foi feita ontem pelo estudante Stênio Jacob, presidente da UPE, que adiantou não ter o jovem Luiz Travassos participado da reunião «porque ele diverge da ala que a entidade local está apoiando no movimento estudantil».

«Soube que Luiz Travassos esteve em Curitiba, quando realizávamos a reunião. No entanto, ele não é benquisto em nossa ala, ao pensamento da liderança da UPE. Por isso que ele afastou-se de nós e não apareceu por lá. Quem esteve na reunião foi o estudante José Antunes, vice-presidente da UNE e assessores, que nos auxiliaram durante o desenrolar do encontro. A presença deles aqui foi mantida em sigilo por nós até ontem e quando eles retornaram resolvemos dizer a verdade». Foi o que acrescentou o presidente da UPE, dizendo ainda, que a nota oficial da entidade não saiu porque a comissão encarregada não a elaborou.

## Despiste

A reunião de Representantes do Conselho da UPE contou com a participação de pouca gente, justamente porque os estudantes já sabiam que dirigentes da extinta UNE viriam aqui. Na verdade, o mínimo de pessoas presentes, «foi proveitoso», segundo afirmaram ontem alguns universitários, para evitar a falta de segurança em torno da presença do vice-presidente da UNE e outros líderes nacionais.

Disseram ainda as mesmas fontes que a reunião não deveria ter merecido tanta publicidade «pois isso virá prejudicar o congresso que a UNE anuncia para Florianópolis ou qualquer lugar de Santa Catarina, nos fins de agosto». Acrescentaram que após a presença do líder na cidade nada impediria que fosse falado sobre a passagem dos mesmos em Curitiba.

## Reunião aberta

Segundo Stênio Jacob, a reunião de terça-feira à noite — que se prolongou até altas horas da madrugada — foi aberta, permitida a presença de todos os estudantes interessados. No entanto, poucos sabiam da vinda dos rapazes que comandam a UNE em todo o país. Na hora da reunião, quando a turma que não sabia da presença dos rapazes, alguém anunciou quem estava ali. Os

aplausos foram prolongados e o sigilo foi mantido. Houve até fotografos na reunião, mas nada foi anunciado.

Acreditam os líderes estudantis que os agentes policiais do DOPS e Polícia Federal só souberam da reunião e da presença dos líderes da UNE poucas horas após que eles retornaram para São Paulo e Rio de Janeiro. Há quem afirme que eles foram a Florianópolis. Nada de oficial foi anunciado.

## Pela noite

Quando terminou a reunião da UPE «alguns estudantes que fazem trabalho de base no Paraná», foram convocados para outra reunião. Uma reunião em sigilo, pois ali só os elementos de confiança deveriam estar presentes. Foi em local ignorado, «em qualquer lugar da cidade», que os estudantes não quiseram dizer onde.

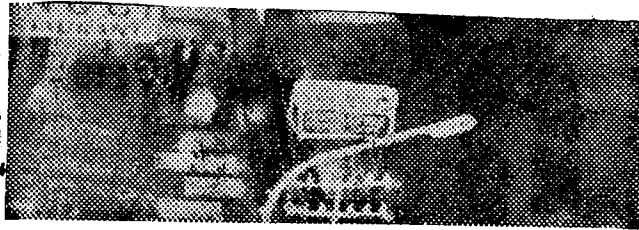
Os assuntos tratados, segundo se anunciou «foram de interesses do movimento estudantil». No entanto, extraoficialmente, sabe-se que nessa reunião sigilosa falou-se muito e estruturou-se o encontro regional que a entidade vai realizar em fins de agosto, em Florianópolis ou qualquer lugar de Santa Catarina. Segundo o exame feito, a Capital catarinense já está muito bem policiada por agentes do DOPS e é bem possível que este encontro seja feito em qualquer município do Paraná que ofereça condições de segurança para os líderes da extinta UNE.

## E Wladimir

Nada a UPE quis dizer sobre as atitudes a serem tomadas tendo em vista a prisão de Wladimir Palmeira, na Guanabara. A reunião era para isso, mas na verdade, nenhuma posição oficial foi feita pela entidade. Ontem à tarde um dirigente de um Diretório estudantil comentava nas escadarias da Reitoria da UFP que «não estava satisfeito com a reunião pois nada sobre o Wladimir Palmeira havia sido decidido».







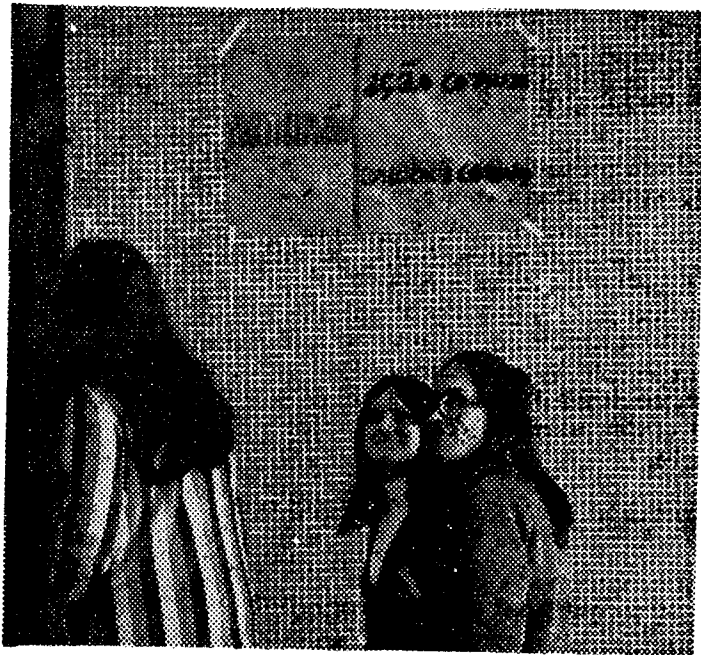
Material para Saúde foi exposto ontem, é entregue hoje

Articulação do Movimento 14-5-68

## Movimento estudantil tem divisão perigosa

Começam a ser anunciadas as chapas para as novas eleições nos diretórios acadêmicos, das duas Universidades, ao mesmo tempo em que a preparação do XXX Congresso da UNE, marcado para setembro em local ainda desconhecido, mobiliza os quadros políticos universitários. É tempo de surgirem as divergências: um movimento foi iniciado segunda-feira visando fazer com que a UPE aprove a realização de um novo Conselho para decidir, da participação ou não, do Paraná, no Conselho convocado pelo presidente da UNE, Luis Travassos, para a próxima semana, em ponto desconhecido do País. A reunião do Conselho visa o entendimento das duas linhas que hoje disputam a hegemonia do movimento estudantil, e segundo os informantes é a última oportunidade para que o movimento permaneça, ao menos em termos de organização, um só, pois a li-

na derrotada terá, como condição de participação, de se conformar com o resultado do Conselho. Na prática — seguem os informantes — as divergências existentes na UNE "estão se refletindo e se concretizando em dois encaminhamentos diversos para o XXX Congresso o que resultará, logicamente, em dois Congressos. Justamente tendo em vista a evolução dos fatos se encaminhar para isso, é que estamos fazendo todos os esforços para que todos participem do Conselho. Recusar-se a participar implica, tacitamente, em atitude divisionista e muito perigosa, até mesmo à sobrevivência da União Nacional dos Estudantes". Enquanto isto acontecia aqui, se anunciava de Brasília a concessão da medida decretando prisão do líder Wladimir Palmeira, líder de outra facção, que luta pela liderança controle do movimento estudantil, em todo o Brasil.



O movimento estudantil parte para uma divisão.



DPF autua

15 dos 42

estudantes

Quinze dos quarenta e dois estudantes presos na manhã de terça feira quando partiam para de um congresso da extinta UNE numa chácara localizada no bairro do Boqueirão foram autuados em flagrante no Departamento de Polícia Federal como incurso no artigo 38 n.º 4 do Decreto Lei n.º 314/67 e já se encontram presos, a disposição da Auditoria Militar, foi o que informou ontem o Cel Waldemar Osvaldo Bianco Delegado Regional da Polícia Federal. Os demais foram liberados após terem sido devidamente fichados na quele Departamento.

**OS PRESOS**

Os estudantes que foram autuados são os seguintes: Judith Maria Barbosa, Elizabeth Franco Fortes, Marco Antonio Nascimento Pereira, Iran Vieira Dias, José Bonifácio Cabral Júnior, Marco Apolo dos Santos Silva, Hélio Urnau, Berte Luiz Curvo Celso Mauro Paciornik, Dácio Villar, Mauro Dalsson Otero Goulart, Charkeš Campion Junior Vitorio Soroluk Antonio João Manfio e Mario Oba.

*gazeta do povo*  
~~19-12-68~~  
19-12-68



*Diário do Paraná 29-11-69*

# DECIDE-SE HOJE SORTE DE AGLIBERTO

O Conselho Especial de Justiça do Exército, da Auditoria da 5.ª Região Militar, decidirá hoje se julga ou não Agliberto Vieira de Azevedo, único acusado no processo n.º 322, denunciado como incurso na Lei 1.802-53, antiga Lei de Segurança Nacional. A decisão, adiada para hoje, foi requerida pelo representante do Ministério Público para que a Corte de Justiça declare sua incompe-

tência prosseguindo no feito e a devolvendo ao Conselho Permanente de Justiça. O pedido é decorrente da exclusão de dois acusados, oficiais da reserva do Exército, deste processo. Se o Conselho Especial decidir pela sua competência, poderá realizar hoje o julgamento do ex-secretário do PCB e caso contrário, a data do julgamento será fixada através de despacho do juiz auditor.

UMA SANCÇÃO





# "Habeas" não Libera Estudantes da UNE

Os estudantes José Dirceu de Oliveira e Silva, Luiz Travassos e Wladimir Palmeira — presos no congresso da UNE em Ibiuna, não serão libertados com o "habeas-corpus" do Supremo Tribunal Federal. Luiz Travassos foi transferido pela Polícia Federal para Juiz de Fora e colocado à disposição do auditor daquela cidade. O juiz auditor Ayrton da Cunha não recebeu o ofício de "habeas-corpus" do STF, que lhe fora levado pelo advogado Antonio Fuani Neto segundo informou-se em São Paulo.

*Diário do Paraná 15-12-68*

de automóvel, ao Palácio das Laranjeiras.

## Supremo Concede "Habeas-Corpus" Para Estudantes

BRASILIA, 13 (Meridional — DP — Via Telex) — Por unanimidade e considerando o excesso de prazo na formação da culpa, com base no Código de Justiça Militar, artigo 222, o STF em sua última sessão plena de ontem, em que tomaram posse o novo presidente Gonçalves de Oliveira, e vice Victor Nunes Leal, concedeu unanimemente "habeas-corpus" impetrado em favor dos líderes estudantis Wladimir Palmeira, Luiz Travassos, José Dirceu, Mário Ribas.

Foi o primeiro processo julgado nessa última sessão, em que o relator, ministro Heloi da Rocha, em seu voto, esclareceu que o fundamento não era sobre o problema do excesso de prazo na prisão preventiva não sendo o mesmo com relação à prisão em flagrante. Isso explicando o fato de ter sido quarta-feira negado "habeas-corpus", aos mesmos estudantes por maioria discrepante de seis a quatro, acrescentando que a jurisprudência do Tribunal já foi firmada com relação a equiparação processual na formação de culpa.

### Premio

O ministro Amaral Santos, em seu voto, afirmou que favorecia a concessão do "habeas-corpus" para não dificultar o processo. Isso se constituiu "mais como um prêmio aos estudantes nessa última sessão do STF", no que foi contestado pelos ministros Adauto Cardoso e Heloi da Rocha que também concediam a ordem com convicção e com base na jurisprudência do Tribunal.

O processo teve como advogado Marcos Heuzi Neto, que se empenhou na tese "excesso de prazo na formação de culpa para equiparação processual".

*5 habeas do Paraná 13-12-68*

### «Habeas Corpus»

BRASILIA, 13 (Transpress — O ESTADO) — O Supremo Tribunal Federal concedeu "habeas corpus" aos estudantes Vladimir Palmeira, Luis Travassos e Antonio Guilherme Ribas.

Ontem o STF havia negado a medida, mas hoje resolveu acatá-la em face do novo pedido de "habeas corpus".



# AUDITORIA ACEITA DENÚNCIA: ESTUDANTES

O Juiz Auditor Célio Lobão Ferreira, após receber a denúncia contra quinze estudantes, incurso em diversos artigos do Decreto Lei n.º 314-67, designou a data de 9 do corrente para o sumário de culpa dos acusados. A denúncia foi apresentada pelo Procurador Militar Alceu Alves dos Santos com fundamento nos autos de prisão em flagrante, realizado pela Delegacia Regional do Departamento de Polícia Federal, sendo a autoridade processante o inspetor federal Heitor Camargo.

Estão denunciados como infratores à Lei de Segurança Nacional os estudantes Antônio João Manfio, Vítório Scrotiuk, Charles Champion Junior, Mauro Daissou Oterou Goulart, Dacio Villar, Celso Mauro Paciornik, Betto Luiz Curvo, Hélio Ustau, Marco Apollo dos Santos Silva, João Bonifácio Cabral Junior, Iran Vieira Dias, Marco Antônio Nascimento Pereira, Mário Oba, e as estudantes Judith Maria Barbosa e Elisabeth Franco Fortes. O Ministério Público arrolou como testemunhas Dirceu Rubens Hatschbach, Cesar Luiz Dalcol, Antônio Carlos Ribeiro e Nelson Gracher, todos oficiais da Polícia Militar do Estado do Paraná.

## A denúncia

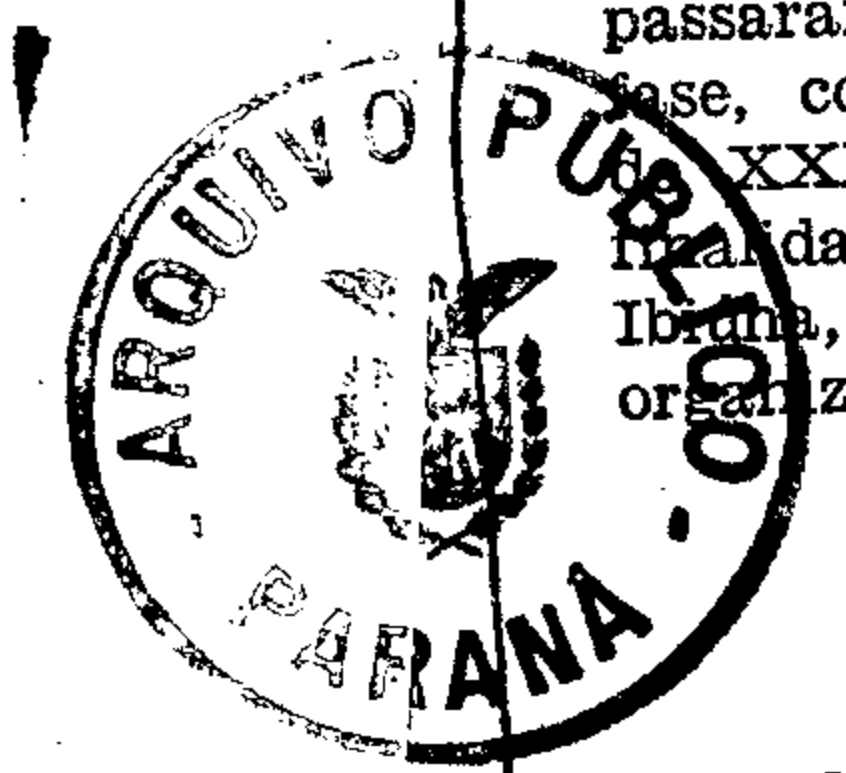
Em sua denúncia o Procurador Militar lembra a Lei n.º 4.464, de 9-11-64, regulou os órgãos de representação estudantil, criando o Diretório Nacional dos Estudantes, em substituição à União Nacional dos Estudantes. Posteriormente, pelo artigo 15, do Decreto-Lei n.º 288, de 28 de fevereiro de 1967, a UNE foi dissolvida, mas suas atividades de fato não cessaram e, em outubro de 1968, foi realizado, em Ibiúna, São Paulo, o XXX Congresso Nacional dos Estudantes. Para os debates a serem tratados, foram elaborados diversos documentos, alguns inseridos nos autos de prisão em flagrante. Ocorre que, devido à intervenção de contingentes militares sediados em São Paulo, esse congresso foi dissolvido, com a prisão de 712 estudantes.

Apesar do fracasso do conclave nacional, os líderes do Movimento Estudantil, utilizando a técnica de crítica e autocritica passaram a afirmar que o Congresso apenas entrara em nova fase, com encontros regionais preparatórios para a conclusão do XXX Congresso da UNE, em princípios de 1969. Com essa finalidade, vários estudantes paranaenses que estiveram em Ibiúna, juntamente com outros procedentes de outros Estados, organizaram um encontro regional da UNE, em Curitiba.

## Os fatos

Mais adiante assinala o Procurador Alceu Alves dos Santos, que os órgãos de segurança e informação, sediados em Curitiba, receberam informes de que seria efetivada, no dia 17 de dezembro último, no local denominado «Chácara do Alemão» no bairro do Boqueirão, uma reunião das lideranças estudantis, visando a estabelecer debates relacionados com o XXX Congresso da UNE, cujo início ocorreu em Ibiúna. Assim é que, no dia 17 de dezembro passado, um dos contingentes da PMEP dirigiu-se ao local da reunião e, cerca das 11h30m, logrou prender, em flagrante, os quinze denunciados, os quais se encontravam na chácara, assim como diversos outros elementos que se encontravam nas imediações.

O contingente, comandado pelo capitão Nelson Gracher, da PMEP e supervisionado pelo tenente-coronel Altevir Lopes, também da Polícia Militar admite que muitos conseguiram fugir ao cerco policial. No local da reunião clandestina, foram apreendidos farta literatura subversiva espalhada pelo chão,



Fortes. O Ministério Público arrolou como testemunhas Dirceu Rubens Hatschbach, Cesar Luiz Dalcol, Antônio Carlos Ribeiro e Nelson Gracher, todos oficiais da Polícia Militar do Estado do Paraná.

## A denúncia

Em sua denúncia o Procurador Militar lembra a Lei n.º 4.464, de 9-11-64, regulou os órgãos de representação estudantil, criando o Diretório Nacional dos Estudantes, em substituição à União Nacional dos Estudantes. Posteriormente, pelo artigo 15, do Decreto-Lei n.º 288, de 28 de fevereiro de 1967, a UNE foi dissolvida, mas suas atividades de fato não cessaram e, em outubro de 1968, foi realizado, em Ibiúna, São Paulo, o XXX Congresso Nacional dos Estudantes. Para os debates a serem tratados, foram elaborados diversos documentos, alguns inseridos nos autos de prisão em flagrante. Ocorre que, devido à intervenção de contingentes militares sediados em São Paulo, esse congresso foi dissolvido, com a prisão de 712 estudantes.

Apesar do fracasso do conclave nacional, os líderes do Movimento Estudantil, utilizando a técnica de crítica e autocritica passaram a afirmar que o Congresso apenas entrara em nova fase, com encontros regionais preparatórios para a conclusão do XXX Congresso da UNE, em princípios de 1969. Com essa finalidade, vários estudantes paranaenses que estiveram em Ibiúna, juntamente com outros procedentes de outros Estados, organizaram um encontro regional da UNE, em Curitiba.

## Os fatos

Mais adiante assinala o Procurador Alceu Alves dos Santos, que os órgãos de segurança e informação, sediados em Curitiba, receberam informes de que seria efetivada, no dia 17 de dezembro último, no local denominado «Chácara do Alemão» no bairro do Boqueirão, uma reunião das lideranças estudantis, visando a estabelecer debates relacionados com o XXX Congresso da UNE, cujo início ocorreu em Ibiúna. Assim é que, no dia 17 de dezembro passado, um dos contingentes da PMEP dirigiu-se ao local da reunião e, cerca das 11h30m, logrou prender, em flagrante, os quinze denunciados, os quais se encontravam na chácara, assim como diversos outros elementos que se encontravam nas imediações.

O contingente, comandado pelo capitão Nelson Gracher, da PMEP e supervisionado pelo tenente-coronel Altevir Lopes, também da Polícia Militar admite que muitos conseguiram fugir ao cerco policial. No local da reunião clandestina, foram apreendidos farta literatura subversiva espalhada pelo chão, uma caixa de fogos de artifícios e três armas brancas, conforme o auto de apresentação e apreensão. Os presos foram conduzidos ao Regimento «Coronel Dulcídio», da PMEP, sendo que antes disso, o capitão Nelson Gracher, comandante da Companhia deu voz de prisão aos denunciados.

## Documentos

A autoridade policial que lavrou o flagrante, solicitou ao desembargador Lauro Fabrício de Mello Pinto, do Tribunal de Justiça do Paraná e ao professor José Nicolau dos Santos, ex-Reitor da Universidade Federal do Paraná, que realizaram uma perícia ideológica nos documentos apreendidos na Chácara do Alemão. Essa perícia, foi juntada aos atos. Assim, afirma o Procurador Militar, não restam outras dúvidas — a atividade dos denunciados constitui atuação semi-clandestina do ilegal Partido Comunista Brasileiro, esteriotipada, pela reunião proibida na Chácara do Alemão, ou seja, a UNE é organismo clandestino do PCB e o encontro regional da UNE, em Curitiba, também foi realizado clandestinamente. Os denunciados agiram no sentido de fazer funcionar de fato os ilegais Partido Comunista Brasileiro e União Nacional dos Estudantes, distribuíram boletins e panfletos que constituem atentado à segurança interna, integrada na segurança nacional e praticaram atos destinados a provocar a guerra revolucionária e subversiva. Nessas condições, ficam os quinze denunciados, já qualificados, incursos nos artigos 23, 36 e 38, II todos do Decreto-Lei n.º 314, de 13 de março de 1967. Os estudantes, inclusive, as duas moças, encontram-se presos a disposição da Justiça Militar, na Prisão Provisória de Curitiba desde o dia 17 de dezembro último. Todos deverão comparecer à audiência para qualificação, ou seja o início do processo, no dia 9 do corrente, às 13 horas, na Auditoria da 5.ª Região Militar



PT 2515-250



# unidade

153

união nacional dos estudantes região sul

dce-livre — universidade federal do rio grande do sul

upe — união paranaense de estudantes

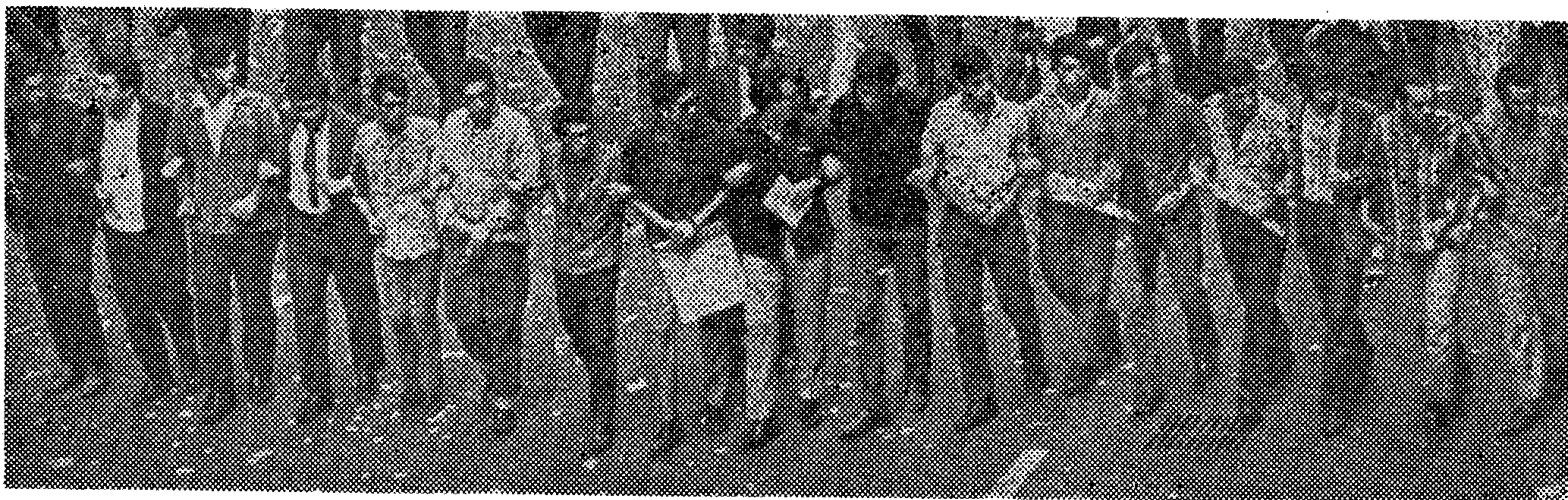
dce — universidade federal do paraná

dce — universidade federal de santa catarina

O Movimento Estudantil alcançou um nível de mobilização em torno de suas reivindicações específicas, integrando-se na luta contra o atual sistema.

É todo o país que se levanta. A região sul também se faz presente. No Paraná, a Reitoria foi tomada. Em Santa Catarina, mais de uma semana de greve geral. No Rio Grande do Sul, passeatas violentamente reprimidas e a tomada da Faculdade de Filosofia.

## é a unidade na luta



A deturpação dos fatos pela imprensa burguesa e a necessidade de assimilar a experiência de cada luta, exige de nós, hoje, uma integração por nossos veículos próprios.

A isto nos propomos. Analisar o que foi feito e apresentar a perspectiva de continuar o combate à PEG. Mas, para ser conseqüente, é necessário ir à raiz dos problemas e dar-lhes uma dimensão política justa. É por isto que levamos paralelamente o

**30.º congresso nacional da une**

2313.210

Não somos nós, é o "The Economist" (edição para a América Latina - Vol. 2 n.º 14) quem afirma:

"Na atualidade, as marchas estudantis brasileiras revelam que progrediram muito em matéria de organização: não existem locais prefixados para manifestações, mudam de acôrdo com a disposição das forças policiais. Nota-se também a presença de jovens que vão às manifestações com o único propósito de transportar o material de luta, e de grupos, que organizam manifestações relâmpagos para desorientar a polícia." (página onze)

Este nível de organização e de combatividade não surgiu ao acaso. Não se deu de uma hora para outra. É tôda uma tradição de lutas que se faz presente. É, realmente,

# a unidade da luta

através das comissões paritárias de alunos e professores podemos chegar a criar aulas ou cursos paralelos e, desta forma, em pleno funcionamento normal da Universidade. Mas, em momentos de mobilização, como ocorreu em São Paulo, podemos ir mais longe: ocupar uma faculdade e instituir aula, por algum tempo que seja, uma Universidade Livre. Mas mesmo em uma cadeira apenas ou em certos períodos de aula, podemos estabelecer discussões dentro desta orientação geral, de criar instrumentos de questionamento e boicote concreto à esta Universidade de minoria dominante. Esta é uma forma de, dentro da Universidade, boicotando efetivamente a Política Educacional do Governo, realizar uma intensa luta política e ideológica, que prepare a integração dos estudantes na luta dos trabalhadores por uma sociedade que atende os interesses da maioria.

## COMO SE DÁ ESTA INTEGRAÇÃO?

A sociedade (e a Universidade, por conseguinte) só pode se modificar quando houver uma força social que determine esta modificação e não um simples movimento de opinião pública, por mais agressivo que seja. E a força social é a de uma classe, ou várias aliadas, que têm papel preponderante e optam pela transformação da estrutura econômica e social do País. No caso do Brasil uma análise de sua economia nos diz que é capitalista e será o operariado (classe explorada e determinante nas relações de produção) que poderá alterar tudo.

A integração do conjunto do Movimento Estudantil, entendido como movimento da grande maioria dos estudantes, na luta dos trabalhadores, é um objetivo estratégico, a longo prazo. Mas o que não quer dizer que não se façam hoje ações neste sentido, para prepará-la.

Assim, quando os estudantes, dentro da Universidade, estabelecem uma Universidade Paralela, com ou sem ocupação da faculdade, estão realizando integração, boicotando na prática as necessidades da classe dominante, apresentando uma alternativa proletária para a Universidade. O boicote efetivo à Política Educacional do Governo, que

deseja transformar a Universidade para satisfazer aos objetivos da classe dominante, e a luta radical contra ela, realiza a integração na luta dos trabalhadores.

Mas não é somente isto.

Quando os estudantes saíram às ruas (sua parcela mais consciente) em novembro do ano passado, em P. Alegre, em apoio à luta dos operários gaúchos contra o arrôcho salarial, estavam se integrando em sua luta, assim como o comparecimento de estudantes nas concentrações operárias em diversas capitais do País no 1.º de Maio.

Mas o maior e mais claro exemplo disto nos vem de São Paulo. No momento em que os operários de Osasco, não resistindo mais a situação de opressão e miséria, desencadearam um processo de greves contra o arrôcho, os estudantes formaram um Comitê de apoio aos grevistas, do qual faziam parte intelectuais, professores e artistas. Realizaram comícios-relâmpagos de apoio aos grevistas e faziam coletas para mantê-los economicamente. Distribuíram apoiando e divulgando a greve, pois a imprensa burguesa boicotava as informações das lutas operárias.

Isto é integração. Preparar todo o conjunto do ME para cumprir este papel histórico é nossa tarefa principal.

No início deste ano, em Pôrto Alegre, greves em várias faculdades iniciam um processo de greve geral. Com a vinda de Costa e Silva a esta cidade, a UFRGS praticamente sofre intervenção militar por 10 dias. Mesmo assim, os estudantes gaúchos realizaram uma passeata neste período, em protesto pelo assassinato de Edson Luis, na Guanabara. Ao reabrir a Universidade, a debilidade das entidades estudantis e do conjunto do ME local, impossibilitaram uma continuidade imediata às lutas. Como resultado conseguiu-se algumas verbas para as faculdades de Arquitetura e Medicina, desgastando a Política Educacional, e um ascenso no nível de luta dos estudantes.

Em outros estados desenvolvem-se várias lutas, com greves, passeatas, como na Guanabara, Bahia, São Paulo, Pernambuco, Ceará e outros.

No Paraná, a luta começou com a

isenção das anuidades (NCR\$ 100,00 para os calouros). Mais tarde, o problema do vestibular noturno pago da Engenharia (NCR\$ 1.300,00), que teve boicotadas as inscrições e impedida a realização das provas, o que levou ao espantamento na Politécnica. Passeatas de protesto e a tomada da Reitoria por 3.000 estudantes organizados em Gts foi a resposta. E a vitória! foram revogados os cursos noturnos pagos e a cobrança de anuidades.

Em Santa Catarina, a partir da denúncia de irregularidades no problema do aluguel da Casa do Estudante, chegou-se à uma greve de uma semana, e passeatas. A vitória também acontece: é revogado o contrato de aluguel sendo que a Universidade comprou a Casa do Estudante e passou a cobrar um preço bem mais acessível pela moradia.

Assim, em todo o País continuam as lutas. Em Pôrto Alegre, os estudantes voltam às ruas em duas ocasiões. Tomam por um dia a Faculdade de Filosofia, declarando-a FILOSOFIA LIVRE. Por incompreensão da importância disto, a faculdade foi entregue após a segunda passeata. Mas este erro não quebrou a grande conquista dos estudantes, que romperam com o mito e ocuparam a faculdade.

Em São Paulo, várias faculdades são tomadas, iniciando um processo de discussões intensas. É a UNIVERSIDADE PARALELA.

## O QUE É A UNIVERSIDADE PARALELA

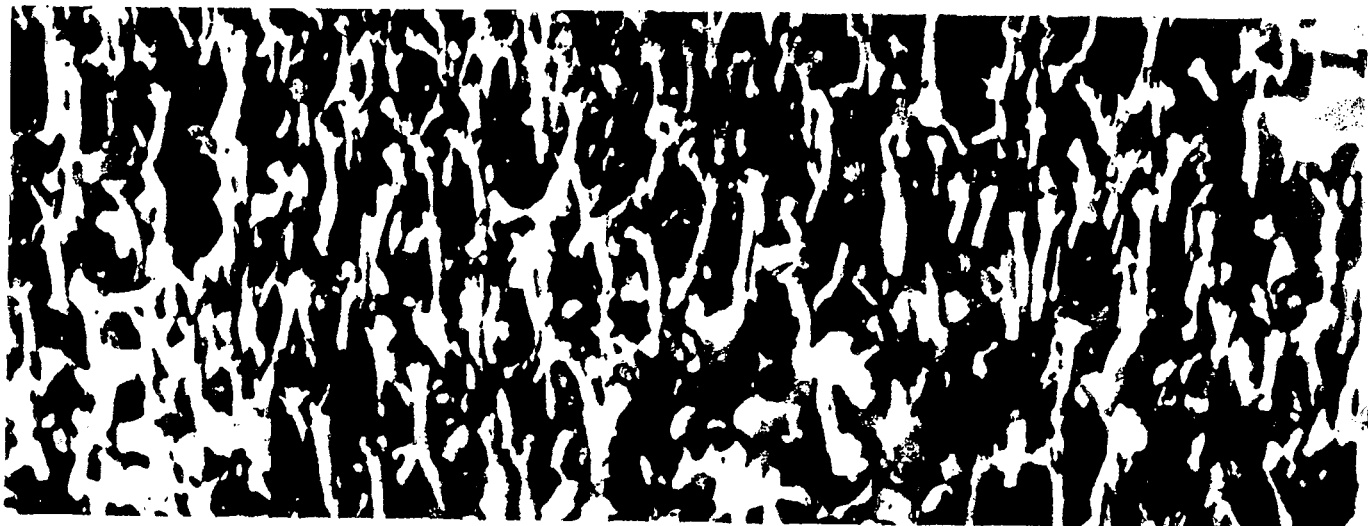
Hoje, não ficamos somente na denúncia e no protesto. Por cada reivindicação, lutamos até a última consequência. Utilizamos várias formas de luta. Quando não somos atendidos, apresentamos a alternativa: nós mesmos resolvemos o problema, aliados aos professores que nos apoiarem. Sabemos que a verdadeira Universidade, que utiliza a cultura e a técnica como um bem social para o desenvolvimento de todos os homens somente será conseguida quando a sociedade como um todo estiver estruturada neste sentido, criando as condições materiais necessárias. Enquanto isto não ocorre, podemos apenas criar focos dentro desta Universidade que serão a crítica dela mesma.

PT 2313.250

3

Para alguns, um mito. Para outros, desnecessária. Para o Govêrnc, "subversiva". Mas apesar de tudo, uma realidade concreta. Hoje, buscando sua afirmação, voltando-se para todos os estudantes. É a

# une, ontem, hoje e amanhã



Após 1964 a repressão da Ditadura desmantela o Movimento Estudantil nacional, devido ao seu desligamento das bases e a sua estruturação ligada ao aparelho governamental. As entidades estudantis caminhavam lado ao MEC, o qual sustentava financeiramente o ME, planejando programas conjuntos. Não havia nenhuma organização independente do ME pelas bases.

Somente em 65, após as lutas contra a LEI Suplicy, o ME consegue rearticular-se nacionalmente e realiza o 27.º Congresso da UNE. Em 66, Belo Horizonte, apesar de um intenso aparato repressivo, mas ainda dentro da perspectiva, talvez a única possível na época, de criar um fato político capaz de sensibilizar a opinião pública. Em termos de discussões e planejamentos das diretrizes do ME nada foi feito.

Em setembro de 66 houveram agitações nacionais de protesto contra a Ditadura, mas que não foram canalizadas para a organização do ME e se perderam na "agitação". Mas já no primeiro semestre de 67, as lutas contra as anuidades, na GB, trouxeram ao cenário político do ME novas concepções para sua condução.

## O 29.º CONGRESSO

Apesar de ter sido um avanço este Congresso da UNE, pela participação bem maior de delegados, que discutiram durante três dias, o tipo de temário e de encaminhamento dado a ele impediu que obtivesse os resultados desejados. O fato de perder-se dois dias discutindo situação internacional e nacional e as discussões prolongadas sobre a Aliança com os operários e a luta política e reivindicatória, impediram que se fizesse uma sistematização das lutas específicas do ME e se elaborasse uma Carta Política e um programa.

O fato de não se ter discutido previamente com os estudantes as teses apresentadas, dificultaram a sua discussão no Congresso e sua posterior aplicação prática. Além disso, a importância exagerada que foi dada à Reunião Nacional, fez com que se descuidasse o encaminhamento da fase aberta, que sucederia a fase fechada, tendo aquela sido um fracasso.

Outro aspecto, ainda reflexo das concepções de cúpula que orientavam o ME, foram os "conchavos" que "acertaram" uma diretoria sem unidade política, o que vai trazer mais tarde uma série de problemas. A diretoria, formada de 10 elementos, ficou composta de uma fração minoritária (cujas concepções foram derrotadas no Congresso) a qual pertence o presidente Travassos, e uma fração majoritária favorável aos princípios básicos saídos das discussões.

## A UNE APÓS O 29.º CONGRESSO NACIONAL

Como consequência das disposições vistas acima, a gestão 67/68 da UNE foi acompanhada de inúmeras crises.

Ficara decidido em Congresso que a diretoria deveria elaborar a Carta Política baseada nas decisões aprovadas em plenário. Já na primeira semana após o Congresso, a fração minoritária lança à imprensa uma Carta Política com conceitos não coerentes com as decisões aprovadas no Congresso e sem discutir com o resto da diretoria. Foi a primeira crise. Posteriormente a diretoria lançou a CP que identifica as diretrizes aprovadas no Congresso, a qual teve boicotada sua divulgação em diversos estados por algum tempo. Somente com as viagens aos estados dos diretores da UNE, a situação foi aos poucos sendo esclarecida.

Logo após a diretoria elabora um

programa de lutas e convoca um Conselho da UNE para Belo Horizonte (setembro de 67).

O Conselho da UNE é a reunião de UEEs e DCEs de todos os estados, sendo que os DCEs votam apenas quando não existe UEE no Estado (como é o caso do RGS). Constitui-se no órgão máximo de decisão em períodos entre dois Congressos, pois o Congresso é o mais alto escalão de decisão na estrutura da UNE.

O Conselho de BH ratificou o programa elaborado, que estipulava a "Semana contra o FMI", "Semana contra a OEA" e "Semana do Vietname". O programa, era um programa totalmente desvinculado das lutas específicas que estavam sendo desenvolvidas em diversos Estados. Além disso, o fato de terem sido definidas datas sem levar em conta as realidades locais de cada Estado, contribuiu ainda mais para caracterizar a incorreção do programa e sua impraticabilidade.

Posteriormente, a diretoria da UNE fez a autocritica deste programa aplicado no segundo semestre de 67.

Nova crise surgiu quando a minoria convocou, sem consulta aos demais membros da diretoria, um Conselho em janeiro deste ano, no Paraná. A divergência girava em torno do problema da UEE de São Paulo, cuja eleição foi perturbada por denúncias de fraude, sendo que a UNE havia, após estudar o problema "in loco", dado a vitória a chapa "Nova UEE". Este conselho não foi aceito, sendo denunciado inclusive pelo Paraná. Finalmente, foi acertada pelo conjunto das entidades e da diretoria da UNE a convocação de novo Conselho, em fevereiro, na Guanabara.





**O CONSELHO DA GUANABARA**

Pela primeira vez, após o Congresso, conseguiu-se realizar um Conselho no qual foi feito um balanço das lutas contra a Pol. Educacional nos diversos Estados, que foram discutidas e sistematizadas no sentido de elaborar um programa de luta. Definiu-se como principal as lutas contra a PEG em suas manifestações concretas nos diversos locais: anuidade, corte de verbas, diminuição de vagas e transformação em fundações.

Este programa contribuiu para o avanço das lutas do ME que revivimos no primeiro semestre deste ano, mostrando na prática sua correção.

E neste contexto de ascenso das mobilizações e da organização do ME que se colocou a necessidade da convocação de um Conselho da UNE

para preparar o encaminhamento do 30.º Congresso Nacional.

**O CONSELHO DE SALVADOR**

Contando com a presença da grande maioria das UEEs e DCEs do País, o Conselho de Salvador decidiu o seguinte:

1) *Quanto ao diálogo* — O Conselho votou favoravelmente a posição defendida pela maioria da diretoria da UNE. Na medida em que o governo, demagogicamente, acenava com o "diálogo", esta posição defendia a aceitação deste diálogo, como um confronto de forças. Ao aceitarmos o diálogo como entendemos, ou seja discutindo-se com o conjunto dos estudantes e levando as reivindicações destes, tínhamos possibilidades de desmascarar a Dita-

dura, pois esta não poderia aceitar os estudantes nas ruas e nem atender as suas reivindicações. Como exemplo, ao se dirigirem ao MEC para "dialogar" com o Ministro da Educação, os estudantes da GB foram massacrados, ficando demonstrada a demagogia do governo.

2) *O temário* — O temário para o Congresso aprovado em Salvador, afim de sanar as deficiências dos anos anteriores, centraliza-se na problemática da Universidade, na PEG, no ME, suas formas de luta, etc... Os problemas da sociedade como um todo, seriam debatidos após aprofundar-se a análise da Universidade e do Movimento Estudantil. A importância principal do te-

mário aprovado, proposto pela UME da Guanabara, é suprir a necessidade fundamental de conhecer profundamente os nossos problemas e a forma de conduzir nossas lutas. O temário derrotado, proposto pelo presidente Travassos, era o mesmo dos anos anteriores, dando principalidade ao "avanço dos povos na luta contra o Imperialismo", "avanço da luta do povo brasileiro pela derrubada da Ditadura e do Imperialismo" e coisas semelhantes.

3) O Congresso — O encaminhamento do 30.º Congresso foi a grande divergência em Salvador.

A concepção da minoria da UNE é que ele continue, a ser fundamentalmente, um "fato político", isto é, que sua preparação e realização agite a opinião Pública, pois entendem como Congresso apenas a realização da Reunião nacional de delegados.

A concepção vencedora no Conselho de Salvador, defendida pela maioria da diretoria, é diametralmente oposta. Define a importância do Congresso, à medida que este conseguir dar um balanço das lutas nos diversos Estados, sistematizá-las, definir um papel para o ME e traçar diretrizes que sejam representativas das bases e aplicáveis na prática. Para isso, entende-se como Congresso todo o processo que vai desde a discussão de teses nas bases, os encontros regionais, a reunião nacional, até a discussão das resoluções destas novamente nas bases.

"A criação de "fatos políticos" é uma tática válida, especialmente nas fases de descenso do movimento de massas. Assim, o foi em 66/67. Porém, estamos em uma fase de ascenso geral tanto do ME como do movimento operário. Hoje, não precisamos criar "fatos políticos" para agitar a opinião pública, pois o aguçamento das contradições entre as classes sociais tem gerado crises uma após outras, que por si só agitam o cenário político. Porém, é a necessidade da UNE intervir como liderança real do movimento estudantil de massas que mostra a necessidade fundamental de Edson Soares, vice-presidente da UNE, de (julho/68).

O aguçamento das contradições coloca mais fortemente a necessidade de uma *prática fundamentada numa teoria*. É a necessidade de elaborar esta teoria em conjunto com as bases estudantis, que leva a UNE a encaminhar de forma diferente o 30.º Congresso Nacional.

Ficou decidido neste Conselho que caberia à Diretoria da UNE a preparação do 30º Congresso, podendo criar tantas assessorias quantas fossem necessárias.

## A UNE COMO ENTIDADE DE MASSA

Por trás dessas divergências, encontram-se diferenças de concepções superadas dentro do ME, a UNE é mais um "partido de vanguarda" do que entidade centralizadora do conjunto dos estudantes.

A concepção na qual se baseiam as novas tendências do ME (maioria da diretoria) é de que a UNE deve ser a entidade representativa e coordenadora das lutas da maioria dos estudantes brasileiros. Como decorrência disto, deve voltar-se ao máximo para suas bases, discutir com elas, e obter cada vez mais a sua participação consciente e organizada nas decisões.

## O "CONSELHO" DE SÃO PAULO

Inconformados com as decisões de Salvador, a fração minoritária da UNE, sem aprovação dos demais membros da diretoria, resolveu convocar novo Conselho. Este não foi aceito por ser desnecessário visto que agora cabia encaminhar praticamente o Congresso, o que já se iniciava.

Apesar disto foi realizado o "Conselho" que não passou de uma reunião de algumas entidades, sendo que, mesmo algumas que se fizeram presentes, ao tomarem conhecimento dos fatos, retiraram-se ou permaneceram apenas como observadores.

Este foi um esforço desesperado e divisionista da minoria da UNE cujas concepções incorretas estão sendo derrotadas nacionalmente. Esta tentativa divisionista será desmascarada na medida em que o encaminhamento do 30º Congresso for levado em intensa ligação e com participação das bases estudantis.

## A REUNIÃO DE FLORIANÓPOLIS

No sentido de preparar o 30.º Congresso na Região Sul (Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul), os representantes das entidades centrais destes Estados, reuniram-se em Florianópolis.

Após intensas discussões, das quais participaram membros da Assessoria Nacional, foi encaminhada uma proposição prática à direção de UNE e ao conjunto do ME nacional.

As posições nêle defendidas contaram com a aprovação do presidente do DCE da Federal de Santa Catarina, apenas não tendo ele assinado o documento por necessitar consultar o conselho formado pelos presidentes dos DAs.

As definições da reunião de Florianópolis foram sistematizadas no documento que transcrevemos abaixo.

## CARTA DE FLORIANÓPOLIS

O 29.º Congresso Nacional dos Estudantes não pode deixar de refletir uma concepção já então superada no Movimento Estudantil, herdada dos tempos pré-1964. Os representantes dos Diretórios que estiveram presentes não podiam se dizer representantes de suas bases, vez que não foram realizadas discussões prévias, então havia qualquer critério que permitisse aos delegados de uma faculdade de 5.000 alunos, por exemplo fazer valer na votação o peso muito maior dos seus representados em relação aos delegados de uma faculdade de 50 ou 100 alunos. Todas as faculdades enviaram, indiscriminadamente, dois delegados ao Congresso.

A necessidade do Congresso (então entendido unicamente como a reunião nacional dos delegados) ser realizado clandestinamente, aguçava ainda mais essa falta de representatividade. Os delegados deviam se submeter a uma série de normas de segurança, uma série de trâmites (viagens de despiste, pontos, senhas etc.) que eliminavam de início a participação de muitos elementos, reduzindo-a quase que exclusivamente a elementos de esquerda.

Por tudo isso, o Congresso Nacional dos Estudantes se reduzia praticamente à criação de um fato político, os estudantes enganando a polícia, sem conseguir atingir a sua finalidade precípua de aprofundar a discussão, levantar e hierarquizar as lutas do Movimento Estudantil, traçar planos e diretrizes políticas realmente objetivas e possíveis de serem levadas à prática, norteando e dando base à atuação da nova diretoria eleita.

O Movimento Estudantil, compreendido hoje como um movimento de massa, onde cada entidade deve ser a mais representativa possível de suas bases, onde se reconhece como primordial a participação de setores cada vez maiores dos estudantes em todas as atividades, inclusive na atividade teórica, que dará ao movimento um caráter mais científico e consciente, não pode mais uma vez tomar o mesmo caminho de 1967. Para que a União Nacional dos Estudantes possa se tornar um órgão de fato representativo das bases, capaz de coordenar e conduzir suas lutas, o 30.º Congresso assume um papel de decisiva importância. Realizá-lo corretamente, dentro dos novos princípios que norteiam o ME, significará um grande avanço na consolidação do nosso movimento.

Pôsto isso, passamos a exemplificar o que entendemos como um Congresso de base.

6  
As entidades da região sul, através da Carta de Florianópolis, propõem o seguinte encaminhamento prático, para o

# 30º congresso

Constará de quatro etapas:

1 — **Discussão das teses apresentadas com o conjunto dos estudantes nas respectivas escolas, assembleias, GTs, etc., e eleição de delegados.**

A discussão das teses nas bases modificará um dos defeitos fundamentais dos Congressos anteriores, onde os delegados compareciam sem o conhecimento prévio do que ia ser discutido e representando posições pessoais. Neste sentido a discussão prévia e a eleição dos delegados em função da posição defendida, dará um novo conteúdo ao Congresso.

## 2 — Encontro Regional

O encontro Regional deverá ter as seguintes características: a) realização aberta, permitindo a participação de todos os estudantes nas discussões; b) como consequência disso, haverá oportunidade de participação de um maior número de entidades representativas dos estudantes; — c) estabelecimento de um critério de representatividade mais justo, que superará as falhas neste sentido levantadas anteriormente. Por exemplo, se estabelecido um representante para cada 200 alunos, a faculdade de Filosofia da USP teria 25 delegados enquanto uma faculdade de 100 alunos teria apenas um. Esta forma levaria a nós aproximarmos mais de nosso objetivo: que a posição saída do Congresso da UNE seja uma expressão real do pensamento do conjunto dos estudantes brasileiros; d) seu nível de decisão seria somente para as questões regionais (programa para a região, balanço das lutas regionais, etc...)

Nesta etapa do Congresso seriam aprofundadas as discussões sobre toda a problemática do ME, sem caráter de decisão.

Critério de proporcionalidade nesta etapa:

Faculdade com até 200 alunos — 1 representante.

Faculdade entre 200 e 400 alunos — 2 representantes.

Faculdade entre 400 e 600 alunos — 3 representantes, etc.

Além disso, os presidentes de DAs ou CAS, serão membros natos do encontro regional, independentemente dos representantes eleitos como acima.

## 3 — Encontro Nacional

Para a etapa nacional que provavelmente deverá ser fechada, a percentagem de representação será, por exemplo, 1:1000 estudantes do estado. Nesta etapa é que serão votadas definitivamente, após as discussões necessárias, as posições da UNE. Na medida em que o Encontro Regional será uma expressão bastante próxima da realidade do Movimento Estudantil nos diversos estados da região, devido ao critério de representatividade da base, ao mantermos sua composição de forças na etapa nacional, teremos nesta uma expressão bem mais correta da ME nacional. Assim, havendo, por exemplo, três posições no Regional, estas serão representadas todas na etapa nacional, mantendo-se o seu peso específico. Cada uma elegerá para o encontro nacional um número de representantes correspondentes aos que detém a sua posição no regional. Para esta escolha serão respeitados, na medida do possível, a participação de representantes de diferentes diretórios e a manutenção do critério de bancadas estaduais. Mais explicitamente, se a proporção para o nacional é de 1:1000, cada 5 delegados do regional elege para o nacional.

4 — **Discussão da Carta Política de mais resoluções nas bases e seu encaminhamento prático.**

A necessidade disso é levar ao conhecimento de todos os estudantes as resoluções e encaminhar sua aplicação prática às lutas do ME. Será a etapa da concretização das finalidades do Congresso Nacional dos Estudantes Brasileiros.

Estas concepções que defendemos, coerentes com os princípios definidos no Conselho de Salvador, são uma contribuição nossa à diretoria da UNE para o encaminhamento, já iniciado por esta, do 30º Congresso.

Propomos, concretamente, que esta carta seja encaminhada nacionalmente, pela UNE, a todas as entidades, principalmente UEEs e DCEs, para que estas se pronunciem sobre ela, subscrevendo-a, quando concordarem.

Esta consulta, no nosso entender, supriria a necessidade, levantada por algumas entidades, de convocação de um novo Conselho Nacional, contribuindo assim para a unidade do Movimento Estudantil.

UPE — União Paranaense dos Estudantes.

DCE-Federal — Universidade Federal do Paraná.

DCE-LIVRE — Universidade Federal do R. G. do Sul.

## COMO FAZER

Partindo da premissa daquilo que entendemos como um congresso de base, cabe agora vermos a melhor forma para encaminhá-lo.

Cada Estado montará uma equipe central de Finanças, Divulgação, Imprensa e Organização, podendo estar ligadas à entidade estadual.

## Comitês de Faculdade

Devem ser formados comitês em cada Faculdade, cuja finalidade será a de coordenar toda a preparação do 30º Congresso. Esses comitês trabalharão em conjunto com o Diretório Acadêmico, no caso de que ele apoie o congresso. Caso contrário deverão apoiar-se nos Grupos de Trabalho ou, na ausência deles, nos setores mais combativos da Faculdade. A coordenação destes comitês deve caber às entidades centrais de cada Estado, que são responsáveis pelo encaminhamento do 30º Congresso.

Estes comitês devem ter responsáveis por finanças, imprensa, divulgação e organização, os quais, sempre que possível, deverão trabalhar em conjunto com a equipe central respectiva. Cabe a este comitê encaminhar por sala de aula, os debates.

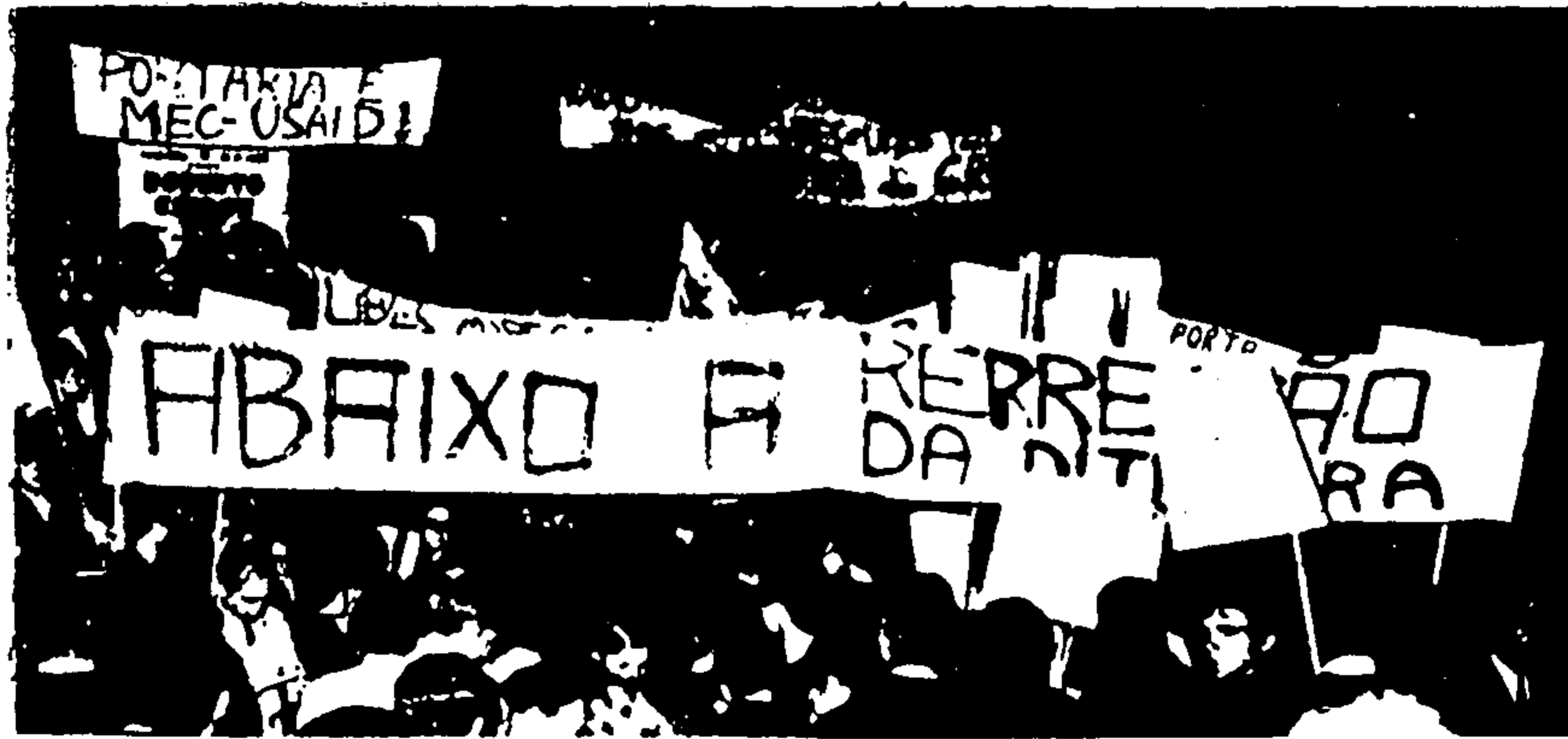
Propomos que a partir de uma discussão sobre a UNE e o seu 30º Congresso, para o qual apresentamos subsídios neste jornal, formem-se comitês em cada sala de aula.

Estes comitês por aula, ao receberem as teses, deverão distribuí-las entre os colegas e encaminhar as discussões da melhor forma possível, sempre relacionando-as com os problemas específicos do curso. Levantarão, ainda, as finanças.

Será somente na medida em que nos empenharmos profundamente neste trabalho e que, portanto, todos os estudantes discutam as teses da UNE, mesmo discordando delas, que conseguiremos nosso objetivo: que a base estudantil decida a orientação política da UNE, transformando-a em entidade realmente catalisadora de sua luta.

30º Congresso da UNE,  
um Congresso de base.





Estudantes nas ruas. Cem mil pessoas em passeata na Guanabara. Artistas espancados dentro do teatro. Operários em greve em Osasco. Governo falando em Estado de Sítio. Expectativa para o que poderá acontecer nos próximos meses. Por tudo isso, uma pergunta se faz:

# êste país, prá onde vai?

Este ano está sendo marcado nitidamente por um avanço das lutas estudantis, abrangendo largos setores da pequena-burguesia. Esta, é uma camada intermediária situada entre os proprietários das terras e das fábricas (burguesia) e aqueles que produzem as riquezas recebendo em troca apenas o necessário para a sua sobrevivência (proletariado).

Com o desenvolvimento, também, das mobilizações proletárias (greves de Osasco), inicia-se um processo significativo de mudanças na correlação de forças na sociedade.

Com a ofensiva desencadeada pela classe dominante na aplicação da sua política educacional (corte de verbas, anuidades, fundações, reforma universitária), aguçaram-se as contradições dentro da Universidade. Este aguçamento se dá na medida em que as reestruturações impostas pelo governo, adequaram a Universidade aos interesses das grandes empresas capitalistas monopolistas. Estes se chocam com as necessidades das demais classes sociais, criando-se as contradições que falamos acima.

Esta ofensiva, através da PEG, exige por parte do ME, uma tática adequada para o seu funcionamento.

As discussões efetuadas neste sentido, principalmente no Conselho da UNE em fevereiro, na Guanabara, apesar de não terem solucionado todas as questões, possibilitaram uma mudança qualitativa no combate à PEG, tendo permitido ao ME mobilizações contínuas neste semestre. Inclusive a "estabilidade política" da Ditadura chegou a ser abalada em certos momentos mais

agudos destas lutas. Este avanço, já agora não mais ocasional, fez com que largos setores da pequena-burguesia saíssem de seu apoio pacífico e viessem engrandecer as manifestações estudantis. Em alguns momentos chegou a haver participação considerável de setores da classe operária (São Paulo), que já haviam demonstrado sua disposição de luta (por exemplo, 1.º de maio), que foi catalisado por estas manifestações.

Este avanço das lutas evidenciou a estreiteza das bases sociais em que se sustenta a Ditadura burguesa. Esta minoria dominante que vem enfrentando uma crise crônica do sistema no qual se baseia a sua dominação, o capitalismo, quase não pôde suportar este início, mesmo débil, de oposição a atual conjuntura.

Porém, os estudantes não desenvolveram todo seu potencial de luta e a classe operária apenas iniciou a sua mobilização. O governo oscilou continuamente entre reprimir e liberar as expressões de insatisfação. Nos Estados onde permitiu que houvessem mobilizações, as consequências foram funestas para ele. Basta citar a Guanabara onde 100.000 pessoas foram às ruas. Imediatamente a Ditadura burguesa recua. Mostra sua verdadeira face. Proíbe qualquer tipo de manifestação e ameaça o estado de sítio. Ocorre que não estamos mais em 64. Hoje o avanço das mobilizações é incontível. Inevitavelmente, o apelo aberto à violência, por parte da burguesia, só poderia demonstrar mais ainda a fragilidade política e o isolamento a que chegou seu estado ditatorial.

Como que em resposta, a classe operária desencadeia uma das mais significativas greves em Osasco, que contou com manifestações de apoio dos estudantes e outros setores sociais, demonstrando política que nenhum decreto poderá bloquear o avanço das lutas das camadas exploradas da sociedade.

Este é o processo de mudança da correlação de forças que falamos no início. Podemos sintetizá-lo em poucas palavras dizendo que a correlação de forças tem se modificado favorecendo o polo dos que lutam pela transformação das atuais estruturas sócio-econômicas.

Podemos ver ainda que, se antes as mobilizações estavam polarizadas por setores da pequena-burguesia, hoje, os operários começam a demonstrar seu peso político e tendem a assumir a hegemonia das lutas. Este fato trará modificações radicais. Até então, as mobilizações ficavam no plano da denúncia, protesto ou reivindicação. A partir de agora, com a entrada do proletariado no cenário político, aos poucos vem sendo colocadas em questão as bases do sistema, a própria estrutura de poder.

Com o decorrer do tempo, o que prevalecerá serão os objetivos históricos dos trabalhadores: a luta por uma sociedade mais justa, em que não haja nenhuma forma de exploração do homem pelo homem. Enfim, uma sociedade em que o poder político, o Estado, seja dirigido pelos trabalhadores, voltando-se para o atendimento das necessidades da imensa maioria da população. É nesta perspectiva que devemos nos inserir.

Você está satisfeito com o seu curso? A resposta provavelmente será negativa. Aqui, procuramos mostrar um pouco do porquê desta insatisfação. Ou o porquê da



# crise na universidade

A falta de verbas, o desmembramento das Faculdades de Filosofia os currículos ultrapassados, as idéias fossilizadas, os professores ineficientes, tudo isto reflete a crise que a universidade brasileira atravessa. O avanço da ciência e da técnica deveriam corresponder a um avanço paralelo dos demais setores que compõem a estrutura da sociedade. Entretanto isto não acontece quando esta sociedade está erigida sobre os objetivos de uma classe minoritária que a controla. Esta classe utiliza o progresso científico e tecnológico segundo seus interesses de classe dominante e não segundo as necessidades do homem como um todo. É isto o que está acontecendo com a Universidade Brasileira. Estando esta obsoleta face à realidade brasileira, é preciso fazê-la acompanhar o ritmo desta realidade. O governo propõe uma reforma que visa enquadrar a estrutura Universitária na atual etapa do capitalismo no Brasil. Corresponde esta reforma ao atendimento das reais necessidades da maioria do povo brasileiro? Obviamente que não, uma vez que a maioria da população brasileira se acha marginalizada do controle político e econômico do País, partici-

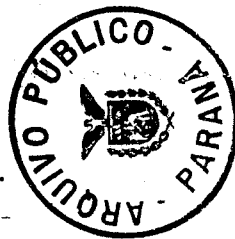
pando somente do processo de produção (a classe dos trabalhadores) e não do processo de apropriação, que fica nas mãos de uma minoria. E para atender às necessidades desta minoria o governo propõe a Reforma Universitária. Mas para se compreender esta Reforma do governo, uma vez que ela se volta para a realidade econômica da classe dominante, é preciso se fazer um breve histórico do desenvolvimento econômico brasileiro. Veremos as bases econômicas em que ela está inserida.

A formação da economia brasileira se processou integrada ao capitalismo internacional em todas as fases de desenvolvimento, sempre se caracterizando como economia reflexa: capitalismo mercantilista, economia açucareira do Nordeste, quando o centro dinâmico do sistema era a Inglaterra. Com a transferência do centro dinâmico para os Estados Unidos, esta situação histórica da economia brasileira permanece. Nossa economia, dentro deste esquema, continua a ser reflexa, existindo uma profunda integração dos capitalistas brasileiros no sistema monopolista internacional. O Brasil é hoje uma área onde, passadas

as fases da extração simples da matéria-prima e da monocultura para exportação, começa a se intensificar o processo de industrialização, consequência das necessidades que tem o capital internacional de consolidar mercados onde haja segurança para seus investimentos. Este processo de industrialização levou a necessidade de uma reformulação educacional visando atender a demanda de profissionais que a sociedade vem a exigir. É esta adaptação da Universidade Brasileira às necessidades do capitalismo internacional que originou os acordos MEC-USAID, Relatório Atconx, e Decreto-Lei 53 de 19-1-66 e 252.

Essa reformulação, nascida das necessidades do capital monopolista e planejada em sua função, não pode evidentemente se constituir em um progresso.

A Universidade deve ter autonomia suficiente e um sistema de representação que permita sua atualização constante e integração social no sentido de procurar responder às necessidades da maioria da população e não de uma minoria privilegiada.



# Justiça Militar decreta prisão preventiva de 71 estudantes

O DOPS encaminhou ontem à 2.a Auditoria de Guerra o processo que instaurou contra os participantes do 30.o Congresso da UNE, pedindo a prisão preventiva de 71 estudantes como incursos na Lei de Segurança Nacional.

No processo, de 1.808 paginas, 200 documentos e 10 fotografias, são indiciados cerca de 700 estudantes. Os 71 cujas prisões preventivas foram pedidas são considerados líderes nacionais do movimento estudantil.

## Os 71 líderes

São os seguintes os que tiveram prisão preventiva pedida:

**De São Paulo:** Carlos Alberto Afonso, Ivo Malerba, Primo Alfredo Brandmiller, José Wilson Lessa Sabbag, Jun Nacabaiashi, Ladislau Rui Ungar Glasiusz, Walter Estevanato Vuollo, Reinaldo Moreno Filho, Sergio de Melo Schneider, Romualdo Omorabano Paes de Andrade, Azael Rangel Camargo, José Antonio Adura Miranda, Tito Fernandes Duarte, Percival Menon Maricato, Jurandir Antonio, Milton Tota, Americo Antonio Flores, Fernando Marinho Falcão, Luis Carlos Di Sessa, Rubens Schmidt Weber, Luis Carlos de Freitas e José Roberto Arantes de Almeida.

**Da Guanabara:** Luis Raul Dodswoth Machado, Maria Augusta Carneiro Ribeiro, Reinaldo Felipe Neri Guimarães, Davi Capistrano da Costa Filho, José da Silva Vaz, Pedro Espindola Moreira Filho, Sergio Rubens de Araujo Torres, José Maurício Grabel, Silvio Frank Allen, José Domingos Teixeira Neto, Carlos Bernardo Weiner, Carlos Cefer Tavares, Gilberto Aarão Reis, Maria Helena Malta de Rezende e Marco Aurelio Borba.

**De Minas Gerais:** Valdo Silva, Jorge Batista Filho, José Carlos Mafa Machado, Danilo Corata, Marília Pires Fernandes, Cesar Epitacio Maia, João Batista dos Mares Guia.

**De Ceará:** Bergson Matos Faria, José Genuino Neto, João de Paula Monteiro Pereira, José Arlindo Soares, Inocencio Rodrigues Uchoa, Pedro de Albuquerque Neto, Maria Roque Barreto Cavalcanti, Marco Antonio Holanda Penaforti, Francisco Assis Adraldo, Francisco Inacio Almeida.

**De Brasília:** Paulo Speller, Lenine Bueno Monteiro, Henrique de Carvalho Matos.

**Do Estado do Rio:** Sebastião Carlos Velasco e Cruz, Clarice Chouchol, Ivan Moia Dias, Artur Carlos da Rocha Miller.

**Do Espírito Santo:** Cesar Ronaldo Pereira Lopes.

**Do Rio Grande do Sul:** José Vieira Loguercio e Luis Carlos Prado.

**Do Paraná:** Stenio Sales Jacó, Antonio João Mancio, Eloi Alfredo Pieta, Vitorio Sorotiuç, Jurandir Rios Garçonni, Luis Curvo e Palmiro Amancio Silva.

## Mães vão a Palacio, mas saem sem noticia de filhos desaparecidos

Enas de mães chorando e ameaçando desmaiar ocorreram, ontem à noite, no gabinete do chefe da Casa Militar do governador, coronel Edmur de Moraes Sales, incumbido pelo sr. Abreu Sodré de atender uma comissão de mães que foi ao Palacio dos Bandeirantes saber o paradeiro de seus filhos, estudantes presos em Ibiuna, e dados como soltos pela Policia, mas que continuam desaparecidos.

Na presença das mães, o coronel Edmur de Moraes Sales entrou em contato telefonico com o secretario da Segurança e, sem desligar o aparelho, transmitiu as noticias às mães à medida que as recebia. E informou:

«De todos os 700 e tantos estudantes presos no Congresso da UNE, em Ibiuna, somente 72, — 22 de São Paulo e 50 dos outros Estados — tiveram a sua prisão preventiva decretada. Tanto estes como os demais foram libertados pela policia de São Paulo e, talvez, tenham sido presos pela Policia Federal. Para a Policia Estadual são considerados foragidos. O secretario da Segurança está me dizendo que não sabe onde se encontram. Não sabe também os nomes de todos os 72 que tiveram a sua prisão preventiva decretada pois ainda não recebeu todos os mandados. Tem em mãos somente os mandados de prisão preventiva de 22 estudantes».

## 24 nomes

O chefe da Casa Militar do governador começou a repetir os nomes que ia ouvindo do secretario da Segurança.

Ao ouvirem o nome de seus filhos, as mães caíam em pranto.

No final, a lista que recebeu do secretario da Segurança tinha 24 e não 22 nomes como anunciara a principio e, de um, constava apenas o prenome.

As mães deixaram o Palacio afirmando que iam procurar o secretario da Segurança e a Policia Federal, porque continuavam sem saber onde estavam seus filhos.

As mães que foram ao Palacio dos Bandeirantes ontem, eram 13, uma de Brasília, genitora do estudante Henrique de Carvalho Matos, cujo nome consta da lista da policia como sendo de São Paulo e cuja prisão preventiva já foi decretada. Esta senhora saiu nos braços das outras, sentindo-se muito mal, porque há três dias que não dorme e mal se alimenta.

Das 13 senhoras, 4 eram da União das Mães Contra a Violencia, que coordenam os trabalhos de auxilio aos filhos e às familias. Afirmaram que estão sendo vitimas de "um jogo terrível". Procuravam os filhos na Policia Estadual e esta informava que o assunto era da alçada da Policia Federal que, por sua vez, afirmava que o problema era da primeira.

Tinham em mãos o bilhete de um estudante que relacionava o nome de mais sete, afirmando que estavam na 27.a Delegacia de Policia, mas não ficariam muito tempo ali, porque a ordem era mantê-los em constante movimento, de uma delegacia para outra, a fim de não serem localizados por suas mães e seus advogados. Foram à 27.a Delegacia e já não encontraram lá nenhum estudante.

## Um dialogo

O chefe da Casa Militar do governador, aguardando que o secretario da Segurança o atendesse ao telefone, afirmou que o bilhete poderia ser falso, "porque tem muita gente interessada em criar agitação em torno dessa assunto".

«Não é falso o bilhete, respondeu uma mãe. Não posso me enganar com a caligrafia de meu proprio filho».

«E» — retrucou o chefe da Casa Militar — muitos dos estudantes foram para o Congresso da UNE dizendo que iam a um piquenique».

«Mas o caso agora é diferente, temos um bilhete escrito».

«E antes tiveram a palavra de seus filhos, que não estavam dizendo a verdade».

Insistiram as mães na veracidade do bilhete e disseram que o governador poderia ajudá-las e localizar seus filhos. Não entravam no merito das ações que tinham sido praticadas pelos filhos, se eram ou não crimes contra a segurança nacional: queriam apenas saber onde estavam, para dar-lhes assistência familiar e juridica.

## Hely Lopes : "Não há estudante preso à disposição da Policia de S. Paulo"

«Não existe nenhum estudante preso, à disposição da policia de São Paulo» — disse o secretario da Segurança, prof. Hely Lopes Meireles ontem à noite, pouco antes de proferir uma palestra dentro das comemorações da "Semana da Guarda Civil".

«E bem possível — acrescentou o titular da Segurança Publica — que varios deles, com prisão preventiva decretada, estejam sob custodia em alguma delegacia, à disposição da Policia Federal».

«E possível também — aduziu o sr. Hely Lopes Meireles — que varios deles estejam no proprio CRUSP».

## Que violencia?

O secretario da Segurança demorou cinco minutos para atender ao telefone e o chefe da Casa Militar do governador conversando com as mães, afirmava que compreendia a aflição que viviam pois também era pai, com dois filhos estudantes. Garantiu não existir nenhuma ordem do governador para manter os estudantes presos em constantes movimentações. Perguntou como era o nome do movimento a quem pertenciam algumas das senhoras presentes, adiantando ele proprio: «União das Mães...»

«Contra a Violencia», acrescentaram as senhoras. E esclareceram:

«Contra a violencia de todos os lados. Da outra vez que estivemos aqui no Palacio, vimos pedir ao governador que nos ajudasse a por fim à luta entre os estudantes do Mackenzie e da Filosofia da USP. Fomos lá como mediadoras, mas, infelizmente, chegamos um pouco tarde».

E depois?, perguntou o coronel.

As senhoras afirmaram que depois do incidente entre estudantes do Mackenzie e da USP, continuaram trabalhando pela pacificação. Têm feito o possível, inclusive convocando para colaborar com elas psicólogos, sociólogos, e outros estudiosos dos problemas da juventude. Compreendem que as reivindicações, quando justas, devem ser defendidas, o que não concordam é com a violencia. Concluíram que também a sua geração tivera problemas com os adultos.

## Carta-aberta

No domingo à noite, após uma demorada assembleia geral das mães na sede da União das Mães contra a Violencia, rua Caio Prado, ficou resolvido o envio de uma carta aberta ao presidente Costa e Silva e ao presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Luiz Galotti, e solicitando interferencia a fim de que o paradeiro dos universitários fosse conhecido. Desde 5.a-feira, quando os estudantes presos em Ibiuna, foram soltos, mães que não puderam ter mais noticias dos filhos estão em vigilia, na rua Caio Prado, fazem manifestações e dirigem pedidos, a fim de conhecer seu paradeiro.

Na carta aberta enviada ao presidente Costa e Silva e ao presidente do Supremo Tribunal a União das Mães contra a Violencia informa que:

«ocorre um gravissimo fato que levamos ao conhecimento de v. excelencia, o de que os jovens (abaixo relacionados) encontram-se desaparecidos, não dando deles a Policia do Estado de São Paulo qualquer noticia, seja de liberacao ou de manutencao legal de custodia». «Muitos embora a Policia de São Paulo alegue não saber do paradeiro dos mesmos, tem-se seguras noticias de que, sem qualquer nota de passagem, ou deposito, vêm circulando há mais de 60 horas, pelas delegacias da Zona Sul de São Paulo, inclusive as delegacias de Parelheiros, Embu, Sacoma e Campo Limpo, onde são interrogados sob os mais diversos pretextos e sofrem constrangimentos fisicos de toda sorte».

## MANIFESTAÇÃO

Na tarde de ontem, um grupo de mães realizou uma manifestação nas escadarias do Teatro Municipal. Um grupo de senhoras, postou-se de frente para a praça e exibiu cartazes, nos quais se liam frases como estas: «Onde estão nossos filhos?», «Meu filho está vivo», e «Esconderam meu filho». A manifestação durou pouco mais de meia hora.

Mais tarde, divulgou-se uma carta-aberta endereçada à sra. Maria do Carmo Sodré, primeira dama do Estado, vazada dos mesmos termos das duas cartas anteriores.

## A LISTA

A lista de nomes de estudantes desaparecidos é esta: Sergio de Melo Schneider, Romualdo Pais de Andrade, Azael Rafael Camargo, José Antonio Miranda Adura, Benedito Fernandes Duarte, Percival Menon Maricato, Jurandir Antonio Dora, Fernando Marinho Falcão, Luis Carlos de Freitas, Henrique de Carvalho Matos, Reinaldo Moreno Filho, Carlos Alberto Afonso, Ivo Malerba, Primo Alfredo Brandmiller, José Wilson Lessa Sabbag, Jun Nakabaiashi, Ladislau Oni Ungar Glasiusz, Walter Estevanato Vuollo, Cesar Ronan Pereira Gomes, Americo Antonio Flores Nicolotti.



# Diario do Parana

FUNDADOR DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS: ASSIS CHATEAUBRIAND

\* N.º 3.984 \* | CURITIBA, DOMINGO, 20 DE OUTUBRO DE 1968 | 28 PÁGINAS | \* ANO XIV \*

## ESTUDANTE SAIU E VIOLÊNCIA VEIO

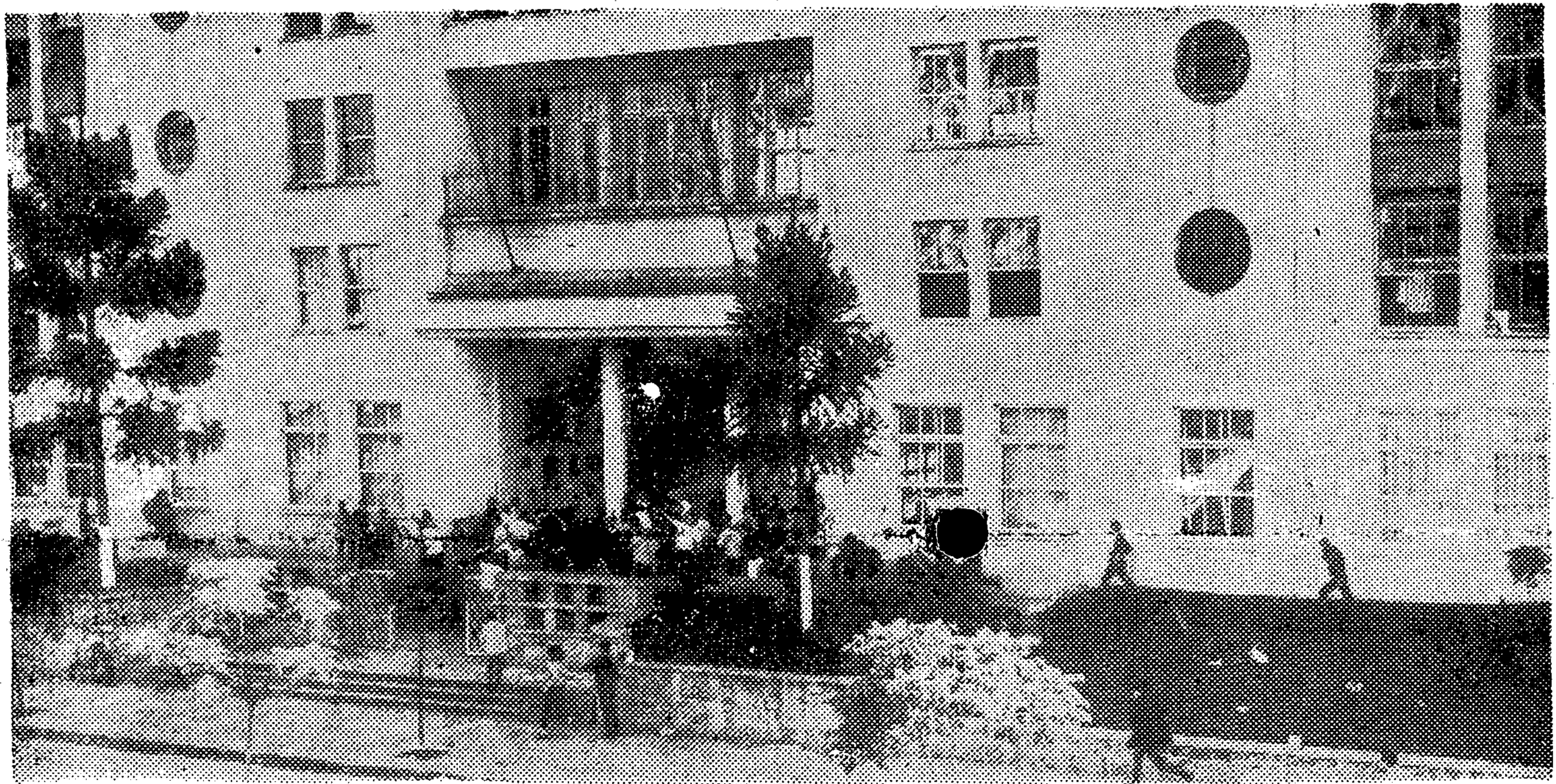
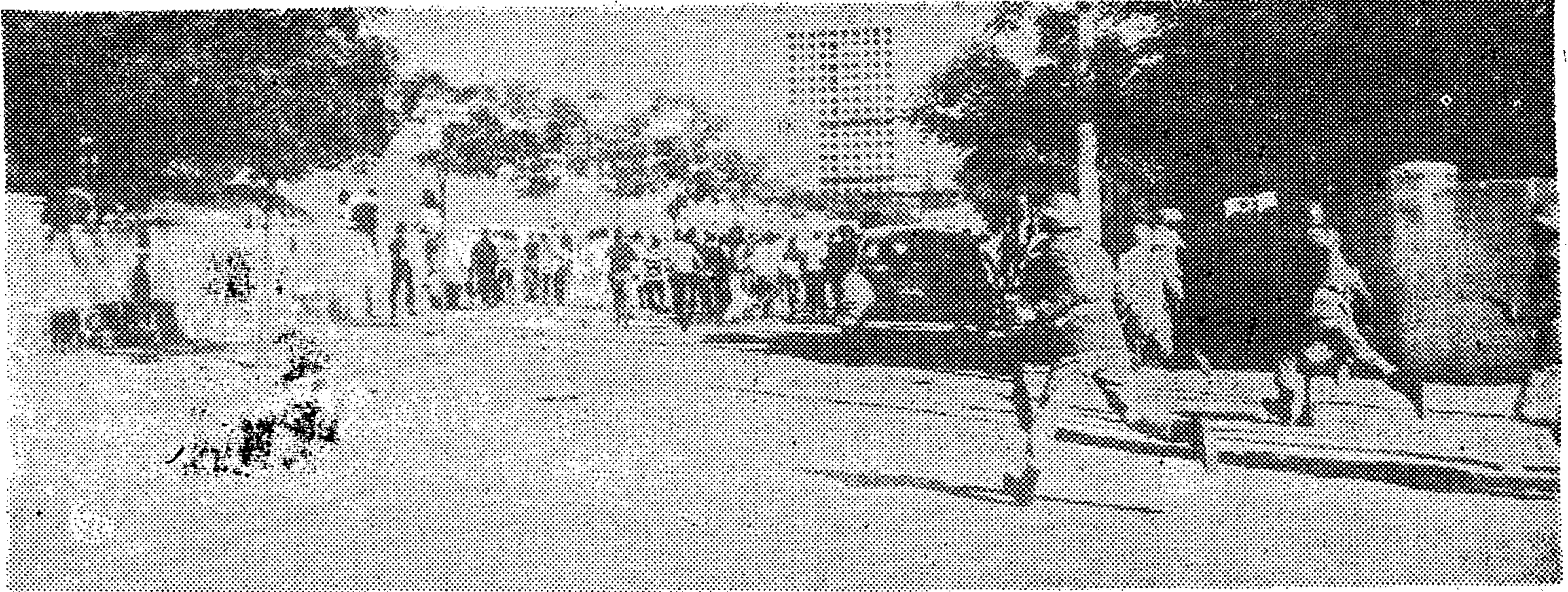
### ESPELHO DA ÉPOCA



Cêrca de 1.500 estudantes saíram às ruas ontem, em Curitiba, numa passeata que acabou degenerando em violência, com a decidida intervenção do Corpo de Operações Especiais da Polícia Militar. Mais de 500 policiais inclusive cavalarianos — armados de cassetetes, metralhadoras e bombas de efeito moral, mobilizaram-se para dispersar os manifestantes, que encurralados procuravam refúgio em edifícios e casas comerciais. Algumas lojas foram invadidas por elementos infiltrados entre os manifestantes, que em meio à confusão promoveram depredações. Repetiram-se as pichações de edifícios públicos, ônibus e carros particulares, enquanto a repressão policial atingia também populares. Em sua segunda fase, o movimento estudantil saiu do Diretório Acadêmico Nilo Cairo, com os universitários portando cartazes e gritando "slogans" contra o Governo. O presidente do Diretório Acadêmico Hugo Simas, da Direito Federal, acossado por homens do COE, procurou refúgio na Redação do DIARIO DO PARANÁ, cujas dependências foram invadidas por elementos da PM. O líder estudantil, logo depois, estava nas ruas enquanto o diretor da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná, professor Egas Dirceu Mopiz de Aragão, preocupado com a situação reinante, comparecia ao DP, onde os jornalistas o inteiraram dos fatos até então ocorridos. Mais tarde, os manifestantes se deslocaram para o Passeio Público e ganharam a CEU, ali instalando o "QG da resistência". Ao mesmo tempo, a Associação dos Professôres do Paraná fazia distribuir uma Nota Oficial em que desmentia um panfleto estudantil que incluía o Magistério no esquema do protesto de ruas. Tanto no DANC como na CEU, os universitários montaram um completo corpo de segurança, chegando inclusive a perseguir carros oficiais que passavam pela avenida João Gualberto. Três veículos foram danificados pelos manifestantes, que também adotaram métodos violentos para resistir. A propósito das manifestações de ontem, o governador Paulo Pimentel disse que "não eram estudantes; eram agitadores infiltrados junto aos jovens, para incitá-los contra a ordem pública". E na Guanabara, também os estudantes provocaram agitações, com cêrca de duas centenas deles fazendo a propaganda do "Dia do Protesto", que transcorre na próxima terça-feira. (Págs. 5, 6 e 10).

155





Os estudantes que saíram em passeata, pela manhã, da Praça Santos Andrade, encontraram pela frente os pelotões do COE, que usaram da força para dispersar os manifestantes. Pelo menos 15 foram presos e 10 feridos.

PT 2313-200

# Estudante voltou à rua para pichar

*Gazeta do Povo 29/18/67*

Estudantes voltaram a realizar comícios relâmpagos ontem por volta das 18 horas e como da vez anterior efetuaram o pichamento de veículos que transitavam nas ruas centrais de Curitiba. Pregavam eles "uma Universidade livre para o povo" e ao mesmo tempo anunciavam o "XXX Congresso da ex-UNE".

Os universitários decidiram retornar às ruas só depois de terem feito uma análise detalhada da última manifestação do mesmo gênero, oportunidade em que chegaram à conclusão de que a tática é certa e "com isso poderão

atingir todos os seus objetivos".

A manifestação de ontem constituiu surpresa até para alguns estudantes, pois em cinco minutos o coordenador do grupo dirigia as palavras ao público e paralelamente outro grupo trabalhava no pichamento dos veículos, especialmente os ônibus coletivos.

Os comícios relâmpagos foram realizados nos locais de maior movimento, sendo o primeiro na Praça Tiradentes e o segundo na Praça Carlos Gomes, não durando ao todo, meia hora.





# Auditor Marca Para Quinta o Sumário de Estudantes Agitadores

O juiz auditor Célio Lobão Ferreira marcou para quinta-feira o início do sumário de culpa dos estudantes presos a 17 de dezembro último, no bairro do Boqueirão, quando participavam de uma reunião debatendo temas relacionados com o XXX Congresso da ex-UNE, cujo início ocorreu em Ibiuna. São denunciados como infratores da Lei de Segurança Nacional os estudantes Antonio Manfio, Vitorio Sorotiuk, Charles Champion Jr., Mauro Daisson Otero Goulart, Dacio Villar, Celso Paciornik, Berto Curvo, Hélio Urnau, Marco Apollo Santos Silva, João Bonifácio Cabral Jr., Iran Vieira Dias, Marco Antonio Nascimento Pereira, Mário Oba, Judith Maria Barbosa e Elisabeth Franco Fortes. (8.a/1.o).

*Divisão do Paraná 5-A-69*

SEM QUALQUER dificuldade, os comandos estudantis pró-UNE distribuíram, ontem, fartamente, pela cidade, volantes concitando os eleitores a votar em branco. A linguagem era a mesma daquela encontrada nos muros e paredes e escritas à base de «spray»: «Povo na luta derruba a ditadura. Vote nulo». Locais onde poderiam ser encontrados os propagandistas do voto nulo: Praça Tiradentes, rua XV e Passeio Público.

INCAVERNATA

*Handwritten notes and scribbles at the bottom left of the first page.*

...notoriosa ligo para nosso... a construção de residências... políticos...

## Reunião da UNE continua

BELO HORIZONTE, BRASÍLIA, SÃO PAULO (Transpress - O ESTADO) — O 30.º Congresso Nacional da União Nacional dos Estudantes, dissolvido pela polícia na cidade de Ibiuna, vai prosseguir. Serão os trabalhos da terceira fase do Congresso. Quem anuncia o prosseguimento ainda para este ano é o DCE da Universidade Federal de Minas Gerais.

### VERBAS

Falando na Câmara, o ministro Tarso Dutra declarou que o governo federal está destinando vultosas verbas para o ensino. Frisou que nenhum outro governo fez tanto pela educação como o atual. Sublinhou que as instituições de ensino no Brasil apresentam atrasos seculares e que o governo federal tudo está fazendo para recuperá-las.

Por outro lado, o professor Oscar de Oliveira sugeriu ao grupo de trabalho que estuda

o aumento de vagas das escolas superiores que no próximo ano sejam realizados dois vestibulares para os setores de tecnologia e saúde. Dessa forma, seriam realizados exames em janeiro ou fevereiro e em julho.

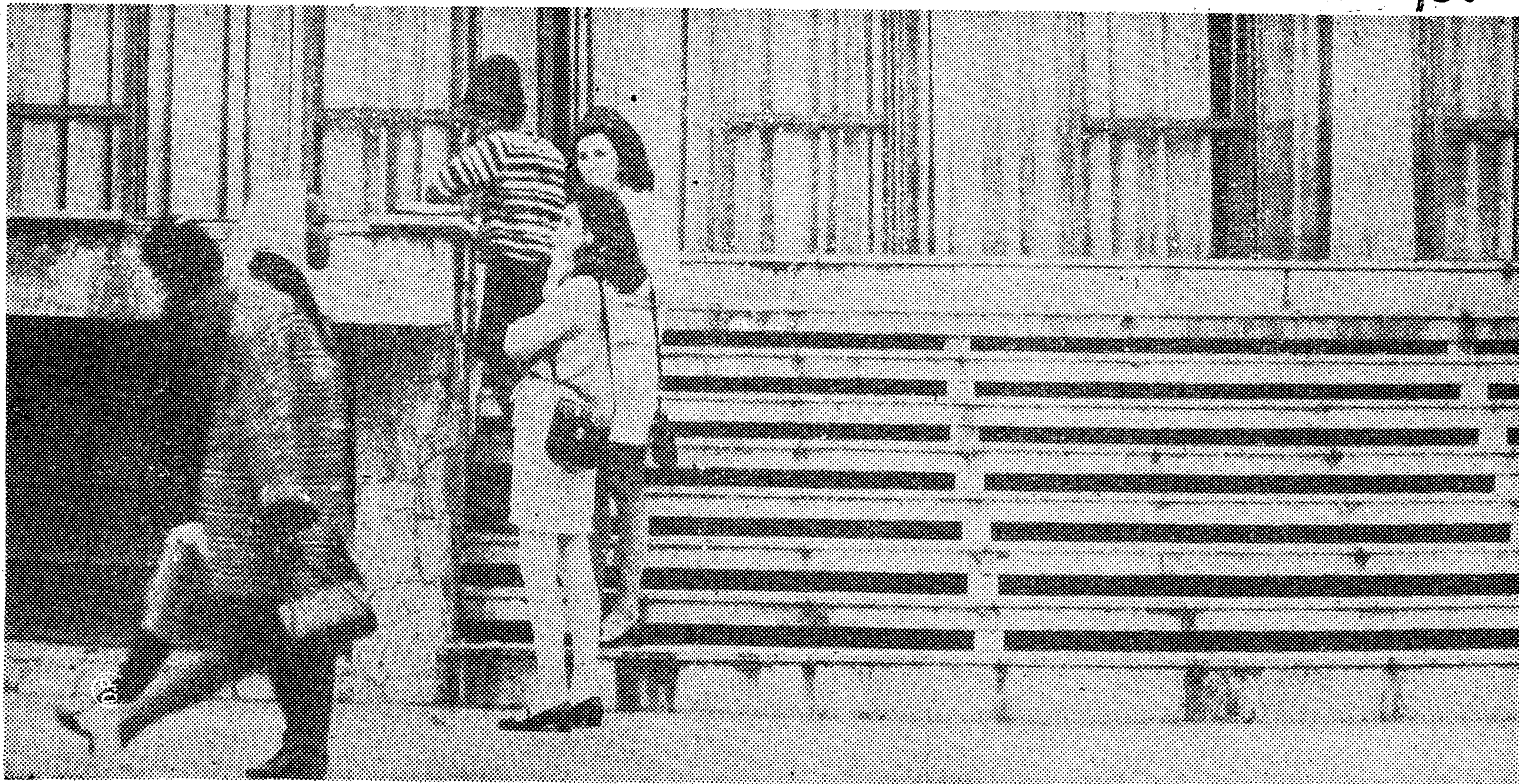
### CRISE

As autoridades ligadas à educação em São Paulo mostram-se preocupadas com a grave crise que poderá se abater sobre o ensino médio. Isto devido aos critérios de promo-

ção adotados por inúmeros professores, contrariamente às instruções vigentes, que determinam a promoção conforme o aproveitamento constante através de nota justa. É que os professores, a fim de garantir sua contratação no ano corrente, estão dando notas mais altas aos seus alunos, os quais, nos próximos anos, não terão condições para acompanhar o ritmo exigido e iniciar assim um progresso de frustração do jovem.







Tudo está pronto para o Congresso da UNE no DCE, onde pequenos grupos de estudantes já estão se formando.

# ÊSTE CONGRESSO É NACIONAL

Fotos de Antônio Ferreira



Não se justifica que os líderes da ex-UNE digam que este congresso — programado para amanhã, domingo e segunda-feira — seja regional, porque ele já se realizou na semana passada. «Eles vão mesmo é fazer o congresso nacional da ex-UNE, o 30.º que tanto tem se falado nele», afirmou um líder estudantil quando era interrogado. Logo ele aca-

bou de falar, porque veio outro estudante, também da UNE e o cutucou com o cotovelo, num sinal de protesto e impedindo qualquer declaração.

A mobilização estudantil, com lideranças nacionais, o pedido de alojamentos, o funcionamento de comissões especializadas e o trabalho que estão fazendo os dirigentes da ex-UNE, são provas que num congresso regional não seria preciso tanto movimento, para reunir menos de 50 líderes. Para esta reunião — o 30.º Congresso Nacional, cujo planejamento estabeleceu até 15 de setembro a sua realização — aqui chegarão mais de 300 líderes do movimento.

## Um Grande Despiste

Dirigentes da UNE quiseram desmentir notícias veiculadas sobre a realização do congresso. Mas caíram em contradição, quando apareceu um outro dirigente na sala e falou em voz alta. «O Dirceu chegou com outros «amigos». O rapaz que atendia um repórter, o repreendeu. «A imprensa não deve saber de nada», falou, enquanto fazia sinal para outros assessores para que saíssem da sala.

E com o 30.º Congresso Nacional, a UNE marca mais uma etapa. Os estudantes disseram que o congresso saíria «até na marra». Agora, eles anunciam — livremente — um congresso em recinto aberto, pensando que não haverá intervenção. O fim de semana será agitado.

# UNE FAZ SEGRÊDO DA REUNIÃO

Sem se explicar porque, um silêncio caiu, desde ontem, sobre as lideranças estudantis da UNE no Paraná. Talvez por medida de segurança, resolveram esconder o esquema de realização do congresso regional da entidade, desta vez reunindo todas as lideranças estudantis, em fase final. No último fim de semana, saiu um congresso regional da UNE. Mas esse só reuniu os cabeças.

Agora é a vez de reunir líderes de cinco Estados, inclusive com a presença de dirigentes nacionais da UNE. O DCE já foi escolhido para ser o local do encontro, que se

desenvolverá "em recinto fechado", mas as "portas serão abertas para qualquer pessoa". Se não fôr possível realizá-lo a portas abertas, prometem os estudantes que vão desenvolvê-lo na marra.

## A Segurança

Os universitários estão bem mais esquematizados do que a Polícia. Possuem três comissões que vão assegurar o desenvolvimento da reunião: a comissão de organização, a comissão de mobilização e a comissão de segurança, que impedirá e repri-

mirá qualquer ação policial contra estudantes. Esta comissão se formará como se fosse um cerco e os líderes estão dispostos até a efetuarem prisões de policiais.

Muitas moças estão colaborando no cerco e segurança do DCE, que em forma de anel, defenderá o prédio, onde, irão se realizar as reuniões. Ontem, cartazes colocados em diversas Faculdades davam conta da realização do encontro, "aberto para todos os estudantes". Ontem também se verificaram — mesmo durante o dia — muitas pichações de muros em bairros da Capital.

# TRÊS LÍDERES ESTÃO AQUI

Desde a manhã de ontem, a União Paranaense de Estudantes está acobertando a presença em Curitiba de três dirigentes da extinta União Nacional dos Estudantes, cujos nomes não foram revelados e que vieram exclusivamente para participar da reunião das lideranças do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Entre os estudantes que aqui chegaram, pertencentes a UNE, está o seu primeiro vice-presidente, Luiz Dirceu, que está escondido, juntamente com os outros. Informações desencontradas, davam conta na tarde de ontem, da

presença de uma moça da Guanabara, pertencente também ao movimento da entidade proibida.

## O Esconderijo

A União Paranaense de Estudantes, a Casa do Estudante Universitário e o Diretório Central de Estudantes, ignoraram a presença de líderes da UNE em suas dependências. Mas certos setores da liderança da UPE afirmavam oficialmente que aqui se encontravam — em qualquer lugar da cidade — "rapazes da UNE que vieram especialmente para dirigir as reuniões".

Tem-se certeza que Luiz Travassos — presidente da entidade, não virá, porque a turma da região Sul — Paraná — Santa Catarina e Rio Grande do Sul não se dá com ele. Em compensação, os líderes da UNE no Paraná lutam ardorosamente para assegurar a vitória a Vladimir Palmeira, que mesmo prêsso concorrerá às eleições da entidade para 68-69. A eleição para escolha do novo dirigente da UNE deve se desenvolver no último dia do 30.º Congresso da entidade, cuja realização está sendo mantida em sigilo. Neste fim de semana, o congresso é aqui.

# FAMÍLIAS NEGAM ALOJAMENTO

As lideranças da extinta União Nacional dos Estudantes andaram ontem muito agitadas: correram por toda a cidade, batendo em algumas residências, pedindo aloja-

nenhum alojamento em casas de família, hotéis e pensões. Quem vier para reunião, terá que se hospedar no Diretório Central de Estudantes ou na Casa do Estudante Uni-

na, quis declarar sobre a insegurança e o perigo que oferecia a realização desse congresso. No entanto, os universitários foram

Diário do Paraná 13-9-68





Não se justifica que os líderes da ex-UNE digam que este congresso — programado para amanhã, domingo e segunda-feira — seja regional, porque ele já se realizou na semana passada. «Eles vão mesmo é fazer o congresso nacional da ex-UNE, o 30.º que tanto tem se falado nele», afirmou um líder estudantil quando era interrogado. Logo ele aca-

bou de falar, porque veio outro estudante, também da UNE e o cutucou com o cotovelo, num sinal de protesto e impedindo qualquer declaração.

A mobilização estudantil, com lideranças nacionais, o pedido de alojamentos, o funcionamento de comissões especializadas e o trabalho que estão fazendo os dirigentes da ex-UNE, são provas que num congresso regional não seria preciso tanto movimento, para reunir menos de 50 líderes. Para esta reunião — o 30.º Congresso Nacional, cujo planejamento estabeleceu até 15 de setembro a sua realização — aqui chegarão mais de 300 líderes do movimento.

### Um Grande Despiste

Dirigentes da UNE quiseram desmentir notícias veiculadas sobre a realização do congresso. Mas caíram em contradição, quando apareceu um outro dirigente na sala e falou em voz alta. «O Dirceu chegou com outros «amigos». O rapaz que atendia um repórter, o repreendeu. «A imprensa não deve saber de nada», falou, enquanto fazia sinal para outros assessores para que saíssem da sala.

E com o 30.º Congresso Nacional, a UNE marca mais uma etapa. Os estudantes disseram que o congresso sairia «até na marra». Agora, eles anunciam — livremente — um congresso em recinto aberto, pensando que não haverá intervenção. O fim de semana será agitado.

## UNE FAZ SEGRÊDO DA REUNIÃO

Sem se explicar porque, um silêncio caiu, desde ontem, sobre as lideranças estudantis da UNE no Paraná. Talvez por medida de segurança, resolveram esconder o esquema de realização do congresso regional da entidade, desta vez reunindo todas as lideranças estudantis, em fase final. No último fim de semana, saiu um congresso regional da UNE. Mas esse só reuniu os cabeças.

Agora é a vez de reunir líderes de cinco Estados, inclusive com a presença de dirigentes nacionais da UNE. O DCE já foi escolhido para ser o local do encontro, que se

desenvolverá “em recinto fechado”, mas as “portas serão abertas para qualquer pessoa”. Se não fôr possível realizá-lo a portas abertas, prometem os estudantes que vão desenvolvê-lo na marra.

### A Segurança

Os universitários estão bem mais esquematizados do que a Polícia. Possuem três comissões que vão assegurar o desenvolvimento da reunião: a comissão de organização, a comissão de mobilização e a comissão de segurança, que impedirá e repre-

mirá qualquer ação policial contra estudantes. Esta comissão se formará como se fosse um cerco e os líderes estarão dispostos até a efetuarem prisões de policiais.

Muitas moças estão colaborando no cerco e segurança do DCE, que em forma de anel, defenderá o prédio, onde, irão se realizar as reuniões. Ontem, cartazes colocados em diversas Faculdades davam conta da realização do encontro, “aberto para todos os estudantes”. Ontem também se verificaram — mesmo durante o dia — muitas pichações de muros em bairros da Capital.

## TRÊS LÍDERES ESTÃO AQUI

Desde a manhã de ontem, a União Paranaense de Estudantes está acobertando a presença em Curitiba de três dirigentes da extinta União Nacional dos Estudantes, cujos nomes não foram revelados e que vieram exclusivamente para participar da reunião das lideranças do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Entre os estudantes que aqui chegaram, pertencentes a UNE, está o seu primeiro vice-presidente, Luiz Dirceu, que está escondido, juntamente com os outros. Informações descontradas, davam conta na tarde de ontem, da

presença de uma moça da Guanabara, pertencente também ao movimento da entidade proibida.

### O Esconderijo

A União Paranaense de Estudantes, a Casa do Estudante Universitário e o Diretório Central de Estudantes, ignoraram a presença de líderes da UNE em suas dependências. Mas certos setores da liderança da UPE afirmavam oficialmente que aqui se encontravam — em qualquer lugar da cidade — “rapazes da UNE que vieram especialmente para dirigir as reuniões”.

Tem-se certeza que Luiz Travassos — presidente da entidade, não virá, porque a turma da região Sul — Paraná — Santa Catarina e Rio Grande do Sul não se dá com ele. Em com pensação, os líderes da UNE no Paraná lutam ardorosamente para assegurar a vitória a Vladimir Palmeira, que mesmo prêsso concorrerá às eleições da entidade para 68-69. A eleição para escolha do novo dirigente da UNE deve se desenvolver no último dia do 30.º Congresso da entidade, cuja realização está sendo mantida em sigilo. Neste fim de semana, o congresso é aqui.

## FAMÍLIAS NEGAM ALOJAMENTO

As lideranças da extinta União Nacional dos Estudantes andaram ontem muito agitadas: correram por toda a cidade, batendo em algumas residências, pedindo alojamentos para rapazes, que neste fim de semana deverão se encontrar em Curitiba, para a realização de uma reunião preparatória ao 30.º Congresso da entidade, englobando universitários do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Guanabara, além de outros líderes do movimento estudantil.

Nada de oficial os estudantes publicaram. Mas sabe-se que eles não conseguiram

nenhum alojamento em casas de família, hotéis e pensões. Quem vier para reunião, terá que se hospedar no Diretório Central de Estudantes ou na Casa do Estudante Universitário. Os membros da UNE haviam decidido realizar o congresso em Apucarana, mas devido a falta de segurança, resolveram desenvolvê-lo em Curitiba, que oferece melhores condições.

### Insegurança

Ninguém da diretoria da União Paranaense de Estudantes ou da UNE, no Para-

na, quis declarar sobre a insegurança e o perigo que oferecia a realização desse congresso. No entanto, os universitários foram de aula em aula, explicando aos estudantes que era preciso agitar, falar e fazer comícios para que a reunião atinja seus objetivos.

Chegaram a encher as Faculdades de cartazes, com dizeres: “A UNE está aqui. Que venham nos perturbar”. No DCE, a animosidade é grande nesses dias preliminares da reunião. Muita apreensão e planejamento para que dê tudo certo.

## DIREITA JÁ AGE CONTRA

Um grupo de estudantes universitários, pertencente a ala radical direita — Diretórios Acadêmicos 2 de Julho, Faculdade de Direito Católica; Ciências Econômicas e Direito de Curitiba — reafirmou na tarde de ontem a sua posição de “impedir a realização do congresso da União Nacional de Estudantes, custe o que custar”.

Declararam que este congresso não tem razão de ser. Se os estudantes querem lutar por ideologias, visando a mobilização estudantil, não podem querer defender “uma entidade extinta pelo Governo e que não tem persona-

lidade jurídica para representar qualquer estudante universitário”.

### Vão Impedir

Esse grupo direita, que ainda não se manifestou aguardando uma ocasião mais oportuna, reafirmou o seu propósito de impedir a realização da reunião. Portanto cartazes, se insuflando no meio de UNE e “dedando” os locais de manifestações, esse grupo de direita vai agir para valer, “custe o que custar”. disseram.

O grupo anti-UNE dos três DCEs não é tão grande como parece dizer, pelas ameaças que faz de “impedir a realização do congresso”. São menos de 30 estudantes, que têm se reunido diversas vezes por semana, despistando a facção da UNE.

E a propaganda usada por esse grupo é “sui generis”. Dizem os “slogans” dos cartazes: “Não defendemos UNE. Queremos defender os estudantes”. Disseram que vão auxiliar as autoridades policiais, para evitar o prosseguimento do congresso.

Dilmas do Nascimento 13-9-66



# Juiz remove 200 estudantes para o Carandiru

Depois de um encontro com o secretário da Segurança, sr. Hely Meirelles, o juiz corregedor dos presídios, sr. Alexandrino de Almeida Prado, anunciou ter sido decidida a transferência de 200 estudantes do presídio Tiradentes para a Casa de Detenção.

Mais tarde, em entrevista coletiva, o sr. Hely Meirelles declarou que em poder dos estudantes presos em Ibiuna havia planos terroristas, de destruição de uma ponte e ocupação de uma estação de rádio numa cidade próxima.

Enquanto isso, continuam chegando a São Paulo familiares dos detidos que enviam a eles através da 1.ª Delegacia Auxiliar, pacotes com agasalhos, alimentos e remédios.

O juiz corregedor dos presídios, sr. Alexandrino de Almeida Prado, divulgou ontem um comunicado que anuncia ter sido decidida a remoção de até 200 estudantes dos que foram presos em Ibiuna do presídio Tiradentes para a Casa de Detenção, no Carandiru.

Segundo o comunicado, a remoção, decidida após encontro entre o juiz e o secretário da Segurança, sr. Hely Meirelles, «foi realizada hoje (ontem) mesmo, com o que ficou aliviada a lotação do presídio Tiradentes».

Acrescenta a nota que em ambos os presídios ficaram médicos e enfermeiros para o atendimento dos presos e comunica, finalmente, que os estudantes de outros Estados «estão sendo removidos para as respectivas Capitais, após terem sido ouvidos no inquerito em que se acham indiciados por crime contra a segurança nacional».

## Correição no presídio

Os advogados Milton Rosenthal e Idel Aronis encaminharão hoje à Corregedoria dos Presídios pedido de correição no presídio Tiradentes para comprovar as denúncias de que os estudantes ali detidos estariam sendo submetidos a maus tratos.

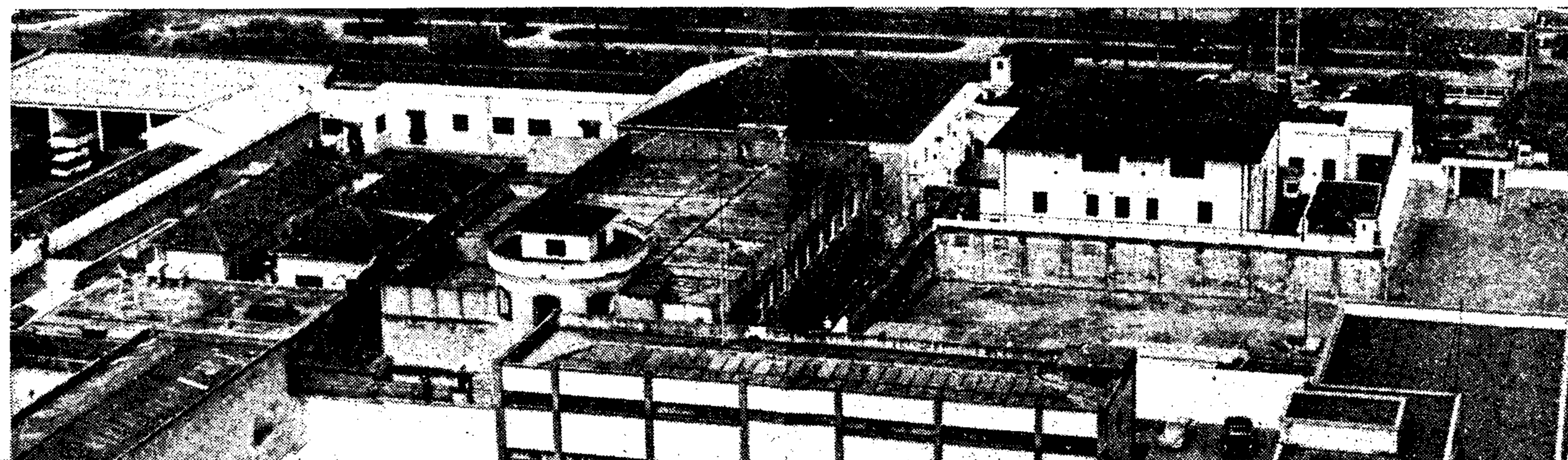
No documento, os advogados salientam que «está sendo desrespeitada a prerrogativa constitucional que permite ao advogado entrevistar-se livremente com seus constituintes, ainda que incomunicáveis».

## Secretario de Segurança diz que

FOTOS DE EDWALDO SILVA



Pelas janelas do presídio Tiradentes, estudantes gritam para transmitir recados a seus familiares e jornalistas.



No prédio branco, ao fundo, estão detidas as moças. No bloco cinzento, em primeiro plano, ficam os rapazes. Este é o presídio Tiradentes, onde permanece a maioria dos estudantes presos em Ibiuna, no Congresso da UNE.

## Pais conseguem entregar roupas e alimentos aos filhos presos

Os estudantes no presídio da av. Tiradentes estão recebendo, através da Chefia Geral dos Investigadores da 1.ª Delegacia Auxiliar, agasalhos, mantimentos e remédios, que seus pais lhes têm enviado.

A União das Mães de São Paulo contra a Violência fez a entrega de 3 grandes remessas de roupas e alimentos. Até ontem cerca de 70 pessoas, além da União, enviaram para os estudantes desde cobertores até comprimidos de cafiaspirina. Eles estão recebendo também muitas frutas — principalmente maçãs e bananas — e sanduíches.

Na sede da União das Mães, familiares dos estudantes vindos de todas as partes do Brasil passam o dia inteiro discutindo quais as medidas para atrair a atenção de outras mães.

Na assembléia realizada ontem à noite, a que compareceram cerca de 100 familiares dos estudantes presos, ficou combinado que hoje às 9 horas haverá uma concentração defronte ao presídio com cartazes, mostrando aos estudantes que as mães continuam lutando por sua liberdade.

Um grupo de pais não identificado divulgou ontem um «manifesto à nação» no qual se protesta em termos violentos contra a prisão dos estudantes. Esse documento, distribuído em forma anônima não tem o endosso nem a aprovação da União das Mães, como acentuou na ocasião uma porta-voz da entidade.

## INCIDENTES

Ontem às 17 horas, 10 estudantes da FEI quiseram entregar diretamente ao diretor do presídio da av. Tiradentes agasalhos e alimentos para os estudantes, mas foram cercados por soldados da Força Pública.

Os estudantes foram revistados e explicaram depois que o incidente se deveu ao fato de terem feito sinais aos seus colegas presos, procurando saber de que eles mais precisavam em matéria de comida, roupas e remédios, além daquilo que levaram e não puderam entregar.

Meia hora depois, quando entrava no presídio um ônibus transportando cerca de 50 presos, da. Graci Rangel Camargo, mãe do estudante Azael Rangel Camargo (3.º ano de engenharia, em São Carlos), foi agredida por um soldado diante do portão do presídio que dá para a av. Tiradentes: A fotografa Makiko, da «Folha da Tarde», acionou sua máquina, mas o soldado avançou contra ela. O reporter Dorival Selbach, do mesmo jornal, tentou defender a fotografa e esta aproveitou o momento em que eles discutiam para tirar mais uma chapa, sendo em seguida ambos presos e recolhidos imediatamente ao presídio. Foram soltos duas horas depois, após serem interrogados.

## Assessor de Sodrê faz críticas e culpa todos os líderes da UNE

O sr. Marco Antonio Castelo Branco, colega de classe do líder universitário José Dirceu (um dos presos em Ibiuna) e assessor do governador Abreu Sodrê para assuntos estudantis, disse ontem que «o desastre da UNE é culpa das suas falsas lideranças, tipo Travassos, Palmeira e José Dirceu, empenhadas numa violência sem nexo e sem apontar nenhum caminho». Julga que o movimento estudantil «está



ção de uma estação de rádio localizada em uma cidade próxima.

«Alem de vários boletins, jornais da UEE e retratos de «Chê» Guevara, a Polícia apreendeu varias armas — pistolas, revólveres e espingardas», disse o secretario.

### Os presos

O sr. Hely Meirelles esclareceu que foram detidos 713 estudantes — 557 rapazes e 156 moças — entre eles um argentino, Juan Antonio Sander, uma professora da Bahia, Margarida Maria Ribeiro Santos, e varias moças fugidas de um internato.

Explicou o secretario que os lideres do movimento estudantil foram autuados em flagrante delito «por estarem realizando uma reunião ilegal, sob a sigla de uma entidade posta fora da lei». E anunciou alguns nomes: José Dirceu, Omalr Laino, Marcos Ribeiro, Vladimir Palmeira, Luís Travassos, Helena Rezende de Souza Nazaré. Justificou sua reserva em anunciar outros nomes, alegando não querer dificultar as diligencias, «alem de os estudantes de outros Estados estarem dando nomes errados».

### Distribuição dos presos

O secretario da Segurança informou que todos os estudantes que estiverem livres de alguma condenação judicial serão recambiados aos seus Estados de origem, através das respectivas Secretarias de Segurança.

Disse que as visitas continuarão suspensas, por medida de segurança e para evitar tumultos, e que 12 equipes estão procedendo à identificação e qualificação dos detidos, dia e noite, para apressar o processo de triagem.

Quanto às queixas dos estudantes sobre as acomoda-

ções grande de presos. Mandei que se providenciasse imediatamente a compra de colchões, talheres de plasticos, pratos de aluminio e copos de papel, para atender os detidos. Tenho certeza de que estão melhor acomodados de que no lugar onde os encontramos — e comendo melhor, inclusive».

### Repressão continuará

«Creio que com a prisão dos principais lideres do movimento estudantil, as atividades desordenadas e as

## Novo presidente da UNE pode ser escolhido no Presidio Tiradentes

E' provavel que o novo presidente da União Nacional dos Estudantes esteja sendo escolhido atrás das grades do Presidio Tiradentes, onde está presa a maioria dos delegados ao XXX Congresso, dissolvido pela Polícia.

Os estudantes, que anteontem começaram uma greve de fome, usam dos mais engenhosos meios de se comunicar entre as celas, e as artimanhas que improvisaram poderão repetir o que aconteceu em 1966: a eleição de um presidente de entidade proscrita pelo Governo (a UEE de São Paulo) atrás das grades.

### Mensagens nos sapatos

Ontem à tarde, os jovens se comunicavam entre as celas através de sapatos com mensagens em seu interior. Os sapatos eram balandados pelos cordões até atingir as janelas vizinhas, e depois devolvidos. Os soldados encarregados da vigia das celas anotavam num livro o numero das celas em que os estudantes se comunicavam.

que foi determinado pela legislação vigente».

Dizem que «os folhetos apreendidos, que usam a linguagem comum aos subversivos, mostram que a orientação do movimento estudantil veio de fora — Cuba, talvez».

A uma pergunta sobre uma possível ligação entre a morte do capitão Chandler e a realização do Congresso, o secretario respondeu:

«Não podemos afirmar que exista conotações entre os casos. Mas os folhetos apreendidos entre os estudantes são iguais aos que foram encontrados ao lado do corpo do capitão Chandler».

Isso acontecia somente nas celas da parte traseira do presidio, não voltada para a rua e não havia concentração de pais de estudantes. Nas da frente, os jovens podiam se comunicar livremente e acenar para jornalistas e transeuntes.

Não foi permitido aos fotografos tirar fotos do patio do presidio.

### A UNE, DA PRISÃO

Cerca de cem estudantes — provavelmente de outros Estados do Brasil — estavam ontem alojados na parte do Presidio Tiradentes que dá para o largo da Luz. À aproximação de parentes e jornalistas começaram a gritar por «liberdade, liberdade», anunciaram que estavam em greve de fome, ficaram quase 15 minutos gritando «UNE» em cântico, de dentro das diversas celas, pediram visitas, cantaram o Hino Nacional e o Hino à Bandeira.

## Em Brasília, confusões e choques com a Polícia

BRASILIA (Sucursal) — Grupos de universitários mantiveram o centro da capital do país em agitação na tarde de ontem, por diversas horas, em protesto contra as prisões de Ibiuna.

As primeiras horas da tarde, dezenas de choques da PM e da DOPS ocuparam as principais ruas e praças da cidade, na expectativa das manifestações estudantis, anunciadas na vespera. Por volta das 14 horas, centenas de estudantes concentraram-se na av. W/3, nas imediações do posto do INPS, paralisando o transito, aos gritos de «viva a UNE», «soltem nossos colegas» e outras frases contra o governo.

### A repressão

Saindo de suas camionetas, os policiais dispersavam os manifestantes, que contudo se reuniam em outro local. Assim, os estudantes mantiveram grande area da cidade em constante tumulto, paralisando o transito e obrigando os policiais a se desdobrarem.

Por diversas vezes, os estudantes dispersaram-se pelas superquadras residenciais, dando a impressão de que haviam encerrado a manifestação. Mas ressurgiam em outro local, com os mesmos gritos contra o governo e de solidariedade aos colegas presos.

### Prisões, mas não violencia

Diversos estudantes foram presos e recolhidos ao carro-prisão. Não houve repressão violenta por parte da Polícia. Apenas um comissario na av. W/3, sacou de um revolver e ameaçou atirar em es-

tudantes que viajavam um policial. Os manifestantes investiram contra ele a pedradas, acertando duas, uma na cabeça e outra no braço. Um outro policial conseguiu tomar-lhe o revolver.

### Protesto e adesão

O deputado Martins Rodrigues e o ex-parlamentar Edson Garcia protestavam na rua contra a ação da polícia, quando este ultimo chegou a receber voz de prisão do delegado que comandava as operações.

Na altura da Superquadra 307, onde a Codebras constrói varios edificios, os estudantes realizaram um rapido comício, com um orador em cima de um caminhão. Os trabalhadores da obra paralisaram o serviço. Aplaudiram os moços, mas ficaram do lado de dentro da cerca. A polícia logo depois dispersou os estudantes.

### «Habeas corpus» a Bernardino

BRASILIA (SUCURSAL) — A segunda turma do Supremo Tribunal Federal concedeu ontem, por unanimidade, a ordem de «habeas-corpus» requerida em favor do estudante Bernardino Ribeiro de Figueiredo, presidente do Gremio da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

O relator, ministro Evandro Lins e Silva, disse no seu voto que concedia a ordem porque o promotor que funciona perante a 2.a Auditoria Militar de São Paulo excedeu-se do prazo fatal de cinco dias de que dispunha para oferecer a denuncia, uma vez que se tratava de réu preso.

## Nos Estados, estudantes agitam: comícios e lutas com a Polícia

### DAS SUCURSAIS

Três carros da Radio Patrulha foram depredados e um caminhão da Polícia Militar foi incendiado por estudantes de Salvador, que saíram ontem às ruas para fazer varios comícios-relampago.

A Polícia teve que usar bombas de gás lacrimogêneo contra os universitários, que utilizavam tinta «spray» para pichar onibus e automóveis e atiravam pedras no Palacio Rio Branco, partindo varias vidraças.

Nenhuma prisão foi feita e não houve feridos: os policiais fizeram apenas disparos para o alto.

### Em Recife

Oito universitários foram presos, segunda-feira, nos choques entre a polícia e estudantes que realizavam, no centro de Recife, uma manifestação de protesto. A tentativa de realizar uma passeata malograda porque a Polícia cercou todo o centro da cidade.

### Em Florianópolis

Universitários catarinenses, reunidos anteontem à noite, decidiram realizar uma passeata hoje, às 17 horas, e comício-relampago de protesto.

Dois agentes do DOPS, desta capital, seguiram ontem para São Paulo, a fim de identificar vinte universitários catarinenses presos em Ibiuna.

### Em Vitoria

Uma concentração estudantil marcada para ontem, em Vitoria, não chegou a se realizar, porque a Polícia neutralizou os estudantes a golpes de cassetete. Sete estudantes foram presos.

A Polícia avançou em direção aos manifestantes, tendo à frente o proprio secretario da Segurança Pública, Dias Lopes; os estudantes agarraram-no, jogando-o ao chão.

### Em Belo Horizonte

Reunidos ontem, cerca de 800 estudantes universitários, secundaristas e professores de todas as faculdades da Universidade Católica decidiram decretar greve geral por tempo indeterminado, em defesa da autonomia universitária, que consideraram violada com o incidente de Ibiuna.

## Estudantes tomam predio da UNE por 30 minutos

RIO (Sucursal) — Mil estudantes, gritando «nós somos a UNE, nós somos a UNE», tomaram ontem à noite o predio onde funcionava a sede da União Nacional dos Estudantes, na Praia do Flamengo, bloqueando todas as pistas da praia com barricadas, e engarrafando o trafego para impedir a ação do DOPS.

Um carro do Ministerio da Educação foi tomado pelos estudantes, que puseram em fuga seus ocupantes, e o queimaram.

### A concentração

A manifestação começou às 18 horas, quando o presidente da UME, Carlos Alberto Moniz, sucessor de Vladimir Palmeira, e o estudante Elinor Brito, da Frente Unida dos Estudantes do Calabouço, foram cercados pelos manifestantes, que estavam espalhados em pequenos grupos nas imediações do predio e que batiam palmas e gritavam: «a UNE somos nós», «abaixo a repressão».

Ainda do lado de fora do predio, onde hoje funciona o Serviço Nacional do Teatro, Carlos Alberto Moniz anunciou que «durante trinta minutos nós vamos tomar o predio para mostrar à ditadura que a UNE existe».

«Vocês devem permanecer aqui fora» — disse o presidente da UME. «Somente a liderança e uma comissão entrará no predio e da sacada nós discursaremos». O carro do MEC estava estacionado defronte ao predio, e o motorista, ao notar a ação dos estudantes, tentou arrancar, mas foi impedido pelos manifestantes.

Enquanto diversos oradores discursavam da sacada, os estudantes armavam

barricadas, na pista de veículos junto ao predio, utilizando material de uma obra. Bloqueado totalmente o trafego nessa pista, foram erguidas barricadas nas outras pistas da praia do Flamengo. Grupos de estudantes entravam nos onibus, distribuindo panfletos e explicando por que os estudantes protestavam.

Com o trafego completamente engarrafado, motoristas desligavam os motores dos carros e iam para a frente do predio ouvir os discursos.

Os grupos encarregados da pichação escreviam suas palavras de ordem nos onibus e nas fachadas dos predios vizinhos. Diversas faixas foram colocadas na sacada do edificio dizendo «liberdade para os presos» e «abaixo a repressão da ditadura».

### O fim do protesto

As 18h30, ainda da sacada, Carlos Alberto Moniz encerrou a manifestação, afirmando: «A União Metropolitana dos Estudantes lança ao movimento estudantil a palavra de ordem de greve geral. A realidade exige luta. Luta pela liberdade dos presos, pela liberdade de organização e manifestação, pela autonomia universitária.»

De cima do capô da Rural do MEC o presidente da Frente Unida dos Estudantes do Calabouço perguntou aos estudantes que o cercavam:

«Colegas, o MEC não atende às reivindicações dos estudantes. Este carro pertence ao MEC. Devemos queimá-lo ou não?» Os estudantes responderam em coro: «quebra, quebra».

O carro foi antes apedrejado, depois virado e finalmente incendiado, enquanto os estudantes se dispersavam.

de tanto pelas legítimas reivindicações dos estudantes».

Entre elas, considera legítima a reforma universitária, que «o governo só começou devido às pressões dos estudantes».

«A luta em favor dos operários é, também, uma posição correta dos estudantes, que são uns privilegiados e têm obrigação de ajudar os trabalhadores que não tiveram as mesmas oportunidades de se instruir», acrescentou.

### UNE MUDA OU MORRE

«O repudio dos estudantes às falsas lideranças da UNE», é, na sua opinião, «coisa que já vem acontecendo há algum tempo». Disse que na maioria das Faculdades estão tratando de resolver seus problemas sem recorrer a entidades do tipo UNE.

As proprias lideranças da UNE reconheceram que estão sendo repudiadas durante a auto-critica que fizeram no CRUSP, após a ultima passeata, acrescentou.

«Acho que ou a turma muda o jeito de conduzir a UNE ou ela morre mesmo. Precisamos de lideranças autenticas, sem personalismo e auto-promoção, que indiquem rumos claros para a juventude e todo o povo. Não jogar o povo contra os estudantes, como está acontecendo. Acho, também, que as novas lideranças deverão ser mais intelectualizadas. Isto sem chamar o Zé Dirceu de burro, embora ele seja mesmo burrinho».

### O CCC

Quanto ao CCC (Comando de Caça aos Comunistas), Marco Antonio Castelo Branco (não é parente do ex-presidente) afirma que ele merece repudio de todos e é «incompatível com a nova mentalidade que se cria no País».

«Não acredito na participação de jovens do CCC por achá-lo retrogrado e imbecil. Precisamos acabar de uma vez por todas com essas radicalizações de esquerda ou direita», disse.



# FOLHA DE S. PAULO

ANO XLVIII

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

SÃO PAULO, 4.<sup>a</sup>-FEIRA, 16 DE OUTUBRO DE 1968

N.º 14.367

Diretor Presidente: Octavio Frias de Oliveira

NCr\$ 0,30

Adm. e of.: Al. Barão de Limeira, 425

## COMEÇA A REMOÇÃO DOS ESTUDANTES

Duzentos estudantes que estavam no presídio Tiradentes, presos no Congresso da UNE, foram transferidos ontem para a Casa de Detenção, no Carandiru, por intercessão do juiz corregedor dos presídios, sr. Alexandrino de Almeida Prado. O secretário da Segurança, sr. Hely Meirelles, anunciou ontem que em poder dos universitários presos em Ibiuna foram encontrados planos terroristas, para destruição de uma ponte e ocupação de estação de rádio em cidade próxima. Em Belem, o ministro Gama e Silva, da Justiça, declarou que manterá "o pulso firme na repressão à onda de distúrbios insuflados por agentes subversivos" e que continuará irredutível na proibição do funcionamento da UNE, por "abrigar elementos agitadores que desvirtuam sua condição de órgão da classe". Entrementes, nos Estados, houve agitações provocadas por estudantes.

Leia noticiário completo na página 13



Dentro de sapatos amarrados a cordões, os estudantes presos no presídio Tiradentes trocam suas mensagens, transmitidas de cela em cela. Esse é um dos muitos processos que os detidos usam para se comunicarem.

*Rua Iguatemi*

**Reitor da USP**



Duzentos estudantes que estavam no presídio Tiradentes, presos no Congresso da UNE, foram transferidos ontem para a Casa de Detenção, no Carandiru, por intercessão do juiz corregedor dos presídios, sr. Alexandrino de Almeida Prado. O secretário da Segurança, sr. Hely Meirelles, anunciou ontem que em poder dos universitários presos em Ibiuna foram encontrados planos terroristas, para destruição de uma ponte e ocupação de estação de rádio em cidade próxima. Em Belem, o ministro Gama e Silva, da Justiça, declarou que manterá "o pulso firme na repressão à onda de distúrbios insuflados por agentes subversivos" e que continuará irredutível na proibição do funcionamento da UNE, por "abrigar elementos agitadores que desvirtuam sua condição de órgão da classe". Entrementes, nos Estados, houve agitações provocadas por estudantes. Leia noticiário completo na página 13



Dentro de sapatos amarrados a cordões, os estudantes presos no presídio Tiradentes trocam suas mensagens, transmitidas de cela em cela. Esse é um dos muitos processos que os detidos usam para se comunicarem.

*Rua Iguatemi*

## Reitor da USP fala da reforma e dos estudantes

O prof. Helio Lourenço de Oliveira, reitor em exercício da USP, escolhido pelo governador Abreu Sodré para substituir o ex-vice-reitor Mario G. Ferri, concedeu ontem, à FOLHA, sua primeira entrevista à imprensa. O novo reitor da USP; as causas da simpatia que goza entre estudantes e professores; a sua concepção da reforma universitária e da própria Universidade, estão na página 8.

# DOPS DISPOSTA A MANTER CALMO O 7 DE SETEMBRO UNE ESTARIA REALIZANDO CONGRESSO SOB DESPISTE

Está se realizando em qualquer lugar do Paraná ou Santa Catarina o congresso regional da ex-UNE, preparatório ao 30º Congresso Nacional, que deve sair antes do dia 15 deste mês. A informação foi dada ontem à tarde por fonte da União Paranaense de Estudantes. A DOPS dos dois Estados já foi cientificada do congresso e está de sobreaviso para evitar o seu andamento.

Acrescenta a fonte estudantil que os líderes da entidade, inclusive o seu presidente e vice-presidente, viajaram quarta-feira última, alegando «que iam visitar seus pais no interior do Estado». A reunião regional da entidade proibida deve se prolongar até domingo. Não se sabe — nem a Polícia, nem os universitários querem dizer — onde o congresso se realiza.

## O Despiste

Segunda, terça e quarta-feiras pela manhã, desenvolveram-se reuniões sigilosas dos líderes universitários. O assunto em pauta, conforme se anunciava, era a realização de uma manifestação prevista para hoje em Curitiba. Na quarta-feira, as lideranças estudantis resolveram dizer «que a passeata não saía e que não há condições de reunir grande número de universitários devido à semana da Independência». Em consequência, afirmaram para seus

colegas «que iam visitar seus pais no interior, porque as saudades eram grandes».

Acontece que pouca gente acreditou na conversa dos líderes da UPE e quando se quis saber o destino que tomaram foi tarde, porque não havia pista nenhuma. A realização do congresso regional da ex-UNE estava realmente programada para esta semana, mas devido ao cerco policial os universitários resolveram silenciar e dirigir seus movimentos para outros ângulos, como a distribuição de manifestos, comícios relâmpagos e passeatas.

## Quantos São

Segundo os estatutos da extinta UNE, devem participar desta reunião cerca de cem universitários, que representam os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Cada dirigente estudantil tem a obrigação de apresentar uma tese sobre a mobilização estudantil. Essas teses são dirigidas unicamente para o lado do congresso nacional, visando o «sucesso» do encontro, que tem a sua realização marcada para 15 de setembro, quando se elegerá a nova diretoria da entidade.

De Curitiba, devem ter seguido para a reunião mais de 25 universitários. Cada diretório enviou um representante. A diretoria da UPE se en-

carregou de organizar a mobilização estudantil e despistar as autoridades policiais, especialmente a DOPS, que vigia as lideranças estudantis. Mas com essa evasiva de «que iam visitar os pais no interior» é bem possível que tenham despistado a vigilância policial.

## Seria Aberto?

O presidente da UPE afirmou recentemente que o congresso regional da ex-UNE seria realizado em recinto aberto, sem qualquer preocupação por parte dos estudantes. No entanto, com esses despistes, tem-se a certeza de que o encontro está se realizando sigilosamente. Os temas da reunião já foram divulgados e não têm segredo: organização final do 30º congresso, repressão policial e eleição da diretoria para a região Sul.

Quem participa do movimento da UNE — estudantes e não estudantes — afirmam que «têm como preocupação principal «reformar as estruturas do país». Eles pecam, erram, em afirmar isso, porque o movimento estudantil, atualmente, desvia-se para um único lado: a sobrevivência da União Nacional dos Estudantes, proibida pelo governo e as eleições da entidade.

Quando uns poucos universitários saem às

ruas, em passeatas ou comícios, têm uma preocupação: a UNE. E as «lutas» a que se propõem ficam relegadas a segundo plano. Agora, há briga, há desavença dentro da UNE. São duas facções completamente opostas e inaproximáveis. A facção Wladimir, a mais radical e perigosa e a facção Travassos — também radical, mas menos atuante, porque não mobiliza estudantes através de passeatas, comícios ou movimentos de rua.

## Sucessão

E num local onde não se diz onde, em segredo, os universitários se reúnem, longe da Polícia, com uma finalidade: escolher os nomes que vão concorrer às próximas eleições da entidade. E os nomes já foram lançados, sendo portanto o objetivo principal da reunião, o ativamente da crise estudantil. Wladimir Palmeira, está preso. Mesmo assim concorrerá. Luiz Travassos está sendo perseguido pela Polícia.

Será que os universitários se expõem a tantos perigos, somente para defender uma sucessão? Mas novas manifestações estão sendo programadas preocupando as atenções de policiais. E os universitários afirmam que o 30º Congresso — que está sendo severamente vigiado — sairá — com repressão ou não.

Contingentes do Exército, Aeronáutica, Polícia Militar, alunos dos estabelecimentos de ensino militar, sediados em Curitiba, desfilarão hoje, a partir das 9 horas, na rua Marechal Deodoro, em homenagem a mais um aniversário da Independência. Como ocorreu em anos anteriores, desfilarão também os veteranos da 2.ª Guerra Mundial, precedendo as tropas a pé e motorizadas.

O governador do Estado e o comandante da 5.ª RM e 5.ª DI passarão em revista as tropas formadas ao longo do itinerário do desfile. O palanque oficial está situado à rua Marechal Deodoro, entre as ruas Barão do Rio Branco e Monsenhor Celso.

## Trânsito

O trânsito de veículos no centro da cidade e nas ruas adjacentes ao trajeto das tropas, será alterado desde as primeiras horas da manhã até o fim do desfile militar. Embora o DST nada tenha comunicado a respeito, diversas ruas centrais terão o tráfego de veículos suspensos temporariamente, alterando inclusive o trajeto dos ônibus que circulam pelas ruas centrais.

Por outro lado, o prolongado fim de semana fez aumentar o movimento de passageiros na Estação Rodoviária, com ônibus chegando e partindo, lotados para o interior e outros Estados. Desde as primeiras horas da tarde de ontem foi constatada grande movimentação no comércio e bancos da cidade. A maioria das pessoas procurava adquirir, também, gêneros alimentícios e outros artigos para hoje e amanhã.

## Refôrço

A Delegacia de Ordem Política e Social reforçou seus quadros de agentes, colocando-os de prontidão durante a passagem do dia de hoje, data da Independência. Trinta outros policiais foram requisitados de diversas delegacias de Polícia de Curitiba, a fim de reforçarem o quadro da DOPS.

Esses policiais ficarão de prontidão na Delegacia e em diversos outros locais da cidade, prontos para entrar em ação, em face de qualquer eventualidade. Disporão de viaturas radiocomandadas, trocando comunicações entre si e com o comando, na DOPS ou na diretoria da Polícia Civil.



# PASSEATA DE ESTUDANTES TAMBÉM NA GB

## CONSELHO DE DEFESA SERÁ DIA 24 NA GB

RIO, 20 (Meridional — DP — Via Telex) — Foi discutido e aprovado, ontem com emendas, durante a segunda reunião preparatória, o regimento interno do conselho de defesa dos direitos da pessoa que será instalado no próximo dia 24, — dia das Nações Unidas sob a presidência do marechal Costa e Silva, no Palácio Laranjeiras. As emendas estabelecem que o conselho tenha duas reuniões ordinárias por mês — ao invés de quatro como diz na lei — e que o vice-presidente do conselho tenha o mandato de um ano.

A reunião de ontem para discutir o regulamento interno do conselho, compareceram cinco membros: o ministro da Justiça, sr. Gama e Silva, que presidiu a reunião, o presidente da ABI — jornalista Danton Jobim — que representou, ainda, o líder da minoria no Senado, senador Aurelio Viana, Pedro Calmon, na qualidade de professor catedrático de direito constitucional, sr. Samuel Duarte, presidente da OAB, e professor Benjamin Albaladejo, presidente da Associação Brasileira de Educação. O Conselho de Direitos da Pessoa Humana, é composto, além dos membros que compareceram à reunião preparatória, dos líderes da maioria e minoria na Câmara e Congresso. Segundo o professor Samuel Duarte — executor do regimento interno discutido ontem — os debates para as emendas — que estabelecem apenas condições internas de trabalho — surgiram durante a reunião, sendo assim, correções de rotina para um andamento mais rápido das discussões futuras.

### Atribuições

Cumpra ao conselho, criado pela lei n.º 4.319, de 16 de março de 1964, promover inquéritos, investigações e estudos acerca da eficiência das normas asseguradoras dos direitos da pessoa humana, inscritos na constituição federal. Na declaração americana dos direitos e deveres da pessoa humana e na declaração universal dos direitos humanos.

Promoverá, nas áreas que apresentem maiores índices de violação dos direitos humanos: a) Inquéritos para investigar suas causas e sugerir medidas tendentes a assegurar a plenitude do gozo daqueles direitos; b) Campanhas de esclarecimento e divulgação. Haverá, ainda, inquéritos e investigações nas áreas onde tenham ocorrido as medidas capazes de esconder de vícios.

## Stenzel Refuta Ivete Sobre as Prisões da UNE

BRASILIA, 20 (TRANSPRESS — DP) — O deputado Clovis Stenzel, no exercício da liderança do governo, respondeu ao discurso proferido pela deputada Ivete Vargas que, em nome do MDB, responsabilizou o governo pelos acontecimentos em Ibiuna, onde se realizou o Congresso da ex-UNE.

O sr. Lurtz Sabiá, de São Paulo, por seu turno, apresentou projeto de reforma do regimento interno da Câmara pelo qual qualquer parlamentar só poderá deixar o país com licença aprovada pelo plenário da Casa mediante proposta da Mesa.

O membro da Comissão de Justiça da Câmara monsenhor Arruda Câmara, afirmou não acreditar na cassação do mandato do deputado Márcio Moreira Alves. Para o deputado, se o presidente da República enviou pedido de licença para processar o sr. Moreira Alves, o fez cumprindo a formalidade, que não pode ser considerada como uma tomada de posição. Concluindo, disse que se o Congresso agir de acordo com sua consciência, por certo não cassará o representante carioca.

## Avião Mata um Deputado e Mais 3 no Amazonas

MANAUS, 20 (TRANSPRESS — DP) — O deputado Danilo Aguiar Correia, vice-líder da Arena do Amazonas, e mais três pessoas morreram dentro do Catalina da Cruzeiro do Sul que caiu no Rio Purus, nas proximidades de Canutama. Os cinco tripulantes e mais cinco passageiros conseguiram salvar-se após nadar durante algum tempo, entre eles o prefeito de uma localidade amazonense, sr. Raimundo Paiva.

O aparelho desapareceu 20 minutos após decolar da cidade de Labrea. Além do deputado Danilo Correia, figura de projeção na política amazonense, morreram Maria Alves, Neide Alves e o menor Raimundo Pontes Silva; conseguiram escapar Raimundo Paiva, Antônio Santana, Omar Lima Silva, Francisco Brandão e Leonice Aguilma, bem como os tripulantes, Valenzuela, Vitor, Barroco, Manuel Silva e o comissário Marques. Omar, um dos sobreviventes, viajava ao lado do deputado Danilo Correia e disse que o parlamentar deve ter morrido na hora em consequência de alguma pancada na cabeça. O acidente foi atribuído ao mau tempo, segundo os tripulantes que não criseram

RIO, 20 (Meridional — DP) — Cerca de 200 estudantes promoveram ontem, durante 45 minutos uma passeata, em Copacabana, discursando diversos manifestantes, entre eles o presidente da UNE, Carlos Alberto Muniz.

A passeata começou na esquina da rua Santa Clara com avenida Nossa Senhora de Copacabana, por volta das 11 horas, e os estudantes só se dispersaram às 12h45m, na esquina da rua Bolívar, em frente ao Curso Vector, proclamando os vestibulandos que ali estudam, a participarem da «luta contra a ditadura». A PM chegou, somente, 15 minutos depois do término dos comícios.

### Palmas

As 11 horas, os 200 estudantes que já se encontravam nas imediações da rua Santa Clara começaram a bater palmas para reunir o pessoal e iniciar os comícios relâmpagos, que fizeram em todas as esquinas da avenida Nossa Senhora de Copacabana.

Em seguida, caminharam no sentido contrário ao tráfego, interrompendo-o, enquanto alguns estudantes pichavam os muros e calçadas, e os restantes seguiam gritando: «A UNE não morreu, devolvam nossos presos», «UNE somos nós», «abaixo a repressão».

### Comício

Carlos Alberto Muniz iniciou o comício, frisando que «apeçar de todas as prisões, o movimento continua. De nada adianta a prisão de líderes, pois continuaremos nos organizando da mesma forma». Diversos populares e moradores das imediações após tomar conhecimento dos discursos, passaram a integrar a passeata, enquanto todos automóveis e coletivos buzinavam.

Em frente ao edifício onde funciona o Curso Vector, quase esquina da rua Bolívar, o presidente da UNE foi avisado — enquanto discursava — da proximidade da polícia, dando ordem, então, para a dispersão. Entretanto, somente 15 minutos depois do término da passeata é que apareceram dois choques da Polícia Militar, que seguiram pela avenida Copacabana, mas não pararam.

### Novas manifestações

Novas manifestações estudantis de rua estão previstas para esta semana, principalmente terça-feira, quando, por decisão da UNE, será lançado o «Dia Estadual de Pro-

testo», consistindo na realização de assembleias gerais, comícios relâmpagos e passeatas, a fim de demonstrar publicamente o repúdio da classe contra a repressão e a opressão do governo. Enquanto i

estudantis da Guanabara. Gerais estão se emissários no Norte regimentar repressão seja feito, antes do gresso da UNE, in

Com a prisão Franklin Martins to Muniz assumiu do movimento estudante conduzi-lo a conseguindo obter do para isso, com exerce enorme influência dos ex-comens

Muitos dos que participavam do fre em São Paulo, e em Belo Horizonte que estiveram acrescentando q com desinteria, ções pulmonares paulistas.

Por outro lado, a 12.ª R. Tiva para os 29 coltados a esta, continuam no I vados para as diadas e para o litar. As mulhe ciária «Estevão»

Os presos entanto, os est DOPS disseram daqui é muito São Paulo. O D o Social adqui travesseiros e contram sob st te Luiz Macedo ria e princípio sensíveis meho gularmente.



Diário de Notícias 13-10-68

Diário de Notícias 16-10-68

7.ª Página do 1.º Caderno

# PRESOS 1200 ESTUDANTES DA UN

A Polícia paulista acabou ontem com o Congresso da União Nacional dos Estudantes, que estava sendo realizado numa fazenda a 25 quilômetros de Ibiuna, na região Sul do Estado de São Paulo, eixo que liga a BR-116 para Curitiba. Foram presos 1200 estudantes, inclusive perto de 200 moças. Entre os detidos estão o líder estudantil José Dirceu e representantes do Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Guanabara, São Paulo, Bahia e outros Estados. A descoberta das reuniões dos congressistas no interior paulista foi possível quando a polícia teve sua atenção despertada para o desusado movimento que se registrava na pacata cidade de Ibiuna, com pouco mais de dois mil habitantes. O cerco a fazenda começou pela manhã por elementos do 7.º Batalhão da Polícia Pública de São Paulo, elementos do DOPS e um observador do II Exército. Os congressistas, depois de presos, foram conduzidos a pé, devidamente escortados até Ibiuna e dali transportados de trem até Sorocaba onde ficaram presos. Comentário o fato, o governador Abreu Sodré disse que agiu com autoridade para "reprimir a agitação e a subversão em favor da democracia e a segurança ao meu Estado".



163

## Barra Pesada

NELSON PADRELLA

### Como eu vi a passeata

Os professores do Paraná, no Dia dos Professores (contem) foram em passeata até o Palácio Iguazu, reivindicar junto ao Governador um tróço genial: aprovação do Estatuto do Magistério, e mais tutu no fim do mês.

A passeata contou com inúmeros professores, estudantes, agentes da DOPS, jornalistas, interessados, interesseiros, mais agentes da DOPS, crianças e algumas pessoas suspeitas.

A gente "estivemos" na coisa, na qualidade de jornalista, uma vez que estudante deixei de ser há muito tempo, desde que consegui a minha carteirinha de intelectual, à custa de muita empadinha. Esse lance da empadinha vocês ainda não conhecem, mas eu posso explicar prá vocês.

É que a gente, prá ser intelectual, tem que ter carteirinha assinada pelo intelectual-mor. Esse tal intelectual é doido por três coisas: filmes da filosofia Agnès Vardá, empadinha de camarão e... ora! o que é mesmo que ele gosta? ah! sim: e empadinha de camarão, outra vez.

De modo que gastei fortunas em empadinha de camarão prá conseguir minha carteirinha rubricada pelo intelectual-mor. Depois foi que percebi que bastava a gente assinar o Manifesto do Intelectual prá gente ficar sendo um deles. Assinei o Manifesto e acabei fichado na DOPS. Mas consegui o título. O que vale é o título. Sempre.

Como eu estava dizendo, ingressei na passeata como intelectual-manifestivo, ou seja, aquele que assina manifestos e se transforma em intelectual no simples canetear de um papel. Todo jornalista é um intelectual, isso nós sabemos. De modo que lá estava eu, dando cobertura ao tróço.

Tinha umas gurias muito bacanas na passeata, mas a gente não podia pensar nessas coisas, uma vez que se tratava de uma cobertura jornalística. Fomos até o Palácio, tomamos sorvete espumone, batemos um papo com cinco agentes da DOPS, concordamos que a agressão no Vietnam é uma coisa séria, que o Balaunde Terry foi derrubado por engano, uma vez que era só para tirar o Alvará dele e não botar o Alvarado na Presidência. Discordamos no ponto tocante à música Sabiá, uma vez que eles achavam que o Vandré é muito subversivo. Mas depois, a gente ficou amigo e prometemos um chopp acabada a manifestação.

Reivindicou-se, reivindicou-se e depois a gente foi para a Assembleia Legislativa. Eu pensei que estava na hora do cafézinho e fui também. Daí, começaram a aplaudir um sujeito que estava falando. Como eu sou muito suscetível, aplaudi também. Daí, outro sujeito falou e vaiaram ele. Eu vaiéi também, principalmente porque a gente deve estar sempre casado com os anseios da massa. Ainda mais se fôrem as massas alimentícias.

Foi aí que ocorreu a Operação Entra-Não Entra. Uma parte do pessoal presente queria entrar em plenário para que os senhores deputados debatessem a matéria. Outra parte queria que os deputados descessem até à rua, para que a matéria fôsse debatida ao ar livre. Mas estava fazendo muito frio e alguém sugeriu que entrássemos. Novamente, me veio a esperança de que servissem cafézinho. Sonho vão, logo desfeito.

Aí, um deputado do MDB disse bem assim que dentro não podiam ficar porque o plenário não comportava mais que 200 pessoas. Aí, agente contou o povo e deu mais ou menos 1.500. Como a diferença entre 200 e 1.500 é muito pequena, a gente entrou todo mundo. Foi uma farra. Me deu uma vontade de tomar cafézinho!

Bom, a matéria não podia tramitar porque faltava quorum. Quorum, em linguagem política, quer dizer gente. Gente havia à besa, mas não gente com direito a votar matérias de interesse dessa gente. Então, alguém sugeriu que fôsem buscar os deputados em casa. Ah! praquê. Estão pensando que é assim fácil encontrar deputado às cinco horas da tarde?

Professores, sentados à mesa da Presidência, tiveram a palavra. Queriam a matéria votada já. É que era o Dia dos Professores e ficava bonito é dessa votarem a matéria naquele dia. Mas um professor, sentado à mesa, explicou que os deputados da ARENA já tinham ido embora porque tinha terminado o expediente. Inclusive, ele falou alto, mas pouca gente escutou por causa que os alto-falantes não funcionavam.

— E por que não funcionam os alto-falantes? — quis saber lá um.  
O dono da palavra explicou: é que os funcionários só trabalham na hora do expediente da Assembleia, e o expediente já tinha sido encerrado, de maneira que os funcionários tinham se mandado. Muito justo, ué. Se ganham prá trabalhar na hora do expediente, então está certo.

E como estava mesmo fora da hora de trabalho daquela Casa do Povo, o mesário surgiu que fôsse todo mundo embora e voltasse amanhã (hoje), a fim de prosseguir a brincadeira.

Mas teve lá um cara vivo, muito versado em Política Brasileira que lembrou assim que a hora ainda era hora.

— Como assim. O expediente já encerrou — lembrou o mesário.  
O "expert" em Política Brasileira teve a feliz lembrança de que, nos idos

... pessoas suspeitas.

A gente "estivemos" na coisa, na qualidade de jornalista, uma vez que estudante deixei de ser há muito tempo, desde que consegui a minha carteirinha de intelectual, à custa de muita empadinha. Esse lance da empadinha vocês ainda não conhecem, mas eu posso explicar prá vocês.

É que a gente, prá ser intelectual, tem que ter carteirinha assinada pelo intelectual-mor. Esse tal intelectual é doido por três coisas: filmes da filosofia Agnès Vardá, empadinha de camarão e... ora! o que é mesmo que ele gosta? ah! sim: e empadinha de camarão, outra vez.

De modo que gastei fortunas em empadinha de camarão prá conseguir minha carteirinha rubricada pelo intelectual-mor. Depois foi que percebi que bastava a gente assinar o Manifesto do Intelectual prá gente ficar sendo um deles. Assinei o Manifesto e acabei fichado na DOPS. Mas consegui o título. O que vale é o título. Sempre.

Como eu estava dizendo, ingressei na passeata como intelectual-manifestivo, ou seja, aquele que assina manifestos e se transforma em intelectual no simples canetear de um papel. Todo jornalista é um intelectual, isso nós sabemos. De modo que lá estava eu, dando cobertura ao trôço.

Tinha umas gurias muito bacanas na passeata, mas a gente não podia pensar nessas coisas, uma vez que se tratava de uma cobertura jornalística. Fomos até o Palácio, tomamos sorvete espumone, batemos um papo com cinco agentes da DOPS, concordamos que a agressão no Vietnam é uma coisa séria, que o Balaunde Terry foi derrubado por engano, uma vez que era só para tirar o Alvará dele e não botar o Alvarado na Presidência. Discordamos no ponto tocante à música Sabiá, uma vez que eles achavam que o Vandré é muito subversivo. Mas depois, a gente ficou amigo e prometemos um chopp, acabada a manifestação.

Reivindicou-se, reivindicou-se e depois a gente foi para a Assembleia Legislativa. Eu pensei que estava na hora do cafézinho e fui também. Daí, começaram a aplaudir um sujeito que estava falando. Como eu sou muito suscetível, aplaudi também. Daí, outro sujeito falou e vaiaram ele. Eu vaiéi também, principalmente porque a gente deve estar sempre casado com os anseios da massa. Ainda mais se fôrem as massas alimentícias.

Foi aí que ocorreu a Operação Entra-Não Entra. Uma parte do pessoal presente queria entrar em plenário para que os senhores deputados debatessem a matéria. Outra parte queria que os deputados descessem até à rua, para que a matéria fosse debatida ao ar livre. Mas estava fazendo muito frio e alguém sugeriu que entrássemos. Novamente, me veio a esperança de que servissem cafézinho. Sonho vão, logo desfêito.

Aí, um deputado do MDB disse bem assim que dentro não podiam ficar porque o plenário não comportava mais que 200 pessoas. Aí, agente contou o povo e deu mais ou menos 1.500. Como a diferença entre 200 e 1.500 é muito pequena, a gente entrou todo mundo. Foi uma farra. Me deu uma vontade de tomar cafézinho!

Bom, a matéria não podia tramitar porque faltava quorum. Quorum, em linguagem política, quer dizer gente. Gente havia à besa, mas não gente com direito a votar matérias de interesse dessa gente. Então, alguém sugeriu que fôssem buscar os deputados em casa. Ah! praquê. Estão pensando que é assim fácil encontrar deputado às cinco horas da tarde?

Professôres, sentados à mesa da Presidência, tiveram a palavra. Queriam a matéria votada já. É que era o Dia dos Professôres e ficava bonito é bessa votarem a matéria naquele dia. Mas um professor, sentado à mesa, explicou que os deputados da ARENA já tinham ido embora porque tinha terminado o expediente. Inclusive, ele falou alto, mas pouca gente escutou por causa que os alto-falantes não funcionavam.

— E por que não funcionam os alto-falantes? — quis saber lá um.

O dono da palavra explicou: é que os funcionários só trabalham na hora do expediente da Assembleia, e o expediente já tinha sido encerrado, de maneira que os funcionários tinham se mandado. Muito justo, ué. Se ganham prá trabalhar na hora do expediente, então está certo.

E como estava mesmo fora da hora de trabalho daquela Casa do Povo, o mesário surgiu que fôsse todo mundo embora e voltasse amanhã (hoje), a fim de prosseguir a brincadeira.

Mas teve lá um cara vivo, muito versado em Política Brasileira que lembrou assim que a hora ainda era hora.

— Como assim, O expediente já encerrou — lembrou o mesário.

O "expert" em Política Brasileira teve a feliz lembrança de avivar na memória dos presentes que, nos idos de março de 1967, os ponteiros da Câmara Federal foram parados à fim de que a matéria em pauta fôsse votada dentro do prazo previsto, e que já havia expirado. Tratava-se de aprovar a atual Constituição. Todo mundo achou ótimo e bateu palma. Bem feito de o Auro de Moura Andrade ter aberto precedente. A idéia de parar o tempo (parando os ponteiros do relógio da Casa) foi única na história da política internacional, e alguém tinha que se lembrar disso logo durante a assembleia de ontem.

Em todo caso, a lembrança não foi levada em consideração. Com a palavra o líder do MDB, que prometeu mandar brasa, defender a classe que congrega 45.000 professores, mas não prometeu cafézinho prá ninguém. De modo que eu vim embora porque estava bem louco prá tomar um cafézinho. O que aconteceu depois eu não sei, mas vou ler os jornais de hoje e fico sabendo.

# 1200 ESTUDANTES DA UNE



163

... resso da  
... realizado  
... Sul do  
... Curitiba.  
... O moças.  
... e repre-  
... ul, Gua-  
... erta das  
... possível  
... o desu-  
... de Ibiu-  
... fazenda  
... da Fôr-  
... observa-  
... esos, fo-  
... bhuna e  
... presos.  
... que agiu  
... são em  
... Estado".

# Estudante encerra congresso regional

O Congresso regional dos estudantes foi encerrado ontem à noite, em sessão plenária realizada na sede do DCE, depois de ter sido adiada por mais um dia, em virtude de algumas comissões não terem concluído seus relatórios no tempo previsto. Com debates que prolongaram a sessão até a ma-

drugada, o plenário de cerca de trezentos estudantes aprovou a síntese de um documento que será levado ao encontro nacional de delegados estudantis.

O congresso nacional, por outro lado, deverá ser realizado em São Paulo ou Rio de Janeiro, de 25 de setembro a 5 de outubro, o que também é ob-

jecto de discussão nos encontros regionais que estão sendo realizados. Os líderes paranaenses declararam optar por São Paulo como local "que reúne as melhores condições para a realização de um congresso aberto a todos os estudantes".

### TRANQUILO

Com exceção da sessão plenária, onde houve mais opiniões divergentes quanto as diretrizes do movimento estudantil brasileiro — reflexo das divergências que se verificam mais acentuadamente no âmbito nacional — o congresso regional de Curitiba transcorreu na mais absoluta calma, sem represão por parte das autoridades policiais, que se limitaram a enviar observadores, e igualmente sem qualquer manifestação externa dos estudantes. Previsto para reunir delegados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o congresso teve a participação em sua grande maioria de estudantes paranaenses, inclusive do Interior do Estado, e de Santa Catarina, representados por estudantes de Florianópolis. Os gaúchos não compareceram.

*Pasta UNE*





# UNE Está Aqui, mas Polícia não Quer Desordem

Tôda a Polícia Civil do Estado está mobilizada neste fim de semana, tendo em vista a realização, em Curitiba, de um encontro regional da extinta UNE. A presença de líderes nacionais do movimento, com ameaça de distúrbios, foi a causa da montagem do esquema de segurança para reprimir qualquer desordem.

Disse o sr. Walfrido Piloto, diretor da Polícia Civil, que dentro de suas atribuições está pronto para intervir em qualquer manifestação. O congresso da UNE está marcado para amanhã e terça-feira e as reuniões preliminares desenvolveram-se ontem e hoje.

«2 de Julho»

Em ofício enviado ao DIÁRIO DO PARANÁ, a propósito da nota dada nesta fôlha no último dia 13, sob o título «Direita Age Contra», dirigentes do Diretório Acadêmico «2 de Julho» afirmam que estão «plenamente identificados com o movimento estudantil que luta pelo progresso e independência nacional» e que «tais afirmações são oriundas de elementos de extrema direita, desautorizados, inexpressivos e sem representatividade dos acadêmicos daquela Faculdade».

# Estudante sem união tem encontro dia 16

A União Nacional dos Estudantes — esta tão discutida entidade — fará segunda-feira em Curitiba seu congresso regional, com representantes do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Segundo os líderes estudantis as divergências da classe serão acentuadas, durante o conclave, pois duas alas seguem lutando pelo comando da corrente estudantil, que deverá realizar o seu congresso de âmbito nacional «em local ainda não conhecido e com data variando entre 25 de setembro e 5 de outubro». Leia na 2a. página.



E 1968 - TRIBUNA DO PARANÁ

# Estudantes preparados para o Congresso da UNE

Será aberto segunda-feira próxima, às nove horas, na sede do Diretório Central dos Estudantes, o Congresso Regional da UNE, que reunirá representantes do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A

Informação foi dada ontem pelo presidente da UPR, Stênio Sales Jacob, acrescentando que "durante o regional serão tomadas as posições dos delegados ao Congresso Nacional". Por outro lado, os diretores acadêmicos realizaram ontem assembleia para a eleição dos delegados ao congresso, ocasião em que também foram debatidos problemas específicos de cada escola e as reivindicações da classe. A apresentação será feita na próxima porção de um delegado para cada duzentos estudantes. Assim, as faculdades com maior número de alunos terão maior força nas decisões.

Enquanto as duas correntes de liderança continuam defendendo suas posições nas escolas, os diretórios acadêmicos promovem a escolha de seus delegados em eleições realizadas em assembleias gerais. Nestas, transparece nitidamente a disputa pela escolha de um maior número de delegados.

Em cada facção. E os preparativos prosseguem com seminares de estudos que decidem as teses a serem levadas ao congresso. Um deles foi iniciado ontem na Faculdade de Filosofia Católica, onde os estudantes discutem as reivindicações de que serão portadores seus delegados, incluindo problemas sobre o currículo, material de estudo e professores. Nas ruas correu a funcionar um trabalho que visa arrecadar fundos, na forma de cobrança de pedágio, quando são distribuídas notas explicativas sobre o congresso nacional, nas quais criticam a política educacional do governo federal.

Líderes do movimento informaram ainda que já foi confirmada a data de 25 de setembro a 5 de outubro para a realização do congresso nacional, "em local ainda não conhecido", enquanto isso outros regionais são realizados também em São Paulo e Guanabara.

PT 2312-20

4-2313.26

# Estudantes iniciam o seu congresso amanhã

Começa amanhã, às nove horas, na sede do Diretório Central dos Estudantes, o congresso regional da UNE, que terá a duração de dois dias em Curitiba. Paralelamente, o mesmo encontro dos estudantes será realizado em São Paulo,

Guanabara e numa capital do nordeste. O congresso, no Paraná, deverá reunir estudantes dos três Estados sulinos, embora diretores da UPE informassem que até a tarde de ontem não havia chegado nenhum representante gaúcho ou catarinense.

**DELEGADOS**  
Os delegados de cada faculdade, na proporção de um para cada duzentos estudantes, foram eleitos durante a semana, em assembleias de classe. Estas discutiram também as reivindicações que cada delegação deverá levar ao congresso.

so, incluindo a situação de funcionamento da faculdade, material de ensino e professores. Também a política educacional e a reforma universitária, em estudos pelo Ministério de Educação, fazem parte do temário do encontro.

## Polícia está atenta

"Sendo subversivo a UNE o Congresso regional previsto para os dias 16 e 17 na sede do Diretório Central dos Estudantes também o é". Este entendimento das autoridades policiais, que estão acompanhando de perto os acontecimentos na área estudantil na condição de "observadores" e prontas a intervir em caso de perturbação da ordem pública. Fonte autorizada da Polícia

Federal informou ser o problema de alçada das autoridades estaduais: "Instruções recebidas de Brasília recomendam que a Delegacia Regional proceda como observadora e informadora em conjunto com a DOPS e a Polícia Civil".

ção Nacional "desde que cabíveis". Entretanto, uma coisa é certa: as passeatas estão proibidas em todo território nacional, havendo ainda agora realimação expressa do ministro Gama e Silva, da Justiça, trazendo a preocupação do governo federal em evitar "que movimentos reivindicatórios ou de protesto, da classe estudantil sejam utilizados para fins subversivos por elementos interessados em promover a desordem".

legado Ozias Algauer, da Dops, como diretor da Polícia Civil. sr. Valdirio Piloto, afirmaram que sendo o Congresso realizado em recinto fechado, como é o caso da sede do DCE não haverá intervenção policial de caráter repressivo. uma vez que a Constituição federal assegura o direito de reunião.

Mas um esquema está armado, incluindo prontidão da Polícia Militar, para reprimir quaisquer tentativas de perturbação da ordem pública, através de comícios e passeatas.

## Camara da aprovação

**DISPOSITIVO**  
Na área estadual, tanto o de-

# Apreendido Esquema Para Ação Subversiva no Meio Estudantil

Os Serviços de Informação do governo apreenderam um documento, com cerca de 100 laudas datilografadas, contendo instruções detalhadas aos estudantes sobre as técnicas de guerrilhas urbanas e rurais. Seria a próxima etapa da luta pela subversão das instituições implantadas pelo movimento de 31 de março. Através do general Meira Mattos, inspetor geral das Polícias Militares, alguns parlamentares da ARENA tiveram conhecimento do documento a fim de demonstrar segundo fontes políticas e militares, a profundidade de ação subversiva no meio estudantil. O documento contém, também, no seu conjunto o esquema de guerrilhas empregadas por Mao Tsé Tung, "Che" Guevara e os vietcongs. O documento entrará em debate na 8.a Reunião de Exércitos Americanos.

## Líderes da UNE vêm Acobertados Para o Encontro Regional

Sem se explicar porque, caiu o silêncio desde ontem sobre as lideranças estudantis da ex-UNE, no Paraná, o que pode ser considerado parte do esquema de realização do congresso regional, em fase final. Agora é a vez de reunir líderes de cinco Estados, todos sob as vistas dos dirigentes nacionais da entidade proibida. Desde a manhã de ontem, a UPE está acobertando a presença, em Curitiba, de três dirigentes da UNE, cujos nomes não foram revelados e que vieram exclusivamente para o encontro das lideranças, preparativo ao XXX Congresso Nacional. Tudo indica que a mobilização estudantil poderá tornar agitado este fim de semana (DP ESPECIAL, pg. 6).

*Documento apreendido*

*166*

# Estudante desmente congresso regional

166a



Líderes estudantis desmentiram ontem que estivesse sendo realizada em Curitiba ou qualquer outra parte do Estado o congresso regional da UNE, proposta para a região Sul do Brasil pela linha liderada pelo estudante carioca Wladimir Palmeira, a qual se opõem os partidários de Luiz Travassos, atual presidente da entidade.

Estes como se sabe, pretendem a realização de «seminários estaduais e abertos a participação de todos os estudantes», enquanto aqueles pregam «reuniões regionais das lideranças, para fixar as posições da classe perante os problemas nacionais».

## TRES ESTADOS

O Congresso regional que vem sendo defendido pela União Paranaense dos Estudantes não foi ainda realizado devido as objeções dos estudantes de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Enquanto os catarinenses são favoráveis a realização de um encontro estadual, os gaúchos não se decidiram porque segundo disse ontem um dirigente paranaense, «estão nas mãos da direita». Assim, o pretendido congresso regional previsto para Curitiba ou Florianópolis, dificilmente será realizado pelos motivos apontados.

## MANIFESTO

Um manifesto defendendo outra linha de pensamento entre os estudantes foi distribuído ontem em algumas faculdades e sedes de diretórios acadêmicos. Estavam mimeografados e sem assinatura, indagando «onde se escondem os falsos líderes que pretendem a implantação de uma forma de governo que é repelida pelo povo brasileiro?» Em seguida, o manifesto alude a «farsa da ditadura do proletariado», classificando-a

como «regime de opressão, violência e crueldade», e refere-se, em seguida aos acontecimentos verificados na Checoslováquia condenando o que chamou de «totalitarismo soviético».

como «regime de opressão, violência e crueldade», e refere-se, em seguida aos acontecimentos verificados na Checoslováquia condenando o que chamou de «totalitarismo soviético».

*Vertical handwritten text on the left margin, possibly a date or reference number.*



# **Estudante não esconde mais Congresso da UNE**

Prosseguem nas Faculdades da Capital e do Interior do Estado os movimentos que visam arrecadar fundos para contribuir com o Congresso Nacional dos Estudantes, em São Paulo, agora com data confirmada para sua realização — 18, 19 e 20 de outubro — depois de um manifesto lançado pela diretoria executiva da ex-UNE concordando com a efetivação de um único encontro.

Os líderes estudantis paranaenses vêem o manifesto com uma vitória da facção moderada do movimento estudantil, liderado por Wladimir Palmeira que, segundo eles, deverá predominar nas decisões do congresso nacional e eleger a nova diretoria da entidade. Os delegados paranaenses ao conclave já estão eleitos, pois serão os mais votados para o último regional, obedecendo à proporção de um para cada quinhentos estudantes.

A presidente do Diretório Central dos Estudantes da UFP, estudante Jurandir Rios, informou ontem que «já estão qua-

se tôdas pagas as dívidas do Restaurante Universitário, faltando apenas os 30 mil cruzeiros novos devidos à um fornecedor de carne, que se nega a receber com o desconto de vinte por cento que estamos solicitando». Os débitos do DCE para com os fornecedores do restaurante foram pagos com a exigência deste desconto, pois a maioria dos credores concordou. No entanto, uma reunião foi realizada na última terça-feira entre os estudantes e o fornecedor, não tendo havido qualquer acôrdo. Segundo o presidente do DCE, «não temos condições de pagar os trinta milhões, a não ser que ele conceda o desconto».

Enquanto isso, o restaurante universitário continua funcionando com a capacidade ociosa, servindo a apenas 80 estudantes mensalistas, com mais vinte refeições avulsas por dia, quando sua capacidade é para atender 1.500 estudantes. Segundo ainda o Diretório Central, espera-se triplicar o número de atendimento no próximo mês.

# Estudante Pretende Fazer

## Passeata Amanhã bem Cedo

161a

Os universitários paranaenses anunciaram que vão sair às ruas novamente amanhã, para protestar contra a «política educacional do governo, repressão ao movimento estudantil e prisões de líderes ocorridas ultimamente». Farão comícios relâmpagos, pichações de ônibus, muros e paredes, no mesmo estilo das verificadas há 15 dias. A hora das manifestações não foi dada a conhecer, embora se saiba que o movimento está previsto para o período da manhã, justamente na hora do desfile militar do dia da Independência.

Afirmaram os líderes da ex-UNE no Estado, que esta hora será a mais adequada porque os policiais estarão preocupados com o desfile e não poderão reprimir o movimento. Os locais dos comícios e pichações são ainda mantidos em segredo, embora os estudantes confirmem que não desejam fazer essas manifestações em praças públicas, porque a DOPS já os pegou desprevenidos no último sábado. Um esquema de segurança está sendo montado pelos estudantes para evitar novas prisões dos que participarem das manifestações.

### É Para a Ex-UNE

A finalidade da concentração estudantil é o encaminhamento do 30.º Congresso da União Nacional de Estudantes que tem a sua realização programada até o dia 15 deste mês. Antes disso deverá ser realizado um congresso regional — no Paraná ou Santa Catarina. Será um congresso «aberto» no entender dos universitários. Mas se houver repressão eles estão dispostos a realizar o conclave em segredo e despistando a vigilância policial.

### Na Capital

O Congresso ainda não tem ponto certo de realização. Primeiramente estava programado para sair no Paraná ou Santa Catarina. Depois, devido a vigilância policial feita em torno dos líderes da entidade proibida eles resolveram dizer que o congresso sairia no «Norte do Paraná, possivelmente em Londrina», devido às boas condições estratégicas da cidade.

Agora, com a cabeça mais agitada porque a DOPS está acompanhando todos os passos do pessoal, a ex-UNE poderá ter como sede do encontro regional a Capital do Estado. Explica-se porque Curitiba teria maiores condições de segurança do que Florianópolis,

onde qualquer volume de estudantes é notado.

### DOPS Não Deixa

As autoridades policiais não vão deixar, como aconteceu no último fim de semana, que os estudantes se mobilizem. O esquema de segurança montado pelos policiais, evitará, como se verificou, que os universitários manifestantes se concentrem nos principais pontos da cidade, escolhendo como alvo os ônibus, paredes e muros.

Qualquer manifestação que houver será reprimida «sem violência» e o objetivo da repressão é unicamente para evitar que os universitários prejudiquem o patrimônio particular, causando prejuízos às empresas de transporte coletivos, moradores e sujando a cidade. A DOPS estará de prontidão conjuntamente com a Polícia Militar do Estado que vai tomar conta dos estudantes. Mesmo em dispensa de suas aulas eles desejam sair às ruas de qualquer maneira.

### Congresso

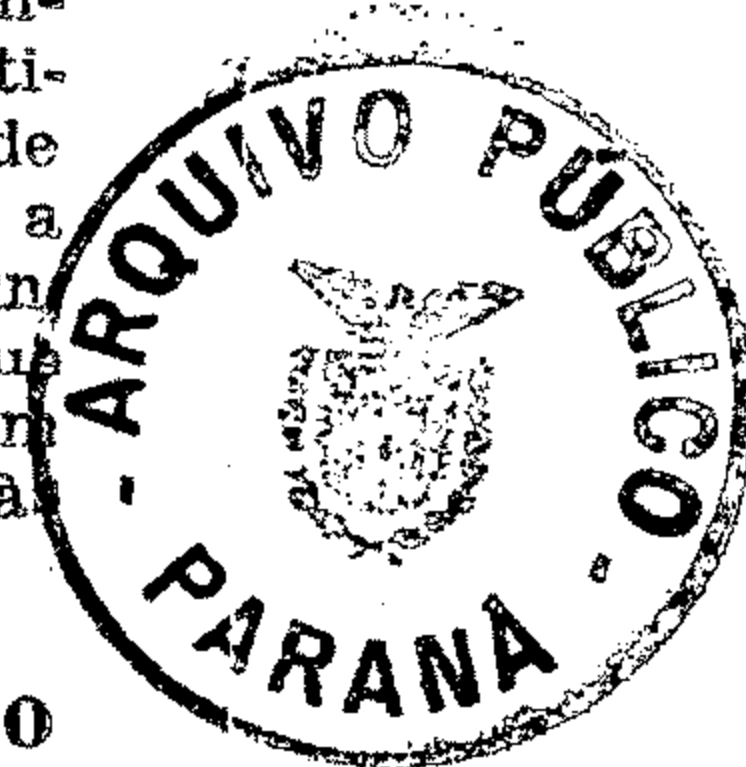
A União Paranaense dos Estudantes não decidiu ainda a efetivação de seu congresso estadual, que se desenvolve anualmente, cuja realização está prevista para este mês. O presidente da entidade vem mantendo gestões para decidir qual a cidade a ser escolhida para a realização do conclave.

As eleições para a escolha dos novos representantes ao congresso estadual foram feitas durante o mês de agosto, de aula em aula. Estes eleitos deverão seguir para o congresso, representando os estudantes de seus cursos. Vão dois estudantes por diretórios e cinco de cada Faculdade.

### O Temário

A UPE está com o seguinte temário para este seu congresso estadual: 1) Prestação de contas da atual diretoria; 2) Programa mínimo administrativo previsto para 68-69; 3) Relatório da diretoria; 4) Problemas sociais e econômicos de toda a classe estudantil; 5) Problemas nacionais e internacionais.

Prometem os universitários que esse congresso estadual não tem nada a ver com a realização do congresso da extinta União Nacional dos Estudantes. No entanto, a cúpula da entidade planeja a modificação do temário, «para assuntos de maior atualidade», sem citar as manifestações da ex-UNE.



Dado do Paraná 6-9-68

PT 2812.200



# PRISÕES

# PARAM UNE EM CURITIBA

SAINDO DA BACIA

*Diário de Paraná, 1968*



A ação policial contra a reunião estudantil denominou-se "Operação Leiteiro". Sob pontas de baionetas, os adeptos da ex-UNE foram evacuados da chácara situada nas imediações da bacia leiteira, onde se reuniram para deliberar.

## "CARONA" NÃO DESEJADA



Quarenta e dois estudantes, entre eles cinco moças, foram presos em flagrante ontem, numa chácara situada no bairro do Boqueirão, quando realizavam uma reunião do congresso regional da extinta União Nacional dos Estudantes —UNE. Ao mesmo tempo, foram apreendidas grandes quantidades de material considerado subversivo. A ação policial foi desencadeada pela Polícia Militar do Estado, por determinação do secretário Agostinho Rodrigues, em colaboração com outros órgãos, não havendo resistência por parte dos estudantes, que se limitaram a uma desesperada e logo contida tentativa de fuga. A reunião, iniciada às 9 horas, num ponto localizado a cerca de 500 metros de uma Unidade do Exército, foi convocada para debater a aprovação da «carta política» e outros temas ligados à extinta UNE. Todos os participantes foram apunhados, entre eles três sobre os quais pesa decretação de prisão preventiva. Após uma triagem, realizada no Regimento de Cavalaria da PMEP, os presos foram encaminhados à Prisão Provisória de Curitiba (1.ª do 2.º).



168





A ação policial contra a reunião estudantil denominou-se "Operação Leiteiro". Sob pontas de baionetas, os adeptos da ex-UNE foram evacuados da chácara situada nas imediações da bacia leiteira, onde se reuniram para deliberar.

## "CARONA" NÃO DESEJADA



O pessoal quis debater temas da ex-UNE sob a cobertura de um bom jogo de truco, em meio a churrasco. Resultado: a polícia que não foi convidada, resolveu interceptar a "festa" e a turma, apanhada em flagrante foi para a Penitenciária do Ahu.

determinação do secretário Agostinho Rodrigues, em colaboração com outros órgãos, não havendo resistência por parte dos estudantes, que se limitaram a uma desesperada e logo contida tentativa de fuga. A reunião, iniciada às 9 horas, num ponto localizado a cerca de 500 metros de uma Unidade do Exército, foi convocada para debater a aprovação da «carta política» e outros temas ligados à extinta UNE. Todos os participantes foram apanhados, entre eles três sobre os quais pesa decretação de prisão preventiva. Após uma triagem, realizada no Regimento de Cavalaria da PMEP, os presos foram encaminhados à Prisão Provisória de Curitiba (1.ª do 2.º).



168



169

# Estudantes presos em *Estado do Paraná N. 12.58* Ibiuna ganham habeas

O Supremo Tribunal Federal concedeu ontem ordem de habeas-corpus ao estudante Francklin Martins, preso em Ibiuna quando participava do Congresso da União Nacional de Estudantes. O relator da matéria, ministro Temistocles Calvanti, acolheu o argumento de excesso de prazo para a prisão. A decisão, tomada em caráter unânime, foi estendida a vários outros estudantes que se encontram presos em São Paulo, com idênticos pedidos de habeas-corpus. Amanhã o STF julgará o caso de Vladimir Palmeira. Por outro lado, o Ministério da Justiça

revelou não existir ali qualquer processo de expulsão contra os três padres franceses acusados de subversão. E o chanceler Magalhães Pinto desmentiu que o núncio apostólico no Brasil, d. Sebastião Baggio, tivesse se reunido com ele para discutir a situação dos sacerdotes presos. Por sua vez, o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, d. Jayme de Barros Câmara, disse desconhecer a vinda ao Brasil do padre Henri Guillemin, superior da Ordem dos Assuncionistas, à qual pertencem os padres franceses. — (Página 5).

